



SAUL BELLOW

HENDERSON,

O REI DA
CHUVA

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



*Para meu filho,
Gregory*

1.

O que me levou a fazer essa viagem à África? Não há uma explicação simples. As coisas começaram a ir de mal a pior e logo ficaram muito complicadas.

Se penso na minha situação aos cinquenta e cinco anos, quando comprei a passagem, tudo é sofrimento. Os fatos começam a me soterrar e não demora eu sinto um peso no peito. Desata-se uma torrente desordenada — meus pais, minhas esposas, minhas garotas, meus filhos, minha fazenda, meus bichos, meus hábitos, meu dinheiro, minhas aulas de música, meus porres, meus preconceitos, minha brutalidade, meus dentes, meu rosto, minha alma! Tenho que gritar: “Não, não, fora daqui, malditos, me deixem em paz!”. Mas como podem me deixar em paz? Eles me pertencem. São coisa minha. E se acumulam em mim por todos os lados. É o caos.

No entanto, o mundo que eu considerava um opressor tão poderoso suspendeu sua fúria contra mim. Mas se eu quiser ser compreendido por vocês e explicar por que fui para a África, tenho que encarar os fatos. Poderia também começar pelo dinheiro. Sou rico. Do meu velho herdei três milhões de dólares, já descontados os impostos, mas eu me via como um vagabundo e tinha minhas razões para isso, e a principal delas era que me comportava como um. Mas, cá comigo, quando as coisas ficavam muito feias, eu volta e meia vasculhava os livros para ver se encontrava palavras que ajudassem, e um dia li: “A remissão dos pecados é perpétua e a retidão inicial não é um requisito”. Isso me impressionou tão profundamente que saí repetindo a frase para mim mesmo. Mas esqueci qual era o livro. Era um dos milhares deixados pelo meu pai, que também tinha escrito uma porção deles. E procurei em dúzias de volumes, mas tudo o que encontrei foi dinheiro, pois meu pai costumava usar cédulas como marcadores de página — o que quer que tivesse nos

bolsos: notas de cinco, de dez, de vinte. Algumas cédulas de trinta anos atrás, já sem valor, apareciam, grandes notas do velho dólar-ouro. Em honra dos velhos tempos eu ficava feliz em vê-las e, depois de fechar a biblioteca para manter as crianças afastadas, passava a tarde no alto de uma escada, sacudindo livros para o dinheiro descer rodopiando até o chão. Mas nunca encontrei aquela frase sobre a remissão.

Outro fio da meada: sou formado numa universidade da Ivy League — não vejo motivo para constranger minha *alma mater* mencionando seu nome. Se eu não fosse um Henderson, se não fosse filho de quem sou, eles teriam me expulsado. Nasci com seis quilos e trezentos e quarenta e dois gramas, e foi um parto difícil. Então cresci. Um metro e noventa e três de altura. Cento e cinco quilos. Uma cabeça enorme, rugosa, com cabelo que parece pele de cordeiro persa. Olhos desconfiados, geralmente apertados. Modos tempestuosos. Um narigão. Fui o único sobrevivente de três filhos. Meu pai precisou de toda a sua caridade para me perdoar, e acho que nunca chegou a fazê-lo de todo. Quando chegou a hora de casar tentei agradá-lo e escolhi uma garota da nossa classe social. Uma pessoa notável, bonita, alta, elegante, rija, com braços compridos e cabelos dourados, reservada, fértil e tranquila. Ninguém da família dela poderá brigar comigo se eu acrescentar que ela é esquizofrênica, pois com certeza ela é. Também a mim me consideram louco, e com boas razões — mal-humorado, bruto, tirânico e provavelmente doido. A julgar pela idade das crianças, fomos casados por uns vinte anos. Há Edward, Ricey, Alice, e mais dois — meu Deus, tive um monte de filhos. Deus abençoe o bando todo.

À minha maneira, trabalhei duro. O trabalho é um sofrimento brutal, e geralmente eu ficava bêbado antes da hora do almoço. Pouco depois que voltei da guerra (eu tinha passado da idade de servir, mas nada pôde me deter; fui até Washington e pressionei as pessoas até me deixarem entrar no combate), Frances e eu nos divorciamos. Isso aconteceu depois do Dia da Vitória. Ou não tão cedo? Não, deve ter sido em 1948. Seja como for, agora ela está na

Suíça e tem com ela um dos nossos filhos. O que ela quer com uma criança eu não sei dizer, mas ela tem uma, e tudo bem. Que seja feliz.

O divórcio me deu grande prazer. Ofereceu-me um novo começo na vida. Eu já tinha escolhido outra esposa e logo nos casamos. Minha segunda mulher se chama Lily (sobrenome de solteira, Simmons). Temos dois meninos gêmeos.

Agora sinto a torrente desordenada — causei dissabores terríveis a Lily, mais ainda do que a Frances. Frances era reservada, o que a protegeu, mas Lily recebeu tudo em cheio. Talvez uma mudança para melhor me impulsionasse; eu estava ajustado a uma vida má. Sempre que Frances não gostava do que eu estava fazendo, e isso acontecia a toda hora, ela se afastava de mim. Ficava como a lua de Shelley, vagando sozinha. Lily não; e eu falava dela com empolgação em público e a amaldiçoava em particular. Me envolvi em brigas nos botecos perto da fazenda e os policiais locais me trancafiaram. Tentei fazer um acordo com eles, e teriam me dado uma boa surra se eu não fosse tão conhecido na região. Lily veio e pagou minha fiança. Então tive uma escaramuça com o veterinário a propósito de um dos meus porcos e outra com o condutor de uma máquina de limpar neve na US-7 quando ele tentou me obrigar a sair da estrada. E uns dois anos atrás caí de um trator quando estava bêbado e atrolei a mim mesmo e quebrei a perna. Durante meses andei de muletas, batendo em todo mundo que cruzasse meu caminho, gente ou bicho, e fazendo da vida de Lily um inferno. Com o corpanzil de um jogador de futebol americano e a cor de um cigano, praguejando, mostrando os dentes e abanando a cabeça de um lado para outro — não admira que as pessoas saíssem da minha frente. Mas isso não foi tudo.

Lily está, por exemplo, recebendo senhoras e eu entro com meu gesso nojento, calçando meiões de futebol; estou vestindo um roupão de veludo vermelho que comprei na Sulka, em Paris, numa espécie de comemoração quando Frances disse que queria o divórcio. Para completar, uso um boné de caça de lã vermelha. E limpo o nariz e o bigode nos dedos e então estendo a mão às visitas, dizendo: “Sou o sr. Henderson, como vai?”. E vou até Lily e

aperto sua mão também, como se ela fosse só mais uma visita, uma estranha como as outras. E digo: "Como vai?". Imagino que as senhoras estão dizendo a si mesmas: "Ele não a reconhece. Em sua cabeça, continua casado com a primeira esposa. Não é terrível?". Essa fidelidade imaginária as alvoroça.

Mas estão todas enganadas. Como Lily bem sabe, foi de propósito, e quando estamos a sós ela grita para mim: "Gene, qual é a sua? O que está pretendendo?".

Cingido pelo cinto vermelho, ergo-me diante dela em meu roupão de veludo, pateando com fúria, o gesso no formato do pé arranhando violentamente o chão, e balanço a cabeça enquanto digo: "Tchu-tchu-tchu!".

Porque quando fui trazido do hospital para casa naquele maldito gesso pesado, ouvi-a dizer ao telefone: "Foi só mais um dos acidentes dele. Acontecem a toda hora, mas oh, ele é tão forte. É inassassinável". Inassassinável! Que acham disso? Aquilo me deixou muito chateado.

Mas talvez Lily tivesse falado de brincadeira. Ela adora fazer graça ao telefone. É uma mulher grande, vivaz. Seu rosto é doce e seu temperamento, em geral, combina com ele. Tivemos uns momentos muito bons também. E, quando penso nisso, um dos melhores ocorreu durante a sua gravidez, quando esta já estava bem avançada. Antes de irmos dormir eu massageava sua barriga com óleo infantil para aliviar a tensão da pele esticada. Seus mamilos tinham passado do róseo a um marrom vivo, e os bebês se moviam dentro dela alterando o formato arredondado da sua barriga.

Eu massageava de leve e com o maior cuidado para que os meus dedos grosseiros não lhe causassem nenhum mal. Então, antes de apagar a luz, eu limpava os dedos no cabelo, Lily e eu trocávamos beijos de boa-noite e, sob o aroma do óleo infantil, íamos dormir.

Mas depois voltamos a ficar em pé de guerra, e quando a ouvi dizer que eu era inassassinável tomei a coisa como hostilidade, embora soubesse que não era bem assim. Não, eu a tratava como uma estranha diante das visitas porque não gostava de vê-la se comportar como a dama do lar; porque eu, o único herdeiro deste nome famoso e deste patrimônio, sou um vagabundo, e ela não é

uma dama, mas meramente minha mulher — meramente minha mulher.

Já que os invernos pareciam piorar o meu estado, ela decidiu que deveríamos ir a um hotel-resort no Golfo, onde eu poderia pescar um pouco. Um amigo atencioso tinha dado a cada um dos gêmeos um estilingue feito de compensado, e achei um desses estilingues em minha mala quando estava desfazendo as bagagens e resolvi brincar com ele. Desisti de pescar e fiquei sentado na praia disparando pedras contra garrafas. Então talvez as pessoas dissessem: “Está vendo aquele sujeito grandão de nariz enorme e bigode? Bom, o bisavô dele foi ministro de Estado, seus tios-avôs foram embaixadores na Inglaterra e na França e seu pai foi o famoso erudito Willard Henderson, que escreveu aquele livro sobre os albigenses e era amigo de William James e Henry Adams”. Não era isso que diziam? Podem apostar que era. Ali estava eu naquele resort com minha inquieta segunda mulher de rosto doce, que media, por sua vez, pouco menos que um metro e oitenta, e nossos gêmeos. No restaurante eu despejava bourbon de uma grande garrafa de bolso no meu café matinal e na praia eu estilhaçava garrafas. Os hóspedes se queixaram ao gerente sobre o vidro quebrado e o gerente foi conversar com Lily; comigo ninguém queria se confrontar. Um hotel elegante, que não aceitava judeus, e de repente quem aparecia era eu, E. H. Henderson. As outras crianças pararam de brincar com os gêmeos, as outras mulheres passaram a evitar Lily.

Lily tentou me chamar à razão. Estávamos na nossa suíte, eu de calção de banho, e ela abriu a discussão sobre o estilingue e o vidro quebrado e a minha atitude em relação aos outros hóspedes. Agora, Lily é uma mulher muito inteligente. Ela não dá bronca, mas passa sermão; é muito chegada a isso e, quando acontece, fica branca e começa a falar com a respiração contida. Não é de mim que tem medo, mas sim de que aquilo desate uma crise na sua cabeça.

Mas como a discussão comigo não a estava levando a parte alguma ela começou a chorar, e quando vi suas lágrimas perdi a cabeça e berrei: “Vou estourar meus miolos! Vou me dar um tiro. Não esqueci de pôr a pistola na mala. Estou com ela agora”.

“Oh, Gene!”, ela gritou, cobriu o rosto e saiu correndo.
Vou lhes contar por quê.

2.

Porque o pai dela se suicidara da mesma maneira, com uma pistola.

Um dos vínculos entre Lily e eu é que ambos sofremos por causa dos dentes. Ela é vinte anos mais nova que eu, mas nós dois usamos pontes dentárias. As minhas são dos lados da boca, as dela são na frente. Ela perdeu os quatro incisivos superiores. Aconteceu quando ainda cursava o colégio, jogando golfe com o pai, a quem adorava. O pobre sujeito era um biriteiro e naquele dia tinha bebido além da conta para estar num campo de golfe. Sem olhar e sem avisar, ele pegou o taco na primeira posição e, ao movê-lo para trás para preparar a tacada, atingiu a filha. Sempre me parte o coração pensar naquele maldito campo de golfe no calor de julho, naquele bebum do ramo dos materiais de encanamento, na garota de quinze anos sangrando. Malditos sejam esses bêbados frouxos! Malditos sejam os homens vacilantes! Não suporto esses palhaços que vêm a público logo que ficam bêbados para mostrar como estão tristes. Mas Lily não queria ouvir uma palavra contra o pai e acabava chorando por ele em vez de chorar por si própria. Carrega a foto dele na carteira.

Eu pessoalmente não cheguei a conhecer o velho. Quando a conheci ele já estava morto havia uns dez ou doze anos. Pouco depois da morte dele ela se casou com um homem de Baltimore, de muito boa reputação, segundo me contaram, se bem que, pensando bem, acho que foi a própria Lily quem me contou. No entanto, eles não conseguiram se ajustar e durante a guerra ela obteve o divórcio (eu estava então em combate na Itália). Seja como for, quando nos conhecemos ela estava de novo na casa da família, morando com a mãe. A família é de Danbury, a capital dos chapeleiros. Aconteceu que Frances e eu fomos a uma festa em Danbury numa noite de inverno, e Frances estava meio de má vontade porque se

correspondia na época com um ou outro intelectual da Europa. Frances é uma leitora aplicada, uma assídua escritora de cartas, uma fumante intensa, e quando tinha um dos seus surtos de filosofia ou coisa que o valha eu a via muito pouco. Sabia que ela estava em seu quarto fumando cigarros Sobranie e tossindo e fazendo anotações, elaborando coisas. Bem, ela estava numa dessas crises mentais quando fomos à tal festa, e no meio da noitada ela se lembrou de algo que precisava fazer imediatamente e então pegou o carro e saiu, me esquecendo por completo. Naquela noite eu também tinha me atrapalhado, era o único homem de traje a rigor ali. Azul-marinho. Devo ter sido o primeiro sujeito daquela parte do estado com um smoking azul. Eu me sentia como se estivesse vestindo um alqueire inteiro daquele tecido azul, enquanto Lily, a quem tinha sido apresentado dez minutos antes, trajava um vestidinho listrado de vermelho e verde e conversava comigo.

Quando se deu conta do que tinha acontecido, Lily me ofereceu uma carona e eu disse "Ok". Caminhamos pela neve até o carro dela.

Era uma noite cintilante e a neve estalava sob os nossos passos. Ela havia estacionado no alto de uma ladeira de uns trezentos metros de comprimento e lisa como o aço. Tão logo ela tirou o carro do meio-fio, ele derrapou e ela perdeu a cabeça e gritou: "Eugene!". Jogou-se para cima de mim, os braços ao meu redor. Não havia viva alma naquela ladeira, nem nas calçadas, tampouco, até onde eu podia ver, no bairro inteiro. O carro fez um giro completo. Os braços nus dela saltaram das mangas curtas de peles e seguraram minha cabeça enquanto seus grandes olhos miravam através do para-brisa e o carro deslizava sobre a neve e a geada. Não estava nem engatado e alcancei a chave e desliguei a ignição. Deslizamos até topar com um monte de neve, mas sem afundar muito nele, e tomei o volante. O luar estava muito intenso.

"Como é que você sabe o meu nome?", perguntei, e ela respondeu: "Ora, todo mundo sabe que você é Eugene Henderson".

Depois de conversarmos mais um pouco ela me disse: "Você devia se divorciar da sua mulher".

Eu lhe disse: “Do que você está falando? Isso é coisa que se diga? Além do mais, tenho idade para ser seu pai”.

Só voltamos a nos encontrar no verão. Dessa vez ela estava fazendo compras e usava um chapéu e um vestido branco de piquê, com sapatos brancos combinando. Estava ameaçando chover e ela não queria ser surpreendida com aquelas roupas (que eu notei que já estavam manchadas) e me pediu uma carona. Eu tinha ido a Danbury para comprar uns trastes para o celeiro e a caminhonete estava abarrotada. Lily começou a indicar o caminho para a sua casa e se perdeu por conta do nervosismo; ela era muito bonita, mas freneticamente nervosa. Estava abafado e aí começou a chover. Ela me disse para virar à direita e isso nos levou a uma cinzenta cerca de tela ao redor de uma mina inundada de água — uma rua sem saída. O ar tinha ficado tão escuro que o arame da cerca parecia branco. Lily começou a gritar: “Oh, faça meia-volta, por favor! Rápido, faça a volta! Não consigo lembrar as ruas e preciso ir para casa”.

Afinal chegamos, era uma casa pequena repleta do cheiro de quartos fechados em dias quentes, no momento mesmo em que a tempestade começava.

“Minha mãe está jogando bridge”, disse Lily. “Tenho que telefonar para ela e dizer que não venha para casa. Tem um telefone no meu quarto.” Então subimos. Não havia nada de libertino ou promíscuo em Lily, posso lhe garantir. Enquanto se despia ela começou a falar com voz trêmula: “Eu te amo! Eu te amo!”. E eu disse para mim mesmo quando nos abraçamos: “Oh, como é que ela pode amar você — você — logo você!”. Houve uma tremenda sequência de trovões e em seguida uma rajada de chuva sobre as ruas, árvores, telhados, telas, e relâmpagos também. Tudo ficou espesso e embaçado. Mas um cheiro quente como o de pão que acabou de ser feito emanou dela quando se deitou nos lençóis escurecidos pelo cálido negror da tempestade. Do início ao fim ela não parou de dizer “Eu te amo!”. Assim ficamos, deitados em paz, e as primeiras horas da noite chegaram sem que o sol tivesse reaparecido.

A mãe dela estava esperando na sala. Não me importei demais com isso. Lily lhe telefonara dizendo: “Dê um tempo antes de voltar

para casa". Foi o que bastou para sua mãe abandonar imediatamente o bridge e enfrentar uma das piores tempestades de verão dos últimos anos. Não, não gostei daquilo. Não que a velha me metesse medo, mas o fato é que li os sinais. Lily tinha agido de modo a ser flagrada. Desci as escadas primeiro e vi uma luz ao lado do sofá chesterfield. Quando cheguei ao pé da escada e fiquei cara a cara com ela, falei: "O nome é Henderson". Sua mãe era uma mulher bonita e corpulenta, maquiada para o jogo de bridge como uma boneca de porcelana. Estava de chapéu e, ao se sentar, pousou sua bolsinha de couro envernizado sobre os joelhos. Percebi que estava listando mentalmente motivos de reclamação contra Lily. "Em minha própria casa. Com um homem casado." E por aí afora. Indiferente, sentei na sala, com a barba por fazer, a caminhonete atulhada de cacarecos estacionada em frente. O cheiro de Lily, aquele cheiro de pão quente, devia estar impregnado em mim. E Lily, linda ao extremo, desceu as escadas para mostrar para a mamãe o seu feito. Agindo como se não tivesse nada a ver com aquilo, fiquei sentado de pernas abertas, as botinas sobre o tapete, cofiando o bigode de quando em quando. Eu sentia entre elas a importante presença de Simmons, o pai de Lily, o atacadista de materiais de encanamento que cometera suicídio. Na verdade ele tinha se matado no quarto ao lado do de Lily, o principal da casa. Lily culpava a mãe pela morte do pai. E eu, o que era, o instrumento da sua ira? "Ah não, parceiro", pensei cá comigo, "isso não é pra você. Não entre nessa."

A impressão era de que a mãe decidira agir com elegância. Ela seria soberana e venceria Lily naquele jogo. Talvez fosse natural aquilo. De todo modo, comportou-se comigo como uma grande dama, mas chegou um momento em que não conseguiu se controlar e disse: "Conheci seu filho".

"Ah sim, um sujeito magro? Edward? Ele dirige um MG vermelho. De vez em quando circula por Danbury."

Logo fui embora, dizendo a Lily: "Você é uma garota bonita, mas não devia ter feito isso com sua mãe".

A robusta senhora ficou sentada lá no sofá com as mãos entrelaçadas e os olhos transformados numa linha contínua sob as

sobrancelhas, por choro ou por desgosto.

“Até logo, Eugene”, disse Lily.

“Adeus, srta. Simmons”, disse eu.

Não nos despedimos propriamente como amigos.

Seja como for, logo voltamos a nos encontrar, mas em Nova York, pois Lily se separara da mãe, deixara Danbury e tinha um apartamento sem água quente na Hudson Street, num prédio em cujas escadas os bêbados se abrigavam das intempéries. Eu cheguei, pesadão, uma sombra enorme naquelas escadas, com a cara cheia de bronzeado rural e de birita, e luvas amarelas de couro de porco, e uma voz incessante na cabeça a dizer *Eu quero, eu quero, eu quero, oh, eu quero — sim, vá em frente*, eu dizia para mim mesmo, *Atacar, atacar, atacar, atacar!* E continuei pela escada em meu grosso casaco acolchoado, de luvas e sapatos de couro de porco, uma carteira de couro de porco no bolso, fervendo de desejo e fervendo de preocupação, e me dando conta de como meu olhar faiscava em direção ao topo da escada, onde Lily tinha aberto a porta e me esperava. Seu rosto era redondo, branco, pleno, seus olhos, claros e apertados.

“Que diabo! Como você pode morar neste muquifo nojento? Este lugar fede”, eu disse. O prédio tinha banheiros coletivos; as maçanetas estavam esverdeadas e as portas tinham almofadas de vidro fosco cor de ameixa.

Ela era amiga do pessoal do cortiço, em particular dos velhos e das mães. Dizia compreender por que eles tinham televisores embora vivessem às custas da assistência social, e deixava que guardassem leite e manteiga na sua geladeira, além de preencher para eles seus formulários da previdência. Acho que ela sentia que fazia o bem mostrando àqueles imigrantes e italianos o quanto um americano pode ser bom. Seja como for, tentava sinceramente ajudá-los e corria para lá e para cá com seus gestos impulsivos e dizia uma porção de coisas desconexas.

Os cheiros daquele prédio grudavam na cara da gente, e eu subia as escadas dizendo “Nossa, como estou fora de forma!”.

Entramos no apartamento dela, no último andar. Estava sujo também, mas pelo menos tinha luz. Sentamos e conversamos e Lily

me disse: “Você vai desperdiçar o resto da sua vida?”.

Com Frances o caso era sem esperança. Apenas uma vez, depois que voltei do exército, aconteceu entre nós alguma coisa de pessoal, e depois disso nada feito, de modo que eu a deixei em paz, mais ou menos. Com exceção de uma manhã na cozinha em que tivemos uma conversa que nos afastou um do outro de verdade e de vez. Só umas poucas palavras. Foram mais ou menos assim:

“E o que você quer fazer agora?”

(Eu estava na época perdendo interesse na fazenda.)

“Fico pensando”, disse eu, “se é tarde demais para eu me tornar médico — se eu ainda poderia entrar numa faculdade de medicina.”

Frances abriu a boca, geralmente tão sóbria, para não dizer lúgubre e severa, e riu na minha cara; e enquanto ela ria eu não via nada que não fosse sua escura boca aberta, nem mesmo dentes, o que é muito estranho, pois ela tem dentes, dos mais brancos. O que tinha acontecido com eles?

“Ok, ok, ok”, eu disse.

Assim me dei conta de que Lily tinha toda razão quanto a Frances. Mas não se podia dizer o mesmo sobre o resto.

“Preciso ter um filho. Não posso esperar muito mais tempo”, disse Lily. “Em poucos anos estarei com trinta.”

“E eu com isso?”, perguntei. “Qual é o problema com você?”

“Você e eu temos que ficar juntos”, disse ela.

“Quem disse?”

“Caso contrário vamos morrer”, acrescentou.

Passou-se um ano, mais ou menos, e ela não conseguiu me convencer. Eu não acreditava que a coisa pudesse ser assim tão simples. Então ela de repente se casou com um homem de Nova Jersey, um sujeito chamado Hazard, um corretor. Quando penso no assunto, lembro que ela tinha falado algumas vezes sobre ele, mas achei que fazia parte da chantagem dela. Porque ela era uma chantagista. Seja como for, casou com ele. Foi seu segundo casamento. Então levei Frances e as meninas para a Europa, para a França, por um ano.

Vários anos da minha meninice eu passei no sul do país, perto da cidade de Albi, onde meu velho estava ocupado em pesquisa.

Cinquenta anos atrás eu costumava provocar um garoto na rua: "François, oh François, *ta soeur est constipée*". Meu pai era um homem grande, sólido e imaculado. Suas ceroulas eram feitas de linho irlandês e suas chapeleiras tinham bordas de veludo vermelho, e ele encomendava os sapatos na Inglaterra e as luvas na Vitale Milano, em Roma. Tocava violino bastante bem. Minha mãe costumava escrever poemas na catedral de tijolos de Albi. Gostava de contar a história de uma senhora de Paris que era muito afetada. Elas se encontraram num umbral estreito da igreja e a senhora disse: "*Voulez-vous que je passasse?*". Então minha mãe disse: "*Passassassez, madame*". Ela contava essa anedota a todo mundo e durante muitos anos ainda ria quando dizia num sussurro: "*Passassassez*". Tempos idos. Fechados, lacrados, idos.

Mas Frances e eu não fomos a Albi com as crianças. Ela estava frequentando o Collège de France, aonde iam todos os filósofos. Era difícil conseguir um apartamento, mas aluguei um de um príncipe russo. De Vogüé menciona o avô dele, que foi ministro de Nicolau I. Era uma criatura alta e gentil; sua esposa era espanhola, e sua sogra espanhola, señora Guirlandes, o tiranizava o tempo todo. O sujeito sofria na mão dela. A esposa e os filhos moravam com a velha e ele foi viver no quarto de empregada no sótão. Uns três milhões de dólares, o que eu tenho. Suponho que poderia ter feito alguma coisa para ajudá-lo. Mas naquela época meu coração estava consumido pela demanda que eu mencionei — *Eu quero, eu quero!* Pobre príncipe, no andar de cima! Seus filhos estavam doentes, e ele me disse que se a situação não melhorasse ele se jogaria pela janela.

Eu disse: "Não seja maluco, príncipe".

Cheio de culpa, eu morava no apartamento dele, dormia na sua cama e tomava banho no seu banheiro duas vezes por dia. Em vez de ajudar, aqueles dois banhos quentes só agravavam minha melancolia. Depois que Frances riu do meu sonho de uma carreira médica, nunca mais discuti coisa alguma com ela. Eu caminhava e caminhava todo dia pela cidade de Paris; o trajeto todo até as fábricas Gobelins e o cemitério Père Lachaise e St. Cloud eu percorria a pé. A única pessoa que pensava no que era feito da minha vida

era Lily, agora Lily Hazard. Na American Express recebi um bilhete dela escrito num dos convites de casamento muito tempo depois da data do evento. Eu fervilhava de problemas e, já que uma porção de putas circula por aquela área perto da Madeleine, examinei algumas, mas aquela terrível repetição interior — *Eu quero, eu quero!* — não foi interrompida por nenhum rosto que eu vi. E eu vi um bocado de rostos.

“Lily pode chegar”, pensei. E ela chegou mesmo. Cruzou a cidade à minha procura num táxi e me encontrou perto da estação Vavin do metrô. Grande e reluzente, gritou para mim de dentro do táxi. Abriu a porta antiquada e tentou ficar de pé no estribo. Sim, estava linda — um bom rosto, um rosto claro, puro, quente e branco. Seu pescoço, quando ela se esticou para a frente da porta do táxi, era longo e bem torneado. O lábio superior tremia de alegria. Mas, por mais agitada que estivesse, lembrou-se dos dentes da frente e os manteve cobertos. O que me importavam na época os novos dentes de porcelana! Louvado seja Deus pelas dádivas que Ele continuamente me manda!

“Lily! Como vai, menina? De onde você veio?”

Eu estava terrivelmente satisfeito. Ela me achava um grande preguiçoso, mas de valor fundamental mesmo assim, e julgava que eu deveria viver e não morrer (mais um ano como aquele em Paris e alguma coisa em mim teria enferrujado para sempre), e que de mim poderia até sair algo de bom. Ela me amava.

“O que você fez com seu marido?”, perguntei.

No caminho de volta ao seu hotel, descendo o boulevard Raspail, ela me disse: “Eu achava que devia ter filhos. Estava ficando velha”. (Lily estava então com vinte e sete anos.) “Mas a caminho do casamento percebi que era um equívoco. Tentei saltar do carro num semáforo, de vestido de noiva e tudo, mas ele me agarrou e me puxou de volta. Me deu um soco no olho”, disse ela, “e ainda bem que eu tinha um véu, porque o olho ficou preto e eu chorei durante toda a cerimônia. Além disso, minha mãe morreu.”

“O quê! Ele deixou seu olho roxo?”, perguntei, furioso. “Se eu voltar a cruzar com ele vou arreventá-lo em pedacinhos. Puxa, sinto muito pela sua mãe.”

Beijei-a nos olhos e então chegamos ao seu hotel no quai Voltaire e estávamos de repente no topo do mundo, um nos braços do outro. Seguiu-se uma semana feliz; fomos a toda parte, e um detetive particular contratado por Hazard nos seguia. Por isso aluguei um carro e começamos a fazer o roteiro das cidades das catedrais. E Lily, no seu jeito maravilhoso — sempre maravilhoso —, começou a me fazer sofrer. “Você acha que pode viver sem mim, mas não pode”, disse, “assim como eu não posso viver sem você. A tristeza simplesmente me soterra. Por que você acha que deixei Hazard? Por causa da tristeza. Quando ele me beijava eu me sentia triste ao extremo. Me sentia completamente sozinha. E quando ele...”

“Já chega. Não me conte”, disse eu.

“Era melhor quando ele me socava o olho. Havia alguma verdade naquilo. E eu não sentia que estava me afogando.”

E comecei a beber, a beber mais do que nunca, e fiquei bêbado em todas as grandes catedrais — Amiens, Chartres, Vézelay e assim por diante. Muitas vezes ela tinha que assumir o volante. O carro era pequeno (um Deux Cent Deux *décapotable* ou conversível) e nós dois, enormes, sobrávamos para fora dos assentos, a clara e o escuro, a linda e o bêbado. Por minha causa ela tinha vindo de lá da América, e eu não a deixava cumprir sua missão. Então viajamos até a Bélgica e depois de volta ao Massif, e para quem amasse a França estaria tudo ótimo, mas não era o meu caso. Do início ao fim Lily só tinha um discurso, ou melhor, sermão: não se pode viver assim, deve-se viver assado; não o mal, mas o bem; não a morte, mas a vida; não a ilusão, mas a realidade. Lily não fala com clareza; acho que lhe ensinaram no colégio interno que uma dama fala baixinho, e em consequência disso ela murmura, e sou ruim do ouvido direito, e o vento e os pneus e o motorzinho do carro contribuía com seus ruídos. De todo modo, pela alegre excitação de seu grande e puro rosto branco eu sabia que ela continuava na mesma conversa. Com o rosto luminoso e os olhos alegres ela me atormentava. Descobri que possuía muitos hábitos negligentes, e até sórdidos. Não se lembrava de lavar as roupas de baixo até que eu, mesmo bêbado, a mandasse lavar. Isso talvez fosse porque ela era tão compenetrada e moralista, pois quando eu disse “Lave suas coisas”, ela começou a

discutir comigo. “Os porcos da minha fazenda são mais limpos que você”, eu disse, e isso ocasionou um debate. A própria terra é assim, corrompida. Sim, mas ela se transforma. “Um indivíduo sozinho não é capaz de fazer por conta própria o ciclo do nitrogênio”, eu disse a ela; e ela disse Sim, mas será que eu sabia o que o amor *era capaz* de fazer? Gritei para ela: “Cale a boca”. Isso não a deixou com raiva. Ela sentia pena de mim.

A viagem continuou e eu me sentia duplamente prisioneiro — primeiro, da religião e da beleza das igrejas que eu não estava bêbado demais para ver, e segundo, de Lily, de sua incandescência, seus murmúrios, seus abraços. Ela repetiu mil vezes o que já tinha dito: “Volte para os States comigo. Eu vim até aqui para levar você de volta”.

“Não”, disse eu, finalmente. “Se você ainda tivesse um coração, não me torturaria, Lily. Que droga, não esqueça que sou um veterano condecorado com a Purple Heart. Eu servi o meu país. Já passei dos cinquenta e tive meu quinhão de problemas.”

“Mais uma razão para você fazer alguma coisa agora”, disse ela.

Finalmente eu lhe disse em Chartres: “Se você não parar com isso vou estourar os meus miolos”.

Foi cruel da minha parte, já que sabia o que o pai dela tinha feito. Bêbado como estava, eu mesmo mal podia suportar minha crueldade. O velho tinha se matado com um tiro depois de uma briga de família. Era um homem encantador, frágil, de coração partido, afetuoso e sentimental. Chegava em casa com a cara cheia de uísque e cantava canções antigas para Lily e a cozinheira; contava piadas, sapateava e fazia números manjados de vaudeville na cozinha, brincava com uma voz falseada na garganta — uma coisa suja de se fazer com a própria filha. Lily me contou tudo a respeito, de tal modo que seu pai se tornou tão real para mim que eu mesmo amava e detestava o desgraçado do velho. “Ouça aqui, seu velho sapateador, seu velho patético, seu piadista lamentável — seu sentimentalóide!”, eu dizia ao fantasma dele. “Qual era a sua ao fazer isso com sua filha e depois largá-la na minha mão?” E quando eu ameacei me suicidar na catedral de Chartres, cara a cara com

aquela beleza sagrada, Lily prendeu a respiração. O matiz de seu rosto ficou claro como o de uma pérola. Em silêncio ela me perdoou.

“Para mim dá na mesma se você me perdoa ou não”, eu disse.

Rompemos em Vézelay. Desde o início nossa visita ali foi estranha. O *décapotable* Deux Cent Deux estava com um pneu vazio quando descemos de manhã. Como fazia um tempo bom de junho, eu me recusara a colocar o carro numa garagem e na minha opinião a gerência do lugar esvaziou o pneu. Acusei o hotel e fiquei esbravejando até que o escritório fechou sua porta de aço. Troquei o pneu rapidamente, sem macaco, mas usando a minha ira para erguer o carro e empurrar uma pedra para baixo do eixo. Depois de brigar com o gerente do hotel (nós dois dizendo “Pneu, pneu”), meu estado de espírito melhorou e caminhamos pelos arredores da catedral, compramos um quilo de morangos embrulhados num cone de papel e saímos para as muralhas para nos estender ao sol. Uma poeira amarela caía dos limoeiros, e rosas selvagens brotavam dos troncos das macieiras. Vermelho pálido, vermelho vivo, cor de fogo, ásperas como a raiva, doces como remédios. Lily tirou a blusa para tomar sol nos ombros. Pouco depois, tirou também a combinação e depois de um tempo o sutiã e deitou no meu colo. Aborrecido, eu lhe disse: “Como você sabe o que eu quero?”. E em seguida, com mais brandura, por causa das rosas em todos aqueles troncos de árvores, penetrantes, envolventes, flamejantes, eu disse: “Você não pode simplesmente desfrutar este lindo jardim de igreja?”.

“Não é um jardim de igreja, é um pomar”, disse ela.

Eu disse: “Sua menstruação começou ontem. Então o que é que você está pretendendo?”.

Ela disse que eu nunca tinha feito objeção antes, e era verdade. “Mas agora eu faço”, disse eu, e começamos a brigar e a briga ficou tão feia que eu lhe disse que ia voltar para Paris sozinho no primeiro trem.

Ela ficou em silêncio. Agora eu a peguei, pensei. Mas não, parece que aquilo só provava o quanto eu a amava. Seu rosto maluco se tingiu com a intensidade do amor e da alegria.

“Você nunca vai me matar, sou robusto demais!”, gritei. E então comecei a chorar por causa das insuportáveis complicações do meu

coração. Eu chorava aos soluços.

“Entre aí, sua vaca maluca”, eu disse, aos prantos. E recolhi a capota do conversível. Ela tem varetas dobráveis, então a gente enrola a lona em direção à traseira.

Com a respiração suspensa, pálida de terror mas consumida também por sua maldita e exaltada glória, enquanto eu soluçava ao volante ela resmungava sobre orgulho e força e alma e amor e tudo mais.

Eu disse: “Diabo, você é louca!”.

“Sem você, talvez seja verdade. Talvez eu fique fora de mim e não compreenda”, disse ela. “Mas quando estamos juntos, eu *sei*.”

“Sabe uma ova. Como é que eu não sei de nada? Fique bem longe de mim. Você me faz em pedaços.”

Emborquei sua estúpida mala cheia de roupas sujas na plataforma. Ainda aos soluços, fiz o contorno na estação, que ficava a uns vinte quilômetros de Vézelay, e parti para o sul da França. Rodei até um lugar na Costa Vermelha chamado Banyuls. Existe lá um centro oceanográfico, e tive uma experiência estranha no aquário. Era hora do crepúsculo. Observei um polvo, e a criatura dava a impressão de também olhar para mim, pressionando sua cabeça mole contra o vidro até amassá-la, a carne ficando pálida e granulada — deslustrada, cheia de manchas. Os olhos me falavam com frieza. Mas ainda mais eloquente, ainda mais fria, era a cabeça mole com suas manchas, uma frieza cósmica na qual eu sentia que estava morrendo. Os tentáculos pulsavam e se moviam ao longo do vidro, as bolhas subiam velozmente à superfície, e eu pensei: “Este é meu último dia. A morte está me mandando um aviso”.

Agora chega da minha ameaça de suicídio a Lily.

3.

E agora algumas palavras sobre as minhas razões para ir à África.

Quando voltei da guerra foi com a intenção de me tornar um criador de porcos, o que talvez ilustre o que eu pensava da vida em geral.

Monte Cassino nunca deveria ter sido bombardeado; alguns põem a culpa na estupidez dos generais. Mas depois daquele morticínio, no qual tantos texanos foram dizimados e meu destacamento também acabou tomando uma bela surra, da turma original só restamos Nicky Goldstein e eu, e isso foi estranho, porque éramos os dois caras mais grandalhões do destacamento e portanto os alvos mais fáceis. Mais tarde fui ferido também, pela explosão de uma mina. Mas àquela altura Goldstein e eu estávamos deitados sob as oliveiras — aqueles galhos retorcidos se entrelaçavam como uma renda e deixavam a luz atravessar — e eu lhe perguntei o que pretendia fazer depois da guerra. Ele disse: “Ora, eu e meu irmão, se estivermos vivos e com saúde, vamos montar uma fazenda de criação de martas nos montes Catskills”. Então eu disse, ou meu demônio disse por mim: “Vou começar a criar porcos”. E depois que essas palavras foram proferidas eu me dei conta de que se Goldstein não fosse judeu talvez eu tivesse dito gado e não porcos. Mas então já era tarde demais para voltar atrás. Portanto, até onde eu sei, Goldstein e seu irmão têm uma criação de martas enquanto eu tenho... uma outra coisa. Peguei todos os belos edifícios da velha fazenda, a estrebaria com baias forradas — nos velhos tempos os cavalos de um homem rico eram tratados como cantores de ópera — e o esplêndido celeiro com o belvedere acima do palheiro, uma linda obra de arquitetura, e enchi tudo aquilo de porcos, um reino suíno, com chiqueiros no relvado e nos jardins de flores. Na estufa também — deixei que eles arrancassem os velhos bulbos. Estátuas de Florença e de Salzburg foram derrubadas. O lugar cheirava a

lavagem, porcos e esterco. Furiosos, meus vizinhos botaram um agente sanitário atrás de mim. Eu o desafiei a me processar. “Os Henderson estão nesta propriedade há mais de duzentos anos”, eu disse ao homem, um tal de dr. Bullock.

Frances, minha esposa na ocasião, não disse palavra, exceto: “Por favor, mantenha-os fora da estrada de acesso”.

“É bom você não machucar nenhum deles”, eu disse a ela. “Esses animais se tornaram parte de mim mesmo”. E ao tal dr. Bullock eu disse: “Todos esses paisanos e incapacitados para o serviço militar fizeram a sua cabeça. Esses imbecis. Será que nunca comem carne de porco?”.

Vocês já viram, vindo de Nova Jersey a Nova York, as granjas de telhado alto e os canais que parecem modelos de aldeias alemãs da Floresta Negra? Já sentiram o cheiro deles (antes de entrar no túnel sob o Hudson)? São locais de engordar porcos. Magros e ossudos depois da viagem desde Iowa ou Nebraska, os suínos são alimentados ali. Seja como for, eu era um homem dos porcos. E, como o profeta Daniel alertou o rei Nabucodonosor, “expulsar-te-ão do meio dos homens, a tua moradia será com os animais e as feras”. As porcas comem seus filhotes porque precisam do fósforo. O bócio as ataca do mesmo modo que ataca as mulheres. Ah, eu fiz um bocado de estudos sobre esses animais espertos e desgraçados. Pois todos os criadores de porcos sabem como eles são espertos. A descoberta de que eles eram tão inteligentes me causou uma espécie de trauma. Mas se eu não tinha mentido para Frances, se aqueles bichos tinham se tornado de fato parte de mim, então era curioso que eu tivesse perdido o interesse neles.

Mas vejo que não cheguei nem um pouco mais perto de dar minhas razões para a ida à África, e acho melhor começar por outra coisa.

Será que devo começar pelo meu pai? Era um homem de renome. Tinha barba, tocava violino e...

Não, isso não.

Bem, então, o seguinte: Meus antepassados roubaram terra dos índios. Conseguiram mais do governo e enganaram outros colonos também, assim me tornei herdeiro de grandes domínios.

Não, isso também não vai funcionar. O que uma coisa tem a ver com a outra?

Ainda assim, uma explicação é necessária, pois a prova viva de uma coisa da maior importância me foi apresentada, de modo que me sinto obrigado a comunicá-la. E não é a menor das dificuldades o fato de ela ter acontecido num sonho.

Bem, deve ter sido uns oito anos depois do fim da guerra. Eu tinha me divorciado de Frances e casado com Lily, e sentia que alguma coisa precisava ser feita. Fui para a África com um amigo meu, Charlie Albert. Também ele é um milionário.

Sempre tive um temperamento mais militar do que civil. Quando estava no exército e peguei chatos, fui atrás de um certo pó. Mas quando relatei meu problema, quatro paramédicos me agarraram, me levaram para uma encruzilhada, me despiram e ali mesmo, ao ar livre, me ensaboaram e raspam todos os pelos do meu corpo, na frente e atrás, sovacos, pentelhos, bigode, sobrancelhas, tudo. Isso foi bem perto do porto de Salerno. Caminhões cheios de soldados estavam passando, e pescadores e paisanos, meninos, meninas e mulheres riam, o litoral inteiro ria e até eu ria enquanto tentava matar os quatro. Eles correram e me deixaram ali careca e trêmulo, feio, pelado, com uma coceira ardida entre as pernas e embaixo dos braços, furioso, rindo, jurando vingança. São coisas que um homem não esquece mais e às quais, com o tempo, dá um grande valor. O céu lindo, a coceira insana, as navalhas; e o Mediterrâneo, que é o berço da humanidade; a suavidade altaneira do ar; a suavidade profunda das águas, onde Ulisses se perdeu, onde também ele ficou nu enquanto as sereias cantavam.

Diga-se de passagem — os chatos encontraram refúgio numa dobra da pele; tive que enfrentar depois aqueles animaizinhos astutos.

A guerra significou muito para mim. Fui ferido quando pisei naquela mina terrestre, ganhei a condecoração e fiquei num hospital em Nápoles por um bom tempo. Pode acreditar, eu me sentia grato por minha vida ter sido poupada. A experiência toda deu ao meu coração uma emoção grande e verdadeira. O que é algo de que preciso continuamente.

Do lado da porta externa para o meu porão, no último inverno, eu estava cortando lenha para fazer fogo — o jardineiro tinha deixado alguns galhos de pinheiro para mim — e um pedaço de madeira saltou do tronco e me atingiu o nariz. Devido ao frio extremo não percebi o que tinha acontecido até ver o sangue na minha jaqueta. Lily gritou: “Você quebrou o nariz”. Não, ele não estava quebrado. Tenho uma grossa camada protetora de carne ali, mas fiquei com um machucado por um bom tempo. No entanto, ao sentir o golpe, meu único pensamento foi a *verdade*. Será que a verdade vem em golpes? É uma ideia militar, se um dia já houve uma. Tentei dizer algo a respeito a Lily; também ela sentira a força da verdade quando seu segundo marido, Hazard, lhe deu um soco no olho.

Bem, sempre fui assim, forte e saudável, rude e agressivo, um tanto brigão na juventude; na faculdade usava brincos de ouro para provocar brigas, e enquanto fazia mestrado para agradar meu pai eu me comportava como um vagabundo ignorante. Quando estava noivo de Frances fui a Coney Island e mandei tatuar o nome dela no dorso, em letras púrpura. Não que isso fizesse alguma diferença para ela. Já com quarenta e seis ou quarenta e sete anos quando cheguei da Europa depois do Dia da Vitória (8 de maio, quinta-feira), voltei-me para os porcos e então confessei a Frances meu interesse pela medicina; e ela riu de mim; fez questão de me lembrar do entusiasmo que eu tivera aos dezoito anos por sir Wilfred Grenfell e mais tarde por Albert Schweitzer.

O que é que você pode fazer de si mesmo quando tem um temperamento como o meu? Um estudioso da mente me explicou que se você descarrega sua raiva em objetos inanimados, não apenas poupa os seres vivos, como cabe a um homem civilizado, mas se livra das coisas ruins dentro de você. Isso me pareceu fazer sentido, e tentei levar à prática. Tentei de todo coração, cortando lenha, arrancando raízes, arando a terra, assentando blocos de cimento, fazendo concreto e cozinhando a lavagem dos porcos. Na minha própria fazenda, nu da cintura para cima como um condenado, quebrei pedras com uma marreta. Ajudou, mas não o bastante. Um bruto fica mais bruto, e bate, bate, bate; pelo menos no meu caso; a rudeza não só se reproduz, mas aumenta. A ira

crece com a ira. Então o que você faz consigo mesmo? Mais de três milhões de dólares. Descontadas as taxas, as pensões e todas as despesas, ainda me sobram cento e dez mil dólares de renda totalmente limpos. Que necessidade tenho disso tudo, um sujeito militar como eu! Do ponto de vista dos impostos, até os porcos eram lucrativos. Eu não tinha como perder dinheiro. Mas eles eram mortos e comidos. Transformados em presunto e luvas e gelatinas e fertilizantes. E de mim o que era feito? Ora, era feita uma espécie de troféu, suponho. Um homem como eu se transforma em algo como um troféu. Lavado, asseado, vestido com roupas caras. Forro impermeável sob o telhado; na janela, vidros duplos; no chão, tapetes; e sobre os tapetes, mobília; e sobre a mobília, cobertas, e sobre as cobertas de tecido, capas de plástico; e papel de parede e cortinas! Tudo limpo e decorado. E quem está no meio disso tudo? Quem está sentado ali? O homem! Eis quem está lá, o homem!

Mas chega um dia, sempre chega um dia de lágrimas e loucura.

Agora já mencionei que havia uma perturbação em meu coração, uma voz dentro dele que dizia *Eu quero, eu quero, eu quero!* Acontecia toda tarde e quando eu tentava suprimi-la ela ficava ainda mais forte. Só dizia uma coisa: *Eu quero, eu quero!*

E eu perguntava: "O que é que você quer?"

Mas aquilo era tudo o que ela me dizia. Nunca disse nada que não fosse *Eu quero, eu quero, eu quero!*

De vez em quando eu a tratava como uma criança chorosa a quem a gente oferece cantigas e doces. Eu a levava para passear, para correr. Cantava para ela, lia para ela. Não adiantava. Vestia um macacão e trepava numa escada para remendar rachaduras no teto; cortava lenha, saía dirigindo um trator, trabalhava no celeiro no meio dos porcos. Não, não! Em meio a brigas e bebedeiras e trabalhos aquilo continuava, na roça, na cidade. Nenhuma compra, por mais cara que fosse, atenuava o clamor da voz. Então eu dizia: "Ora vamos, me conte. Qual é a queixa, é a própria Lily? Você quer uma puta sórdida? É de luxúria que se trata?". Mas não era uma suposição melhor que as outras. A demanda vinha com mais força: *Eu quero, eu quero, eu quero, eu quero, eu quero!* E eu chorava,

implorando por fim: “Oh, me diga então. Me diga o que você quer!”. E finalmente dizia: “Ok, então. Um dia desses, idiota. Espere só!”.

Era isso que me fazia agir como agia. Às três da tarde eu estava em desespero. Só perto do entardecer a voz dava uma trégua. E às vezes eu pensava que talvez aquela fosse a minha ocupação, porque ela mesma fechava o expediente às cinco horas. A América é tão grande, e todo mundo está trabalhando, confeccionando, cavando, terraplenando, transportando, descarregando e assim por diante, e suponho que os sofreadores sofram na mesma medida. Todo mundo querendo segurar as pontas. Tentei todas as curas que se possam imaginar. Claro que, numa era de loucura, esperar ficar intocado pela loucura é uma forma de loucura. Mas a busca da sanidade pode ser uma forma de loucura também.

Entre outros remédios, apelei para o violino. Um dia, quando estava escarafunchando num depósito, encontrei o estojo empoeirado e o abri, e lá estava o instrumento que meu pai costumava tocar, dentro daquele pequeno sarcófago, com aquele delgado pescoço ornamentado, cintura curva, os cabelos do arco despenteados e soltos à sua volta. Apertei o parafuso do arco e passei os dedos pelas cordas. Gritos ásperos despertaram. Era como uma criatura vivente que tivesse sido negligenciada por muito tempo. Então comecei a lembrar o meu velho. Talvez ele negasse com veemência, mas somos muito parecidos. Ele também não conseguia se assentar numa vida sossegada. Às vezes era muito duro com mamãe; uma ocasião ele a obrigou a dormir no chão, de camisola, na porta do seu quarto, antes de perdoá-la por algumas palavras bobas, talvez como as de Lily ao telefone dizendo que eu era inassassinável. Era um homem muito forte também, mas à medida que seu vigor declinava, especialmente depois da morte de meu irmão Dick (o que me converteu em herdeiro), ele passou a se trancar e a tocar violino cada vez mais. Então comecei a recordar sua corcunda e a frouxidão de seus quadris, e sua barba que era como um protesto que irrompia da própria alma — embranquecida pelo sangue ralo e trêmulo da velhice. Outrora poderosas, suas suíças tinham perdido os cachos e eram empurradas em direção à clavícula pelo violino enquanto ele percorria o braço do instrumento

com o olho esquerdo e seu grande cotovelo côncavo subia e descia, e o violino tremia e chorava.

Então, naquele exato momento, decidi: “Vou tentar também”. Baixei a tampa do estojo, fechei as fivelas e rodei direto para Nova York, para uma oficina de instrumentos na rua 57, e mandei recondicionar o violino. Logo que ele ficou pronto comecei a ter aulas com um velho húngaro chamado Haponyi, que morava perto do Barbizon-Plaza.

Àquela altura eu estava sozinho no mundo, divorciado. Uma senhora de idade, a srta. Lenox, do outro lado da rua, vinha preparar meu café da manhã, e essa era a minha única necessidade na época. Frances tinha ficado para trás na Europa. E então um dia, quando eu me dirigia apressado para minha aula na rua 57, com o estojo do violino embaixo do braço, encontrei Lily. “Ora!”, disse eu. Fazia mais de um ano que não a via, desde que a pusera naquele trem para Paris, mas imediatamente retomamos a mesma familiaridade de antes. Seu rosto grande e puro era o mesmo de sempre. Ele nunca seria equilibrado, mas era lindo. Ela só tinha tingido o cabelo. Agora estava alaranjado, o que não era necessário, e repartido no meio da testa como as duas metades de uma cortina. É a sina dessas beldades, às vezes, não ter um gosto muito apurado. Também tinha feito alguma coisa com rímel nos olhos, de tal maneira que agora eles não tinham a mesma extensão. O que é que a gente faz quando uma pessoa assim é “a mesma de sempre”? E o que é que a gente pode pensar quando essa mulher alta, de quase um metro e oitenta, numa espécie de traje de pelúcia verde, como o tecido que costumava estofar os carros-leitos dos trens, e de saltos altos, requebra; com suas pernas robustas, com seus joelhos fantásticos, ela requebra; e com um único olhar ela joga no lixo todos os princípios de conduta respeitados na rua 57 — como se jogasse aos ventos a roupa de pelúcia, o chapéu, a blusa, as meias e o corpete e gritasse: “Gene! Minha vida é miserável sem você?”.

No entanto, a primeira coisa que ela de fato disse foi: “Estou noiva”.

“O quê? De novo?”, disse eu.

“Bem, eu poderia usar o seu conselho. Nós *somos* amigos. Você é meu amigo, sabe. Acho que somos os únicos amigos um do outro no mundo, no fim das contas. Está estudando música?”

“Bom, se não é música então estou numa guerra de gângsteres”, respondi. “Porque este estojo esconde ou um violino ou uma metralhadora.” Acho que devo ter me sentido constrangido. Então ela começou a me falar sobre o novo noivo, num murmúrio. “Não fale desse jeito”, eu disse. “Qual é o problema com você? Assoe o nariz. Por que vem com esse jargão Ivy League para cima de mim? Com essa conversinha à meia-voz? É só para levar vantagem sobre as pessoas comuns e obrigá-las a inclinar a cabeça para ouvir você. Você sabe que sou um pouco surdo. Fale mais alto. Não seja tão esnobe. Me diga uma coisa, o seu noivo estudou no Choate ou no St. Paul’s? Seu último marido frequentou o curso preparatório do presidente Roosevelt — o diabo que o carregue.”

Lily, agora falando com mais clareza, disse: “Minha mãe morreu”.

“Morreu?”, disse eu. “Ei, isso é horrível. Mas espere um pouco, você não me contou na França que ela tinha morrido?”

“Sim”, disse ela.

“Então quando foi que ela morreu?”

“Há dois meses. Não era verdade daquela vez.”

“Então por que você disse aquilo? Isso é coisa que se faça? Você não pode fazer uma coisa dessas. Está brincando de enterro com sua própria mãe? Estava era querendo me tapear.”

“Oh, isso foi bem ruim da minha parte, Gene. Não fiz por mal. Mas desta vez é verdade.” E eu vi as cálidas sombras de lágrimas em seus olhos. “Agora ela se foi. Tive que alugar um avião para espalhar suas cinzas sobre o lago George, como ela queria.”

“Sério? Meu Deus, sinto muito por isso”, disse eu.

“Eu brigava demais com ela”, disse Lily. “Como daquela vez que levei você para casa. Mas *ela* era uma brigona, e eu também sou. Você estava certo quanto ao meu noivo. Ele estudou em Groton.”

“Ha, ha, acertei na mosca, hein?”

“É um bom homem. Não é o que você pensa. É muito decente e sustenta os pais. Mas quando me pergunto se poderia viver sem ele, acho que a resposta é sim. Mas estou aprendendo a me virar

sozinha. A gente sempre tem o universo. Uma mulher não precisa casar, e há razões muito boas para as pessoas ficarem sozinhas.”

Sabe, às vezes sinto que a compaixão é inútil. Ela dura o suficiente para deixar você em desvantagem. Meu coração sofria por Lily, e então ela tentava me tapear.

“Tudo bem, garota, o que você vai fazer agora?”

“Vendi a casa em Danbury. Estou morando num apartamento. Mas tem uma coisa que eu queria que você tivesse, e a mandei para você.”

“Não quero nada.”

“É um tapete”, disse ela. “Ainda não chegou?”

“Diabo, o que é que eu quero com seu bendito tapete! Era do seu quarto?”

“Não.”

“Mentirosa. É o tapete do seu quarto.”

Ela negou, e quando o tapete chegou à fazenda, trazido por um entregador, eu o aceitei; achei que devia. Tinha um aspecto pavoroso, uma cor mostarda de Bagdá, os fios se rendendo ao tempo e nós azuis aparecendo por todo lado. Era tão feio que fui obrigado a rir. Ô tapete estropiado! Aquilo me fazia cócegas. Então coloquei-o no chão do meu estúdio de violino, que ficava no porão. Eu mesmo tinha despejado o concreto ali, mas não na espessura suficiente, pois a umidade o atravessava. De todo modo, eu achava que aquele tapete poderia melhorar a acústica do ambiente.

Tudo bem, então. Eu ia à cidade para minhas aulas com o gordo húngaro Haponyi e encontrava Lily também. Namoramos por uns dezoito meses, aí casamos, aí nasceram as crianças. Quanto ao violino, eu não era nenhum Heifetz, mas persisti. Não demorou para a voz cotidiana *Eu quero, eu quero* aparecer de novo. A vida doméstica com Lily não era tudo o que um otimista poderia ter previsto; mas também estou certo de que ela tinha mais do que imaginara. Uma das primeiras decisões tomadas por ela depois de inspecionar a casa toda com ares de dama do lar foi mandar pintar um retrato seu e pendurá-lo com os do resto da família. Essa história de retratos era muito importante para ela e prosseguiu até uns seis meses antes de eu partir para a África.

Então vamos observar uma típica manhã da minha vida conjugal com Lily. Não do lado de dentro da casa, mas do de fora, pois o de dentro é nojento. Digamos que seja um daqueles dias aveludados de início de outono, quando o sol brilha sobre os pinheiros e o ar tem uma pitada de frio que dá aquela agulhoada gostosa no pulmão da gente. Vejo um grande pinheiro em meu terreno, e na penumbra verde embaixo dele, na qual os porcos por algum motivo nunca entram, crescem nodosas begônias vermelhas, e uma inscrição numa pedra quebrada, feita por minha mãe, diz: "Vai rosa alegre...". É só isso que ela diz. Deve haver mais fragmentos sob os espinhos do pinheiro. O sol é como um grande rolo compressor que aplaina a relva. Embaixo dessa relva a terra pode estar recheada de carcaças, mas isso não deprecia nem um pouco um dia como este, pois elas se converteram em húmus e a relva viceja. Quando o ar se move, as flores radiantes também se movem no verde escuro sob as árvores. Elas roçam meu espírito aberto porque estou no meio disso tudo com meu roupão de veludo vermelho da rue de Rivoli, comprado no dia em que Frances pronunciou a palavra divórcio. Estou ali e estou procurando encrenca. As begônias carmim, o verde escuro, o verde radiante, o ar frio que agulhoa, o ouro suave, os cadáveres transformados, o roçar das flores nas minhas canelas, essas coisas todas são minha desgraça. Elas me deixam louco de infelicidade. Para alguém essas coisas devem ter sido dadas, mas esse alguém não sou eu no roupão de veludo vermelho. Então o que estou fazendo aqui?

Então Lily aparece com os dois meninos, nossos gêmeos, de vinte e seis meses de idade, meigos, de calças curtas e coletes de malha verde, os cabelos escuros penteados para a frente, cobrindo a testa. E lá vem Lily com aquele seu rosto puro, de saída para posar para o retrato. E eu apoiado sobre um pé só, de roupão de veludo vermelho, pesado, calçando botas sujas de fazenda, aquelas galochas que prefiro quando estou em casa porque são tão fáceis de calçar e descalçar.

Ela começa a entrar na caminhonete e eu digo: "Use o conversível. Vou para Danbury mais tarde para buscar umas coisas e vou precisar da caminhonete". Meu rosto está escuro e irado. Minhas

gengivas doem. A casa está uma bagunça, mas ela vai deixar os meninos brincando no ateliê do artista enquanto posa para o retrato. Então põe os dois no banco de trás do conversível e sai guiando.

Aí eu desço ao estúdio no porão, apanho o violino e começo a praticar meus exercícios de Sevcik. Ottokar Sevcik inventou uma técnica para a rápida e acurada mudança de posições no violino. O aluno aprende arrastando ou deslizando os dedos ao longo das cordas da primeira posição para a terceira e da terceira para a quinta e da quinta para a segunda, e assim vai, até que o ouvido e os dedos estejam treinados e encontrem as notas com precisão. Você nem começa com escalas, mas com frases, e sobe e desce pelas notas, rastejando. É assustador: mas Haponyi diz que é o único jeito, aquele gordo húngaro. Ele sabe umas cinquenta palavras da língua inglesa, sendo que a principal delas é “querido”. Diz: “Querido, pega arco desse moto, não desse moto. E assim, assim, assim. Não mata com arco. Faz leve. Não porrada. Issu, issu, issu. *Seret lek!** Ótimo”.

E afinal de contas, sou um soldado destemido, você sabe. E com estas mãos lidei com os porcos; derrubei porcos selvagens e os subjugué e os castrei. E agora estes mesmos dedos estão cortejando a música do violino e agarrando seu pescoço e praticando o Sevcik para cima e para baixo. O ruído é como o de um engradado de ovos sendo espatifado. Mesmo assim, pensava eu, se me disciplinar, talvez a voz dos anjos acabe surgindo. Mas, de todo modo, eu não tinha a esperança de me aperfeiçoar como artista. Meu propósito principal era chegar até meu pai tocando seu violino.

No porão da casa eu trabalhava duro, como fazia com tudo mais. Tinha percebido que estava buscando o espírito de meu pai, sussurrando: “Oh, pai, papai. Você reconhece os sons? Sou eu, Gene, no seu violino, tentando chegar até você”. Pois acontece que nunca fui capaz de me convencer de que os mortos estão completamente mortos. Admiro as pessoas racionais e invejo suas mentes lúcidas, mas para que caçar? Eu tocava no porão para meu pai e minha mãe, e quando aprendia algumas peças sussurrava: “Mãe, aqui vai ‘Humoresque’ para você”. Ou: “Papai, escute só —

a 'Meditação', de *Thais*'. Eu tocava com afinco, com sentimento, com saudade, com amor — tocava até ficar à beira de um colapso emocional. Lá embaixo no meu estúdio eu também cantava enquanto tocava: "Rispondi! Anima bella!" (Mozart). "Ele foi desprezado e rejeitado, um homem de muitas aflições e habituado ao sofrimento" (Handel). Agarrando o pescoço do pequeno instrumento como se estrangulasse meu coração, eu ficava com cãibras no pescoço e nos ombros.

Ao longo dos anos arrumei o pequeno porão para mim, forrei-o com madeira de castanheiro e instalei um desumidificador. Ali eu guardo meu pequeno cofre, meus arquivos e meus souvenirs de guerra; e ali também guardo um jogo de pistolas. Sob os pés estava agora o tapete de Lily. Por insistência dela eu me liberei da maior parte dos porcos. Mas ela própria não era muito asseada, e por um motivo ou por outro não conseguimos ninguém das redondezas para fazer a limpeza. Sim, ela varria o chão de quando em quando, mas em direção à porta e não para fora dela, de modo que havia montículos de poeira na soleira. Então ela ia posar para o retrato, fugindo totalmente da casa enquanto eu tocava Sevcik e trechos de óperas e oratórios, marcando o compasso com a voz interior.

*Seret lek: "eu te amo", em húngaro. (N. T.)

4.

Causa então alguma surpresa que eu tivesse que partir para a África?

Mas eu não disse que sempre chega um dia de lágrimas e loucura?

Tive brigas, tive problemas com a polícia, fiz ameaças de suicídio, e por fim, no último Natal, minha filha Ricey voltou do colégio interno para casa. Ela tem um pouco da dificuldade da família. Falando de modo direto, não quero soltar essa menina no espaço sideral, e disse para Lily: "Fique de olho nela, está bem?".

Lily ficou muito pálida. Disse: "Oh, eu quero ajudá-la. E vou. Mas preciso conquistar a confiança dela".

Deixando o assunto nas mãos dela, desci da cozinha para o meu estúdio e peguei o violino, que cintilava de poeira de resina, e comecei a fazer os exercícios Sevcik sob a luz fluorescente da estante da partitura. Curvei-me em meu roupão e franzi as sobrancelhas, o melhor que pude, diante dos gritos e guinchos daquela horrível fricção. Oh, vós, Deus e juiz da vida e da morte! As pontas dos meus dedos estavam machucadas, feridas principalmente pela corda Mi, minha clavícula doía, e uma mancha inflamada, como de urticária, ardia na minha mandíbula. A voz interior, no entanto, prosseguia: *Eu quero, eu quero!*

Mas logo se ouviu outra voz na casa. Talvez tenha sido a música que fez Ricey sair. Lily e Spohr, o pintor, estavam trabalhando duro para terminar o retrato antes do meu aniversário. Ela tinha saído e Ricey, sozinha, foi até Danbury para visitar uma colega de escola, mas não conseguiu encontrar a casa da garota. Em vez disso, ao perambular pelas ruas periféricas de Danbury, ela passou por um carro estacionado e ouviu o choro de um bebê recém-nascido, vindo do banco de trás daquele velho Buick. Estava dentro de uma caixa de sapatos. Fazia um dia terrivelmente frio; por isso ela trouxe o

enjeitado para casa e o escondeu no guarda-roupa do seu quarto. No dia 21 de dezembro, no almoço, eu estava dizendo “Crianças, este é o solstício de inverno”, quando um choro de bebê chegou a nós depois de percorrer os dutos do aquecimento até o registro embaixo do aparador. Cobri as orelhas com as grossas abas de lã do meu boné de caça, que, como de hábito, eu estava usando à mesa do almoço, e, para suprimir minha surpresa, comecei a falar sobre outra coisa. Pois Lily estava rindo para mim significativamente, com o lábio superior cobrindo os dentes da frente, sua pele branca emitindo calor. Olhando para Ricey, vi que uma felicidade silenciosa brilhava em seus olhos. Aos quinze anos essa garota é uma espécie de beldade, ainda que geralmente de um jeito desleixado. Mas agora ela não estava desleixada; estava concentrada no bebê. Como eu não sabia então quem era a criança, nem como ela tinha ido parar na casa, fiquei perplexo, desconcertado, e disse aos gêmeos: “Então, tem um gatinho lá em cima no quarto, hein?”. Não se deixaram tapear. Pensa que é fácil enganá-los? Ricey e Lily tinham posto mamadeiras para esterilizar no forno da cozinha. Notei aquele caldeirão cheio de mamadeiras quando estava voltando para o porão para tocar, mas não fiz nenhum comentário. Durante toda a tarde, pelos dutos do ar condicionado, ouvi o bebê berrar, e saí para caminhar, mas não consegui suportar as ruínas de dezembro dos meus domínios congelados, daquele que tinha sido meu reino dos porcos. Restavam alguns animais premiados que eu não tinha vendido. Não estava preparado para me separar deles ainda.

Eu tinha planejado tocar “The First Noël” na noite de Natal, então era o que eu estava ensaiando quando Lily desceu para falar comigo.

“Não quero saber de nada”, disse eu.

“Mas, Gene”, disse Lily.

“É seu encargo”, gritei, “você está no comando, o show é seu.”

“Gene, quando você sofre, sofre mais fundo do que qualquer pessoa que já conheci.” Foi obrigada a sorrir, e não do meu sofrimento, claro, mas do jeito que eu encarava meu sofrimento. “Ninguém exige isso de você. Menos ainda Deus”, disse ela.

“Já que você está em condições de falar em nome de Deus”, disse eu, “o que Ele pensa de você deixar esta casa todo santo dia para ir posar para o seu retrato?”

“Oh, não acho que você precise se envergonhar de mim”, disse Lily.

No andar de cima estava a criança, chorando como quem respira, mas já não era mais o tópico em questão. Lily achava que eu tinha preconceito quanto a suas origens sociais, que são alemãs e da pequena burguesia irlandesa. Mas que diabo, eu não tinha preconceito nenhum desse tipo. Era outra coisa que me incomodava.

Ninguém mais ocupa verdadeiramente uma posição na vida. O que mais existe é gente que sente que está ocupando o lugar que pertence de direito a outra pessoa. Há gente deslocada em toda parte.

“Pois quem poderá aguardar o dia da Sua (a do justo) vinda?”

“E quem poderá ter-se à Sua (do justo) vista?”

Quando o justo aparecer vamos todos caminhar em fila, com alegria no coração e sumamente aliviados, dizendo: “Bem-vindo de volta, camarada. É tudo seu. Celeiros, casas, tudo seu. A beleza do outono, sua também. Leva, leva, leva!”.

Talvez Lily estivesse lutando ao longo dessa fila e o retrato estivesse destinado a ser a sua prova de que ela e eu éramos os justos. Mas já existe um retrato meu em meio aos outros. Eles, os outros, têm colarinhos duros e suíças, enquanto eu estou no fim de uma fileira, com meu uniforme da Guarda Nacional, segurando uma baioneta. E esse retrato por acaso me trouxe alguma coisa de bom? Portanto eu não podia levar a sério a suposta solução de Lily para o nosso problema.

Agora ouçam, eu amava meu irmão mais velho, Dick. Ele era o mais ajuizado de nós, com um esplêndido currículo na Primeira Guerra Mundial, um verdadeiro leão. Mas por um momento ele se pareceu comigo, seu irmão menor, e esse foi o seu fim. Ele estava de férias, sentado no balcão de uma lanchonete grega, a Acropolis Diner, perto de Plattsburg, Nova York, tomando um café com um camarada e escrevendo um cartão-postal que mandaria para casa. Mas sua caneta-tinteiro estava falhando, ele a xingou e disse ao

amigo: "Toma. Levanta essa caneta e fica segurando". O rapaz obedeceu e Dick sacou a pistola e disparou contra a caneta, arrancando-a da mão do sujeito. Ninguém se feriu. O estrondo foi tremendo. Descobriu-se então que a mesma bala que despedaçara a caneta também tinha perfurado a cafeteira, transformando-a num chafariz a esguichar café numa torrente que atravessava a lanchonete até a porta de entrada. O grego telefonou para a polícia estadual e durante a perseguição Dick espatifou o carro num barranco. Ele e seu parceiro tentaram então atravessar o rio a nado, e o parceiro teve a presença de espírito de tirar a roupa, mas Dick mergulhou calçado de botas de cavalaria. Elas se encheram de água e o afogaram. Isso deixou meu pai sozinho no mundo comigo, já que minha irmã tinha morrido em 1901. Naquele verão eu estava trabalhando para Wilbur, um sujeito do nosso bairro, num desmanche de carros velhos.

Mas agora é a semana do Natal. Lily está de pé na escada do porão. Paris e Chartres e Vézelay e a rua 57 já ficaram bem para trás. Tenho o violino nas mãos e o tapete fatídico de Danbury sob os pés. O roupão vermelho me cobre as costas. E o boné de caça? Às vezes penso que ele mantém a minha cabeça no lugar. O vento triste de dezembro varre o telhado e toca fagote nas calhas soltas. A despeito desse ruído eu ouço o bebê chorar. E Lily diz: "Você está ouvindo?"

"Não ouço nada, você sabe que sou um pouco surdo", disse eu, o que é verdade.

"Então como é que consegue ouvir o violino?"

"Bem, eu estou bem junto dele, é natural que o ouça", respondi. "Corrija-me se eu estiver errado", disse eu, "mas acho que me lembro de que uma vez você me disse que eu era seu único amigo em todo o mundo."

"Mas...", disse Lily.

"Não entendo você", disse eu. "Vá embora."

Às duas horas vieram algumas visitas e ouviram o choro vindo do andar de cima, mas eram bem-educadas demais para fazer qualquer comentário. Eu já contava com aquilo. Para romper a tensão, no entanto, perguntei: "Algum de vocês quer visitar meu arsenal de

pistolas no porão?”. Não houve interessados e resolvi descer sozinho e fazer alguns disparos. O barulho medonho dos tiros subiu pelos dutos do ar-condicionado. Logo ouvi os visitantes se despedindo.

Mais tarde, quando o bebê estava dormindo, Lily convidou Ricey para patinar com ela no lago. Eu tinha comprado patins para todos, e Ricey ainda é jovem o bastante para se render a esse tipo de apelo. Quando saíram, aproveitei a oportunidade que Lily me dava, deixei de lado o violino e subi pé ante pé ao quarto de Ricey. Abri sem fazer barulho a porta do closet e vi o bebê dormindo sobre camisetas e meias numa das malas de Ricey, pois ela nem tinha terminado de desfazê-las. Era uma criança de cor, e me causou uma impressão solene. Os pequenos punhos estavam erguidos, ladeando a ampla cabeça. No meio do seu corpo havia uma fralda enorme feita com uma toalha felpuda. E eu ali, inclinado sobre ele, de roupão vermelho e botas de borracha, o rosto tão inflamado que minha cabeça coçava sob o boné de lã. Será que eu devia fechar a mala e levar a criança às autoridades? Enquanto observava o bebezinho, aquele filho do sofrimento, eu me sentia como Faraó diante da visão do pequeno Moisés. Então dei meia volta, saí e fui caminhar no bosque. No lago os patins retiniam sobre o gelo. Era um crepúsculo prematuro e eu pensei: “Bem, seja como for, que Deus abençoe vocês, crianças”.

Naquela noite, na cama, eu disse a Lily: “Bom, agora estou pronto para discutir a questão”.

Lily disse: “Oh, Gene, fico muito feliz”. Ela estava me dando uma nota alta por aquilo, e disse: “É ótimo que você esteja mais apto a aceitar a realidade”.

“O quê?”, disse eu. “Sei mais sobre a realidade do que você jamais saberá. Eu me dou muito bem com a realidade, nunca se esqueça disso.”

Depois de um momento comecei a gritar, e Ricey, ouvindo minha exaltação e talvez me vendo pela fresta da porta, ameaçador e de punho em riste, de pé sobre a cama só de cueca, certamente temeu pelo seu bebê. No dia 27 de dezembro ela fugiu com a criança. Eu não queria a polícia no caso e telefonei a Bonzini, um detetive particular que tinha feito uns serviços para mim, mas antes que ele

pudesse entrar em ação a diretora ligou do colégio interno de Ricey para dizer que ela tinha chegado lá e estava escondendo o bebê no dormitório. "Você vai lá", eu disse a Lily.

"Mas Gene, como é que eu posso ir?"

"Sei lá como é que você pode."

"Não posso deixar os gêmeos", disse ela.

"Suponho que isso atrapalhe o seu retrato, não é? Bem, estou a ponto de botar fogo na casa com todos os retratos que estão dentro dela."

"Não é isso", disse Lily, balbuciando e brilhando de tão branca. "Já me acostumei com a sua mania de entender errado. Eu costumava querer que me compreendessem, mas acho que uma pessoa precisa tentar viver sem ser compreendida. Talvez seja um pecado querer que compreendam a gente."

Então acabei indo eu e a diretora disse que Ricey teria que deixar a escola, já que tinha passado por um bom período de observação. Ela disse: "Temos que pensar no bem-estar psicológico das outras garotas".

"O que a senhora está dizendo? Essas meninas podem aprender sentimentos nobres com a minha Ricey", disse eu, "e isso é muito melhor do que psicologia". Eu estava bem bêbado aquele dia. "Ricey tem uma natureza impulsiva. É uma dessas garotas arrebatadas", disse eu. "Só porque ela não é de falar muito..."

"De onde surgiu a criança?"

"Ela contou a minha mulher que a encontrou em Danbury, num carro estacionado."

"Não é o que ela diz. Ela alega ser a mãe."

"Ora, fico surpreso com a senhora", disse eu. "A senhora deveria saber alguma coisa a esse respeito. Ela nem tinha seios até o ano passado. A garota é virgem. É cinquenta milhões de vezes mais pura que a senhora ou eu."

Tive que tirar a minha filha da escola.

Eu disse a ela: "Ricey, temos que devolver o menininho. Ainda não está na hora de você ter seu próprio nenê. A mãe dele o quer de volta. Ela mudou de ideia, querida". Hoje sinto que cometi uma violência contra minha filha ao separá-la daquele bebê. Depois que

ele foi levado pelas autoridades de Danbury, Ricey ficou muito apática. “Você sabe que não é a mãe do bebê, não sabe?”, perguntei. A garota não abriu a boca, não disse palavra.

Quando estávamos a caminho de Providence, Rhode Island, onde Ricey iria ficar com sua tia, irmã de Frances, eu disse: “Meu bem, o papai fez o que qualquer outro pai faria”. Mudez absoluta, e era inútil seguir tentando, porque a felicidade silenciosa do 21 de dezembro tinha desaparecido de seus olhos.

Então, ao voltar sozinho de Providence, fiquei suspirando comigo mesmo no trem, e no vagão de jogos peguei um baralho e joguei paciência. Uma porção de gente esperava para sentar, mas eu não desocupava a mesa. Estava bêbado, mas nenhum homem em sã consciência teria ousado mexer comigo. Eu falava alto e gemia e as cartas caíam toda hora no chão. Em Danbury o cobrador e outro sujeito tiveram que me ajudar a descer do trem e deitei num banco da estação, praguejando: “Há uma maldição nesta terra. Há uma coisa ruim em curso. Algo muito errado. Há uma maldição nesta terra!”.

O chefe da estação era meu velho conhecido; é um bom sujeito e evitou que os guardas me levassem preso. Telefonou para Lily dizendo que viesse me buscar, e ela chegou de caminhonete.

Mas quanto ao verdadeiro dia de lágrimas e loucura, ele chegou assim: É uma manhã de inverno e estou brigando com minha mulher na mesa do café da manhã a propósito de nossos inquilinos. Ela reformou uma construção na propriedade, uma das poucas que eu não tinha destinado aos porcos porque era velha e fora de mão. Eu disse a ela que fosse em frente, mas depois segurei a grana, e em vez de madeira foi usado material compensado para revestir as paredes, além de outras economias. Ela dotou o lugar de um novo banheiro e pintou as paredes por dentro e por fora. Mas não havia isolamento. Veio novembro e os inquilinos começaram a sentir frio. Bem, eram do tipo de gente que gosta de ler; não se mexiam o suficiente para aquecer os corpos. Depois de várias queixas disseram a Lily que queriam ir embora. “Ok, que saiam”, disse eu. Obviamente eu não reembolsaria o adiantamento, mas disse a eles que saíssem.

De modo que o prédio reformado ficou vazio, e o dinheiro gasto em revestimentos, no banheiro novo, na pia e em tudo mais foi perdido. Os inquilinos também tinham deixado para trás um gato. E eu estava furioso e vociferava no café da manhã, socando o tampo da mesa até derrubar a cafeteira.

Então, de repente, Lily, muito assustada, fez uma pausa longa e apurou os ouvidos e eu também fiquei escutando junto com ela. Ela disse: “Você viu a srta. Lenox nos últimos quinze minutos? Ela ficou de trazer os ovos”.

A srta. Lenox era a velha que morava do outro lado da estrada e vinha preparar nosso café da manhã. Uma solteirona miúda e esquisita, que usava um gorro de lã com pompom e tinha as faces vermelhas e apalermadas. Vivia fuçando pelos cantos como um camundongo e levava para casa garrafas vazias, caixas de papelão e outros refugos.

Desci até a cozinha e vi aquela velha criatura estendida morta no chão. Durante meu acesso de ira, o coração dela tinha parado. Os ovos ainda estavam cozinhando; batiam contra a parede da panela como fazem os ovos quando a água está fervendo. Fechei o gás. Morta! Seu rosto pequeno, sem dentes, que eu toquei com os nós dos dedos, estava ficando frio. A alma, como uma corrente de ar, como um vento, como uma bolha, saiu pela janela. Encarei-a. Então é isso, o fim — o adeus? E todo aquele tempo, aqueles dias e semanas, o jardim invernal vinha me falando sobre esse fato e nenhum outro; e até aquele momento eu não tinha compreendido o que todo aquele branco e marrom, aquelas cascas de árvore, aquela neve, aqueles gravetos, estavam me dizendo. Não contei nada a Lily. Sem saber que outra coisa fazer, escrevi um aviso de NÃO PERTURBE e o preendi na saia da velha senhora, saí para o jardim congelado e atravessei a estrada até a cabana dela.

No seu quintal havia uma velha catalpa com o tronco e os galhos inferiores pintados de azul-claro. Ela pendurara na árvore espelinhos e velhas luzes de bicicletas que brilhavam na escuridão e no verão ela gostava de trepar na catalpa e sentar lá com seus gatos, bebendo uma lata de cerveja. E agora um daqueles gatos olhava para mim, do alto da árvore, e ao passar por baixo dele

refutei qualquer culpa que o olhar da criatura pudesse estar tentando me imputar. Tinha culpa, eu, só porque minha voz era trovejante e a minha raiva era tão grande?

Na cabana tive que saltar por cima das caixas, carrinhos de bebê e engradados que ela juntava em todos os cômodos. Os carrinhos eram do século passado, de modo que o meu devia estar lá também, pois ela coletava seus trastes em toda a região. Garrafas, lâmpadas, velhas manteigueiras e lustres se espalhavam pelo chão, sacos de compras cheios de barbantes e trapos, e abridores que as leiterias costumavam fornecer para abrir as tampas das garrafas de leite; e cestos cheios de botões e maçanetas de porcelana. E, nas paredes, calendários e flâmulas e fotos antigas.

E pensei: "Oh, desonra, desonra! Oh, desonra gritante! Como é que podemos? Como nos permitimos? O que estamos fazendo? O último cômodo de imundície está esperando. Sem janelas. Então, pelo amor de Deus, mexa-se, Henderson, faça um esforço. Você também vai morrer dessa pestilência. A morte aniquilará você e nada ficará, não vai restar nada senão sucata. Porque nada terá sido e portanto nada restará. Ao passo que alguma coisa ainda é — *agora!* Para o bem de todos, saia dessa".

Lily chorou pela pobre velha.

"Por que você deixou aquele bilhete?", perguntou.

"Para que ninguém mexesse nela até o legista chegar", respondi. "É o que diz a lei. Eu mesmo mal a toquei." Ofereci então um drinque a Lily, que recusou, enchi o copo de bourbon e tomei tudo. O único efeito foi uma gastura. O uísque não podia cobrir o fato terrível. A velha senhora tinha sucumbido à minha violência assim como as pessoas desmoronam durante ondas de calor ou quando sobem as escadas do metrô. Lily tinha consciência disso e começou a murmurar alguma coisa a respeito. Estava muito pensativa e ficou em silêncio, e sua pele branca começou a escurecer perto dos olhos.

O agente funerário da nossa cidadezinha comprou a casa onde eu costumava ter aulas de dança. Quarenta anos atrás eu costumava ir lá com meus sapatos de verniz. Quando o carro funerário subiu de ré a entrada para carros, eu disse: "Sabe, Lily, aquela viagem que Charlie Albert vai fazer para a África? Ele parte em duas semanas, e

acho que vou junto com ele e sua esposa. Vamos deixar o Buick no depósito. Você não vai precisar de dois carros”.

Uma vez na vida ela não se opôs a uma ideia minha. “Talvez seja bom você ir”, disse ela.

“Tenho que fazer alguma coisa.”

Então a srta. Lenox foi para o cemitério e eu fui para Idlewild e embarquei num avião.

5.

Acho que eu não tinha dado nem dois passos mundo adentro, na meninice, quando apareceu Charlie, uma pessoa parecida comigo em muitos aspectos. Em 1915 frequentamos juntos a escola de dança (na casa em cujo terreno a srta. Lenox foi enterrada), e esse tipo de ligação perdura. Na idade, ele é apenas um ano mais novo que eu; no dinheiro, se dá um pouco melhor, pois quando sua velha mãe morrer ele herdará outra fortuna. Foi com Charlie que parti para a África, na esperança de encontrar remédio para a minha situação. Acho que foi um erro ter ido com ele, mas eu não tinha noção de como ir direto para a África sozinho. É preciso ter um trabalho específico a fazer. A desculpa era que Charlie e sua mulher estavam indo filmar os africanos e os animais, pois durante a guerra Charlie foi cinegrafista no exército de Patton — ele tinha tanta dificuldade quanto eu de ficar em casa — e desse modo aprendeu o ofício. A fotografia não é uma das minhas áreas de interesse.

Seja como for, no ano passado pedi a Charlie que viesse fotografar alguns dos meus porcos. Ele ficou encantado com essa possibilidade de mostrar o quanto era bom em seu trabalho e fez alguns estudos de primeira linha. Quando voltamos do estábulo ele contou que estava noivo. Então eu lhe perguntei: “Bem, Charlie, acho que você sabe um bocado sobre putas, mas o que sabe sobre garotas? Sabe alguma coisa?”.

“Oh”, respondeu, “é verdade que não sei muito, mas o que sei é que ela é única.”

“Sim, eu sei tudo sobre essa história de ‘única’”, disse eu. (Da boca de Lily eu tinha ouvido tudo a respeito, mas agora ela nunca estava em casa.)

De todo modo descemos para o estúdio para tomar um drinque em comemoração ao seu noivado, e ele me convidou para padrinho. Ele quase não tinha amigos. Bebemos, fizemos piadas e

rememoramos as aulas de dança, provocando um no outro lágrimas de nostalgia. Foi quando estávamos ambos derretidos que ele me convidou para ir à África, onde o casal faria sua lua de mel.

Fui ao casamento e servi de padrinho. No entanto, pelo fato de eu ter esquecido de beijar a noiva depois da cerimônia, originou-se uma frieza da parte dela e com o tempo ela se tornou minha inimiga. A expedição que Charlie organizou tinha todos os equipamentos mais novos e era moderna em todos os aspectos. Tínhamos um gerador portátil, um chuveiro e água quente, e desde o início eu fui crítico com relação a isso. Disse: "Charlie, não foi assim que lutamos a guerra. Que diabo, somos um par de velhos soldados. O que é isso?". Me machucava viajar à África daquele jeito.

Mas eu tinha ido àquele continente para ficar. Ao comprar minha passagem em Nova York enfrentei uma silenciosa luta interior no escritório da companhia aérea (perto de Battery Park), sem saber se comprava ou não um bilhete de ida e volta. Como prova de que estava levando a coisa a sério, decidi comprar só de ida. Então voamos de Idlewild para o Cairo. Fui de ônibus visitar a esfinge e as pirâmides, depois voamos de novo para o interior. A África mexeu de imediato com meus sentimentos, ainda nas alturas, de onde ela parecia o berço ancestral da humanidade. E a uma altura de cinco quilômetros, sentado acima das nuvens, eu me senti como uma semente transportada pelo ar. Das fendas da terra os rios serpavam sob o sol. Brilhavam como ferro brotado de uma fundição e em seguida ganhavam uma crosta e ficavam encobertos. Quanto ao reino vegetal, ele mal existia visto dos ares; parecia não ter mais do que uma polegada de altura. E eu sonhava com as nuvens abaixo de mim e lembrava de quando eu era criança e sonhava com as nuvens acima de mim, e tendo sonhado com as nuvens por cima e por baixo, como nenhuma outra geração de homens tinha feito antes, o sujeito deveria estar apto para aceitar a morte com facilidade. No entanto, aterrissamos com segurança todas as vezes. De todo modo, já que eu tinha partido para aquele lugar sob as circunstâncias descritas, era natural saudá-lo com certa emoção. Sim, eu trouxera uma carga considerável comigo e ficava pensando: "Vida generosa! Oh, como a vida é generosa". Sentia que podia ter uma chance ali.

Para começar, o calor era exatamente como eu ansiava, muito mais intenso do que no Golfo do México, e as próprias cores me faziam um bem sem tamanho. Eu não sentia a pressão no peito, nem ouvia a tal voz interior. Àquela altura ela tinha silenciado. Charlie, sua mulher e eu, junto com nativos e bugigangas e equipamentos, acampávamos perto de um lago ou outro. A água ali era muito mansa, com juncos e raízes apodrecidas, e havia caranguejos na areia. Os crocodilos deslizavam entre os lírios, e quando abriam suas bocarras eu me dava conta de como uma criatura úmida pode ser quente por dentro. Os pássaros invadiam suas mandíbulas e limpavam seus dentes. No entanto, as pessoas naquela região eram muito tristes, nada animadas. Nas árvores brotavam flores que pareciam plumas e os papiros na água começaram a me fazer pensar em plumas funerárias, e depois de umas três semanas de cooperação com Charlie, ajudando-o com o equipamento e tentando me interessar por seus problemas fotográficos, minha insatisfação retornou e uma tarde ouvi a velha e familiar voz interior. Ela começava a dizer: *Eu quero, eu quero, eu quero!*

Eu disse a Charlie: "Não quero que você fique magoado, mas acho que não está dando certo, nós três juntos na África".

Impassível, ele me olhou através dos óculos escuros. Estávamos à beira d'água. Aquele era o garoto que eu conhecia das aulas de dança? Como o tempo nos tinha modificado! Mas estávamos então, como antigamente, de calças curtas. Ele tinha ficado com o tórax amplo. E como sou bem mais alto, ele me olhava de baixo para cima, mas estava enraivecido, não intimidado. A carne em torno da sua boca ficou muito granulosa enquanto ele refletia, até que falou: "Não? Por que não?".

"Bem", disse eu, "aproveitei esta oportunidade para chegar aqui, Charlie, e sou muito grato porque sempre fui uma espécie de entusiasta da África, mas agora me dou conta de que não vim aqui para fotografá-la. Venda-me um dos jipes e eu caio fora."

"Para onde você pretende ir?"

"Tudo o que eu sei é que este não é o lugar para mim", respondi.

"Bem, se é o que você quer, dê o fora. Não vou impedi-lo, Gene."

Tudo porque esqueci de beijar sua mulher depois da cerimônia e ela não foi capaz de me perdoar. Por que ela iria querer um beijo meu? Algumas pessoas nunca estão satisfeitas. Não sei dizer por que não a beijei; estava pensando em outra pessoa, suponho. Mas acho que ela concluiu que eu estava com ciúme de Charlie, e de todo modo eu estava estragando sua lua de mel africana.

“Então, sem ressentimento, hein, Charlie? É que não está me fazendo bem viajar desse jeito.”

“Tudo bem. Não vou tentar te segurar. Se manda e pronto.”

E foi o que eu fiz. Organizei uma expedição separada que convinha mais ao meu temperamento de soldado. Contratei dois dos nativos de Charlie e assim que o jipe deu a partida eu já me senti melhor. E depois de alguns dias, ansioso por simplificar cada vez mais, dispensei um dos homens e tive uma longa conversa com o africano remanescente, Romilayu. Chegamos a um entendimento. Ele disse que, se eu quisesse conhecer alguns lugares fora do caminho batido, ele poderia me guiar até eles.

“É isso”, disse eu. “Agora você captou a ideia. Não vim aqui para ficar brigando com uma dona por causa de um beijo.”

“Eu leva senhor longe longe”, disse ele.

“Oh, homem. Quanto mais longe melhor. Ora, ora, vamos nessa”, falei. Tinha encontrado o sujeito que eu queria, o homem certo. Nos livramos de mais um pouco de bagagem e, sabendo o quanto ele era apegado ao jipe, eu disse que o daria para ele se me levasse longe o bastante. Respondeu que o lugar aonde ia me levar era tão remoto que só chegaríamos lá a pé. “Então”, disse eu, “vamos caminhar. A gente deixa o jipe numa garagem e ele é seu quando voltarmos.” Isso o satisfez enormemente e quando chegamos a uma cidadezinha chamada Talusi deixamos o carro abrigado numa cabana de sapê. Dali tomamos um avião até Baventai, um velho Bellanca com as asas quase caindo, e o piloto era um árabe que pilotava descalço. Foi um voo excepcional e terminou num campo de terra batida além das montanhas. Vaqueiros negros bem altos vieram até nós com suas carapinhas engorduradas e seus grossos lábios. Eu nunca tinha visto homens de aspecto tão selvagem e disse a

Romilayu, meu guia: “Não é este o lugar para onde você prometeu me trazer, é?”.

“Oh, não siô”, disse ele.

Tínhamos mais uma semana de viagem pela frente, caminhando, caminhando.

Geograficamente falando eu não tinha a mais remota ideia de onde estávamos, e não me importava muito com isso. Não cabia a mim perguntar, já que meu objetivo ao vir para cá era deixar certas coisas para trás. Fosse como fosse, tinha uma grande confiança em Romilayu, o velho companheiro. Assim, durante dias e dias ele me conduziu através de aldeias, trilhas nas montanhas e desertos, para longe, longe de tudo. Ele próprio não teria condições de me dizer muita coisa sobre nosso itinerário em seu inglês limitado. Dizia apenas que iríamos ver uma tribo que ele chamava de Arnewi.

“Você conhece essa gente?”, perguntei.

Muito tempo atrás, antes de se tornar plenamente adulto, Romilayu tinha visitado os Arnewi junto com o pai ou o tio — ele me contou muitas vezes, mas não consegui compreender se era um ou outro.

“Ou seja, você quer voltar aos cenários da sua juventude”, disse eu. “Captei o quadro.”

Estava me deleitando ali no deserto em meio às pedras, e me congratulava o tempo todo por ter deixado Charlie e sua mulher e por ter ficado com o nativo certo. Ter encontrado um homem como Romilayu, que intuía o que eu estava procurando, era um grande lance de sorte. Ele beirava os quarenta, segundo me contou, mas parecia muito mais velho por conta de rugas prematuras. Sua pele não se ajustava direito ao corpo. Isso acontece a muitos negros de certas linhagens e dizem que tem alguma coisa a ver com a distribuição de gordura pelo corpo. Ele tinha uma moita de cabelo empoeirado que tentava às vezes, mas em vão, achatar. Era impossível de pentear e se espalhava para os lados da cabeça como os galhos de um pinheiro anão. Velhas cicatrizes tribais riscavam as maçãs do seu rosto, e suas orelhas tinham sido mutiladas para parecer cristas, de modo que suas pontas espetavam seu cabelo. O nariz era bonito e abissínio, não achatado. As cicatrizes e mutilações

mostravam que ele tinha nascido pagão, mas em algum ponto da jornada se convertera, e agora fazia suas orações todas as noites. De joelhos, entrelaçava as mãos sob o queixo, que se encolhia, e com os lábios projetados para a frente e os músculos curtos mas poderosos saltando sob a pele dos braços, ele rezava. Ia buscar sons profundos no peito, como murmúrios da alma cheios de fé. Isso acontecia sempre que parávamos para acampar na hora do crepúsculo, quando as andorinhas voavam de um lado para o outro. Então eu sentava no chão e o encorajava; dizia: “Vá em frente. Conte para eles. E diga uma palavra por mim também”.

Livre-me de todas as coisas e entramos numa região que era como um chão cercado de montanhas. Estava quente, claro, árido, e depois de vários dias já não víamos pegadas humanas. Tampouco havia muitas plantas; na verdade, ali não havia coisa alguma em quantidade: era tudo simplificado e esplêndido, e eu sentia que estava ingressando no passado — no verdadeiro passado, não na história ou alguma porcaria do tipo. O passado pré-humano. E acreditava que havia algo entre mim e as pedras. As montanhas estavam nuas, e frequentemente tinham forma de serpentes, sem árvores, e dava pra ver as nuvens nascendo nas encostas. Daquela rocha subia vapor, mas não era como o vapor comum, ele projetava uma sombra brilhante. De todo modo, eu estava numa ótima forma naqueles primeiros longos dias, por mais quentes que eles fossem. À noite, depois que Romilayu rezava e nos deitávamos no chão, a densidade do ar nos devolvia a respiração, alento por alento. E havia as estrelas calmas, girando e cantando, e as aves da noite com seus corpos pesados, abanando as asas como leques. Eu não poderia ter desejado coisa melhor. Quando pousava meu ouvido no chão tinha a impressão de ouvir cascos. Era como deitar sobre a pele de um tambor. Eram asnos selvagens, talvez, ou zebras correndo em manadas. E era assim que Romilayu viajava, e perdi a conta dos dias. Do mesmo modo que, provavelmente, o mundo estava contente em perder meu rastro por um tempo.

A estação das chuvas tinha sido muito curta; os córregos estavam todos secos e os arbustos pegariam fogo se você encostasse um fósforo neles. À noite eu acendia o fogo com meu isqueiro, que era

de um tipo muito usado na Áustria, com um pavio longo. Comprando uma dúzia eles saíam por uns catorze centavos cada; maior pechincha impossível. Bem, estávamos agora num platô que Romilayu chamava de Hinchagara — aquele território nunca foi bem mapeado. À medida que marchávamos por aquele platô quente e (a mim parecia) levemente côncavo, uma espécie de névoa de calor cor de azeitona, como uma fumaça, formava-se sob as árvores, que eram baixas e quebradiças, como aloés ou zimbros (mas não sou nenhum botânico), e Romilayu, que vinha atrás de mim atravessando a estranheza de sua sombra, me fazia pensar numa longa pá de padeiro lançando-se para dentro do forno. O lugar com certeza tinha a temperatura de um forno de padaria.

Finalmente, uma manhã nos vimos no leito de um rio de grandes proporções, o Arnewi, e caminhamos rio abaixo, pois estava seco. A lama tinha virado terra, e os seixos pareciam bolotas de ouro no resplendor empoeirado. Então avistamos a aldeia arnewi e vimos os telhados circulares que terminavam em ponta. Eu sabia que eram de sapê e deviam ser frágeis, porosos e leves; pareciam plumas, mas pesadas — plumas pesadas. Também um brilho inanimado emanava do sapê ancestral. “Romilayu”, disse eu, detendo-o, “isto não é um quadro? Onde estamos? Qual a idade deste lugar, afinal?”

Surpreso com a minha pergunta, ele disse: “Sei não, siô”.

“Ele me dá uma sensação estranha. Diacho, parece o lugar primordial. Deve ser mais velho que a cidade de Ur.” Até a poeira tinha um sabor de idade antiga, eu achava, e disse: “Tenho o palpite de que este local vai ser muito bom para mim”.

Os Arnewi eram criadores de gado. Assustamos alguns dos magros animais que estavam nos barrancos e saíram aos pinotes e galopes, e logo nos vimos em meio a um bando de crianças africanas, meninos e meninas nus, gritando de excitação por nos ver. Mesmo os menorzinhos deles, com suas grandes barrigas, franziam o rosto e berravam com os outros, por cima dos mugidos do rebanho, e bandos de pássaros que estavam nas árvores levantaram voo por entre as folhas secas. Antes que eu os visse, aquilo soou como pedras arremessadas contra nós e achei que estávamos sendo atacados. Sob a impressão equivocada de que éramos apedrejados,

comecei a rir e a praguejar. Pensar que estavam me atirando pedras me divertia, e eu disse: “Meu Deus, é assim que eles recebem os viajantes?”. Mas então vi a revoada dos pássaros ganhando os céus.

Romilayu me explicou que os Arnewi eram muito sensíveis às condições do seu rebanho, que eles encaravam como seus parentes, mais ou menos, e não como animais domésticos. Não se comia carne de vaca ali. E em vez de um menino ser destacado para cuidar do rebanho, cada vaca tinha dois ou três acompanhantes mirins; e quando os animais estavam aborrecidos, as crianças corriam para confortá-los. Os adultos eram apegados a seus bichos de modo ainda mais peculiar, o que demorou um pouco para eu compreender. Mas lembro que na época lamentei não ter trazido guloseimas para as crianças. Quando lutei na Itália, eu sempre levava barras de chocolate Hershey e amendoins do armazém do exército para os *bambini*. Então agora, descendo pelo leito do rio e chegando ao muro da cidade, que era feito de espinheiros com um pouco de esterco, reforçado com lama, vimos alguns meninos à nossa espera, o restante deles tendo ido espalhar a notícia da nossa chegada. “Eles não são uma coisa?”, eu disse a Romilayu. “Deus do céu, olhe só as barriguinhas deles, e essas carapinhas alisadas. A maioria ainda tem dentes de leite.” Eles saltitavam de um lado para o outro, gritando, e eu disse: “Eu queria muito ter um doce para dar a eles, mas não trouxe nada. Como acha que eles reagiriam se eu pusesse fogo num arbusto com este isqueiro?”. E sem esperar pela resposta de Romilayu peguei o isqueiro austríaco de pavio mole, girei a rosquinha com o polegar e imediatamente um arbusto ficou em chamas, quase invisíveis sob a forte luz do sol. O fogo estrepitou; fez um espetáculo brilhante; expandiu-se até o seu limite e extinguiu-se na areia. Fiquei segurando o isqueiro com o pavio saindo do meu punho fechado como um delgado bigode branco. Os meninos permaneceram unanimemente calados, só olhavam, e eu olhava para eles. Será isso o que chamam de sonho sombrio da realidade? Então subitamente todos debandaram de novo, e as vacas galoparam. Os tições do arbusto tinham caído em torno das minhas botas.

“Como você acha que eles receberam a coisa?”, perguntei a Romilayu. “Minha intenção era boa.” Mas antes que pudéssemos discutir o assunto fomos abordados por um bando de gente nua. À frente do grupo estava uma mulher jovem, uma moça não muito mais velha, acho, que a minha filha Ricey. Tão logo me viu, caiu num choro ruidoso.

Eu nunca poderia imaginar que aquilo fosse me abalar como me abalou. Não seria realista sair para o mundo sem estar preparado para testes, provações e sofrimento, mas a visão daquela moça me atingiu com muita força. Claro que as lágrimas das mulheres sempre me afetaram profundamente, e não muito tempo antes, quando Lily começara a chorar em nossa suíte de hotel no Golfo, eu tinha feito minha pior ameaça. Mas, sendo aquela moça uma estranha, não é tão fácil explicar por que seu pranto desencadeou uma emoção tão terrível em mim. O que pensei na hora foi: “Que foi que eu fiz?”.

“Devo voltar para o deserto”, pensei, “e ficar lá até que o demônio tenha se afastado de mim e eu esteja em condições de encontrar de novo o gênero humano sem o levar ao desespero ao primeiro contato? Ainda não tive minha quota do deserto. Se eu jogar de lado minha arma, meu capacete, o isqueiro e a tralha toda, talvez possa me livrar também da minha ferocidade e viver lá à base de minhocas. Ou de gafanhotos. Até que todo o mal dentro de mim tenha sido extinto. Oh, o mal! Oh, a iniquidade, a iniquidade! O que posso fazer quanto a isso? O que posso fazer com relação a todo o estrago? Meu temperamento! Que Deus me ajude, fiz tudo errado, e não há como fugir das consequências. Basta olhar para mim para ver claramente a história toda.”

Vejam, eu tinha começado a me convencer de que aqueles poucos dias de despreocupação, percorrendo o platô Hinchagara com Romilayu, já tinham operado em mim uma grande mudança. Mas ao que parecia eu não estava ainda preparado para a sociedade. A sociedade é que me derruba. Sozinho eu posso ser bastante bom, mas se me deixarem no meio das pessoas o diabo toma as rédeas. Confrontado com a moça aos prantos eu estava àquela altura pronto para começar a ralhar comigo mesmo, pensando em Lily e nas crianças e em meu pai, no violino, no enjeitado e em todos os

desgostos da minha vida. Eu sentia meu nariz inchar, ficando muito vermelho.

Atrás da moça em lágrimas outros nativos choravam junto, baixinho. Perguntei a Romilayu: “Qual é o drama?”.

“Vergonha ela”, disse Romilayu, muito solene, com a moita dos cabelos em pé.

Assim, aquela moça resoluta, de aspecto virginal, seguia chorando — simplesmente chorando — sem gestos; seus braços pendiam mansamente dos lados do corpo e tudo o que era dela (fisicamente falando) era exibido ao mundo. As lágrimas rolavam por seus largos maxilares e caíam sobre os seios.

Perguntei: “O que está consumindo essa menina? Que história é essa de vergonha? Isto é muito ruim, se você quer saber, Romilayu. Acho que topamos com uma situação péssima e não estou gostando do aspecto dela. Por que não contornamos essa aldeia e voltamos para o deserto? Senti que a vista era bem melhor lá fora”.

Ao que parece Romilayu percebeu que eu estava aturdido por aquela delegação em lágrimas e disse: “Não, não siô. Não culpa sua”.

“Talvez um equívoco aquilo com o arbusto?”

“Não, não, siô. Siô não fez ela chorar.”

Diante disso, bati a mão espalmada na minha testa e disse: “Ora, claro! *Só eu mesmo*”. (Querendo dizer: “*Só eu mesmo* para pensar primeiro em mim”.) “A pobre alma está em apuros? Há algo que eu possa fazer por ela? Ela veio a mim em busca de ajuda. Sinto isso. Quem sabe um leão comeu sua família? Há canibais por estas bandas? Pergunte a ela, Romilayu. Diga que vim para ajudar, e que se houver assassinos nas redondezas eu os liquidarei à bala.” Apanhei meu Magnum H e H com mira telescópica e mostrei à multidão. Com enorme alívio eu me dava conta de que o choro não se devia a nenhum deslize meu, e de que alguma coisa podia ser feita, eu não precisava ficar de braços cruzados suportando a visão daquelas lágrimas jorrando. “Vocês todos! Deixem comigo”, disse eu. “Vejam! Vejam!” E comecei a passar a eles as lições do manual militar, dizendo: “Hut, hut, hut”, como os instrutores de manobras sempre faziam.

Todo mundo, porém, continuou chorando. Só as crianças pequenas, com suas caras de abóbora de Halloween, pareciam contentes com o meu espetáculo. Os restantes não tinham terminado seu luto e cobriam os rostos com as mãos enquanto seus corpos nus se sacudiam.

“Bem, Romilayu”, disse eu, “não estou entendendo nada, mas a nossa presença está sendo dura para eles, isso é certeza.”

“Eles chora vaca morta”, disse ele. E explicou a coisa com muita clareza: estavam de luto pelo gado morto durante a seca e colocavam a culpa pela seca em si próprios — os deuses foram ofendidos, ou algo do gênero; uma maldição foi mencionada. De todo modo, como éramos estranhos, eles se sentiam obrigados a vir confessar tudo a nós e a perguntar se sabíamos a razão das suas agruras.

“Como é que eu posso saber — exceto pela seca? Uma seca é uma seca”, disse eu, “mas meu coração está com eles, porque sei o que é perder um animal amado.” E comecei a dizer, quase gritando: “Ok, ok, ok. Tudo bem, senhoras — tudo bem, rapazes, parem com isso. Agora chega, por favor. Já entendi”. E isso de fato produziu algum efeito sobre eles, pois suponho que perceberam pelo tom da minha voz que eu sentia uma certa dose de aflição também, e então falei a Romilayu: “Pergunte o que querem que eu faça. Pretendo fazer alguma coisa, e estou falando sério”.

“O que o siô faz?”

“Não importa. Deve haver algo que só eu posso fazer. Quero que você comece a perguntar.”

Então ele falou com eles, e o gado corcunda, de couro macio, seguiu grunhindo com voz branda e baixa (as vacas africanas não mugem como as nossas). Mas o choro foi diminuindo. E agora eu começava a notar que a coloração daquelas pessoas era muito original e que o moreno era mais acentuado em torno dos olhos, enquanto as palmas das mãos eram da cor de granito recém-lavado. Como se, digamos, eles tivessem brincado de agarrar a luz e um pouco dela tivesse ficado grudada. Essas peculiaridades de cor eram completamente novas para mim. Romilayu tinha saído de lado para conversar com alguém e me deixara no meio dos nativos, cujos

soluços tinham cessado quase por completo. Foi aí que tive o sentimento mais profundo das minhas discrepâncias físicas. Meu rosto é como alguma espécie de terminal; é como a Grand Central Station, quero dizer — o grande nariz de cavalo e a boca larga que se abre até as narinas, e olhos que parecem túneis. Fiquei ali parado esperando, cercado por aquela humanidade negra na poeira aromática, com aquele brilho inanimado emanando do sapê das cabanas próximas.

Então o homem com quem Romilayu tinha conversado veio a mim e falou comigo em inglês, o que me espantou, pois eu nunca imaginaria que pessoas que falam inglês fossem capazes de se deixar levar por tamanha emoção. No entanto, ele não era um dos que tinham se deixado levar. Só pelo seu tamanho eu percebi que devia ser uma pessoa importante, pois tinha uma constituição robusta e era uma ou duas polegadas mais alto que eu. Mas não era pesado como eu, era musculoso; tampouco estava nu como os outros, mas vestia uma peça de pano branco amarrada nas coxas e não propriamente nos quadris, e em torno do seu ventre havia um grande lenço de seda verde, e ele vestia ainda uma blusinha como de marinheiro, curta e folgada, que deixava seus braços muito livres, o que, musculosos como eram, eles necessitavam. De início ele estava com uma expressão pesada e pensei que talvez estivesse querendo encrenca, me medindo de cima abaixo como se eu fosse uma espécie de cogumelo humano, imponente em tamanho mas não difícil de ser derrubado. Eu estava muito incomodado, mas o que me incomodava não era sua expressão, que logo melhorou; era, entre outras coisas, o fato de ele falar comigo em inglês. Não sei por que fiquei tão surpreso — desapontado é a palavra. É a grande língua imperial de hoje, tomando o lugar que já foi do grego e do latim e assim por diante. Os romanos não se surpreendiam, acho, quando algum persa ou númida se punha a falar com eles em latim; eles provavelmente achavam a coisa mais natural. Mas quando aquele camarada, com o físico de um campeão, vestido com seu pano branco, seu lenço e sua blusinha, dirigiu-se a mim em inglês, eu me senti ao mesmo tempo chocado e entristecido. Preparando-se para falar, posicionou seus lábios pálidos e levemente sardentos,

movendo-os para a frente, e disse: “Meu nome é Itelo. Estou aqui para me apresentar. Bem-vindo. E como vai o senhor?”.

“O quê? O quê?”, disse eu, com a mão em volta da orelha.

“Itelo.” Fez uma reverência.

Mais que depressa, também eu me curvei numa reverência, com minhas calças curtas e meu capacete branco de cortiça, meu rosto afogueado e meu narigão. Meu rosto pode ser como o badalo de um sino, e por ser ruim do ouvido direito, tenho um jeito particular de oferecer o esquerdo, ouvindo de perfil e fixando os olhos em algum objeto para ajudar a concentração. Foi o que eu fiz. Esperei que ele falasse mais alguma coisa, transpirando violentamente, pois estava estarrecido. Eu não podia acreditar; estava tão certo de que tinha saído do mundo. E quem pode me censurar, depois daquela jornada pelo solo montanhoso em que não havia pegadas humanas, as estrelas fulgurando como laranjas, aqueles zilhões de toneladas de gás explosivo parecendo tão brandos e frescos na escuridão do céu; e, no conjunto, aquele frescor, vocês sabem, que é como o frescor outonal quando a gente sai de casa de manhã e descobre que as flores resistiram à geada com uma vida lancinante. Quando vivenciei isso no deserto, noite e dia, sentindo tudo tão simplificado, tive a certeza de que tinha me livrado do mundo, pois, como é de conhecimento geral, o mundo é complexo. E além do mais a antiguidade do lugar me impressionou tanto, eu estava certo de que penetrara num lugar novo. E a delegação chorosa; mas ali estava alguém que obviamente tinha circulado por outras partes, já que falava inglês, e eu tinha ficado me gabando em voz alta: “Mostrem-me seus inimigos e eu os mato. Onde está o devorador de gente, levem-me a ele”. E incendiara arbustos, encenara instruções militares, agira como um perfeito palhaço. Agora me sentia ridículo ao extremo, e lancei a Romilayu um olhar sombrio, raivoso, como se fosse culpa dele não ter me informado adequadamente.

Mas aquele nativo, Itelo, não tinha a intenção de me importunar por conta do meu comportamento na chegada. Parece que isso nem sequer lhe passou pela cabeça. Tomou minha mão e a pousou aberta sobre seu peito dizendo: “Itelo”.

Fiz o mesmo, dizendo: "Henderson". Não queria dar muita importância àquilo, vejam bem, mas não sou bom em reprimir meus sentimentos. Batalhões deles, sobretudo dos piores, desaguam no mundo pelas galerias do meu rosto. Não sou capaz de contê-los. "Como vai?", perguntei. "E me diga uma coisa: o que está acontecendo aqui — todo mundo chorando como se quisesse bater um recorde? Meu homem aqui diz que é por causa das vacas. Não é um bom momento para uma visita, hein? Quem sabe é melhor eu ir embora e voltar outra hora?"

"Não, fique à vontade", disse Itelo, e me deu as boas-vindas. Mas tinha percebido que eu estava desapontado e que minha menção de partir não era cem por cento por cortesia e generosidade, então disse: "Pensou que era o primeiro a pisar aqui? Uma coisa nova? Sinto muito. Já fomos descobertos".

"Se eu esperava mesmo isso", respondi, "então a droga da culpa é toda minha. Sei que o mundo todo já foi coberto. Diabos, eu devia estar maluco. Não sou um explorador, e de todo modo não foi para isso que vim." Então, trazendo de volta à mente o que tinha me levado até ali, comecei a olhar mais detidamente para aquele sujeito para ver o que ele poderia talvez saber sobre os fatos maiores ou mais profundos da vida. E a primeira coisa que notei foi que sua expressão fechada era enganadora e que ele era basicamente um sujeito bem-humorado. Só que era muito digno. Duas grandes curvas começavam acima das suas narinas e desciam pelos lados da boca, dando-lhe o aspecto que eu interpretei mal. Sua postura era de recuo, o que enfatizava a grande força de suas pernas e joelhos, e nos cantos de seus olhos, que tinham o mesmo contorno de escuridão que os dos outros da tribo, havia um brilho que me fez pensar numa folha de ouro.

"Bem", disse eu, "vejo que de todo modo você andou pelo mundo. Ou o inglês é a segunda língua de todos por aqui?"

"Oh, não, senhor", respondeu, "apenas eu." Talvez por causa da largura do seu nariz, seu timbre era ligeiramente nasal. "Escola Malindi. Eu frequentei, e também os meus falecidos irmãos. Muitos jovens eram mandados de todo lugar para a escola Malindi. Depois disso, escola Beirute. Viajei tudo isso. Então só eu falo. E num raio

de quilômetros e quilômetros ninguém mais, apenas o rei wariri, Dahfu.”

Eu tinha esquecido completamente de averiguar, então perguntei: “Oh, desculpe, mas por acaso você também é da realeza?”

“A rainha é minha tia”, disse ele. “Willatale. E o senhor vai ficar com minha outra tia, Mtalba. Senhor, ela lhe empresta sua casa.”

“Oh, que ótimo”, disse eu. “Que hospitalidade. Então, você é um príncipe?”

“Ah, sim.”

Assim era melhor. Devido ao seu tamanho e aparência eu tinha achado desde o início que ele era alguém de destaque. Então, para me consolar, ele disse que eu era o primeiro visitante branco em mais de trinta anos, até onde sabia. “Bem, Alteza”, disse eu, “vocês fazem bem em não atrair muitos forasteiros. Acho que tem uma coisa boa aqui. Não sei o que acontece com o lugar, mas visitei algumas das mais antigas ruínas da Europa e elas não parecem ter nem metade da antiguidade da sua aldeia. Se está temendo que eu vá sair por aí divulgando sua localização, ou que queira tirar fotos, pode esquecer. Não é nem um pouco o meu estilo.” Diante disso ele agradeceu, mas disse que não havia ali muita coisa de valor que pudesse atrair os viajantes. E ainda não estou convencido de não ter atravessado os limites da geografia. Não que eu me importe muito com a geografia; é uma daquelas ideias metidas segundo as quais, se você coloca um lugar no mapa, não há nada mais a dizer sobre ele.

“Sr. Henderson. Por favor, venha e entre na cidade”, disse ele.

E eu disse: “Suponho que queira me apresentar todo mundo”.

Fazia um tempo esplêndido, ainda que seco demais. Tudo resplandecia e a própria areia do lugar era aromática e estimulante. Um grupo de mulheres nos esperava, esposas de Itelo, nuas e com a cor escura profundamente marcada em torno dos olhos, como que por um efeito peculiar do sol. A pele mais clara de suas mãos me fazia pensar a toda hora em rochas cor-de-rosa. Fazia com que tanto as mãos como os dedos parecessem maiores do que o normal. Mais tarde vi algumas daquelas mulheres mais jovens passarem horas em pé com um barbante, brincando de cama de gato, e cada dupla de

jogadoras geralmente tinha vários espectadores, que gritavam “Uhu!” quando uma delas executava uma figura complexa. As mulheres da plateia juntavam então os pulsos e friccionavam as palmas das mãos, que era o seu jeito de aplaudir. Os homens colocavam dois dedos na boca e assobiavam, às vezes em coro. Agora que a choradeira tinha acabado por completo, eu ria sob o grande capacete sujo, a boca enormemente aberta.

“Bem”, disse Itelo, “vamos ver a rainha, minha tia, Willatale, e depois, ou talvez ao mesmo tempo, a outra, Mtalba.” A essa altura um par de guarda-sóis tinha aparecido, trazidos por duas mulheres. O sol era opulento, e eu transpirava, e aqueles dois guarda-sóis cerimoniais, de mais de dois metros de altura e formato de flor de abóbora, proporcionavam muito pouca sombra de uma altura tão grande. Todo mundo era extremamente bonito ali; alguns teriam satisfeito os padrões do próprio Michelângelo. Então seguimos caminhando aos pares, com considerável solenidade, Itelo à frente. Eu sorria marotamente, mas fazia de conta que era uma careta provocada pelo sol. Assim fomos até os domínios da rainha.

E agora eu começava a compreender qual era o problema ali, a causa de todas aquelas lágrimas. Chegando a um curral, vimos um sujeito com um grande e canhestro rastelo de madeira debruçado sobre uma vaca — uma vaca corcunda como todas as outras, mas não é isso que importa; o que importa é que ele estava mimando e acariciando o animal de um modo que eu nunca tinha visto antes. Com o pente ele ajeitava as madeixas dela, que eram grossas na saliência entre os chifres. Ele a penteava e abraçava, e ela não estava nada bem; não era preciso ter sido criado no campo, como eu por acaso tinha sido, para ver de imediato que havia algo errado com aquele animal. Ela nem mesmo lhe respondia com um aceno de cabeça, como uma vaca naquela situação faria ao receber carinho, e o próprio sujeito estava mergulhado em melancolia, penteando-a tristemente. Havia uma atmosfera de desesperança em torno dos dois. Demorou um momento para que eu juntasse todas as peças do quadro. É preciso entender que aquela gente ama seu gado como se fossem irmãos e irmãs, ou como filhos; eles têm mais de cinquenta termos para descrever as várias formas dos chifres, e Itelo me

explicou que havia centenas de palavras para as expressões faciais do gado e todo um idioma referente ao comportamento bovino. Até certo ponto eu era capaz de me identificar com aquilo. Eu mesmo tivera uma grande afeição por certos porcos. Mas um porco é basicamente um animal profissional; ele responde com muita sensibilidade às ambições ou pressões humanas e portanto não requer um vocabulário separado.

O séquito tinha parado junto comigo e com Itelo, e todo mundo estava olhando para o sujeito e sua vaca. Mas ao perceber o quanto havia de sofrimento naquela cena, eu me pus de novo em marcha; o que vi em seguida era porém ainda mais triste. Um homem de uns cinquenta anos, de cabelos brancos, estava ajoelhado, chorando aos soluços, jogando terra sobre a própria cabeça, porque sua vaca estava morrendo. Todos assistiam com pesar, enquanto o sujeito tomava a vaca pelos chifres, que eram em formato de lira, e implorava para que ela não o deixasse. Mas ela já tinha passado ao estado de indiferença e a pele sobre seus olhos estava franzida como se ele agora só estivesse tentando mantê-la acordada. Diante disso eu mesmo balancei; senti compaixão, e disse: "Príncipe, pelo amor de Deus, nada pode ser feito?".

O peito amplo de Itelo se inflou sob a blusinha curta e folgada e ele emitiu um longo suspiro, como se não quisesse estragar minha visita com toda aquela dor e sofrimento. "Acho que não", disse Itelo.

Foi então que aconteceu a menos esperada das coisas, que foi eu ter avistado um vislumbre de água em quantidades consideráveis, e de início me inclinei a interpretar aquilo como a cintilação de uma lâmina de metal que entrava e saía sutilmente do meu campo de visão. Mas há algo de inequívoco na proximidade da água. Eu a farejei também e detive o príncipe para lhe dizer: "Confira comigo, por favor, Príncipe. Aqui está este sujeito se matando de lamentação e, se não estou enganado, vejo alguma água brilhando ali à esquerda. Isso é um fato?".

Admitiu que era água.

"E as vacas estão morrendo de sede?", disse eu. "Então deve haver algo errado com ela, não? Está poluída? Mas veja", continuei, "deve ser possível fazer alguma coisa, peneirá-la ou algo do tipo.

Vocês podem fazer grandes vasos — ou tonéis. Podem fervê-la para tirar as impurezas. Ei, talvez isto não soe muito prático, mas você ficaria surpreso, se mobilizasse a aldeia toda e todo mundo participasse de um mutirão — Vamos que vamos! Eu sei como uma situação assim pode se tornar paralisante.”

Mas o tempo todo o príncipe, embora movesse a cabeça para cima e para baixo como se estivesse concordando, na verdade discordava de mim. Seus braços pesados estavam cruzados diante da blusinha, enquanto um farrapo de sombra vinha do guarda-sol mantido no alto pelas mulheres nuas que o seguravam com todas as mãos como se pudessem ser levadas pelo vento. Só que não havia vento nenhum. O ar estava parado como se tivesse sido amarrado no zênite e continuasse pregado lá, tostado e azul, uma obra-prima de beleza do meio-dia.

“Oh... obrigado”, disse ele, “pela boa intenção.”

“Mas eu devo cuidar da minha vida? Talvez você esteja certo. Não quero me imiscuir nos seus costumes. Mas é duro ver tudo isso acontecendo e não dar sequer uma sugestão. Posso dar uma olhada no seu suprimento de água, pelo menos?”

Com uma certa relutância ele disse: “Ok. Suponho”. E Itelo e eu, os dois quase do mesmo tamanho, deixamos para trás as esposas dele e os outros aldeões e fomos ver a água. Examinei-a e, exceto por um pouco de limo ou algas, ela me pareceu boa, e com certeza era abundante. Um muro grosso de pedra verde-escura a represava, era meio cisterna, meio açude. Supus que devia haver uma nascente subterrânea; um córrego seco que vinha da montanha mostrava o que era normalmente a fonte principal de abastecimento. Para evitar a evaporação, um grande telhado de sapê tinha sido fixado sobre a cisterna, medindo pelo menos quinze metros por vinte. Depois da minha longa caminhada eu teria me sentido grato se pudesse tirar minhas roupas e mergulhar naquela água sombreada, morna, ainda que um pouco espumosa, para nadar e flutuar. Nada seria melhor do que boiar deitado embaixo daquela palha de aspecto delicado.

“Agora me diga, Príncipe, qual é a queixa? Por que vocês não podem usar este troço?”, perguntei.

Só o príncipe tinha ido comigo até aquele reservatório; o resto deles esperava em pé a uns duzentos metros de distância, obviamente inquietos e num estado de agitação. Perguntei: “O que está consumindo seu povo? Há algum problema na água?”. Então concentrei meu olhar e percebi por conta própria que havia uma atividade considerável sob a superfície. Através da renda de luz e sombra, vi primeiro girinos com cabeças enormes, em todos os estágios de desenvolvimento, com longas caudas como esperma gigante e com pés em embrião. Em seguida vi poderosas rãs, sarapintadas, nadando para lá e para cá com suas gordas cabeças sem pescoço e suas longas pernas brancas, as curtas patas dianteiras numa expressão de espanto. E de todas as criaturas nas proximidades, sem exceção, me parecia que eram elas que se davam a melhor, e eu mesmo as invejei. “Não me diga! São as rãs?”, perguntei a Itelo. “São elas que impedem vocês de dar água ao gado?”

Ele moveu a cabeça com melancolia. Sim, eram as rãs.

“Como elas foram parar lá dentro? De onde elas vêm?”

Essas perguntas Itelo não era capaz de responder. A coisa toda era um mistério. Tudo o que ele pôde me dizer foi que aquelas criaturas, nunca vistas antes, tinham aparecido na cisterna cerca de um mês antes e impediam o gado de beber água. Essa era a maldição mencionada antes.

“Chama isso de maldição?”, disse eu. “Mas você andou pelo mundo. Nunca lhe mostraram uma rã na escola — pelo menos o retrato de uma? Elas são totalmente inofensivas.”

“Ah, sim, com certeza”, disse o príncipe.

“Então você sabe que não precisa deixar seus animais morrerem só porque um punhado desses bichos está na água.”

Mas quanto a isso ele não podia fazer nada. Ergueu suas grandes mãos e disse: “Não pode bicho nenhum na água de beber”.

“Então por que vocês não se livram delas?”

“Ah, não, não. Nunca tocar bicho em água de beber.”

“Ora, cá entre nós, Príncipe, papo furado”, disse eu. “Poderíamos coar a água e deixá-las de fora. Poderíamos envenená-las. Existem dúzias de coisas que poderíamos fazer.”

Ele recolheu os lábios para dentro da boca e fechou os olhos, produzindo enquanto isso sonoras exalações para mostrar o quanto eram impossíveis minhas sugestões. Soltava o ar pelas narinas e abanava a cabeça.

“Príncipe”, disse eu, “vamos conversar sobre isso, nós dois.” Eu estava muito exaltado. “Se isso continuar, não vai demorar para a cidade se tornar um funeral permanente de vacas. Não é provável que chova. A estação das chuvas acabou. Vocês precisam de água. E têm esse reservatório cheio dela.” Baixei a voz: “Olhe, eu mesmo sou uma pessoa meio irracional, mas sobrevivência é sobrevivência”.

“Oh, senhor”, disse o príncipe, “o povo está apavorado. Ninguém nunca tinha visto esse tipo de bicho.”

“Bem”, disse eu, “a última praga de rãs de que ouvi falar foi no Egito.” Isso reforçava a sensação de antiguidade que o lugar tinha me dado desde o início. Fosse como fosse, era devido àquela maldição que as pessoas, lideradas por aquela donzela, tinham me recebido com lágrimas nos muros da cidade. Que coisa mais extraordinária. Então agora, quando tudo se encaixava, a água calma da cisterna era tão negra aos meus olhos quanto o lago das trevas. Havia de fato um grande número daquelas criaturas se apinhando e se agitando e nadando juntas, com a água escorrendo pelas suas costas sarapintadas, como se elas fossem donas do ambiente. E elas também se arrastavam para fora da água e emitiam seus sons monótonos na rocha molhada com suas gargantas congestionadas e emotivas, e piscavam seus olhos peculiarmente marmóreos, vermelhos, verdes e brancos, e abanei a cabeça mais para mim mesmo do que para elas, pensando que um maldito idiota que sai pelo mundo está sujeito fatalmente a encontrar malditos fenômenos idiotas. Não obstante, eu disse àquelas criaturas: esperem só, suas filhas da puta, vocês vão coaxar no inferno antes de me fazer desistir.

6.

Os mosquitos enxameavam sobre a cisterna aquecida pelo sol, que ficava alternadamente amarela, verde ou cinzenta. Eu disse a Itelo: "Vocês não têm permissão para molestar esses bichos, mas e se um estrangeiro viesse — eu, por exemplo — e cuidasse deles para vocês?". Percebi que não sosseitaria enquanto não tivesse enfrentado aquelas criaturas e revogado a praga.

A julgar pela sua postura, eu podia dizer que, por conta de alguma lei não escrita, ele não estava autorizado a me encorajar em meu propósito, mas que ele e o restante dos Arnewi me considerariam seu maior benfeitor. Pois Itelo não respondeu diretamente, mas ficou suspirando e repetindo: "Oh, tempos muito ruins. 'Strordinariamente ruins". E então eu lancei a ele um olhar profundo e disse: "Itelo, deixe comigo", e aspirei o ar entre os dentes quase cerrados, sentindo que cabia a mim ser o juízo final daquelas rãs. Entendam, os Arnewi são exclusivamente bebedores de leite e as vacas são o seu sustento; nunca comem carne, a não ser de modo cerimonial, quando uma vaca tem morte natural, e mesmo isso eles consideram uma forma de canibalismo e choram enquanto a comem. Por isso a morte de alguns dos animais era um verdadeiro desastre e as famílias dos falecidos de cada dia executavam os rituais fúnebres, chorando e comendo carne, de modo que não admira que estivessem naquelas condições. Ao nos afastarmos dali, senti como se aquela cisterna de água problemática com suas algas e rãs tivesse me invadido, ocupando um espaço preciso dentro de mim e espirrando água conforme eu me mexia.

Fomos em direção à minha cabana (a cabana de Mtalba, tia de Itelo), pois eu queria me assear um pouco antes de ser apresentado à rainha, e no caminho impingi ao príncipe um breve sermão. Falei: "Sabe por que os judeus foram derrotados pelos romanos? Porque eles não podiam revidar os ataques aos sábados. Vocês devem

preservar a si próprios, e as vacas, ou preservar os costumes? Eu digo: a si próprios. Vivam”, disse eu, “e criem novos costumes. Por que ser arruinados por rãs?”. O príncipe escutou e disse apenas: “Hum, muito interessante. Isso que contou é um fato? ‘Strordinário”.

Chegamos à casa onde Romilayu e eu nos hospedaríamos; ficava no interior de um pátio e, a exemplo das outras casas, era redonda, feita de barro e com um telhado cônico. Tudo em seu interior parecia frágil, leve e vazio. Vigas marrons atravessavam o teto a intervalos de cerca de um metro e acima delas os longos caules das folhas de palmeira pareciam barbatanas de baleia. Ali eu me sentei, e Itelo, que tinha entrado comigo e deixado seus seguidores do lado de fora sob o sol, sentou-se à minha frente enquanto Romilayu começava a desfazer as bagagens. O calor do dia agora estava no auge e o ar estava perfeitamente imóvel; apenas nas taquaras acima de nós, naquele leve cone de sapê cor de âmbar de onde vinha um aroma de vegetal seco, eu ouvia pequenas criaturas, besouros e talvez pássaros ou camundongos, que se agitavam, esvoaçavam e se eriçavam. Àquela altura estava cansado demais até para um drinque (carregávamos alguns cantis cheios de bourbon) e pensava apenas na crise, em como destruir as rãs da cisterna. Mas o príncipe queria conversar: e no início eu tomei isso por sociabilidade, mas logo ficou claro que ele estava querendo alguma coisa e então fiquei alerta.

“Eu ir pra escola em Malindi”, disse ele. “Uma maravília, cidade linda.” Mais tarde investiguei essa cidade de Malindi; era um porto de barcos à vela na costa leste, famoso no comércio árabe de escravos. Itelo falou sobre suas perambulações. Ele e seu amigo Dahfu, que agora era rei dos Wariri, tinham viajado juntos, partindo do sul. Navegaram pelo mar Vermelho em velhos barcos pesadões e trabalharam na ferrovia construída pelos turcos para a Al Medina antes da Grande Guerra. Com aquilo eu estava ligeiramente familiarizado, pois minha mãe tinha se envolvido na causa armênia, e nas leituras sobre Lawrence da Arábia eu tinha aprendido havia muito tempo o quanto a educação americana estava espalhada pelo Oriente Médio. Os Jovens Turcos, e o próprio Enver Pasha, se não estou enganado, estudaram em escolas americanas — se bem que o quanto eles levaram de “O Ferreiro da Aldeia” e da “doce Alice e

risonha Allegra” para as guerras, intrigas e massacres daria um interessante tema de estudo. Mas aquele príncipe Itelo da obscura tribo criadora de gado no platô Hinchagara tinha frequentado uma escola de missionários na Síria, assim como seu amigo wariri. Ambos tinham voltado para seus remotos lares. “Bem”, disse eu, “suponho que para você tenha sido formidável ir para lá e descobrir como as coisas são.”

O príncipe estava sorrindo, mas sua postura, ao mesmo tempo, tinha ficado tensa; seus joelhos estavam bem afastados um do outro e ele pressionava o chão com o polegar e os nós dos dedos de uma das mãos. No entanto, continuava a sorrir, e eu percebi que estávamos à beira de alguma coisa. Estávamos sentados frente a frente num par de banquinhos baixos, no interior da cabana de sapê, o que causava o efeito de um grande cesto de costura; e tudo o que tinha acontecido comigo — a longa marcha, o som das zebras à noite, o sol subindo e descendo diariamente como uma nota musical, a cor da África, o gado, os pranteadores, a cisterna amarela com as rãs — agira de tal maneira em minha mente e em meus sentimentos que tudo se equilibrava delicadamente dentro de mim. Para não dizer precariamente.

“Príncipe”, disse eu, “o que vai acontecer aqui?”

“Quando visitante forasteiro vem, sempre selamos conhecimento com luta livre. Invariável.”

“Parece uma regra e tanto”, disse eu, de modo muito hesitante. “Bem, eu me pergunto, será que vocês podem deixá-la de lado uma vez na vida, ou esperar um pouco, já que estou completamente esgotado?”

“Oh, não”, disse ele. “Quem chega tem que lutar. Sempre.”

“Entendo”, disse eu, “e imagino que você seja o campeão aqui.” Essa era uma pergunta que eu mesmo podia responder. Claro que ele era o campeão, por isso tinha vindo ao meu encontro, por isso tinha entrado na cabana. Isso explicava também a excitação das crianças lá atrás, no leito seco do rio, pois elas sabiam que haveria uma luta. “Bem, Príncipe”, disse eu, “estou quase disposto a entregar-lhe os pontos sem disputa. Afinal, você tem um físico tremendo e, como vê, sou um sujeito mais velho.”

Isso, porém, ele ignorou, e colocou a mão na minha nuca e começou a me empurrar em direção ao chão. Surpreso, mas ainda respeitoso, eu disse: "Não, Príncipe. Não faça isso. Acho que tenho sobre você a vantagem do peso". Para falar a verdade, eu não sabia como encarar aquilo. Romilayu estava em pé ali perto, mas não revelou opinião alguma em resposta ao olhar que lhe lancei. Meu capacete branco, com passaporte, dinheiro e documentos enfiados dentro, caiu no chão e meus cabelos revoltos de carneiro saltaram soltos sobre o pescoço enquanto Itelo me forçava para baixo. O tempo todo eu tentava, tentava e tentava classificar aquele evento. Aquele Itelo era terrivelmente forte e montou sobre mim, com suas amplas calças brancas e a curta blusinha, me pressionando sobre o chão da cabana. Mas mantive meus braços rígidos como se estivessem amarrados nos meus flancos e deixei que ele me empurrasse e puxasse à vontade. Então deitei de bruços, com o rosto na poeira e as pernas se arrastando pelo chão.

"Vamos, vamos", ele ficava dizendo, "tem que lutar comigo, senhor."

"Príncipe", disse eu, "com todo respeito, estou lutando."

Não dava para culpá-lo por não acreditar em mim, e ele trepou sobre mim com suas calças brancas caídas, suas pernas enormes e seus pés descalços claros como suas mãos, e descaindo para um lado enfiou uma perna por baixo de mim fazendo dela uma alavanca, e me agarrou pelo pescoço. Com a respiração ofegante e dizendo (mais perto do meu rosto do que eu gostaria): "Lute, lute, seu Henderson. Qual é o problema?"

"Alteza", disse eu, "sou uma espécie de combatente. Estive na guerra, e tinham um programa de instrução fantástico na base Blanding. Eles nos ensinavam a matar, não apenas a lutar. Consequentemente, não sei disputar uma luta. Mas num combate corpo a corpo sou um oponente medonho. Sei todo tipo de coisa, por exemplo, como rasgar a bochecha de uma pessoa fisingando sua boca com um dedo em forma de gancho, ou como despedaçar ossos e arrancar olhos. Claro que não me aflijo com esse tipo de confronto. Acontece que estou tentando me manter longe da violência. Ora, da última vez que simplesmente ergui a voz, isso teve

consequências muito ruins. Você entende”, ofeguei, pois a poeira tinha entrado no meu nariz, “eles nos ensinavam todo esse saber perigoso e eu lhe digo que o evito como posso. Então não vamos brigar. Você ocupa um posto elevado demais”, disse eu, “na escala da civilização — deveríamos em vez disso estar empregando toda a nossa energia na questão das rãs.”

Como ele continuava a me prender pelo pescoço com seu braço, indiquei que queria dizer algo realmente sério. E disse a ele: “Alteza, eu estou numa espécie de busca”.

Ele me soltou. Acho que eu não era tão impulsivo ou animado — tão pronto a reagir, digamos — quanto ele gostaria. Dava para ler tudo isso na sua expressão enquanto eu limpava a poeira do rosto com um pedaço de tecido azul-escuro pertencente à dona da casa. Eu o tinha apanhado de cima de uma viga. No que me dizia respeito, agora tínhamos nos conhecido. Tendo visto alguma coisa do mundo, pelo menos de Malindi na África, a caminho da Ásia Menor, ele devia saber o que eram trapalhões, e naquele momento, a julgar pelo seu olhar, eu pertencia a essa categoria. É verdade que eu tinha estado muito abatido, com a voz que dizia *Eu quero* e tudo mais. Eu tinha passado a encarar os fenômenos da vida como um sem-número de remédios que ou curariam minha condição ou a agravariam. Mas a condição! Oh, minha condição! Em primeiro e último lugar, minha condição! Ela me fazia sair por aí com a mão sobre o peito como o velho quadro de Montcalm mortalmente ferido nos Prados de Abraham. E vou lhes dizer uma coisa, um excesso de tristeza foi o que me tornou pesado, pois outrora fui ágil e ligeiro para o meu peso. Até por volta dos quarenta anos joguei tênis, e numa temporada conquistei o recorde de cinco mil sets, praticamente comendo e dormindo ao ar livre. Eu percorria a quadra como um verdadeiro centauro e despedaçava tudo o que via pela frente, rasgando buracos na terra, destroçando raquetes e derrubando as redes com meus voleios. Cito isso como prova de que não fui sempre tão triste e tão lento.

“Suponho que você seja o campeão invicto por aqui”, disse eu.

E ele: “Isso mesmo. Sempre venço”.

“Não me surpreende nem um pouco.”

Ele me respondeu displicentemente com uma cintilação nos cantos dos olhos, pois tendo me submetido a rolar na poeira com a cara no chão, achava que nos conhecíamos por completo, tendo concluído que eu era enorme, mas inútil, imponente na aparência, mas duro como um poste de totem, ou como uma espécie de tartaruga humana de Galápagos. Por conta disso, percebi que para reconquistar seu respeito eu deveria me colocar em ação, e então decidi lutar com ele afinal. Assim, joguei de lado meu capacete e arranquei minha camiseta dizendo: "Vamos experimentar de verdade, Alteza". Romilayu não ficou muito satisfeito com isso, assim como não tinha ficado com o desafio de Itelo, mas não era do tipo que interfere, e limitou-se a ficar olhando para a frente com seu nariz abissínio obscurecido pela sombra substancial projetada por seu cabelo. Quanto ao príncipe, que permanecera sentado com uma expressão relaxada e indiferente, animou-se e começou a rir quando tirei a camiseta. Levantou-se e ficou de cócoras, colocando as mãos em posição de defesa, e eu fiz o mesmo. Andamos em roda pela pequena cabana. Em seguida passamos a tentar agarrar um ao outro, e os músculos começaram a se destacar em seus ombros. Diante disso decidi fazer rápido uso da minha superioridade de peso antes que o meu equilíbrio emocional fosse perturbado, pois se ele me machucasse, o que era bem possível com aqueles músculos, talvez eu perdesse a cabeça e descambasse para aqueles terríveis golpes de combatente. Então fiz uma coisa muito simples; dei-lhe um golpe de barriga (na qual o nome de Frances, tatuado no passado, tinha sofrido uma certa expansão), enquanto punha minha perna atrás dele e empurrava seu rosto, e mediante essa surpresa elementar joguei o homem no chão. Eu mesmo fiquei surpreso com a facilidade da coisa, embora o tenha atingido brutalmente com ambas as mãos e o abdome, e cheguei a pensar que ele tinha se deixado derrubar só para me pregar algum truque, portanto não dei chance para o azar, mas joguei todo o meu peso sobre ele enquanto minhas mãos cobriam seu rosto. Dessa maneira eu lhe vedei a visão e a respiração e fiz sua cabeça dar uma boa pancada no chão, tirando o ar de dentro dele, enorme como era. Quando ele desabou

no chão sob esse ataque eu lancei meus joelhos contra os seus braços, e assim o imobilizei.

Grato por não ter sido necessário recorrer a minhas técnicas assassinas, deixei-o levantar. Admito que o fator surpresa (ou sorte) estava esmagadoramente do meu lado, e que não tinha sido um teste justo. Que ele estava furioso eu podia ver pela sua mudança de cor, embora a moldura escura em torno dos olhos não mostrasse mudança alguma, e ele não disse palavra, mas tirou a blusinha e o lenço verde e passou a respirar em haustos profundos que faziam os músculos da sua barriga se movimentarem para dentro, em direção à espinha. Começamos uma vez mais a rodar pela cabana, um diante do outro. Concentrei-me no jogo de pernas, pois é o meu ponto fraco e tenho tendência a arrancar para a frente como um cavalo de arado com toda a força no pescoço, no peito, na barriga e, sim, no rosto. Ele agora parecia se dar conta de que sua melhor chance era me manter sobre a esteira, onde eu não poderia usar meu volume contra ele, e quando eu estava me inclinando em sua direção, cauteloso, com meus cotovelos para fora à maneira de um caranguejo, ele se enfiou por baixo com grande rapidez e me pegou sob o queixo, girando por trás e enlaçando minha cabeça. Que ele começou a espremer. Não era bem uma verdadeira chave de braço, mas mais o que os nossos avós costumavam chamar de gravata. Ele mantinha um braço livre e poderia tê-lo usado para espancar meu rosto, mas aparentemente isso não estava nas regras. Em vez disso me puxou em direção ao chão e tentou me fazer tombar de costas, mas eu desabei de bruços, e de modo muito doloroso, de tal maneira que pensei que tivesse me rasgado ao meio a partir do umbigo. Também bati feio com o nariz e temi que seus ossos se tivessem partido; quase podia sentir o ar passar entre os ossos separados. Mas de algum modo consegui manter um espaço livre em meu cérebro para pensamentos de moderação, o que por si só já não era pouca coisa. Desde aquele dia de zero grau em que eu estava cortando lenha e fui atingido por um pedaço de tora e pensei "A verdade vem aos golpes", eu tinha aprendido a tirar vantagem de experiências desse tipo, e isso estava sendo útil para mim naquele momento, só que sob uma outra forma; não mais "A verdade vem

aos golpes”, mas outras palavras, e essas palavras não podiam ser mais estranhas. Diziam o seguinte: “Eu me lembro muito bem da hora que rompeu o sono do meu espírito”.

O príncipe Itelo agora prendia o alto do meu peito entre suas pernas; dada a circunferência da minha cintura, ele nunca teria conseguido fechá-las se me pegasse mais embaixo. Quando apertou a chave de pernas, senti minha circulação parar e meus lábios bufarem, enquanto minha língua latejava e meus olhos começavam a revirar. Mas minhas mãos estavam em ação, e ao fazer pressão com meus dois polegares sobre sua coxa, afundando-os no músculo perto do joelho (o chamado adutor, acho), consegui fazer sua perna endireitar e afrouxar o aperto. Erguendo-me ofegante, agarrei sua cabeça; seu cabelo era muito curto, mas propiciava toda a aderência de que eu precisava. Girando-o pelo cabelo, segurei-o pelas costas e o retorci. Apanhei-o pelo cós da calça folgada, meus dedos enfiados dentro dela, então o levantei bem alto. Não o rodopiei nem um pouco, pois isso teria arrancado o telhado do lugar. Atirei-o no chão e o imobilizei de novo, tirando pela segunda vez o ar de dentro dele.

Suponho que ele tenha se sentido muito confiante quando me viu, grande mas velho, balofo, suando tumultuosamente, pesado e triste. Não dá para condená-lo por ter-se julgado o mais preparado dos dois. E agora eu quase lamentava que ele não tivesse sido o vencedor, pois quando ele estava despencando, de cabeça para baixo, vi — como quando a gente vislumbra um objeto solitário, como uma garrafa, ser lançado nas cataratas de Niágara — o quanto havia de rancor em seu rosto. Ele não podia acreditar que um velho trambolho humano como eu estava tirando dele o título de campeão. E quando aterrissei sobre ele pela segunda vez seus olhos rolaram para cima e essa intensidade não foi causada inteiramente pelo peso que eu lhe impus.

Claro que não me convinha me regozijar ou agir de alguma maneira como um orgulhoso vencedor, posso lhes garantir. Eu me sentia quase tão mal quanto ele. Aquele caixote de palha quase desabou sobre nós quando as costas do príncipe se estatelaram no chão. Romilayu estava sentado num canto, encostado na parede. Embora a vitória fizesse meu peito doer, e meu coração se contrair,

mesmo assim me ajoelhei sobre o príncipe para ter certeza de que ele estava imobilizado, pois se eu o tivesse soltado antes de imobilizá-lo adequadamente ele teria ficado muito ofendido.

Se o confronto tivesse ocorrido nos limites da natureza, ele teria vencido, sou capaz de apostar, mas ele não enfrentou apenas ossos e músculos. Era uma questão de espírito também, pois quando se trata de lutar eu estou numa categoria especial. Desde os tempos mais remotos venho lutando sem descanso. Mas disse: “Alteza, não leve tão a sério”. Ele tinha coberto o rosto com as mãos, que eram da cor de pedra lavada, e nem tentou se levantar do chão. Quando tentei consolá-lo, só consegui pensar em coisas como as que Lily teria dito. Sei muito bem que ela teria ficado branca e olhado fixamente para frente e começado a falar em surdina, de modo bem incoerente. Ela teria dito que todo homem não passa de carne e ossos, e que quem se orgulhar de sua força será humilhado por completo, e assim por diante. Posso lhes dizer de cor tudo o que Lily teria dito, mas eu mesmo só conseguia me compadecer por ele, estupidamente. Como se não bastasse o que eles estavam sofrendo com a seca e a praga das rãs, para completar eu tinha de surgir do meio do deserto — de me manifestar no leito seco do rio Arnewi com meu isqueiro austríaco — e entrar na cidade e derrubá-lo duas vezes seguidas. O príncipe agora estava de joelhos, despejando terra sobre a própria cabeça, e então pegou meu pé, calçado na botina de andar no deserto, de camurça e sola de borracha, e colocou-o sobre a cabeça. Nessa posição ele chorou de modo mais intenso que a donzela e a delegação que nos recebeu nos muros de espinheiro e barro da cidade. Mas devo dizer que não era só a derrota que o fazia chorar assim. Ele estava no meio de uma grande e confusa experiência emocional. Tentei tirar meu pé de cima da sua cabeça, mas ele insistia em mantê-lo lá, dizendo: “Oh, siô Henderson! Henderson, eu o conheço. Oh, senhor, eu o conheço agora”.

Não fui capaz de dizer o que sentia, que era o seguinte: “Não, não conhece. Nunca poderia conhecer. O sofrimento me manteve em forma e é por isso que o meu corpo é tão rijo. Levantando pedras, despejando concreto, cortando lenha, lidando com os porcos —

minha força não é uma força alegre. Não foi uma disputa justa. Pode acreditar em mim, você é um homem melhor”.

De algum modo nunca consegui perder de propósito competição alguma, por mais que tenha tentado. Mesmo jogando damas com meus filhos pequenos, não importa o quanto eu manobrasse para deixá-los vencer, e mesmo quando os lábios deles tremiam de desapontamento (oh, os pequenos decerto devem me odiar), chegava uma hora em que eu comia peças pelo tabuleiro todo e dizia rudemente: “Fiz dama!”, mesmo que ao mesmo tempo eu repetisse para mim mesmo: “Seu idiota, seu idiota, seu idiota!”.

Mas só entendi de verdade o que o príncipe estava sentindo quando ele se levantou e me envolveu em seus braços e pousou sua cabeça empoeirada no meu ombro, dizendo que agora éramos amigos. Isso me atingiu bem nos centros vitais, de um modo ao mesmo tempo doloroso e gratificante. Eu disse: “Alteza, estou orgulhoso. Estou feliz”. Ele tomou minha mão, e se isso era incômodo era também empolgante. Eu me senti corar intensamente, que é a radiância que um sujeito entrado em anos pode licitamente sentir depois de uma vitória como aquela. Mas tentei minimizar a coisa toda e disse a ele: “Tenho a experiência a meu favor. Você nunca vai saber quanta e de que tipo”.

Ele respondeu: “Agora o conheço, senhor. Conheço de verdade”.

7.

Ao sairmos da cabana, a notícia da minha vitória foi revelada pela terra na cabeça de Itelo e por seu jeito de caminhar ao meu lado, de modo que as pessoas me aplaudiram quando apareci à luz do sol, vestindo de novo minha camiseta e colocando o capacete de volta no lugar. As mulheres batiam palminhas para mim com os pulsos unidos, ao mesmo tempo que abriam a boca num ângulo semelhante ao das mãos. Os homens assobiavam usando os dedos, afastando bem as bochechas uma da outra. Longe de parecer envergonhado ou ressentido, o príncipe participava pessoalmente da ovação, apontando para mim e sorrindo, e então eu disse a Romilayu: “Sabe de uma coisa? Esta é mesmo uma turma bacana de africanos. Eu amo eles”.

A rainha Willatale e sua irmã Mtalba me esperavam sob um telheiro de sapê no pátio da rainha. Esta estava sentada num banco feito de toras, com um cobertor vermelho disposto como uma bandeira atrás dela, e quando avançamos em sua direção, Romilayu com o saco de presentes nas costas, a velha dama abriu os lábios e sorriu para mim. Julguei-a típica de uma certa classe de damas idosas. Dá pra entender o que quero dizer, talvez, se eu disser que as carnes do seu braço encobriam o cotovelo. Quanto a mim, penso que esse é o selo dourado do caráter. Sem muitos dentes, ela sorriu afetuosamente e estendeu a mão, que era relativamente pequena. A boa índole emanava dela; parecia sair com o ar que ela expirava enquanto estava ali sentada sorrindo, com muitos pequenos tremores de benevolência, congratulação e hospitalidade. Itelo indicou que eu devia dar a mão à velha senhora, e fiquei espantado quando ela a tomou e a enterrou entre os seios. Essa é a forma normal de cumprimentar por ali — Itelo tinha posto minha mão no seu peito —, mas de uma mulher eu não esperava o mesmo. Para completar tudo aquilo — quero dizer, o calor radiante e o peso

monumental que minha mão recebeu —, havia a calma pulsação do coração dela como parte da apresentação. Uma pulsação tão constante quanto a rotação da terra, e isso foi uma surpresa para mim; minha boca se abriu e meus olhos ficaram fixos como se eu estivesse tocando os segredos da vida; mas não podia deixar minha mão ali para sempre, então voltei a mim e a recolhi. Aí retribuí a cortesia. Pousei a mão dela no meu peito e disse: “Eu Henderson. Henderson”. Toda a corte aplaudiu ao ver como captei rápido o sentido da coisa. Então pensei: “Palmas para mim!” e aspirei longamente o ar para os meus pulmões.

A rainha expressava estabilidade em cada parte do seu corpo. Sua cabeça era branca, o rosto, amplo e sólido. Estava envolta numa pele de leão. Se soubesse na época o que hoje sei sobre leões, isso teria me dito muito a respeito dela. De todo modo, aquilo me impressionou. Era a pele de um leão com juba, com a parte larga não na frente, como seria de esperar, mas nas costas dela. A cauda descia pelo seu ombro enquanto a pata tinha sido puxada de baixo para cima, e essas duas pontas estavam amarradas num nó na altura da barriga da rainha. Não posso nem lhes dar uma ideia de como isso me agradou. A juba com seu cabelo revoltado ela usava como um colar, e sobre aqueles pelos cinzentos que provavelmente pinicavam ela pousava o queixo. Mas havia uma luz alegre em seu rosto. E então observei que ela tinha um olho defeituoso, com uma catarata que o deixara branco azulado. Fiz uma reverência profunda diante da velha senhora e ela começou a rir. Sua barriga amarrada pelo leão se sacudia e ela meneava a cabeça diante da cena que eu compunha, curvado, com aquelas calças curtas, minhas feições inflamadas pelo sangue que afluiu ao meu rosto quando me curvei.

Expressei meu lamento quanto ao problema que eles vinham enfrentando, a seca, o gado, as rãs, disse que julgava saber o que é sofrer uma praga e me solidarizei. Percebia que eles tinham que comer o pão do sofrimento e esperava não ser um incômodo para eles. Isso foi traduzido por Itelo e acho que foi bem recebido pela velha dama, mas enquanto eu falava sobre problemas ela sorria sem parar, tão constante como a luz da lua no fundo de um rio. O tempo todo meu coração estava agitado e eu prometia a mim mesmo a

cada dois minutos que fazia alguma coisa, que daria a minha contribuição ali. “Quero morrer”, pensei comigo, “se eu não expulsar, exterminar e esmagar aquelas rãs”.

Mandei então Romilayu dar início aos presentes. E antes de qualquer coisa ele tirou do saco uma capa impermeável de plástico, num embrulho também de plástico. Fiz cara feia para ele, envergonhado por oferecer aquela coisa chinfrim à velha rainha, mas na verdade eu tinha uma desculpa perfeitamente boa, a de que estava viajando com pouca bagagem. Além disso, eu pretendia prestar um serviço a eles que fazia o maior dos presentes parecer uma bobagem. Mas a rainha juntou os pulsos, bateu palmas de modo mais decidido que as outras damas e sorriu com estupendo e genuíno júbilo. Algumas das outras mulheres presentes fizeram o mesmo e aquelas que estavam segurando bebês os ergueram, como que para imprimir na memória deles a imagem do visitante fenomenal. Os homens arreganharam a boca, usando os dedos para assobiar em harmonia. Anos antes, o filho do chofer, Vince, tentara me ensinar a fazer aquilo, e eu enfiava os dedos na boca até a pele se enrugar, mas nunca consegui produzir aqueles sons agudos. Por isso resolvi que, como recompensa por livrá-los dos animais daninhos, eu pediria a eles que me ensinassem a assobiar. Achei que seria emocionante silvar usando meus próprios dedos daquele jeito.

Eu disse a Itelo: “Príncipe, por favor, perdoe este presente ordinário. Odeio o fato de ter trazido uma capa de chuva durante uma seca. Até parece uma gozação, se entende o que quero dizer”.

No entanto, ele disse que o presente a deixou feliz, e pelo visto deixou mesmo. Eu tinha me abastecido de bugigangas vistas na última página da seção de esportes do *Times* de domingo e ao longo da Terceira Avenida, nas casas de penhores e nas lojas do exército. Para o príncipe eu dei uma bússola com pequenos binóculos acoplados, que não eram muito bons nem mesmo para observadores de pássaros. Para a irmã gorda da rainha, Mtalba, tendo notado que ela fumava, tirei do saco um daqueles isqueiros austríacos de pavio branco comprido. Em certos pontos, especialmente no busto, Mtalba era tão obesa que sua pele tinha ficado cor-de-rosa de tão esticada. As mulheres são criadas assim em partes da África onde é preciso

ser gorda para ser considerada uma verdadeira beldade. Ela estava toda enfiada, pois com um peso daqueles uma mulher não pode passar sem a ajuda das roupas. Suas mãos eram tingidas com hena e seu cabelo ficava rigidamente em pé com índigo; ela parecia uma pessoa muito feliz e mimada, a caçula da família talvez, e brilhava e faiscava de gordura e umidade, a pele ornada de dobras e floreios como um verdadeiro brocado. Nos quadris, ocultos pela saia flutuante, era larga como um sofá, e tomou minha mão e pousou-a nos seios dizendo: “Mtalba. Mtalba awhonto”. Sou Mtalba. Mtalba o admira.

“Eu a admiro também”, eu disse ao príncipe.

Tentei fazer com que ele explicasse à rainha que a capa que ela agora vestia era à prova d’água e, como ele parecia incapaz de encontrar uma palavra para à prova d’água, peguei a manga da capa e a lambi. Entendendo errado meu gesto, ela me lambeu de volta. Fiz menção de gritar.

“Não grite, siô”, disse Romilayu, num tom de urgência. Diante disso eu me sujeitei, e ela me lambeu na orelha e no rosto mal barbeado e em seguida pressionou minha cabeça contra a sua cintura.

“Tudo bem, mas o que é isso agora?”, perguntei, e Romilayu balançou a moita de cabelo, dizendo: “Ok, siô. Ok”. Em resumo, aquele era um sinal especial das boas graças da rainha. Itelo esticou os lábios para mostrar que esperavam que eu beijasse a rainha na barriga. Para secar primeiro a minha boca, engoli. A queda que eu sofrera durante a luta tinha partido meu lábio inferior. Então dei o beijo, sentindo um arrepio diante do calor que encontrei. O nó de pele de leão foi afastado de lado por meu rosto, que afundou para dentro. Fui lembrado do umbigo da velha senhora e de seus órgãos internos pois eles faziam ruídos de inundação. Eu me senti como se estivesse sobrevoando de balão as ilhas Spice, planando em nuvens quentes enquanto aromas exóticos subiam até mim. Minhas próprias costeletas me pinicavam no lábio. Quando saí dessa significativa experiência (tendo feito contato com um certo poder — inequívoco! — que emanava do abdome da mulher), Mtalba também estendeu as mãos para a minha cabeça, querendo fazer o mesmo, como

indicavam seus brandos gestos, mas fiz de conta que não entendi e disse a Itelo: “Como é que, quando todos os outros estão de luto, suas tias estão assim tão alegres?”.

Ele disse: “Duas mulheres d’Amargura”.*

“Amargura? Então não sei julgar o que é amargo e o que é doce”, disse eu, “pois se isso não é um par de irmãs felizes, minha mente está completamente fora de ordem. Ora, elas estão se divertindo à beça.”

“Oh, felizes! Sim, felizes — ammargu. Muito ammargu”, disse Itelo. E começou a explicar. Um ammargu era uma pessoa de real importância. Não era possível ser mais elevado ou melhor. Um ammargu era mulher e homem ao mesmo tempo. Na condição de mais velha, Willatale tinha primazia em matéria de ammargu, também. Algumas daquelas pessoas no pátio eram maridos dela, outras eram suas esposas. Tinha vários maridos e várias esposas. As esposas a chamavam de marido, as crianças a chamavam tanto de pai como de mãe. Ela se elevara acima das limitações humanas comuns e fazia o que queria por causa de sua comprovada superioridade em todos os departamentos. Mtalba era ammargu também e estava em ascensão. “Minhas duas tias gostam de você. Isso é muito bom para você, Henderson”, disse Itelo.

“Elas têm uma boa opinião a meu respeito, Itelo? Isso é fato?”, perguntei.

“Muito boa. De primeira. Classe A. Admiram sua aparência, e também sabem que você me derrotou.”

“Rapaz, fico feliz que a minha força física sirva para alguma coisa”, disse eu, “em vez de ser apenas um fardo, como tem sido ao longo da minha vida. Só me diga uma coisa: as mulheres da ammargu não podem fazer nada quanto às rãs?”

Ao ouvir isso ele ficou solene, e disse que não.

Em seguida foi a vez de a rainha fazer perguntas, e antes de tudo ela disse que estava feliz com a minha vinda. Não conseguia ficar parada enquanto falava. Sua cabeça era agitada por muitos pequenos tremores de benevolência, ao mesmo tempo que sua respiração jorrava em sopros dos seus lábios e sua mão aberta fazia

movimentos diante do seu rosto, e então ela parou e sorriu, mas sem separar os lábios, enquanto o olho bom se voltava brilhante para mim e os secos cabelos brancos subiam e desciam de acordo com os dóceis movimentos da sua testa.

Eu tinha dois intérpretes, pois Romilayu não podia ser deixado de fora do que acontecia. Ele tinha um senso de dignidade e de posição, era um modelo de correção à maneira africana, como se tivesse sido criado para a vida na corte, falando num tom agudo e arrastado e contraindo o queixo enquanto apontava cerimoniosamente para cima com um dedo solitário.

Depois de me dar as boas-vindas a rainha quis saber quem eu era e de onde vinha. Tão logo ouvi essa pergunta, uma sombra desceu sobre todo o prazer e a alegria da ocasião e comecei a sofrer. Quem dera eu pudesse explicar por que me oprimia tanto falar sobre mim mesmo, mas o fato é que era assim, e eu não sabia o que dizer. Será que devia dizer que era um homem rico da América? Talvez ela nem soubesse onde ficava a América, já que mesmo as mulheres civilizadas não são muito boas em geografia, preferindo um mundo só delas. Lily era capaz de falar uma tremenda quantidade de coisas sobre os objetivos da vida, ou sobre o que uma pessoa deveria ou não esperar ou fazer, mas acho que não saberia dizer se o Nilo corre para o norte ou para o sul. Assim, eu estava certo de que uma mulher como Willatale não faria tal pergunta meramente para ouvir como resposta o nome de um continente. Então fiquei parado avaliando o que deveria dizer, taciturno, pensativo, com a barriga pendendo para frente (arranhada sob a camisa em decorrência da luta com Itelo), os olhos quase fechados de tão franzidos. E meu rosto, devo repetir, não é um rosto comum, mas é como uma igreja inacabada. Eu estava ciente de que algumas mulheres estavam tirando seus bebês do peito para erguê-los de modo que pudessem ver aquele objeto memorável. Como a natureza vai aos extremos na África, acho que elas apreciavam genuinamente as minhas peculiaridades. E os bebês estavam chorando por ser arrancados dos seios, o que me fez recordar o bebê de Danbury trazido para casa por minha desafortunada filha Ricey. Isso me abalou de novo o espírito e, ao refletir sobre a minha condição, senti toda a minha

velha dificuldade. Um dilúvio de fatos voltou a mim, com a correspondente pressão no peito. Quem, quem era eu? Um viandante milionário. Um homem brutal e violento solto no mundo. Um homem que fugiu de seu próprio país, colonizado por seus antepassados. Um sujeito cujo coração dizia *Eu quero, eu quero*. Que tocava violino em desespero, buscando a voz dos anjos. Que tinha que romper o sono do espírito, ou então... Então o que eu podia dizer àquela rainha coberta com uma pele de leão e uma capa de chuva (pois ela a tinha vestido)? Que eu tinha arruinado o meu suprimento original de bens e estava viajando à procura de um remédio? Ou que eu tinha lido em algum lugar que a remissão dos pecados era perpétua, mas que, com típica displicência, eu perdera o livro? Disse a mim mesmo: "Você precisa responder à mulher, Henderson. Ela está esperando. Mas como?". E o processo começou de novo. Mais uma vez a pergunta: Quem é você? E eu tinha que confessar que não sabia por onde começar.

Mas ela viu que eu estava aflito ali em pé e, a despeito de minha aparência capaz e do meu aspecto rude, estava sem fala, e mudou de assunto. Àquela altura ela já compreendia que a capa era à prova d'água, então chamou uma das esposas de pescoço comprido e mandou-lhe que cuspsse no material e esfregasse o cuspe, em seguida tateou a parte de dentro. Ficou espantada e contou para todo mundo, umedecendo o dedo e pousando-o sobre o braço, e eles começaram de novo a entoar "Ahu" e a assobiar usando os dedos e a bater palminhas, e Willatale voltou a me abraçar. Mais uma vez meu rosto mergulhou na sua barriga, naquela grande protuberância cor de açafão, com o nó da pele de leão afundando também, e senti de novo a emanção da força. Eu não estava enganado. E uma coisa que fiquei pensando, como antes, foi *a hora que rompe o sono do espírito*. Enquanto isso, os homens com aparência de atletas continuavam assobiando musicalmente, arreganhando a boca como sátiros (não que em outros aspectos eles lembrassem sátiros). E as palminhas de pulsos unidos prosseguiram, exatamente como quando senhoras jogam bola com as mãos (inclusive dobrando os joelhos como quando a bola vem). De modo que, àquela primeira visão da aldeia, eu sentia que viver em meio

àquelas pessoas podia mudar um homem para melhor. Já tinha me feito algum bem, eu percebia. E eu queria fazer alguma coisa por eles — meu desejo nesse sentido era ardente. “Se pelo menos”, pensei, “eu fosse médico, poderia operar o olho de Willatale.” Oh sim, sei o que é uma operação de catarata, e não tinha intenção alguma de tentar. Mas me sentia singularmente envergonhado por não ser médico — ou talvez fosse vergonha de ter viajado tanto para chegar até ali tendo tão pouco para contribuir. Todo o engenho, preparação e coordenação necessários para levar um sujeito de modo tão rápido e profundo ao coração da África! E quando chega — é o sujeito errado! Então, mais uma vez, eu tinha a convicção de que ocupava um lugar na existência que deveria ser ocupado mais adequadamente por outra pessoa. E suponho que fosse ridículo me atormentar com o fato de não ser um médico, pois afinal de contas alguns médicos são figuras bem medíocres, e não poucos dos que conheci estão em algum tipo de máfia, mas eu estava pensando principalmente em meu ídolo de infância, sir Wilfred Grenfell, do Labrador. Quarenta anos atrás, quando eu lia seus livros na varanda dos fundos, jurei que seria um médico missionário. É péssimo, mas o sofrimento é praticamente o único despertador confiável para o sono do espírito. Há rumores de longa data de que o amor também cumpre esse papel. Seja como for, eu estava pensando que uma pessoa mais útil poderia ter chegado naquele momento aos Arnewi, pois, por maior que fosse o encanto das duas mulheres da ammarguha, a crise era realmente aguda. E me lembrei de uma conversa com Lily. Perguntei a ela: “Querida, você diria que é tarde demais para eu estudar medicina?”. (Não que ela seja a mulher ideal para responder uma pergunta prática como essa.) Mas ela disse: “Ora, não, querido. Nunca é tarde demais. Você pode viver até os cem anos” — um corolário para a sua crença de que eu era inassassinável. Então repliquei: “Eu teria mesmo que viver tanto assim para que valesse a pena. Estaria começando a residência aos sessenta e três, idade em que os outros estão se aposentando. Mas também não sou como os outros homens nesse aspecto, porque não tenho do que me aposentar. No entanto, não posso ter a expectativa de viver cinco ou seis vidas, Lily. Ora, mais da metade das pessoas

que conheci quando jovem já morreu e aqui estou eu, ainda fazendo planos para o futuro. E os animais que eu tive também. Quero dizer, um homem durante sua existência tem seis ou sete cães e aí chega a sua vez de partir também. Então como é que eu posso pensar em meus manuais e instrumentos, cursar disciplinas, estudar um cadáver? Onde eu iria encontrar paciência para aprender anatomia, química, obstetrícia?”. Mas pelo menos Lily não riu de mim, como Frances. “Se eu tivesse conhecimento de ciências”, estava pensando agora, “provavelmente seria capaz de pensar num jeito simples de eliminar as rãs.”

Mas de qualquer maneira eu me sentia muito bem, e agora era a minha vez de receber presentes. Ganhei das irmãs uma almofada coberta de pele de leopardo, e foi trazida uma cesta de inhame cozido frio, coberta com uma esteira de palha. Os olhos de Mtalba cresceram, enquanto suas sobrancelhas subiam docemente e ela parecia estar fungando — todos os sinais de que tinha se ligado em mim. Lambeu minha mão com sua pequena língua e eu a recolhi e enxuguei na minha bermuda.

Mas me considerei um homem de sorte. Era um lugar maravilhoso, estranho, especial, e eu estava comovido. Achava que a rainha poderia me endireitar se quisesse; como se, a qualquer momento agora, ela pudesse abrir a mão e me mostrar a coisa, a fonte, a semente — a cifra. O mistério, sabe. Estava absolutamente convencido de que ela devia detê-lo. A terra é uma enorme bola que nada sustenta no espaço a não ser seu próprio movimento e magnetismo, e nós, coisas conscientes que a ocupamos, julgamos ter que nos mover também, em nosso próprio espaço. Não podemos nos permitir ficar parados e deixar de fazer a nossa parte e de imitar a entidade maior. Vocês sabem, essa é a nossa atitude. Mas agora olhem para Willatale, a mulher ammargu; ela abra a mão dessas noções, não havia nela nenhuma ansiedade ou preocupação, e ela estava firme. Ora, não havia acontecido nada! Ao contrário, tudo parecia bem! Vejam como ela estava feliz, sorrindo com seu nariz achatado e suas falhas nos dentes, o olho de madrepérola e o olho bom, e vejam sua cabeça branca! Só o fato de vê-la já me confortava, e eu sentia que podia aprender a me firmar também se

seguisse seu exemplo. E de modo geral sentia que estava se aproximando a hora da minha libertação, quando o sono do espírito seria rompido.

Havia em mim uma alegre agitação, que me fazia travar os dentes. Certas emoções me levam a ranger os dentes. Sobretudo a apreciação estética faz isso comigo. Sim, quando admiro a beleza sinto essas pontadas nos dentes e as minhas gengivas ficam impacientes. Como naquela manhã de outono em que as flores de angélica estavam tão vermelhas, e eu estava em pé com meu roupão de veludo sob o negrume verde do pinheiro, e o sol era como o pelo de uma raposa, e os animais latiam, e os corvos crocitavam com estridência no restolho dourado — minhas gengivas doíam agudamente então, e agora era parecido; e com isso toda a minha arrogância difícil, perturbada e ameaçadora parecia murchar em mim, e mesmo a dureza da minha barriga como que afrouxava e amolecia. Eu disse ao príncipe Itelo: “Olhe, Alteza, você pode arranjar para mim uma verdadeira conversa com a rainha?”.

“Não teve conversa?”, disse ele, um pouco surpreso. “Já teve conversa, siô Henderson”.

“Oh, uma conversa de verdade, quero dizer. Não bate-papo social sobre amenidades. Uma conversa séria”, disse eu. “Sobre a sabedoria de vida. Porque sei que ela a possui e não quero ir embora sem ter uma amostra. Estaria louco se fizesse isso.”

“Oh sim. Muito bom, muito bom”, disse ele. “Oh, tudo bem. Já que o siô me venceu eu não vou lhe recusar uma interpretação difícil.”

“Então entende o que quero dizer?”, perguntei. “Ótimo. Maravilha. Ficarei grato até o dia da minha morte, príncipe. Você não tem ideia de como isso me deixa contente.” A irmã mais nova de amarguá, Mtalba, estava enquanto isso segurando a minha mão, e eu disse: “O que ela está querendo?”.

“Oh, ela tem uma forte afeição pelo siô. Num vê que ela é a mulher mais linda e o siô é o mais forte dos home? O siô ganhou o coração dela.”

“Pra que eu quero o coração dela?”, disse eu. Então comecei a pensar como iniciar uma discussão com Willatale. Em que deveria me concentrar? Casamento e felicidade? Filhos e família? Dever?

Morte? A voz que dizia *Eu quero?* (Como poderia explicar isso a ela e a Itelo?) Tinha que encontrar os pontos mais simples, mais essenciais, e acontece que todo o meu pensamento é complicado. Eis aqui uma amostra desse pensamento, que por acaso era precisamente o que eu tinha em mente ali em pé naquele pátio crestado sob a suave sombra do sapê; Lily, afinal de contas minha querida esposa, e mulher insubstituível, queria que acabássemos com a solidão um do outro. Agora ela não estava mais sozinha, mas eu ainda estava, e como ficava isso? Próximo passo: a ajuda pode vir ou de outros seres humanos ou... de um lugar diferente. E entre seres humanos só há duas alternativas, a fraternidade ou o crime. E o que faz dos homens bons mentirosos tão grandes? Ora, eles mentem até não poder mais. Evidentemente acreditam que os crimes devem existir, e mentir é o crime mais útil, já que pelo menos é feito em nome do bem. Bom, na hora do vamos ver, sou a favor dos bons, claro, mas desconfio muito deles. Então, em suma, qual é a melhor maneira de viver?

Porém, eu não podia começar num ponto tão avançado do meu pensamento a conversa com a mulher da amarguinha. Teria que abrir caminho lentamente, experimentando a firmeza do terreno. Por isso eu disse a Itelo: "Agora por favor diga à rainha por mim, meu amigo, que só o fato de vê-la já me produz maravilhas. Não sei se é sua aparência geral ou a pele de leão ou o que eu sinto emanar dela — seja o que for, traz paz à minha alma".

Isso foi transmitido por Itelo e então a rainha se inclinou para frente com uma ligeira hesitação de seu corpo robusto, sorrindo, e falou.

"Ela diz que gosta de ver você, também."

"Oh, mesmo?" Eu estava radiante. "Isso é ótimo. É um grande momento para mim. Os céus se abrem. É um grande privilégio estar aqui." Afastando minha mão de Mtalba, coloquei meu braço em torno do príncipe e balancei a cabeça, pois estava completamente inspirado e meu coração começava a transbordar. "Sabe, você é de fato um sujeito mais forte do que eu", falei. "Sou forte, é verdade, mas do tipo errado de força; uma força grosseira; porque estou desesperado. Ao passo que você é mesmo forte — simplesmente

forte.” Isso comoveu o príncipe, que começou a negar, mas eu disse: “Olhe, pode acreditar em mim. Se eu tentasse explicar em detalhes levaria meses antes que conseguisse ao menos chegar perto. Minha alma é como uma casa de penhores. Quero dizer que está cheia de prazeres que não foram resgatados, velhos clarinetes, câmeras, casacos comidos pelas traças. Mas não vamos discutir sobre isso. Estou apenas tentando lhe dizer como vocês me fazem sentir aqui nesta tribo. Você é o máximo, Itelo. Amo você. Amo a velha senhora também. Na verdade, vocês todos são formidáveis, e eu vou livrá-los daquelas rãs nem que tenha que sacrificar minha vida a isso”. Todos viam que eu estava comovido e os homens começaram a assobiar com a ajuda dos dedos e arreganhar a boca como sátiros, mas de maneira doce, suave.

“Minha tia pergunta o que o siô deseja.”

“Ah, é? Ora, isso é formidável. Para começar, pergunte o que ela vê em mim, já que eu acho tão difícil dizer a ela quem eu sou.”

Itelo traduziu a pergunta e Willatale arqueou as sobrancelhas daquele jeito flexível peculiar aos Arnewi em geral, que deixava o hemisfério do olho ser visto, puramente, reluzindo de intenção humana; enquanto o outro olho, o branco, embora cego, expressava humor, como se ela estivesse me dando uma piscadela que fosse durar toda uma vida. Aquela cortina branca fechada também significava para mim sua interioridade. Ela falou devagar, sem interromper o olhar, e seus dedos se moveram sobre sua velha coxa, encurtada por sua corpulência, como se tateassem uma inscrição em braille. Itelo traduziu as palavras dela. “O siô tem uma grande personalidade. Forte.” (Concordei com ela.) “Sua mente é cheia de pensamentos. Possui algum fundamento de amarguinha também.” (Ótimo, ótimo!) “O siô adora sen...” (Ele demorou vários segundos para achar a palavra enquanto eu esperava ali em pé, consumido — naquela corte colorida, naquele solo dourado, no ambiente tingido pelo vermelho carmim, pelo preto; os ramos dos arbustos marrons e com aroma de canela — consumido pelo desejo de ouvir o julgamento da sabedoria dela a meu respeito.)

“Sen-sações.” Assenti, e Willatale continuou. “Diz... que siô muito inflamado, oh, senhor! Siô Henderson. Seu coração está latindo.”

“Correto”, disse eu, “com todas as três cabeças, como Cérbero, o cão de guarda. Mas por que esses latidos?” Ele, porém, estava ouvindo o que ela dizia, e vacilava sobre os calcanhares, como que espantado por ouvir com que tipo de sujeito ele tinha lutado na esteira na cerimônia tradicional de reconhecimento. “Frenesi”, disse ele. “Sim, sim, eu confirmo isso”, disse eu. “A mulher tem um autêntico dom.” E a incentivei. “Diga, diga, rainha Willatale! Quero a verdade. Não quero que me poupe.” “Sofre”, disse Itelo, e Mtalba pegou minha mão em solidariedade. “Sim, com certeza.” “Ela diz agora, siô Henderson, que o siô tem grande capacidade, indicada por seu grande volume e especialmente por seu nariz.” Meus olhos estavam grandes e tristes quando toquei meu rosto. A beleza certamente desaparece. “Já fui um sujeito bem apessoado”, disse eu, “mas é com certeza um nariz com o qual eu posso cheirar o mundo inteiro. Eu o herdei do fundador da minha família. Era um holandês fabricante de salsicha e se tornou o capitalista mais inescrupuloso da América.”

“Desculpe a rainha. Ela se afeioou do siô e diz que não quer lhe causar problema.”

“Sei. Porque eu já tenho o bastante. Mas veja, Alteza, eu não vim aqui para jogar conversa fora, então não diga nada que a iniba. Quero tudo muito franco.”

A mulher de ammarguha começou a falar de novo, lentamente, detendo-se na minha aparência com seu olhar cismado de um olho só.

“O que ela está dizendo — o que ela está dizendo?”

“Ela diz que quer que o siô conte por que veio para cá. Ela sabe que atravessou montanhas e caminhou muito tempo. Siô não jovem, siô Henderson. Pesa talvez cento-cinquenta quilo; seu rosto tem muitas cores. É construído como uma velha locomotiva. Muito forte, sim, eu sei. Senhor, eu admito. Mas tanta carne como um grande monumento...”

Escutei, sofrendo com suas palavras, meus olhos encolhendo entre as rugas circundantes. Então suspirei e disse: “Obrigado por sua franqueza. Sei que é estranho eu ter atravessado o deserto até aqui com meu guia. Por favor diga à rainha que fiz isso por minha

saúde”. Isso surpreendeu Itelo, de modo que ele deu uma risada assustada. “Sei”, disse eu, “que superficialmente não pareço doente. E soa monstruoso que alguém com a minha aparência ainda se preocupe consigo mesmo, com sua saúde ou qualquer outra coisa. Mas é assim que é. Oh, é uma desgraça ser humano. A gente pega doenças esquisitas. Só porque é humano, por nenhuma outra razão. Antes que se perceba, com o passar dos anos, fica-se exatamente como outras pessoas que conhecemos, com todos aqueles males humanos peculiares. Cada um de nós é só mais um veículo para o temperamento, a vaidade, a impulsividade e todo o resto. Quem quer isso? Quem precisa disso? Essas coisas ocupam o lugar onde a alma de um homem devia estar. Mas, já que ela começou, quero que leia para mim a acusação na íntegra. Posso ajudá-la com informações sobre um punhado de delitos, mas não acho que seja necessário. Ela parece saber. Luxúria, ira e todo o resto. Uma verdadeira liquidação de deformidades...”

Itelo hesitou, mas em seguida transmitiu o que pôde disso tudo para a rainha. Ela assentiu com gravidade e compaixão, abrindo e fechando devagar a mão no nó da pele de leão e fitando o teto da cabana — aquelas varas de bambu cor de âmbar e as pacíficas e simétricas folhas de palmeira do teto. O cabelo dela flutuava como um milhão de fios de teia de aranha, enquanto a gordura dos braços descia pelos cotovelos. “Ela diz”, transmitiu Itelo com cuidado, “mundo estranho para uma criança. Siô não é criança, siô?”

“Oh, como ela é maravilhosa”, disse eu. “Verdade, pura verdade. Nunca me senti em casa na vida. Toda a minha ruína aconteceu a uma criança.” Entrelacei minhas mãos e, fitando o chão, comecei a refletir em torno dessa inspiração. E quando se trata de refletir sou como o terceiro homem numa corrida de revezamento. Mal posso esperar para pegar o bastão, mas quando o faço raramente parto na direção certa. Então o que pensei foi algo assim: O mundo pode ser estranho para uma criança, mas ela não o teme do mesmo modo que um homem o teme. Ela se maravilha com ele. Mas o homem adulto em geral o receia. E por quê? Por causa da morte. Então ele arranja um jeito de ser abduzido como uma criança. De modo que o que aconteça não seja sua culpa. E quem é esse sequestrador —

esse cigano? É a estranheza da vida — uma coisa que torna a morte mais remota, como na infância. Eu estava bem orgulhoso de mim mesmo, podem crer. E disse para Itelo: “Por favor diga à velha senhora por mim que a maioria das pessoas odeia topar com os problemas de um homem. Problema cheira mal. De modo que não vou esquecer sua generosidade. Agora ouçam — ouçam”, eu disse a Willatale, Mtalba, Itelo e todos os membros da corte. Comecei a cantar um trecho do *Messiah* de Handel, “Ele era desprezado, o último dos homens, um homem de dores, experimentado nos sofrimentos”, e daí eu passei para outra parte do mesmo oratório, “E quem aguardará o dia da Sua vinda, e quem ficará de pé quando Ele aparecer?”. Assim cantei enquanto Willatale, a mulher da amarguinha, rainha dos Arnewi, abanava suavemente a cabeça; talvez em admiração. O rosto de Mtalba resplandecia com uma expressão semelhante e sua testa começou a se enrugar suavemente de baixo para cima, em direção ao cabelo eriçado, enquanto as mulheres batiam palminhas e os homens assobiavam em coro. “Oh, belo espetáculo, siô. Meu amigo”, disse Itelo. Apenas Romilayu, sólido, musculoso, baixo e enrugado, parecia não estar aprovando, mas devido às rugas ele tinha uma expressão inerente de desagrado, e talvez não fosse esse o caso naquele momento.

“Grun-tu-molani”, disse a velha rainha.

“O que é isso? Que foi que ela disse?”

“Diz, siô quer viver. Grun-tu-molani. Homem quer viver.”

“Sim, sim, sim! Molani. Eu molani. Ela vê isso? Deus a recompensará, diga a ela, por dizer isso para mim. Eu mesmo a recompensarei. Vou aniquilar aquelas rãs, vou mandá-las da cisterna para os ares, elas vão se arrepender de ter descido das montanhas para perturbar vocês. Não apenas eu molani por mim mesmo, mas por todo mundo. Eu não podia suportar o modo como coisas tristes acometiam o mundo e então me pus em movimento por causa desse molani. Grun-tu-molani, velha senhora — velha rainha. Grun-tu-molani, todo mundo!” Ergui meu capacete para toda a família e membros da corte. “Grun-tu-molani. Deus não joga dados com as nossas almas, e portanto grun-tu-molani.” Eles murmuraram de volta, sorrindo para mim, “Tu-molani”. Mtalba, com os lábios

cerrados, mas o rosto notavelmente expandido de felicidade e as mãozinhas banhadas em hena pousadas nos quadris com seus pulsos enrugados, fitava meus olhos com ternura.

* A confusão que se segue parte de um jogo de palavras intraduzível. O príncipe usa a palavra *bittah*, que em sua língua é uma pessoa elevada e que tem praticamente o mesmo som da palavra *bitter* (amargo, triste ou mordaz, em inglês). E *bittahness* ("bittahcidade") soa como *bitterness* (amargura). (N. T.)

8.

Ora, venho de uma linhagem que tem sido execrada e escarnecida há mais de cem anos, e quando eu ficava estilhaçando garrafas à beira do mar eterno, não era apenas dos meus grandes ancestrais, os embaixadores e homens de estado, que as pessoas se lembravam, mas dos lunáticos também. Um deles se envolveu na Rebelião Boxer, acreditando ser um oriental; outro foi arrematado por trezentos mil dólares por uma atriz italiana; um terceiro foi levado embora por um balão quando divulgava o movimento sufragista. Houve na nossa família carradas de membros impulsivos ou imbecis (em francês a pronúncia do termo é mais forte: "ã-bê-cíl"). Uma geração atrás um dos primos Henderson obteve a medalha Corona Italia por trabalhos de resgate durante o terremoto de Messina, na Sicília. Estava farto da indolência que o apodrecia em Roma. Vivia entediado, a ponto de descer de cavalo do seu quarto até o salão do Palazzo. Depois do terremoto ele foi a Messina no primeiro trem e, segundo consta, não dormiu por duas semanas a fio, mas vasculhou centenas de ruínas e resgatou um sem-número de famílias. Isso indica que existe na nossa família um ideal de servir, embora às vezes num contexto de maus hábitos. Um dos velhos Henderson, embora estivesse longe de ser um sacerdote, costumava pregar a seus vizinhos, e para isso os convocava tocando um sino no seu quintal com um pé de cabra. Todos tinham que comparecer.

Dizem que me pareço com ele. Temos o mesmo tamanho de pescoço, colarinho 22. Eu poderia citar o fato de ter defendido uma ponte minada por explosivos na Itália, impedindo que fosse pelos ares antes da chegada dos engenheiros. Mas isso fica no departamento do dever militar, e um exemplo melhor talvez seja o do meu comportamento no hospital quando quebrei a perna. Eu passava todo o tempo na ala infantil, entretendo e animando a

criançada. Manquitolava com minhas muletas por toda a área vestido numa bata de hospital; como não me dava ao trabalho de amarrar o cinto e a bata ficava aberta atrás, as velhas freiras corriam atrás de mim para me cobrir, mas eu não parava quieto.

Ali estávamos nós nas mais distantes montanhas africanas — mais distantes do que aquilo seria impossível! — e era uma lástima que aquela gente boa sofresse tanto por causa das rãs. Mas para mim era natural querer socorrê-los. Acontece que isso era algo que provavelmente estava ao meu alcance, e era o mínimo que eu poderia me comprometer a fazer nas circunstâncias. Vejam o que aquela rainha Willatale tinha feito por mim — leu a minha natureza, revelou para mim o grun-tu-molani. Eu percebia que aqueles Arnewi, e nisso eles não eram exceção à regra, tinham se desenvolvido de modo desigual; talvez detivessem a sabedoria da vida, mas quando se tratava de rãs eram impotentes. Isso eu já havia explicado para minha própria satisfação. Os judeus tinham Jeová, mas não se defendiam no Sabá. E os esquimós morriam de fome com uma fartura de renas ao seu redor porque era proibido comer rena na temporada de pesca, ou peixe na temporada de renas. Tudo depende dos valores — dos valores. E onde fica a realidade? Eu lhes pergunto, onde está ela? Eu mesmo, morrendo de infortúnio e tédio, também tinha felicidade à minha volta, e uma felicidade objetiva, tão abundante quanto a água daquela cisterna que o gado estava proibido de beber. E portanto pensei: isto vai ser um daqueles acordos de ajuda mútua; naquilo em que os Arnewi são irracionais, eu os ajudarei, e naquilo em que o irracional sou eu, eles me ajudarão.

A lua já havia surgido no leste com seu longo rosto e um toão de nuvens atrás de si. Me dava vertigem contemplar a parede abrupta das montanhas ao redor, e avalio que elas se aproximavam dos três mil metros de altura. O ar da noite ficava muito verde e no entanto os raios de luar mantinham intacta a sua brancura. Os telhados de palha ficavam mais do que nunca parecidos com plumas escuras, pesadas, cor de ameixa. Eu disse ao príncipe Itelo quando nos sentamos ao lado de um daqueles montes iridescentes — seu séquito de esposas e parentes permanecia por perto com os guarda-

sóis em forma de flor de abóbora — “Príncipe, vou fazer uma tentativa com aqueles animais na cisterna. Porque estou certo de que posso lidar com eles. Você não está envolvido de modo algum, e não precisa nem dar sua opinião a favor ou contra. Faço isso por minha única e exclusiva responsabilidade”.

“Oh, siô Henderson — siô homem strordinário. Mas não se deixe arrebatado.”

“Ha, ha, príncipe — me perdoe, mas é aqui que você se engana. Se não me deixo arrebatado eu não faço nada que preste. Mas tudo bem”, disse eu. “Esqueça isso, simplesmente.”

Então ele nos deixou em nossa cabana e Romilayu e eu comemos nosso jantar, que consistia principalmente de inhame frio e biscoitos duros, aos quais adicionei um suprimento de comprimidos de vitamina. Para completar, tomei um trago de uísque e então disse: “Venha, Romilayu, vamos voltar àquela cisterna e examiná-la sob a luz do luar”. Levei comigo uma lanterna para usar sob o sapê, pois, como já foi dito, tinha sido construída uma cobertura sobre a cisterna.

Aquelas rãs se saíam de fato melhor do que todos os outros. Ali, graças à umidade, brotavam as únicas plantas de toda a aldeia, e aquela insólita espécie de rã das montanhas, mosqueada de verde e branco, seguia saltando, chapinhando, nadando. Dizem que o ar é o lar último da alma, mas no que diz respeito aos sentidos, provavelmente não encontraremos um meio mais dócil do que a água. De modo que a vida daquelas rãs devia ser maravilhosa e me parecia que estavam plenamente realizadas enquanto passavam junto aos nossos pés com aquelas suas peles molhadas e brilhantes, aquelas pernas brancas e gargantas emotivas, os olhos feito bolhas. Ao passo que nós outros, representados ali por Romilayu e eu, transpirávamos encalorados, queimando. Na sombra da noite, intensificada pela cobertura de sapê, minha cara ardia como se estivesse em chamas, como se fosse a boca de um vulcão. Minhas mandíbulas estavam inchadas e eu quase acreditava que podia apagar a luz da lanterna e continuar vendo aquelas rãs na cisterna só com o clarão que emanava de mim.

“Estão se dando muito bem, essas criaturas”, falei a Romilayu, “por enquanto.” E oscilei para lá e para cá o facho da lanterna na água onde elas se amontoavam. Em outras circunstâncias eu teria adotado uma atitude tolerante ou até mesmo afetuosa com relação a elas. Basicamente, não tinha nada contra elas.

“Por que tá rindo, siô?”

“Estou rindo? Nem percebi”, disse eu. “Estas aqui são mesmo grandes cantoras. Lá em Connecticut elas mais piam do que cantam, mas estas têm vozes graves. Ouça”, disse eu, “posso imaginar todo tipo de coisa. Ta dam-dam-dum. Agnus Dei — Agnus Dei qui tollis peccata mundi, miserere no-ho-bis, pobres escrotinhas, pois o curso do destino está prestes a se voltar contra elas.”

“Pobres escrotinhas” foi o que eu disse, mas na verdade estava exultando: oba-oba-oba! Meu coração já inchava de satisfação antecipada pela morte delas. Odiamos a morte, tememos a morte, mas quando pensamos em certos casos, não há nada melhor que ela. Eu lamentava pelo gado, sim, e quanto aos humanos eu estava quite. Tinha zerado as contas a pagar e a receber. Mas ainda ansiava por deixar a violência suprema se abater sobre aquelas criaturas da cisterna.

Ao mesmo tempo eu não podia deixar de ter consciência das discrepâncias entre nós. De um lado estavam aqueles pequenos semipeixes fundamentalmente inofensivos, que não tinham culpa do medo que inspiravam nos Arnewi. Do outro lado, um milionário de um metro e noventa e três de altura, pesando cento e cinco quilos, socialmente destacado e oficial combatente detentor da Purple Haze e de outras condecorações. Mas eu não era responsável por aquilo, era? No entanto, falta registrar que estive em outros tempos envolvido de modo mais fatal com animais, de acordo com a profecia de Daniel, da qual nunca fui capaz de me livrar: “Expulsar-te-ão do meio dos homens, a tua moradia será com os animais e as feras”. Sem contar os porcos, com os quais me relacionei legitimamente como criador, houve muito recentemente um envolvimento com um animal que pesou demais sobre minha cabeça e minha consciência. Às vésperas do meu ataque às rãs era nessa

criatura, um gato, que eu estava pensando, e é melhor contar por quê.

Eu lhes falei do prédio reformado por Lily na propriedade. Ela o alugou a um professor de matemática e sua esposa. A casa não tinha isolamento, os inquilinos se queixaram e eu os despejei. Era sobre eles e seu gato que Lily e eu estávamos tendo nossa contenda quando a srta. Lenox caiu morta. Esse gato era um macho de pelos marrons e cinza opacos.

Duas vezes os inquilinos vieram à minha casa discutir o aquecimento. Fazendo de conta que não sabia de nada, segui o assunto com interesse, espiando-os furtivamente do andar de cima quando chegaram. Eu ouvia suas vozes na sala de visitas e sabia que Lily estava tentando acalmá-los. Ficava à espreita no andar de cima, com meu roupão vermelho e as galochas que usava no curral. Depois, quando Lily tentou discutir o assunto comigo, eu lhe disse: "Essa dor de cabeça é sua. Eu nunca quis estranhos por perto, para começar". Achava que ela os tinha trazido para a fazenda para fazer amizade, e eu me opunha a isso. "O que é que os incomoda? São os porcos?" "Não", disse Lily, "não disseram uma palavra contra os porcos." "Hah! Vi a cara deles quando a lavagem estava cozinhando", disse eu, "e não consigo entender por que você quer ter uma segunda casa quando não cuida direito nem da primeira."

Na segunda e última vez eles vieram bem mais determinados para fazer sua queixa, e observei do quarto, penteando o cabelo com um par de escovas; vi o gato de pelo opaco andando atrás deles, saltitando entre as estacas quebradas da horta. Os brócolis ficam com um aspecto espetacular quando a geada os atinge. A conferência começou no andar de baixo e não aguentei mais e passei a bater os pés com força no chão acima da sala de visitas: "Caiam fora daqui, sumam da minha propriedade!".

O inquilino disse: "Nós vamos, mas queremos nosso depósito, e que você pague também a conta da mudança".

"Ótimo", disse eu, "vocês vêm e apanham o dinheiro comigo", e pisando firme no poço da escada com minhas galochas, gritei: "Fora daqui!".

E eles foram mesmo, mas a questão é que abandonaram o gato, e eu não queria um gato selvagem na minha casa. Gatos tornados selvagens são um problema, e aquele era um animal muito potente. Eu o observara caçando e brincando com um esquilo. Durante cinco anos tínhamos sofrido com um gato daquele tipo que morava numa velha toca de marmota perto do lago. Ele brigou com todos os gatos do celeiro, causando-lhes feridas infeccionadas e arrancando-lhes os olhos. Tentei matá-lo com peixe envenenado e bombas de fumaça e passei dias inteiros de joelhos no bosque perto da sua toca, tentando agarrá-lo. Então eu disse a Lily: "Se esse animal ficar selvagem como o outro, você vai se arrepender".

"As pessoas virão buscá-lo", disse ela.

"Não acredito nisso nem por um minuto. Eles se livraram dele. E você não sabe como um gato selvagem pode se comportar. Ora, eu preferia ter um lince andando por aí."

Tínhamos contratado um homem chamado Hannock, e fui até o celeiro dizer a ele: "Onde está o gato que aqueles malditos civis deixaram para trás?". Estávamos no fim do outono e ele estocava maçãs, deixando de lado as amassadas e feias para dar aos porcos que haviam restado. Hannock se opunha muito aos porcos, que tinham arruinado a grama e o jardim.

"Ele não é problema, sr. Henderson. É um bom gatinho", disse Hannock.

"Eles pagaram você para cuidar do bicho?", perguntei, e ele ficou com medo de dizer sim e então mentiu para mim. Na verdade, eles tinham lhe dado duas garrafas de uísque e uma caixa de leite em pó (Starlac).

Ele disse: "Não, não pagaram. Mas vou cuidar. Ele não é problema para mim".

"Não vai haver nenhum animal abandonado na minha propriedade", disse eu e segui pela fazenda chamando: "Cuti, cuti, cuti". Finalmente o gato veio para as minhas mãos e não lutou quando o ergui pelo cangote e o levei para um quarto no sótão e o tranquei lá. Mandeí uma carta expressa registrada para os donos e dei-lhes até as quatro horas do dia seguinte para vir buscá-lo. Caso contrário, ameacei, eu o apagaria.

Mostrei a Lily o recibo da carta registrada e disse a ela que o gato estava em meu poder. Ela tentou me dissuadir e até se pôs toda elegante na hora do jantar, com pó de arroz no rosto. À mesa senti que ela tremia e percebi que estava prestes a argumentar comigo. “Qual é o problema? Você não está comendo nada”, falei, porque normalmente ela come bastante e ouvi pessoal de restaurante dizer que nunca tinha visto uma mulher que matasse um prato de comida como ela. Dois bifões e seis garrafas de cerveja não são demais para ela quando está em forma. Para falar a verdade, tenho muito orgulho da capacidade de Lily.

“Você também não está comendo”, foi a resposta de Lily.

“É porque estou com uma coisa na cabeça. Estou extremamente aborrecido”, disse eu. “Muito nervoso.”

“Querido, não seja assim”, disse ela.

Mas a emoção, qualquer que fosse ela, me preenchia de uma tal maneira que a minha própria carne estava em desacordo com os ossos. Eu me sentia péssimo.

Não contei a Lily o que estava planejando fazer, mas às 3h59 do dia seguinte, sem ter recebido resposta alguma dos ex-inquilinos, subi ao sótão para cumprir minha ameaça. Levei uma sacola do mercado de Grusan e dentro dela havia uma pistola. Havia bastante luz no pequeno quarto revestido de papel de parede no sótão. Disse para o gato: “Descartaram você, gatinho”. Ele se encolheu junto à parede, arqueado e com o pelo eriçado. Tentei fazer pontaria nele de cima para baixo e acabei tendo que me sentar no chão, mirando por entre as pernas de uma mesa de armar que havia ali. Naquele espaço apertado eu não queria disparar mais do que um único tiro. Lendo sobre Pancho Villa aprendi o método mexicano de atirar, que consiste em mirar com o indicador no cano e apertar o gatilho com o dedo médio, porque o indicador é o ponteiro mais acurado à nossa disposição. Assim, coloquei o centro da cabeça dele sob o meu (um tanto torto) indicador e disparei, mas minha vontade não estava verdadeiramente focada na sua morte, e errei. É a única explicação possível para errar a uma distância de dois metros e meio. Abri a porta e ele saiu em disparada. Na escada, com seu lindo pescoço esticado para a frente e seu rosto branco de medo, estava Lily. Para

ela, uma pistola disparada dentro de uma casa significava uma coisa só — fazia lembrar a morte de seu pai. O choque do disparo ainda estava nela, a sacola de compras vazia pendendo do meu lado.

“O que você fez?”, disse Lily.

“Tentei fazer o que eu disse que faria. Que diabo!”

O telefone começou a tocar e passei por ela para atendê-lo. Era a mulher do inquilino, e eu disse: “Por que esperou tanto para ligar? Agora já é quase tarde demais”.

Ela caiu no choro e eu mesmo me senti muito mal. E gritei: “Venha buscar seu maldito gato. Vocês, gente da cidade, não se preocupam com os animais. Ora, não se pode simplesmente abandonar um gato”.

O desconcertante é que eu sempre tenho alguma motivação básica real, o que não consigo entender é como erro tanto.

Então, na beira da cisterna, o problema de como eliminar as rãs desencadeava essa outra lembrança. “Mas isto aqui é diferente”, pensei. “Aqui a coisa é clara, e além disso vai mostrar qual era o meu propósito quando fui atrás daquele gato.” Assim eu esperava, pois meu coração estava torturado pela lembrança, e eu sentia uma tremenda aflição. Tinha sido por um triz — quase um pecado mortal.

Encarando a situação prática, no entanto, considerei várias alternativas, como dragagem ou envenenamento, e nenhuma delas me pareceu aconselhável. Disse a Romilayu: “O único método que se impõe é o bombardeio. Uma explosão matará todas essas desgraçadas, e quando elas estiverem boiando mortas na superfície tudo o que teremos a fazer será tirá-las com uma rede, e os Arnewi poderão dar água a seu gado de novo. É simples”.

Quando finalmente captou a minha ideia, ele disse: “Oh não, não, não, siô”.

“Sem essa de ‘Não, não, siô’! Não seja tolo, sou um velho soldado e sei do que estou falando.” Mas de nada adiantava discutir com ele; a ideia de uma explosão o apavorava. Eu disse: “Ok, Romilayu, vamos então para a nossa cabana dormir um pouco. Foi um grande dia e temos muito a fazer amanhã”.

Assim, voltamos para a cabana e ele começou a fazer suas orações. Romilayu tinha começado a ter a minha ficha corrida; acho

que ele gostava de mim, mas começava a perceber que eu era impulsivo e desventurado e agia sem a reflexão suficiente. Então ele, ajoelhado, baixou o corpo, fazendo as coxas pressionarem os músculos das panturrilhas, separando-as; seus grandes calcanhares ficaram visíveis. Apertava uma mão na outra, palma contra palma, com os dedos bem abertos sob o queixo. Com frequência eu dizia a ele, ou murmurava: "Diga uma palavra por mim", e estava falando mais ou menos sério.

Quando Romilayu terminou de rezar, deitou de lado e enfiou uma das mãos entre os joelhos, que estavam dobrados. A outra mão ele deslizou sob o rosto. Nessa posição, quase dormiu. Eu também me deitei sobre a cobertura na cabana escura, fora do alcance dos raios de luar. Não é comum eu ter insônia, mas naquela noite levava uma porção de coisas na cabeça, a profecia de Daniel, o gato, as rãs, o lugar de aspecto ancestral, a comissão de recepção em prantos, a luta contra Itelo, a rainha que leu meu coração e me falou do gruntu-molani. Tudo isso se misturava em minha mente e produzia grande excitação, e fiquei pensando na melhor maneira de liquidar aquelas rãs. Naturalmente eu sabia um pouco acerca de explosivos, e pensei que podia tirar as duas pilhas e manufaturar uma bomba bastante boa enchendo minha lanterna de pólvora tirada dos meus cartuchos Magnum 0,375 H e H. Eles têm uma carga e tanto, acreditem, e poderiam ser usados para matar um elefante. Eu tinha comprado o rifle 0,375 especialmente para aquela viagem à África depois de ler a respeito na *Life* ou na *Look*. Um sujeito de Michigan que tinha um foi para o Alasca assim que suas férias começaram; voou para lá e contratou um guia para seguir o rastro de um urso Kodiak; encontraram o urso e o perseguiram por rochedos e pântanos, até alvejá-lo a uma distância de quase quatrocentos metros. Eu, pessoalmente, costumava ter um certo interesse em caça, mas com a idade aquilo começou a me parecer uma estranha maneira de se relacionar com a natureza. O que quero dizer é o seguinte: um homem sai para o mundo e tudo o que é capaz de fazer é dar tiros nele? Não faz sentido. Então, em outubro, quando começa a temporada de caça e a fumaça dos tiros sai da mata e os animais ficam em pânico, correndo de um lado para o outro, vou lá e

dou uma dura nos caçadores por ficar dando tiros dentro da minha propriedade privada. Levo-os ao juiz de paz e ele lhes aplica uma multa.

Assim, tendo decidido na cabana apanhar os cartuchos e usá-los em minha bomba, sorri ali deitado pensando na surpresa que aquelas rãs teriam, e pensando também um pouco em mim mesmo, porque estava antevendo a gratidão de Willatale, Mtalba, Itelo e o povo todo; e cheguei ao ponto de imaginar que a rainha me elevaria a uma posição equivalente à dela própria. Mas aí eu diria: "Não, não. Não saí de casa para conquistar poder ou glória, e qualquer pequena ajuda que eu possa lhe dar será sempre de graça".

Com tudo isso passando pela minha cabeça eu não conseguia dormir, e para preparar a minha bomba no dia seguinte precisava muito de descanso. Sou meio esquisito no que se refere ao sono, pois por algum motivo, se tenho sete horas e um quarto de sono em vez de oito horas, fico aflito e me arrasto de um lado para outro, embora não haja nada realmente errado comigo. É só outra *ideia*. É assim com as minhas ideias; elas parecem se fortalecer à medida que eu enfraqueço.

Enquanto estava ali desperto recebi uma visita de Mtalba. Entrando na cabana, ela bloqueou o luar do lado de fora, sentou no chão perto de mim, suspirando, tomou minha mão, falou suavemente e me fez tocar sua pele, que sem dúvida era maravilhosamente macia; tinha motivos para se envaidecer dela. Embora afetado, agi como se não fosse comigo e me recusei a retribuir, mas mantive o corpanzil estendido sobre a coberta e fixei meu olhar no teto de palha enquanto tentava me concentrar na confecção da bomba. Desatarraxei (em pensamento) a tampa da lanterna e tirei as pilhas pela frente; abri os cartuchos e deixei a pólvora escoar para dentro da lanterna. Mas como eu detonaria a bomba? A água, em especial, representava para mim um problema. O que eu usaria como estopim, e como eu o impediria de ficar molhado? Quem sabe se eu pegasse alguns fios do pavio do meu isqueiro austríaco e os embebesse por um bom tempo no fluido. Ou então um cordão de sapato; um cordão encerado de sapato talvez fosse perfeito. Essa era a minha cadeia de pensamentos, enquanto a

princesa Mtalba, sentada ao meu lado, me lambia e dava beijinhos nos meus dedos. Eu me sentia muito culpado com aquilo, e pensava: se ela soubesse os delitos que já cometi com estas mesmas mãos, talvez pensasse duas vezes antes de levá-las aos lábios. Agora ela estava entretida com o próprio dedo com o qual eu tinha apontado o revólver para o gato e então uma pontada o atravessou e percorreu meu braço e o resto do sistema nervoso. Se ela fosse capaz de compreender, eu teria dito: “Linda senhora” (pois era considerada uma grande beldade e eu podia ver por quê) — “Linda senhora, não sou o homem que pensa que eu sou. Tenho coisas inacreditáveis na consciência e um caráter muito feroz. Até meus porcos têm medo de mim”.

E no entanto nem sempre é fácil dissuadir uma mulher. Elas pegam esse tipo de homens para cuidar — bêbados, loucos, criminosos. O amor é o que lhes dá forças para fazer isso, suponho, obliterando todas aquelas coisas terríveis. Não sou cego nem burro, e observei uma conexão entre o amor das mulheres e os grandes princípios da vida. Se eu não tivesse percebido isso por conta própria, com certeza Lily teria me mostrado.

Romilayu não despertou. Seguia dormindo com a mão embaixo do rosto cicatrizado e seu cabelo amassado se avolumava para um dos lados da cabeça. Arcos-íris vítreos do luar passavam pela fresta da porta, e havia do lado de fora fogueiras feitas com esterco seco e galhos de espinheiro. Os Arnewi velavam seu gado agonizante. Como Mtalba continuava a suspirar e a me acariciar, dar beijinhos e conduzir meus dedos ao longo da sua pele e entre seus lábios, me dei conta de que tinha vindo com um propósito, aquela mulher imensa com seu cabelo índigo, e ergui o braço, deixando-o cair sobre o rosto de Romilayu. Ele abriu então os olhos, mas não tirou a mão debaixo do rosto nem mudou de posição.

“Romilayu.”

“Que siô quer, siô?”, disse ele, ainda deitado.

“Sente-se, sente-se. Temos visita.” Ele não se surpreendeu com isso e ergueu o corpo. O luar entrava através do trançado de vime e da fresta da porta, a lua ficando cada vez mais limpa e pura, como se perfumasse o ar, e não só o iluminasse. Mtalba estava sentada

com os braços pousados nas curvas de seu corpo. “Descubra qual é o propósito desta visita”, eu disse.

Então ele começou a falar com ela, tratando-a com formalidade, pois ele, Romilayu, era um grande cultivador da correção, no estilo africano, e mantinha seus modos obsequiosos mesmo no meio da noite. Então Mtalba começou a falar. Tinha uma voz doce, às vezes rápida e às vezes se arrastando na garganta. Dessa conversa veio à luz que ela queria que eu a comprasse e, percebendo que eu não dispunha do dote necessário, tinha me trazido o valor correspondente naquela noite. “Precisa pagar, siô, pelas muiê.”

“Disso eu sei, parceiro.”

“Se o homem num paga, muiê não se respeita, siô.”

Então comecei a dizer que eu era um homem rico e podia bancar qualquer preço, mas percebia que o dinheiro não tinha nada a ver com aquilo, e disse: “Hah, é muito bonito da parte dela. Ela é feita nos moldes do monte Everest, mas tem em si um bocado de delicadeza. Diga a ela que agradeço e a mando de volta para casa. Eu me pergunto que horas serão. Meu Deus, se não conseguir dormir não estarei em condições de enfrentar aquelas rãs amanhã. Você não vê, Romilayu, que está tudo nas minhas costas?”

Mas ele disse que tudo o que ela tinha me trazido estava depositado do lado de fora, e ela queria que eu visse, então me levantei, muito a contragosto, e saímos da cabana. Ela tinha vindo a mim com um séquito, e quando me viram à luz da lua com meu capacete de sol, começaram a me saudar como se eu já fosse o noivo — sem grande alarde pois a hora era avançada. Os presentes estavam pousados numa esteira larga, e formavam uma grande pilha — túnicas, adornos, tambores, tintas e corantes: ela fez para Romilayu um inventário do conteúdo e ele o transmitia agora a mim.

“Ela é uma ótima pessoa. Um grande ser humano”, disse eu. “Já não tem um marido?” Para esta pergunta não podia haver uma resposta precisa, pois ela era uma mulher de amarguinha e não importava quantas vezes se casasse. Não adiantaria nada, eu sabia, dizer a ela que eu já tinha uma esposa. Isso não tinha contido Lily, e certamente não significaria grande coisa para Mtalba.

Para mostrar a grandeza do dote, Mtalba começou a vestir algumas das túnicas ao som de um xilofone feito de ossos e tocado por alguém do seu séquito, um sujeito com um grande anel nodoso no dedo. Ele sorria como se estivesse entregando a mulher de ammarguha em casamento, e enquanto isso ela exibia saias e mantos, amontoando-os em volta dos ombros e enroscando-os em torno dos quadris, o que exigia um movimento separado e mais amplo. Às vezes usava um meio-véu sobre o nariz, no estilo árabe, o que destacava seus olhos amorosos, e ocasionalmente, enquanto marcava o ritmo com as mãos tingidas de hena, ela saía do chão, imensa mas alegre, olhando para mim sobre os ombros com aqueles sinais de sofrimento nos olhos e no nariz que só podem vir do amor. Ela saracoteava, gingava, de acordo com o ritmo ditado pelo pequeno xilofone de ossos ocos — as patas de um rinoceronte, talvez, esvaziadas pelas formigas. Tudo isso acontecia sob um luar azulado, clarões brancos de fogo queimando em pontos irregulares do horizonte.

“Quero que você lhe diga, Romilayu”, falei, “que ela é uma mulher danada de atraente e que sem dúvida tem um enxoval impressionante.”

Tenho certeza de que Romilayu traduziu isso para uma espécie de elogio africano convencional.

“No entanto”, acrescentei, “tenho negócios em andamento com aquelas rãs. Elas e eu temos um encontro marcado amanhã, e não posso dar minha plena atenção a qualquer assunto importante antes de ter acertado contas com elas de uma vez por todas.”

Achei que isso a mandaria embora, mas ela seguiu exibindo suas roupas e dançando, pesada mas linda — com aquelas coxas e quadris colossais —, alçando as sobrancelhas para mim e lançando olhares. Assim, à medida que a noite e a dança avançavam, percebi que aquilo era encantamento. Aquilo era poesia, a qual eu devia deixar que me alcançasse, que impregnasse a tarefa prática de exterminar as rãs da cisterna. E o que eu sentira ao botar os olhos pela primeira vez nos telhados de sapê enquanto descia o leito do rio, que eles eram tão antigos, tinha a ver com a mesma coisa — poesia, encantamento. De algum modo, sou louco pela beleza e só

consigo confiar nela, mas vivo passando em branco por ela. Ela nunca dura o bastante. Eu sei quando está próxima porque minhas gengivas começam a doer; fico confuso, meu peito se derrete, e então... bang, a coisa passou. Mais uma vez estou do lado errado dela. No entanto, aquela tribo, os Arnewi, parecia tê-la em estoque contínuo. E minha ideia era de que, quando eu tivesse realizado meu grande feito contra as rãs, os Arnewi me guardariam em seus corações. Eu já tinha vencido Itelo, e a rainha tinha um grande afeto por mim, e Mtalba queria casar comigo, então só o que restava fazer era provar (e a oportunidade parecia sob medida; não podia se adequar melhor a minhas capacidades) que eu era merecedor.

E assim, tendo Mtalba tocado alegremente minha mão uma última vez com sua língua, entregando-se a mim junto com todos os seus bens — afinal, era uma boa ocasião —, eu disse: “Obrigado, e boa-noite, boa-noite a todos”.

Eles disseram: “Ahu”.

“Ahu, ahu. Grun-tu-molani.”

Responderam: “Tu-molani”.

Meu coração estava inflado de emoção e alegria e agora, em vez de querer dormir, eu temia que quando eles partissem e eu fechasse os olhos a sensação de encantamento desaparecesse. Por isso, quando Romilayu, depois de uma outra curta oração — de novo de joelhos, as mãos pressionadas uma contra a outra como um sujeito prestes a mergulhar na divindade —, quando Romilayu foi dormir, fiquei deitado de olhos abertos, banhado por um sentimento elevado.

9.

E esse sentimento ainda estava comigo quando me levantei, ao nascer do dia. Era um amanhecer flamejante, que fazia o interior da nossa cabana parecer escuro como um porão. Apanhei na cesta um inhame cozido e o descasquei como se fosse uma banana para o meu desjejum. Sentado no chão, comi ao ar livre e, pela fresta da porta, podia ver Romilayu, encolhido, dormindo de lado como uma efígie.

Pensei: "Este vai ser um dos meus grandes dias". Pois não apenas o sentimento elevado da noite anterior permanecia comigo, o que estabelecia uma espécie de recorde, como também eu estava convencido (e ainda estou) de que as coisas, o mundo objetivo em si, me davam uma espécie de sinal para seguir em frente. Esse sinal não veio, como eu tinha esperado, de Willatale. Eu tinha achado que ela abriria a mão e me mostraria a semente, a verdadeira cifra, como talvez vocês se lembrem — por via das dúvidas, estou dizendo de novo. Não, o que aconteceu não foi nada que tivesse sido concebido previamente; tomou meramente a forma da luz do amanhecer contra o barro branco da parede ao meu lado e teve um efeito extraordinário, pois imediatamente comecei a vivenciar a sensação em minhas gengivas alertando para algo fascinante, e junto com isso um sentimento apertado ou doloroso em meu peito. Quem é alérgico a penas ou a pólen sabe do que estou falando, pois detecta sua presença com a maior sutileza. Em meu caso a causa, naquela manhã, era a cor da parede com o sol nascente batendo nela, e quando essa cor se tornou mais profunda tive que largar o inhame que estava comendo e me apoiar no chão com as duas mãos, pois senti o mundo oscilar embaixo de mim. Se estivesse montado num cavalo, teria me agarrado na alça da sela. Uma poderosa magnificência não humana, em outras palavras, parecia estar sob mim. E era aquela própria cor suavemente rosada, como a

água de uma melancia, que produzia aquilo. Reconheci de imediato a importância da coisa, assim como ao longo da vida tinha reconhecido esses momentos em que o mudo começa a falar, em que ouço as vozes dos objetos e das cores; então o universo físico começa a ondear, a mudar, a arfar, a inchar, a se aplainar, de modo que parece que até os cães precisam se apoiar numa árvore, estremecendo. Assim, naquela parede branca com suas puas, como uma pele eriçada por furúnculos, incidia a luz rósea, e era semelhante a voar sobre pontos brancos do mar a três mil metros de altitude quando o sol começa a nascer. Fazia pelo menos cinquenta anos que eu tinha visto uma cor como aquela, e julgava ser capaz de lembrar de mim mesmo, menino pequeno, despertando sozinho numa cama de casal, uma cama preta, e olhando para o teto onde havia um alto relevo oval de gesso no estilo de antigamente, com peras, violinos, feixes de trigo e rostos de anjos; e em direção ao exterior, uma veneziana branca, de quase quatro metros de largura, banhada pela mesma luz rósea.

Eu disse menino pequeno? Suponho que eu nunca tenha sido pequeno, pois aos cinco anos parecia ter doze, e já era uma criança muito bruta. Na cidadezinha dos Adirondacks onde eu costumava passar o verão, no lugar onde meu irmão Dick se afogou, havia um moinho de água, e eu costumava entrar nele com um pedaço de pau, estourar os sacos de farinha e escapar correndo na poeira, sob os xingamentos do moleiro. Meu velho levava Dick e eu à represa do moinho e ficava conosco sob a queda d'água, segurando cada um num braço. De barba ele parecia um tritão; com seus músculos livres e a barba sorridente. Na água fria e verde eu via os peixes compridos espairecendo a poucos metros de distância. Pretos, com manchas de fogo; com brasas aquáticas. Eram como marmanjos vadiando na calçada. Então um dia, ouçam só, ao anoitecer, invadi o moinho com meu bastão e furei os sacos de farinha, quase sufocando na nuvem de pó branco. O moleiro começou a berrar: "Seu maluquinho fidaputa. Vou quebrar seus ossos como se você fosse um frango". Rindo, corri para fora e adentrei nessa mesma cor rosada, distante da cor habitual da noite. Eu a vi no flanco

farinhento do moinho, enquanto a água fazia a roda girar. Um tênue e claro rosa avermelhado no céu.

Nunca esperei encontrar essa cor na África, posso jurar. E temia que ela pudesse desaparecer antes que eu conseguisse extrair dela tudo o que deveria. Então encostei meu rosto, meu nariz, na superfície daquela parede. Pressionei o nariz contra ela como se ela fosse uma rosa precária, e me pus de joelhos, os velhos joelhos enrugados e de aspecto sofrido; como cenouras; e inspirei fundo pelo nariz e acariciei a parede com o rosto. Minha alma estava abalada, mas não excitada de um jeito febril; era um estado tão suave quanto a própria cor. Disse a mim mesmo: "*Eu sabia* que este lugar era muito antigo". Querendo dizer: eu sentira desde o início que talvez encontrasse ali coisas muito antigas, que eu tinha visto quando ainda era inocente e pelas quais havia ansiado desde então, por toda a vida — e sem as quais *eu não iria conseguir*. Meu espírito não estava adormecido então, posso lhes garantir, mas estava dizendo Oh, ho, ho, ho, ho, ho, ho!

Aos poucos a luz mudou, como era de esperar, mas pelo menos eu a havia visto de novo, como a fímbria do Nirvana, e deixei-a ir sem resistência, na esperança de que ela viesse de novo antes que outros cinquenta anos transcorressem. Caso contrário eu estaria condenado a morrer como um mero arruaceiro ou brutamontes com três milhões de dólares, um escravo do medo e da turbulência de segunda categoria.

Então, agora que voltava meus pensamentos para o socorro aos Arnewi, eu era uma pessoa diferente, ou achava que era. Tinha atravessado alguma coisa, uma experiência vital. Foi exatamente o oposto do ocorrido em Banyules-sur-Mer, com o polvo no tanque. O polvo tinha me falado sobre a morte, e eu nunca teria me engajado em qualquer projeto grandioso depois de ver aquela cabeça fria espremida contra o vidro e ficando cada vez mais pálida. Depois do bom presságio da luz encarei com confiança a confecção de uma bomba, embora a tarefa me apresentasse uma pequena porção de problemas. Ela exigiria todo o know-how de que eu dispunha. Especialmente o estopim, e toda a questão da regulagem do tempo. Teria que esperar até o último momento possível antes de lançar

meu dispositivo na água. Ora, eu tinha seguido com grande interesse as reportagens sobre o homem-bomba de Nova York, o sujeito que brigara com a companhia elétrica e estava determinado a se vingar. Diagramas de suas bombas, encontrados num armário de bagagens na Grand Central Station, tinham aparecido no *News* ou no *Mirror*, e eu estava tão entretido com eles que passei batido pela estação do metrô (com o estojo do violino entre os joelhos). Pois eu tinha umas ideias bem precisas sobre o projeto de uma bomba e sempre achei aqueles diagramas de grande interesse. Ele usara canos de gás, creio. Achei na época que poderia fazer uma bomba melhor em casa, mas claro que tinha a meu favor o treinamento militar na escola de infantaria, onde recebera uma certa quantidade de instruções de guerrilha. No entanto, mesmo uma granada de fabricação industrial talvez falhasse naquela cisterna, e a coisa toda oferecia um desafio considerável.

Sentado no chão com meus materiais entre as pernas e o capacete puxado para trás, concentrei-me na tarefa à minha frente, abrindo os cartuchos e despejando sua pólvora dentro da lanterna. Tenho uma faculdade inegável de me perder em tarefas práticas. Deus sabe que no país onde tive tantas brigas tornou-se cada vez mais difícil encontrar ajuda, e a necessidade fez com que me tornasse meu próprio faz-tudo. Sou melhor na carpintaria, nos telhados e na pintura e não tão bom como eletricista ou encanador. Talvez não seja correto dizer que tenho a faculdade de me perder no trabalho prático; na verdade o que acontece é que me torno dolorosamente intenso, e isso vale até para quando resolvo jogar paciência. Tirei o vidro da extremidade da lanterna, junto com a lampadinha, e tampei o buraco com um disco de madeira talhado na medida exata. Através dele fiz um buraco para o estopim. Agora vinha a parte traiçoeira, pois o funcionamento do aparato dependia da rapidez com que o estopim queimasse. Era isso que eu testava agora, e não olhava muito para Romilayu, mas quando o fazia via que ele abanava a cabeça, em dúvida. Tentei não dar atenção a isso, mas disse por fim: "Que diabo, não fique aí agourando. Não dá para ver que eu sei o que estou fazendo?". No entanto, eu podia ver que não tinha a confiança dele, e então o amaldiçoei por dentro e

prosseguí com o meu isqueiro, pondo fogo a pedaços de vários materiais para ver como eles queimavam. Mas se eu não podia contar com o apoio de Romilayu, havia pelo menos Mtalba, que voltou numa das primeiras horas da manhã. Vestia agora calças roxas transparentes e um daqueles véus sobre o nariz, e tomou minha mão e a pressionou contra o peito com grande vivacidade, como se tivéssemos chegado a um entendimento na noite anterior. Estava cheia de disposição. Embalada pelo xilofone de patas de rinoceronte e ocasionalmente por um coro de assobios, ela começou a trotar — se essa é a palavra (vadear?) — para fazer a sua dança, sacudindo e balançando suas opulentas carnes, o rosto enfeitado por um sorriso coquete e amor. Recitou para a corte o que estava fazendo e o que eu estava fazendo (tradução de Romilayu). “A mulher de bittahcidade, que ama o grande lutador, o homem que é como dois homens que tivessem crescido juntos, veio até ele à noite.” “Ela veio até ele”, disseram os outros. “Ela lhe trouxe o dote da noiva” — seguia-se um inventário que incluía umas vinte cabeças de gado, e mencionava-se o nome e a genealogia de cada uma delas — “e o dote era muito nobre. Pois ela é ammargu e muito linda. E o rosto do noivo tem muitas cores.” “Cores, cores.” “E tem cabelos nele, e as bochechas são caídas e ele é mais forte que muitos touros. O coração do noivo está pronto, suas portas estão abertas. O noivo está fazendo uma coisa.” “Uma coisa.” “Com fogo.” “Fogo.” E às vezes Mtalba beijava sua própria mão em substituição à minha, e a estendia para mim, e seu rosto, nos traços próximos ao nariz, exibia aqueles sinais de paixão, as dores do amor. Enquanto isso eu queimava um cordão de sapato embebido em fluido, observando de perto, com minha cabeça enfiada entre os joelhos, para ver como ele reagiria à faísca. Nada mal, pensei. Era animador. Ficou um pouco de carvão. Quanto a Mtalba, foi-se o tempo em que eu talvez tivesse me sentido de modo diferente perante o amor que ela me oferecia. Teria me parecido então um assunto muito mais sério. Mas, ah! Rugas profundas começaram a se instalar ao lado das minhas orelhas e de vez em quando, ao erguer a cabeça diante do espelho, um cabelo branco aparece no meu nariz, e por isso eu disse a mim mesmo que era por um Henderson imaginário, um

Henderson que só havia em sua cabeça, que ela tinha se apaixonado. Pensando nisso, baixei as pálpebras e balancei a cabeça afirmativamente. Mas o tempo todo continuei a queimar fiapos de pavio e cordões de sapato, e até mesmo canudos de papel, e aconteceu que um fragmento de cordão de sapato, mantido por cerca de dois minutos no fluido do isqueiro, revelou-se melhor do que qualquer outro material. Em vista disso, preparei um pedaço do cordão tirado das minhas botas de deserto, enfiei-o no buraco feito na tampa de madeira e então disse a Romilayu: "Acho que está pronta para ser usada".

De tanto ficar inclinado sobre o trabalho eu sentia uma tontura e uma turvação no fundo da cabeça, mas tudo bem. Graças à visão da luz rósea eu estava firme em meu propósito e confiava em mim mesmo, por isso não podia permitir que Romilayu mostrasse suas dúvidas e pressentimentos tão abertamente. Falei: "Agora você vai ter que parar com isso, Romilayu. Mereço sua confiança, desta vez. Garanto a você que vai funcionar".

"Sim, siô", disse ele.

"Não quero que você pense que não sou capaz de fazer um bom serviço."

Repetiu: "Sim, siô".

"Tem aquele poema sobre o rouxinol cantando que a humanidade não aguenta realidade demais. Mas quanta irreabilidade ela pode aguentar? Está me seguindo? Está me entendendo?"

"Mim entende, siô."

"Lancei essa pergunta de volta ao rouxinol. E daí que a realidade pode ser terrível? É melhor do que o que nós temos."

"É, siô. Certo."

"Tudo bem, deixo você fora disso. É melhor do que o que *eu* tenho. Mas cada homem sente em sua alma que precisa conduzir sua vida até uma certa profundidade. Bem, eu preciso continuar porque não alcancei essa profundidade ainda. Entende?"

"Sim, siô."

"Hah! A vida pode achar que já deu conta de mim em seus registros. Henderson: categoria tal e tal, ao lado do mergulhão e do ornitorrinco e outros experimentos ilustrando tais e tais princípios, e

deixado de lado. Mas a vida pode ser, ela mesma, surpreendida, pois afinal somos homens. Eu sou Homem — eu mesmo, por esquisito que possa parecer. Homem. E o homem muitas vezes driblou a vida quando ela achou que o tinha imobilizado.”

“Ok.” Encolheu os ombros diante de mim e ofereceu suas grossas mãos negras em resignação.

Falar tanto assim tinha me esgotado, e fiquei ali em pé apertando a bomba em seu invólucro de alumínio, pronto para cumprir a promessa que fizera a Itelo e suas duas tias. Os aldeões sabiam que aquele era um grande evento e apareciam em bandos, tagarelando ou batendo palmas e cantando. Mtalba, que tinha ido embora, retornou vestida numa roupa vermelha que parecia pano de cortina, com seu cabelo tingido de índigo recém-engordurado, grandes argolas de metal nas orelhas e um colar de metal no pescoço. Seu pessoal girava em volta em trapos coloridos, e havia vacas conduzidas com vistosos cabrestos e cordas; pareciam um tanto abatidas e as pessoas vinham lhes dar um beijo e perguntar sobre sua saúde, quase como se fossem suas primas. Algumas donzelas carregavam galinhas de estimação nos braços ou empoleiradas nos ombros. O calor era mortal, o céu, alto e vazio.

“Lá vem Itelo”, disse eu. Achei que também ele parecia apreensivo. “Nenhum desses sujeitos bota fé em mim”, pensei comigo, e embora percebesse por que não inspirava muita confiança, aquilo me magoou do mesmo jeito. “Oi, príncipe”, disse eu. Com solenidade, tomou minha mão como todos eles costumavam fazer ali e levou-a até o peito, de modo que senti o calor de seu corpo através da blusinha branca, pois ele estava vestido como no dia anterior, com suas roupas brancas folgadas e seu lenço de seda verde. “Bem, hoje é o dia”, disse eu, “e esta é a hora.” Mostrei a sua alteza o cilindro de alumínio com o pavio de cordão de sapato e disse a Romilayu: “Temos que fazer os preparativos para juntar as rãs mortas e enterrá-las. Vamos preparar a inscrição tumular. Príncipe, como seus companheiros de tribo se sentem com relação à morte desses animais? Ainda é tabu?”

“Siô Henderson. Senhor. A água é...” Itelo não conseguia encontrar as palavras para descrever quão precioso era aquele

elemento, e esfregava as pontas dos dedos com o polegar como se examinasse um veludo.

“Eu sei. Sei exatamente qual é a situação. Mas tem uma coisa que eu posso lhe dizer, como já disse ontem: eu amo essa gente. Tenho que fazer alguma coisa para demonstrar minha amizade. E estou ciente de que, por vir do grande mundo exterior, cabe a mim assumir a tarefa.”

Sob a pesada concha branca do capacete, as mutucas estavam começando a picar; o gado as atraía, como sempre faz, e então eu disse: “É hora de começar”. Partimos para a cisterna, comigo na frente levando a bomba. Verifiquei se o isqueiro estava no bolso da minha bermuda. Com um sapato meio solto, já que eu tinha tirado seu cordão, mesmo assim imprimi um bom ritmo rumo ao reservatório enquanto carregava a bomba sobre a cabeça como a tocha da liberdade no cais de Nova York, dizendo a mim mesmo: “Ok, Henderson. É isso aí. Trate de cumprir sua promessa. Nada de ficar só na conversa”, e assim por diante. Dá para imaginar o que eu estava sentindo!

No auge do calor chegamos à cisterna e avancei sozinho por entre os matos da margem. Todos os outros ficaram para trás, e nem mesmo Romilayu me acompanhou. Tudo bem. Numa crise um homem deve estar preparado para aguentar sozinho, e aguentar sozinho é o tipo de coisa em que sou bom. Estava pensando: “Por Judas, eu só posso ser bom, levando em conta toda a experiência que tenho em ir em frente por conta própria”. E com a bomba em minha mão esquerda e o isqueiro com o delgado pavio branco na outra — aquele pavio de aspecto venerável —, olhei para a água. Ali, em seu elemento natural, estavam as criaturas, os girinos com suas cabeças gordas e rabos finos, com suas patinhas em embrião, e os animais adultos com olhos parecendo groselhas maduras, submersos em suas favelas de lodo. Enquanto eu, Henderson, como um grande pinheiro cujas raízes tivessem se entrelaçado e estrangulado umas às outras — mas não falemos de mim agora. Emblema da sua danação, eu me erguia diante das rãs e elas não sabiam — claro que não tinham como — o que eu pressagiava. E enquanto isso, toda a química do medo angustiada, que conheço tão bem e odeio tanto,

se instalava em mim — a luz oscilando diante dos meus olhos, a saliva secando, meus órgãos se retraíndo e os nervos do pescoço enrijecendo. Assim como um homem que se afoga ouve o burburinho dos veranistas na praia, eu escutava o tagarelar dos expectantes Arnewi, que traziam seu gado com cordas enfeitadas, e via Mtalba, em pé entre eles e a minha pessoa, parecendo uma papoula em seus grossos panos vermelhos, um ponto preto no centro de um vermelho flamejante. Então soprei o pavio do meu aparato, para livrá-lo da poeira (ou para dar boa sorte), e girei a rosquinha do isqueiro, e quando ele respondeu com uma chama, acendi o pavio, o ex-cordão do meu sapato. Ele começou a queimar e primeiro a ponta de metal caiu. A faísca correu lentamente em direção ao corpo da lanterna. Eu não tinha o que fazer senão agarrar a coisa e fixar nela os meus olhos; minhas pernas, expostas ao calor, estavam dormentes. A combustão do pavio tomou um certo tempo, e mesmo quando o ponto de ignição desceu pelo buraco na tampa de madeira mantive a bomba segura, porque não queria correr o risco de apagá-la. Depois disso tive que apelar para a intuição e a sorte, e, como naquele momento não havia no mundo exterior nada que eu quisesse especialmente ver, fechei os olhos e esperei que o espírito me movesse. Ainda não era hora, e continuou não sendo, e apertei a bomba e julguei ouvir a faísca morder o cordão e se assanhar em direção à pólvora. No último momento peguei um band-aid que tinha preparado para a ocasião e tampei com ele o buraco. Então lancei a bomba para cima, dando-lhe uma discreta palmada. Ela tocou a cobertura de sapê e girou sobre si mesma uma única vez antes de cair na água amarela. As rãs fugiram dela e a superfície voltou a se fechar; as ondinhas rolaram para as margens e isso foi tudo. Mas então um novo movimento começou; a água se avolumou no centro e percebi que a coisa estava funcionando. Macacos me mordam se minha alma não subiu junto com a água antes mesmo que ela começasse a jorrar, seguindo o mesmo movimento, e gritei para mim mesmo: “Aleluia! Henderson, seu bronco, desta vez você conseguiu!”. Então a água subiu em jatos. Pode não ter sido uma Hiroshima, mas foi uma erupção grande o bastante para mim, e os corpos das rãs começaram a

chover para o alto. Elas saltavam para o teto com a explosão, e pelotas de lama, pedra e girinos batiam no sapê. Eu nunca imaginaria que uma dúzia de balas de 0,375 tivessem tanta carga dentro delas, e da periferia da minha inteligência os pensamentos mais irrelevantes, que são os mais rápidos e leves, corriam para o centro enquanto eu cumprimentava a mim mesmo, o primeiro deles sendo: "Terão orgulho do velho Henderson na escola". (Na escola de infantaria. Nunca tive notas altas enquanto estive lá.) As pernas compridas, as barrigas brancas e a grossa silhueta das rãs jovens enchiam a coluna d'água. Eu mesmo fiquei salpicado de lama, mas comecei a gritar: "Ei, Itelo, Romilayu! O que acham disso? Buum! Vocês não acreditavam em mim!".

Consegui um resultado maior do que eu tinha percebido nos primeiros instantes, e em vez de um brado de aclamação ouvi gritos agudos dos nativos. Ao averiguar qual era o problema descobri que as rãs mortas estavam transbordando para fora da cisterna junto com a água. A explosão tinha destruído o muro de proteção traseiro. Os grandes blocos de pedra tinham desmoronado e a represa amarela estava se esvaziando rapidamente. "Oh! Diabo!" Apertei a cabeça com as mãos, subitamente atordoado pela náusea do desastre, vendo a água derramar como um córrego de moinho levando junto aquelas rãs. "Depressa, depressa!", comecei a berrar. "Romilayu! Itelo! Oh, meu Deus, o que está havendo? Me deem uma mão. Ajudem, pessoal, ajudem!" Lancei-me contra a água que escapava e tentei barrá-la com o peito enquanto punha algumas pedras de volta no lugar. As rãs me atingiam como um sem-número de ameixas e caíam dentro da minha bermuda e do meu sapato, o que estava sem cordão. O gado começou a se amotinar, forcejando contra as cordas e arrancando em direção à água. Mas ela estava poluída e ninguém deixaria os animais bebê-la. Foi um momento de horror, com as vacas, obviamente, obedecendo a natureza e os nativos implorando com elas e chorando, e toda a represa se esvaindo por terra. A areia a consumia por completo. Romilayu, patinhando ao meu lado, fazia o que podia, mas aqueles blocos de pedra estavam além das nossas forças e, pelo fato de a cisterna ser também uma represa, estávamos a jusante, ou sei lá como diabo se

chama aquilo. Seja como for, a água estava perdida — perdida! Em questão de minutos vi (nauseado!) o lodo amarelo do fundo e as rãs mortas afundando nele. Para elas a morte foi instantânea pelo choque, e tudo estava terminado. Mas os nativos, com as vacas partindo sob protestos, mugindo aflitas pela água perdida! Logo todo mundo tinha ido embora, com exceção de Itelo e Mtalba.

“Oh, Deus, o que aconteceu?”, perguntei a eles. “É a desgraça. Fiz um desastre.” Tirei minha camiseta molhada e manchada e escondi meu rosto com ela. Assim exposto, disse através do pano: “Itelo, me mate! Tudo o que tenho a oferecer é minha vida. Leve-a. Vá em frente, estou esperando”.

Apurei os ouvidos para a sua aproximação, mas tudo o que pude ouvir, em vez de passos, foram os sons de aflição que escapavam de Mtalba. Minha barriga se projetava para a frente e eu estava rígido esperando receber o golpe da faca.

“Siô Henderson. Senhor! O que aconteceu?”

“Apunhale-me”, disse eu, “não faça perguntas. Apunhale, estou dizendo. Use minha faca se não tiver a sua. Dá na mesma”, disse eu, “e não me perdoe. Eu não suportaria. Prefiro morrer.”

Aquilo não era senão a própria verdade de Deus, já que com a cisterna eu tinha mandado tudo o mais pelos ares, ao que parecia. E assim mantive meu rosto escondido na camiseta larga e encharcada, tendo no peito as mais insuportáveis complicações. Esperava que Itelo me rasgasse a carne. Minha cintura nua, com todas as suas perturbações e tormentos, estava pronta para a execução. Embaixo de mim a água da cisterna estava virando vapor quente e o sol já começava a corromper os corpos das rãs mortas.

10.

Ouvi Mtalba gritar "Aii, yelli, yelli".

"O que ela está dizendo?", perguntei a Romilayu.

"Tá dizendo adeus. Pá sempre."

E Itelo, numa voz trêmula, me disse: "Por favor, siô Henderson, descubra o seu rosto".

Perguntei: "Qual o problema? Você não vai me tirar a vida?".

"Não, não, siô me venceu. Se quer morrer, tem que morrer por conta própria. É um amigo."

"Que amigo!", disse eu.

Dava para perceber que ele enfrentava uma grande pressão na garganta para falar; o nó devia ser enorme. "Eu teria entregado a minha vida para ajudá-los", falei. "Você viu por quanto tempo fiquei segurando a bomba. Preferia que ela tivesse explodido em minhas mãos e me feito em pedacinhos. É sempre a mesma velha história comigo; tão logo me envolvo com gente eu estrago tudo — cometo um erro crasso. Tinham razão de chorar quando apareci. Devem ter farejado problemas e percebido que eu causaria um desastre."

Coberto pela camiseta, dava vazão a minhas emoções, incluindo a emoção da gratidão. Indaguei: "Por que uma vez na vida, só uma!, eu não poderia realizar o que o meu coração deseja? Estou condenado a fazer sempre a coisa mal feita". E achei que o padrão da minha vida ficava assim revelado, e depois de tal revelação a morte poderia vir ou não.

Mas, como Itelo não me apunhalou, baixei a camiseta manchada de lama e disse: "Ok, príncipe, se você não quer sujar suas mãos com meu sangue...".

"Não, não", disse ele.

E eu disse: "Então obrigado, Itelo. Vou ter simplesmente que tentar seguir em frente a partir daqui".

Então Romilayu murmurou: "Quequi a gente faz, siô?".

“Vamos partir, Romilayu. É a melhor contribuição que posso dar agora ao bem-estar dos meus amigos. Adeus, príncipe. Adeus, querida dama, e diga adeus à rainha por mim. Tive a esperança de aprender com ela a sabedoria da vida, mas acho que sou precipitado demais. Não sou talhado para tal companhia. Mas amo a velha senhora. Amo todos vocês, pessoal. Deus os abençoe a todos. Eu ficaria”, concluí, “para pelo menos consertar a cisterna para vocês...”

“Miô não, senhor”, disse Itelo.

Levei sua palavra em conta; afinal, ele conhecia a situação melhor que eu. Além do mais, eu estava com o coração partido demais para discordar dele. Romilayu voltou à cabana para juntar nossas coisas enquanto eu caminhava para fora da aldeia deserta. Não havia viva alma em nenhuma das ruas, e até mesmo o gado tinha sido levado para dentro das casas, para não ter que me ver de novo. Esperei junto aos muros da aldeia e, quando Romilayu apareceu, voltamos juntos para o deserto. Foi assim que parti, desgraçado e humilhado, tendo destruído tanto a água deles como as minhas esperanças. Pois agora eu nunca mais aprenderia a respeito do grun-tu-molani.

Romilayu, naturalmente, queria voltar a Baventai e eu disse a ele que sabia que ele havia cumprido o seu contrato. Quando ele quisesse, o jipe era seu. “No entanto”, perguntei, “como posso voltar para os States agora? Itelo não quis me matar. Tem um caráter nobre, e a amizade significa alguma coisa para ele. Mas eu poderia tanto pegar esse 0,375 e estourar meus miolos no ato como voltar para casa.”

“O qui quer dizer, siô?”, perguntou Romilayu, muito desconcertado.

“Quero dizer, Romilayu, que entrei no mundo uma última vez para realizar certos propósitos, e você viu por conta própria o que aconteceu. Portanto, se eu desistir a esta altura, provavelmente vou virar um zumbi. Meu rosto ficará branco como cera de vela, e me estenderei na cama até definhar. O que talvez não seja mais do que mereço. Então a escolha é sua. Não posso lhe dar mais ordens agora e deixo por sua conta. Se você for para Baventai, vai por sua conta.”

“Vai seguir sozinho, siô?”, perguntou, surpreso comigo.

“Se tiver que ser assim, vou, parceiro”, respondi. “Pois não posso voltar atrás. Tudo bem. Tenho um pouco de ração e quatro notas de mil dólares dentro do capacete, e acho que posso encontrar água e comida no caminho. Posso comer gafanhotos. Se quiser minha arma, pode levá-la também.”

“Não”, disse Romilayu, depois de pensar um pouco no assunto. “Siô não vai sozinho não siô.”

“Você é um sujeito muito correto. É um homem bom, Romilayu. Posso não ser mais do que um velho fracassado, que sempre estragou tudo aquilo em que pôs a mão; parece até que tenho o toque de Midas ao contrário, portanto minha opinião talvez não conte muito, mas é isso o que eu penso. Então”, perguntei, “o que temos à nossa frente? Para onde vamos?”

“Sei não”, disse Romilayu. “Quem sabe, Wariri?”

“Oh, os Wariri. O príncipe Itelo frequentou a escola com o rei deles — como é mesmo o nome?”

“Dahfu.”

“Isso mesmo, Dahfu. Bem, então vamos naquela direção?”

Com relutância Romilayu disse: “Ok, siô”. Dava a impressão de ter dúvidas quanto à própria sugestão.

Tomei para mim mais do que a minha parte da carga e disse: “Vamos. Talvez a gente decida não entrar na aldeia deles. Vamos avaliar depois nosso sentimento quanto a isso. Mas vamos. Não tenho muita esperança, mas tudo o que sei é que em casa eu seria um homem morto”.

Assim, partimos rumo aos Wariri enquanto eu pensava no funeral de Édipo em Colono — mas ele pelo menos trouxe sorte às pessoas depois de morto. Àquela altura eu talvez estivesse quase disposto a me contentar com isso.

Viajamos mais oito ou dez dias, por um território bem parecido com o platô Hinchagara. Depois do quinto ou sexto dia a natureza do terreno mudou um pouco. Havia mais mato nas montanhas, embora a maioria das encostas permanecesse estéril. Chapadas, granitos, torres e acrópoles grudavam no chão; quero dizer que se agarravam a ele e se recusavam a partir com as nuvens que pareciam tentar absorvê-los. Ou talvez na minha melancolia tudo me

parecesse virado do avesso. Essa marcha por um terreno difícil não incomodava Romilayu, que parecia talhado para uma viagem assim como um marujo é talhado para estar na água. A carga, a nacionalidade e o local de destino não fazem muita diferença, no fim das contas. Cobria chão com aqueles pés magros, e para ele essa atividade era autoexplicativa. Era muito hábil em encontrar água, sabia onde enfiar uma vara na terra para conseguir um gole e colhia cabaças e outras coisas que eu nunca teria sequer notado para mastigá-las em busca de líquido e nutrientes. À noite, às vezes, conversávamos. Romilayu era da opinião de que, com sua cisterna vazia, os Arnewi provavelmente fariam uma marcha à procura de água. Lembrando das rãs e de uma porção de outras coisas eu me sentava junto ao fogo e, olhando para as brasas, enrubescia pensando na minha vergonha e ruína, mas um homem segue vivendo e, ao viver, as coisas melhoram ou pioram para ele. Isso nunca tem fim, todos os sobreviventes sabem. E quando a gente não morre de uma coisa, de algum modo começa a revertê-la — a fazer uso dela, quero dizer.

Vimos aranhas gigantes e teias armadas como antenas de radar em meio aos cactos. Havia naquelas regiões formigas cujos corpos tinham o formato de diabolôs e cujos formigueiros formavam grandes corcundas cinzentas na paisagem. Como os avestruzes aguentavam correr tanto naquele calor é algo que nunca fui capaz de entender. Cheguei perto o bastante de um para ver como seus olhos eram redondos e então ele bateu os pés na terra e partiu fazendo um vento quente com as penas, deixando atrás de si uma poeira branca e entorpecida.

Às vezes, depois que Romilayu tinha feito sua prece noturna e já estava deitado, eu o mantinha acordado contando-lhe a história da minha vida, para ver se aquele estranho pano de fundo, o deserto, os avestruzes e formigas, as aves noturnas e o rugido ocasional de leões, aliviavam um pouco a maldição, mas eu emergia daquilo ainda mais exótico e fantástico do que qualquer formiga, avestruz ou montanha. E falei: “O que diriam os Wariri se soubessem quem está viajando em sua direção?”.

“Sei não, siô. Eles povo não tão bom quanto os Arnewi.”

“Ah, não são, é? Mas você não vai dizer nada sobre as rãs e a cisterna, está bem, Romilayu?”

“Não, não siô.”

“Obrigado, amigo”, disse eu. “Não mereço crédito por muita coisa, mas tudo somado eu só tive boas intenções. A bem da verdade me tortura pensar como o gado deve estar sofrendo lá com a falta de água. Sem brincadeira. Mas suponha que eu tivesse satisfeito minha maior ambição e me tornado um médico como o doutor Grenfell ou o doutor Schweitzer — ou um cirurgião? Existe algum cirurgião no mundo que não perca um paciente de quando em quando? Ora, alguns desses caras devem arrastar atrás de si toda uma frota de almas.”

Romilayu estava deitado de lado, com a mão espalmada sob o rosto. Seu nariz reto abissínio expressava uma grande paciência.

“O rei dos Wariri, Dahfu, foi colega de escola de Itelo. Mas você diz que eles não são boa gente, os Wariri. Qual o problema com eles?”

“Eles filho das treva.”

“Bem, Romilayu, você é mesmo um sujeito muito cristão”, disse eu. “Quer dizer que eles são mais bruxos e tudo o mais. Mas entre essa gente e eu, quem você acha que tem mais motivo para se preocupar?”

Sem mudar de posição, com um brilho de humor perverso brincando em seu olho grande e brando, ele disse: “Oh, talvez eles, siô”.

Como se vê, eu tinha mudado de ideia quanto a passar ao largo dos Wariri, e isso era em parte por causa do que Romilayu tinha me contado sobre eles. Pois eu sentia que tinha menos probabilidade de fazer estragos no meio deles já que eram selvagens tão durões e profanos.

Então caminhamos por nove ou dez dias, e no final desse período o aspecto das montanhas tinha mudado muito. Havia rochas brancas em forma de abóbada que se juntavam aqui e ali em enormes montes, e entre aqueles círculos brancos de pedra, pensei, no décimo dia, que tínhamos finalmente encontrado uma pessoa. Aconteceu enquanto estávamos escalando uma encosta, no final da

tarde, sob um sol que avermelhava tudo. Atrás de nós as altas montanhas de onde tínhamos emergido mostravam seus picos despedaçados e suas cristas pré-históricas. Adiante, arbustos cresciam entre aquelas abóbadas de pedra, brancas como porcelana. Então aquele pastor wairiri emergiu diante de nós num avental de couro, segurando um cajado retorcido, e mesmo sem fazer nada deu a impressão de ser perigoso. Alguma coisa na sua figura me pareceu bíblica e ele me fez pensar em particular no homem que José encontrou quando saiu à procura de seus irmãos e que o conduziu em direção a Dothan. Minha crença é de que aquele homem da Bíblia devia ser um anjo e com certeza sabia que os irmãos iriam jogar José no poço. Mas ele o mandou para lá mesmo assim. Nosso negro não só vestia um avental de couro como parecia todo ele de couro, e se tivesse asas elas seriam de couro também. Seus traços estavam profundamente marcados em seu rosto, que era pequeno, secreto e, mesmo sob os raios diretos do sol, muito preto. Tivemos uma conversa com ele. Eu disse: "Olá, olá", em voz bem alta, como que supondo que seu aparelho auditivo estava tão afundado quanto seus olhos. Romilayu pediu-lhe informações e com o cajado o homem nos mostrou o caminho a seguir. Era assim que os viajantes de antigamente deviam se orientar. Fiz um gesto de saudação, mas ele pareceu não lhe dar muita importância e seu rosto de couro não manifestou resposta alguma. Então avançamos com esforço caminho acima, em meio às pedras, na direção que ele tinha apontado.

"Longe?", perguntei a Romilayu.

"Não, siô. Ele disse não longe."

Agora eu pensava que talvez pudéssemos passar a noite num vilarejo, e depois de dez dias de penosa perambulação ansiava por uma cama, comida cozida, uma certa movimentação e mesmo um teto de sapê sobre a cabeça.

O caminho foi ficando cada vez mais pedregoso e isso me deixou desconfiado. Se estávamos nos aproximando de uma aldeia, deveríamos àquela altura ter encontrado uma trilha. Em vez disso só havia aquela desordem de pedras brancas que davam a impressão de ter sido pinçadas por uma mão inepta entre os elementos que faziam menos sentido. Deve haver porções estúpidas do paraíso

também, e aquelas tinham rolado direto dele. Não sou geólogo, mas a palavra calcário parecia se adequar a elas. Eram compostas de cal e meu palpite era de que teriam se formado num lençol de água. Agora estavam ultrassecas, mas cheias de pequenas cavernas de onde emanava um ar mais fresco — lugares ideais para uma sesta no calor do meio-dia, desde que nenhuma cobra aparecesse. Mas o sol estava declinando, anunciando o crepúsculo. As bocas das cavernas estavam abertas e havia aquela áspera e grosseira rocha branca sulcada pela erosão.

Tínhamos acabado de contornar uma grande pedra para continuar nossa subida quando Romilayu me desconcertou. Ele tinha erguido o pé para dar um passo largo, mas, para meu espanto, começou a deslizar para a frente apoiado nas mãos e, em vez de escalar a ladeira, deitou nas pedras da encosta. Quando o vi prostrado, perguntei: “Que diabo está acontecendo com você? Que está fazendo? Isso é lugar para deitar? Trate de levantar”. Mas seu corpo estendido, com a bagagem e tudo, abraçava a encosta enquanto seu cabelo crespo repousava imóvel entre as pedras. Ele não respondeu, e agora nenhuma resposta era necessária, porque ao erguer os olhos avistei, uns vinte passos acima e adiante de nós, um destacamento militar. Três nativos, ajoelhados, apontavam as armas para nós, enquanto outros oito ou dez, em pé atrás deles, vinham acrescentar seus rifles, de modo que poderíamos ter sido varridos à bala da montanha; eles tinham poder de fogo para isso. Uma dúzia de armas apontadas para você não é um bom negócio, por isso deixei cair meu 0,375 e pus as mãos para cima. No entanto estava satisfeito mesmo assim, devido ao meu temperamento militar. Aquele homenzinho de couro tinha nos mandado para uma emboscada e por alguma razão essa astúcia elementar também me dava satisfação. Há certas coisas nas quais a alma humana não precisa ser ensinada. Ha ha! Sabe, eu estava meio contente e imitava Romilayu. Forçado a deitar no chão, enfiei o rosto entre os seixos e fiquei à espera, sorrindo. Romilayu estava estendido na terra sem vontade, de um modo bem africano. Por fim um dos homens se aproximou, coberto pelos outros, e sem dizer nada, mas estoicamente, como costumam fazer os soldados, apreendeu o

0,375, a munição, as facas e outras armas e nos mandou levantar. Quando o fizemos ele nos revistou de novo. O pelotão acima de nós baixou as armas, que eram antigas, do tipo berbere, com longos canos e coronhas marchetadas, ou então velhas armas europeias que poderiam ter sido arrebatadas do general Gordon em Khartoum e distribuídas por toda a África. Sim, pensei, o velho chinês Gordon, pobre sujeito, com seus estudos bíblicos. Mas era melhor morrer daquele jeito do que na velha Inglaterra rançosa. Tenho muito pouca afeição pela idade de ferro da tecnologia. Eu me identifico com um homem como Gordon porque ele era corajoso e confuso.

Ser desarmado numa emboscada foi como uma piada para mim nos primeiros minutos, mas quando nos ordenaram que pegássemos nossa bagagem e seguíssemos em frente comecei a mudar de ideia. Aqueles homens eram menores e mais escuros que os Arnewi, mas muito rudes. Vestiam tangas espalhafatosas e marchavam com energia, e depois de uma hora ou mais de caminhada eu estava com o espírito bem menos alegre do que antes. Comecei a ter sentimentos atrozes por aqueles sujeitos, mais um pouco e eu os agarraria com meus braços, a dúzia toda, e os atiraria de cima do penhasco. Apelei para a lembrança das rãs para me conter. Suprimi os sentimentos impetuosos e adotei uma política de espera e paciência. Romilayu parecia muito abatido e pus meu braço em volta dele. Seu rosto, por causa da poeira que grudou no momento da rendição, era só rugas, seu cabelo de poodle estava cheio de um pó cinza e mesmo sua orelha mutilada estava embranquecida como uma rosquinha.

Falei com ele, mas estava tão preocupado que mal parecia ouvir. Eu disse: "Homem, não fique assim em pânico, o que é que eles podem fazer com a gente? Trancafiar? Deportar? Exigir resgate? Crucificar?". Mas a minha confiança não o alcançava. Então falei: "Por que não pergunta se estão nos levando ao rei? Ele é amigo de Itelo. Tenho certeza de que fala inglês". Com uma voz desalentada Romilayu tentou consultar um dos guerreiros, mas ele disse apenas "Harrfff!". Os músculos do seu rosto tinham aquela rigidez familiar ao ofício de soldado. Identifiquei-a no ato.

Depois de três ou cinco quilômetros dessa marcha para cima, cambaleando, rastejando e trotando, avistamos o vilarejo. À diferença da aldeia Arnewi, tinha construções maiores, algumas delas de madeira, e era bem mais extensa à luz vermelha daquela hora do dia, que estava entre o pôr do sol e a escuridão total. De um lado a noite já tinha descido e a estrela vespertina começara a girar e pulsar. As pedras brancas dos arredores tinham tendência a cair das cúpulas rochosas, assumindo formatos arredondados, de tigelas ou aros, e essas tigelas eram usadas no vilarejo com propósitos ornamentais. Flores brotavam nelas diante do palácio, o maior dos edifícios vermelhos. Diante dele, várias cercas feitas com espinheiros e essas pedras, do tamanho de moluscos carnívoros do Pacífico, ostentavam flores bravias, de um vermelho muito vivo. Ao passarmos, dois sentinelas se postaram lado a lado, mas não fomos forçados a caminhar entre eles. Para minha surpresa seguimos em frente e fomos levados ao centro da aldeia, em meio às cabanas. As pessoas interromperam sua refeição noturna e vieram olhar, rindo e emitindo agudas exclamações. As cabanas eram bem comuns, em formato sextavado e com telhados de palha. Havia gado, e avistei vagamente jardins no que restava de luz, por isso supus que estavam mais bem abastecidos de água ali e, por conta disso, a salvo da minha ajuda. Não levei a mal que rissem de mim, mas adotei uma atitude de agradá-los, acenando com a mão e tirando o capacete. No entanto, não estava gostando nada daquilo. O que me aborrecia era não ter uma audiência imediata com o rei Dahfu.

Levaram-nos a um pátio e nos mandaram sentar no chão perto da parede de uma casa um pouco maior que as outras. Havia uma faixa branca pintada sobre a porta, indicando que era uma residência oficial. Ali a patrulha que nos havia capturado foi embora, deixando apenas um sujeito para nos vigiar. Eu podia ter arrancado sua arma e feito sucata dela num único movimento, mas de que adiantaria? Deixei que ficasse em pé atrás de mim e esperei. Cinco ou seis galinhas ciscavam naquele quintal fechado, numa hora em que já deviam ter ido para o poleiro, e algumas crianças nuas faziam uma brincadeira que parecia pula-corda e cantavam com voz gutural. Ao contrário das crianças arnewi, elas não se aproximaram de nós. O

céu lembrava terracota, e depois uma goma rósea, estranha a minhas narinas. Então veio a escuridão final. As galinhas e crianças desapareceram e isso nos deixou aos pés do guarda armado e mais ninguém.

Esperamos, e para uma pessoa violenta esperar é muitas vezes berço de encrenca. Eu achava que o homem que nos fazia esperar, o negro wariri, magistrado ou juiz de paz ou investigador, estava simplesmente nos deixando esfriar o traseiro. Talvez ele tivesse dado uma olhada pelas frestas da porta de bambu enquanto ainda havia luz suficiente para ver o meu rosto. Isso poderia tê-lo espantado e agora ele refletia sobre o assunto, tentando definir a linha a seguir em relação a mim. Ou quem sabe ele estivesse meramente encolhido como uma formiga lá dentro para esgotar a minha paciência.

E com certeza fui atingido; estava terrivelmente aborrecido. Sou provavelmente a pessoa mais incapaz de esperar que há no mundo. Não sei por quê, mas não sou bom nisso, é algo que mexe com o meu espírito. Assim, sentei no chão, cansado e preocupado, e meus pensamentos eram basicamente temores. Enquanto isso a linda noite seguia avançando devagar, num contínuo de escuridão e tepidez, arrastando consigo a estrela-guia; então a lua apareceu também, incompleta e manchada. O examinador desconhecido estava sentado lá dentro, e provavelmente exultava com a humilhação do imponente viajante branco que tinha sido despojado de suas armas e era obrigado a esperar sem jantar.

E então aconteceu uma daquelas coisas das quais a vida nunca se dispôs a me poupar. Enquanto esperava sentado no meio daquela exótica noite, mordi um biscoito duro e quebrei uma das minhas pontes. Tinha me preocupado com aquilo — o que iria fazer nos confins da África se danificasse meu aparelho dentário? O medo de que isso viesse a ocorrer me fez muitas vezes evitar as brigas, e durante a minha luta com Itelo, quando fui jogado pesadamente de cara no chão, pensei sobre o efeito daquilo sobre os meus dentes. Em casa, mastigando sem pensar uma bala de caramelo no cinema, ou mordendo uma coxa de frango num restaurante, não sei quantas vezes senti uma fisgada ou uma contração e imediatamente

investiguei o local com a língua, com o coração quase paralisado. Dessa vez a coisa temível de fato aconteceu e mastiguei pedaços de dente junto com o biscoito. Senti a haste dentada da ponte e fiquei furioso, nauseado, apavorado; droga! Estava desesperado e havia lágrimas nos meus olhos.

“Qual pobrema?”, perguntou Romilayu.

Peguei o isqueiro e o acendi para mostrar a ele fragmentos de dente na minha mão, arreganhando o lábio e erguendo a chama de modo que ele pudesse ver dentro da minha boca. “Quebrei alguns dentes”, disse eu.

“Oh! Ruim! Dói muito, siô?”

“Não, não é dor. É só aflição de espírito”, respondi. “Não podia ter acontecido em pior hora.” Então me dei conta de que ele estava horrorizado de ver aqueles pedaços de molar na palma da minha mão e apaguei a chama com um sopro.

Depois disso fui obrigado a rememorar a história do meu tratamento dentário.

O primeiro grande trabalho foi feito depois da guerra, em Paris, por mlle. Montecuccoli. A ponte original foi instaurada por ela. Quem a recomendou foi uma moça chamada Berthe, que fora contratada para cuidar de nossas duas filhas. Um general Montecuccoli foi o último oponente do grande marechal Turenne. Inimigos costumavam comparecer aos funerais uns dos outros naqueles velhos tempos, e Montecuccoli foi ao de Turenne, bateu no peito e chorou de soluçar. Valorizei essa conexão. No entanto, havia muita coisa errada. Mlle. Montecuccoli tinha um busto amplo, e quando se esquecia de si mesma, imersa no trabalho, debruçava sobre o meu rosto e me sufocava, e havia tantos drenos e tampões e palitos de madeira na minha boca que eu não podia nem gritar. Enquanto isso, mlle. Montecuccoli, com olhos negros timidamente excitados, examinava o interior da minha boca. Seu consultório era na rue du Colisée. Havia um pátio interno de pedra, todo amarelo e cinza, com *poubelles* corrugadas, gatos revirando o lixo, vassouras, baldes e uma latrina com ranhuras laterais para os pés. O elevador era como uma liteira e subia tão devagar que você podia perguntar as horas para as pessoas na escada que o circundava. Eu vestia um terno de tweed e

sapatos de couro de porco. Enquanto esperava no pátio diante da cabana com a faixa oficial acima da porta, com Romilayu a meu lado, e o guarda nos vigiando, fui obrigado a recordar tudo isso... Subindo no elevador. Meu coração bate acelerado, e lá está mlle. Montecuccoli, com seu rosto de cinquenta anos em formato de coração e o longo e delgado sorriso com reminiscências de francês, italiano e romeno (por parte da mãe); e o grande busto. E eu me sento, tremendo de medo, e ela começa a me sufocar enquanto extraí o nervo de um dente de modo a fundear a ponte. E para tirar o molde ela coloca um palito na minha boca e diz: "*Grincez! Grincez les dents! Fâchez-vous*". Então eu grinço e fâcho com toda a força e mordo a madeira. Ela range seus próprios dentes para me mostrar como fazer.

A mademoiselle achava que, em termos artísticos, a odontologia americana era indesculpável e queria me dar uma coroa para os dentes da frente como as que tinha dado a Berthe, a babá das crianças. Quando Berthe extraiu o apêndice, só quem foi visitá-la no hospital fui eu. Minha mulher estava muito ocupada no Collège de France. Por isso lá fui eu, de chapéu-coco e luvas. Então essa Berthe fez de conta que estava delirando e rolando de febre na cama. Tomou minha mão e a mordeu, e assim fiquei sabendo que os dentes que mlle. Montecuccoli tinha lhe dado eram bons e fortes. Berthe tinha narinas largas e bem formadas também, e um tremendo par de pernas. Atravessei umas semanas complicadas com essa mesma Berthe.

Mas, voltando ao assunto, a ponte que mlle. Montecuccoli me fez era terrível. Parecia uma torneira d'água na minha boca, e a minha língua ficava torta para um lado. Até a minha garganta doía com aquilo, e subi gemendo no pequeno elevador. Sim, ela admitiu que estava um pouco inchado, mas disse que logo eu me acostumaria, e me conclamou a mostrar a resistência de um soldado. Foi o que fiz. Mas quando voltei a Nova York tudo teve que ser refeito.

Toda essa informação é essencial. A segunda ponte, aquela que eu tinha acabado de quebrar mordendo o biscoito, foi feita em Nova York por um certo doutor Spohr, que era primo-irmão de Klaus Spohr, o pintor que estava fazendo o retrato de Lily. Enquanto eu

estava na cadeira de dentista, Lily posava para o artista no interior. O dentista e as aulas de violino me mantinham na cidade dois dias por semana e eu chegava no consultório do dr. Spohr ofegando, com o estojo do violino, depois de dois metrô e algumas paradas em bares ao longo do caminho, a alma em alvoroço e o coração dizendo aquela mesma velha coisa. Saindo para a rua eu às vezes desejava poder enfiar o prédio todo na boca e dividi-lo em dois com uma mordida, como Moby Dick tinha feito com um dos barcos. Cambaleava para o porão do prédio, onde o dr. Spohr tinha um laboratório e um técnico porto-riquenho fazia moldes e aparelhos em sua maquina.

Apalpando atrás de alguns jalecos pendurados para alcançar o interruptor, eu acendia a luz do banheiro e entrava, e depois de dar a descarga na privada ficava fazendo caretas diante do espelho, dizendo a mim mesmo ao me olhar nos olhos: "E então?". "E quando?" "E *wo bist du, soldat?*" "Sem dentes! *Mon capitaine*. Sua própria alma o está matando" E "É você que faz do mundo o que ele é. A realidade é *você*".

A recepcionista dizia: "Teve sua aula de violino, sr. Henderson?"

"Sim."

Esperando pelo dentista como eu esperava agora com os fragmentos da sua obra na minha mão, eu ficava ruminando sobre as crianças, o passado, Lily e minhas perspectivas com ela. Sabia que naquele momento, com seu rosto iluminado, mal conseguindo manter o queixo quieto devido à intensidade da emoção, ela estava no ateliê de Spohr. Seu retrato era uma fonte de problemas entre mim e meu filho mais velho, Edward. Aquele do MG vermelho. Ele é como a mãe e se julga melhor do que eu. Bem, ele está errado. Coisas grandiosas são feitas por americanos, mas não pelos similares dele ou pelos meus. São feitas por gente como aquele homem, Slocum, que constrói as grandes represas. Dia e noite, milhares de toneladas de concreto, um maquinário que faz a terra se mover, aplaina montanhas e enche o vale do Punjab com reboco de cimento. É esse o tipo de gente que faz as coisas. Essa minha classe, a classe de Edward, a classe na qual Lily tinha ansiado tanto entrar por meio do casamento, não faz nada. Edward sempre seguiu

a manada. A coisa mais independente que ele fez foi vestir um chimpanzé com uma roupa de caubói e desfilá-lo com ele de conversível pelas ruas de Nova York. Depois que o animal se resfriou e morreu, ele tocou clarinete numa banda de jazz e morou na Bleecker Street. Sua renda era de pelo menos vinte mil dólares anuais e ele estava morando colado ao albergue noturno Mills Hotel, onde os bêbados são empilhados em fileiras.

Mas um pai é um pai afinal de contas, e eu tinha ido até a Califórnia para tentar falar com Edward. Encontrei-o morando numa cabine para banhistas à beira do Pacífico, em Malibu, então lá estávamos nós na areia tentando ter uma conversa. A água estava espectral, indolente, lenta, entorpecente, com um vasto brilho melancólico. De cobre. Um ventre branco. Palidez; fumaça, ociosidade; ouro baço; vastidão; obscuridade; fulgor; lampejos fantasmáticos. “Edward, onde estamos?”, perguntei. “Estamos no ponto extremo da terra. Por que aqui?” Então falei: “Este lugar é um inferno para um encontro. Não tem alicerce nenhum a não ser fumaça. Rapaz, preciso lhe dizer um par de coisas. É verdade que sou rude. Pode ser verdade que eu seja louco, mas há uma razão para isso tudo. ‘O bem que eu poderia fazer e que não faço’”.

“Não estou entendendo, pai.”

“Você devia se tornar médico. Por que não vai para a escola de medicina? Por favor, vá para a escola de medicina, Edward.”

“Por que deveria?”

“Há um monte de boas razões. Por acaso eu sei que você se preocupa com sua saúde. Que toma comprimidos de geleia real. Agora, eu sei que...”

“Você viajou isso tudo para me dizer alguma coisa — era isso?”

“Você pode achar que seu pai não é uma pessoa pensante, que só sua mãe é que é. Ora, não se iluda, fiz algumas observações muito claras. Antes de qualquer coisa, poucas pessoas são lúcidas. Isso pode surpreendê-lo, Edward, mas é assim mesmo. Em segundo lugar, a escravidão nunca foi abolida de fato. Há mais gente escravizada a uma coisa ou outra do que você seria capaz de apontar com o dedo. Mas de nada adianta tentar lhe fazer um resumo do meu pensamento. É verdade que fico confuso com

frequência, mas ao mesmo tempo sou um lutador. Oh, isso eu sou. Luto com muito empenho.”

“Para que você luta, pai?”, perguntou Edward.

“Ora”, disse eu, “para quê? Ora, pela verdade. Sim, é isso, pela verdade. Contra a falsidade. Mas a maior parte da luta é contra mim mesmo.”

Compreendi muito bem que Edward queria que eu lhe dissesse qual deveria ser a motivação de sua vida e era isso que estava errado. Era isso que me causava dor. Pois todo filho espera e todo pai deseja fornecer princípios claros. E além disso um homem, se puder, quer proteger seus filhos da dureza das coisas.

Um filhote de foca chorava na areia e eu estava absorvido por essa situação, imaginando que a família o abandonara ali, e mandei Edward comprar uma lata de atum no armazém enquanto eu montava guarda contra os vira-latas, mas um dos ratos de praia que vagavam por ali me disse que aquela foca era uma mendiga, e que se eu a alimentasse estaria incentivando-a a ser uma parasita da praia. Então deu uma pancada no traseiro da foca e, sem ressentimento, a criatura coxeou até a água com suas nadadeiras, onde as esquadras de pelicanos voavam devagar de um lado para outro, e afundou na espuma branca. “Você não sente frio à noite, Eddy, aqui na praia?”, perguntei.

“Não me importo muito.”

Eu sentia amor pelo meu filho e não suportava vê-lo daquele jeito. “Seja um médico, Eddy, vamos”, falei. “Se não gosta de sangue, pode ser um clínico geral, ou, se não gosta de adultos, pode ser pediatra, ou, se não gosta de crianças, pode talvez se especializar em mulheres. Devia ter lido aqueles livros do doutor Grenfell que eu costumava lhe dar de Natal. Sei muito bem que você nem abriu os pacotes. Por Deus, devíamos viver em comunhão com as pessoas.”

Voltei sozinho para Connecticut, e pouco depois disso o rapaz retornou de algum lugar da América Central com uma garota e disse que ia se casar com ela, uma índia de cabelo escuro, rosto fino e olhos apertados.

“Pai, estou apaixonado”, ele me conta.

“Qual o problema? Ela está em apuros?”

“Não. Estou dizendo que a amo.”

“Edward, não me venha com essa”, digo eu. “Não acredito.”

“Se são os antecedentes familiares dela que o preocupam, o que você me diz de Lily?”, diz ele.

“Não quero ouvir uma palavra contra sua madrasta. Lily é uma mulher excelente. Quem é essa índia? Vou mandar investigá-la”, digo eu.

“Então não entendo”, diz ele, “por que você não deixa Lily pendurar o retrato dela junto com os outros. Deixe em paz a Maria Felucca.” (Se é que era esse o nome dela.) “Eu a amo”, diz ele, com o rosto inflamado.

Olho para aquele filho revelador, Edward, com seu cabelo escovinha, seu tronco desprovido de quadris, o colarinho abotoado e a gravata Princeton, os sapatos brancos — e a cara praticamente sem identidade. “Deus!”, reflito. “Como pode ser este o filho das minhas entranhas? Que diabo está acontecendo aqui? Se eu deixá-lo na mão dessa garota ela vai devorá-lo em três mordidas.”

Mas mesmo nesse momento, por estranho que pareça, eu sentia no coração uma pontada de amor por aquele rapaz. Meu filho! A inquietação fez de mim o que sou, o sofrimento fez de mim o que sou. Então pouco importa. *Sauve qui peut!* Que se case com uma dúzia de Marias Feluccas e, se isso lhe fizer algum bem, deixe que pintem o retrato dela também.

Então Edward voltou para Nova York com sua Maria Felucca de Honduras.

Eu tinha tirado da parede meu próprio retrato com o uniforme da Guarda Nacional. Nem Lily nem eu ficaríamos pendurados no salão principal.

Não foi só isso que me vi forçado a lembrar enquanto Romilayu e eu esperávamos na aldeia Wariri. Pois eu disse a Lily várias vezes: “Toda manhã você sai para posar para o retrato, e continua tão porca como sempre foi. Encontro fraldas de bebê embaixo da cama e na caixa de charutos. A pia está cheia de lixo e gordura, dá até a impressão de que um poltergeist morou nesta espelunca. Você vive fugindo de mim. Sei muito bem que anda a cento e vinte por hora no Buick com as crianças no banco de trás. Não faça cara de

impaciente quando trago esses assuntos para a conversa. Eles podem pertencer ao que você considera o mundo inferior, mas sou obrigado a passar um bocado de tempo nele”.

Ficava muito pálida ao ouvir isso e desviava o rosto e sorria como se fosse levar muito tempo para que eu entendesse o quanto estava me fazendo bem o fato de pintarem o retrato dela.

“Sei”, dizia eu. “As senhoras aqui do pedaço pegaram no seu pé durante a campanha do Fundo do Leite. Não queriam que você participasse do comitê. Sei tudo a respeito.”

Mas o que eu mais rememorei com aqueles dentes quebrados na palma da mão naquela noite nas montanhas africanas foi como me desgracei com a mulher do pintor e prima do dentista, sra. K. Spohr. Antes da Primeira Guerra Mundial (ela está na faixa dos sessenta), ela supostamente tinha sido uma beldade famosa e nunca se recuperou do colapso dessa condição, pois se veste como uma garotinha, com babados e flores. Pode ter sido boa de cama em sua época, como alega, embora entre as grandes beldades isso seja raro. Mas o tempo e a natureza tinham feito seu trabalho nela e agora estava bem estragada. No entanto, seu poder sexual ainda se mantinha, escondido em seus olhos, como um bandido siciliano, como um Giuliano. Seu cabelo é vermelho como pimenta-malagueta e um pouco desse mesmo vermelho se espalha em sardas pelo seu rosto.

Numa tarde de inverno, Clara Spohr e eu nos encontramos na Grand Central Station. Eu vinha das minhas sessões com Spohr, o dentista, e Haponyi, o professor de violino, e estava aborrecido, descendo com tanta pressa para a plataforma que meus sapatos e minha calça mal podiam me acompanhar — correndo pela escura rampa marrom com suas luzes esmaecidas e seu assoalho maltratado por bilhões de sapatos, com uma constelação de figuras de amebas formadas por chicletes esmagados. E vi Clara Spohr vindo do Oyster Bar ou sendo arrastada para aquele mar, com o casco avariado, agarrando-se à própria alma em pleno naufrágio da sua beleza. Mas parecia afundar. Quando eu estava passando ela me fez sinal para diminuir o passo, tomou meu braço — o que não estava carregando o violino — e fomos juntos ao vagão-restaurante,

onde começamos, ou continuamos, a beber. Naquela mesma hora invernal Lily estava posando para o marido dela, então ela disse: "Por que você não desce na mesma estação que eu e volta de carro para casa com sua mulher?". O que ela queria me dizer era: "Garoto, por que ir para Connecticut? Vamos descer deste trem e fazer uma farra". Mas o trem se pôs em marcha e logo estávamos rodando ao longo do canal de Long Island, com neve, com pôr do sol, a atmosfera dissolvendo o contorno do sol agonizante, e os barcos negros gritando "Fu!" e despejando sua fumaça nas ondas. E Clara estava ardente e falava e falava e mexia comigo com seus olhos e seu nariz arrebitado. Dava para ver a velha malícia trabalhando, a ânsia de viver, que se recusava a entregar os pontos. Estava me contando como tinha visitado Samoa e Tonga na juventude e vivera o amor apaixonado nas praias, nas jangadas, nas flores. Era como o sangue, suor e lágrimas de Churchill, jurando lutar nas praias, e por aí afora. Não pude deixar de sentir compaixão, em parte. Mas a minha postura é: se as pessoas começam a se desmanchar diante de você, não cabe a você fazer com que se recomponham. Deve deixá-las juntar de novo seus próprios cacos. No fim, quando entramos na estação, ela estava chorando, aquela velha sacana, e eu me sentia péssimo. Já lhes contei como fico quando as mulheres choram. Estava inflamado também. Saímos para a neve, e eu a amparei e chamei um táxi.

Quando entramos na sua casa, tentei ajudá-la a tirar suas galochas, mas com um grito ela me puxou pelo rosto e começou a me beijar. Diante disso eu, como um idiota, em vez de afastá-la, retribuí o beijo. Sim, também a beijei. Com a ponte dentária, então nova em folha, dentro da boca. Foi sem dúvida um momento peculiar. Os sapatos dela tinham saído junto com as galochas. Nos abraçamos no vestíbulo superaquecido e iluminado por um lampião, que estava cheio de souvenirs de Samoa e dos Mares do Sul, e nos beijamos como se no momento seguinte a morte súbita fosse nos separar. Nunca entendi aquela estupidez, pois não fiquei passivo. Estou dizendo: retribuí os beijos.

Oh, ho!, sr. Henderson. O quê? Pena? Luxúria? Beijando uma beldade gasta? Bêbada? Chorosa? Louca como uma mosca

zumbindo no vidro da janela?

Para completar, Lily e Klaus Spohr viram tudo. A porta do ateliê estava aberta. Lá dentro o carvão queimava na lareira.

“Por que vocês estão se beijando desse jeito?”, perguntou Lily.

Klaus Spohr não abriu a boca. O que Clara achasse por bem fazer estava bom para ele.

11.

Agora já contei a história daqueles dentes, que eram feitos de um material chamado acrílico, supostamente inquebrável — *fort comme la mort*. Mas meu esforço os desgastara. Alguém (Lily, Frances ou Berthe? Não me lembro qual) me disse que ranjo as mandíbulas dormindo, e sem dúvida isso teve um efeito nefasto. Ou talvez eu tenha beijado a vida com muita força e enfraquecido a estrutura toda. De todo modo, todo o meu corpo estava tremendo quando cuspi aqueles molares, e pensei: “Talvez você já tenha vivido demais, Henderson”. E tomei um gole de bourbon do cantil, o que fez arder o corte na minha língua. Então lavei os fragmentos em uísque e os guardei no bolso, na esperança de que, logo que fosse embora dali, quem sabe encontrasse alguém que soubesse fixá-los de novo no lugar.

“Por que eles estão nos fazendo esperar desse jeito, Romilayu?”, disse eu. Então baixei a voz e perguntei: “Acha que eles ficaram sabendo da história das rãs?”.

“Oh, não, num acho não, siô.”

Ouvimos então um rugido profundo, vindo da direção do palácio, e eu disse: “Será que foi um leão?”.

Romilayu respondeu que acreditava que sim.

“Sim, também pensei”, disse eu. “Mas o animal deve estar dentro da cidade. Eles guardam um leão no palácio?”

Respondeu sem convicção: “Devem guardar”.

O cheiro de animais era de fato bem perceptível na cidade.

Por fim, o sujeito que nos vigiava recebeu um sinal na escuridão, que não cheguei a ver, pois nos mandou levantar e entrar na cabana. Dentro, mandaram-nos sentar num par de banquinhos baixos. Archotes foram erguidos acima de nós por uma dupla de mulheres, ambas de cabeça raspada. O formato de suas cabeças, assim exposto, era delicado, ainda que amplo. Abriram os grossos

lábios e sorriram para nós, e aqueles sorrisos me trouxeram um certo alívio. Depois que nos sentamos, diante das mulheres que se esforçavam para conter o riso de tal maneira que os archotes balançavam e a luz ficava vacilante e imprecisa, entrou um homem vindo dos fundos da casa e meu alívio desapareceu. Murchou assim que ele botou os olhos em mim. Pensei: “Ele com certeza ouviu alguma coisa a meu respeito, seja sobre as rãs ou qualquer outra coisa”. Senti a consciência espremida até a medula. Totalmente contra a razão.

Era uma peruca o que ele estava usando? Uma espécie de ornamento especial para a cabeça, um negócio de aparência maligna. Tomou seu lugar num banco liso entre os archotes. Sobre os joelhos trazia um bastão ou cetro de marfim, de aparência muito oficial; nos pulsos havia longos tufos de pele de leopardo.

Eu disse a Romilayu: “Não gosto do jeito como esse homem olha para nós. Ele nos deixou esperando uma eternidade, e estou preocupado. O que está achando disso tudo?”.

“Sei não”, disse ele.

Abri a mochila e tirei alguns objetos — os isqueiros de sempre e uma lente de aumento que por acaso trazia comigo. Esses artigos, depositados no chão, foram ignorados. Apareceu um livro enorme, um sinal de cultura letrada que me espantou e preocupou. O que seria aquilo, um registro de visitas ou algo parecido? Estranhos palpites passaram pela minha cabeça, àquela altura totalmente entregue a fantasias. No entanto, o tal livro acabou se revelando um atlas, e ele o abriu diante de mim, virando as grandes páginas com destreza, umedecendo dois dedos na língua. Romilayu me disse: “Ele diz que siô mostra terra de onde vem”.

“É um pedido razoável”, disse eu, e me pus de joelhos, e com o isqueiro e a lupa, examinando detidamente a América do Norte, encontrei Danbury, Connecticut. Então mostrei meu passaporte, e enquanto isso aquelas mulheres com suas curiosas cabeças raspadas e afáveis riam dos meus desajeitados gestos de levantar e ajoelhar, de minha corpulência e das contorções ou carrancas nervosas, selvagens e no entanto amistosas do meu rosto. Esse rosto, que às vezes me parece grande como o corpo todo de uma criança, está

sempre passando por transformações, o que o torna agitado, estranho e cambiante como uma criatura dos mares tropicais que vive nos recifes de coral, ora vermelho como um cravo, ora amarelo como uma batata-doce, desafiando, simulando, escutando, meditando, com todas as paixões humanas em ponto de dúvida — quero dizer, a humanidade delas posta em dúvida. Uma grande variedade de expressões cercava assim meu nariz de um olho a outro e retorcia minhas sobrancelhas. Eu tinha bons motivos para refrear o meu gênio e tentar agir com moderação, já que meu histórico na África até ali não era muito brilhante.

“Onde está o rei?”, perguntei. “Este cavalheiro *não é* o rei, é? Eu poderia falar com ele. O rei sabe inglês. O que significa tudo isso? Diga a ele que quero ir direto a sua alteza real.”

“Oh, não, siô”, disse Romilayu. “Não falo não. Ele é polícia.”

“Ha ha, você está brincando.”

Mas de fato o sujeito me examinava como um policial, e se vocês se lembram do meu conflito com os guardas estaduais (vieram naquela época me prender na taverna do Kowinsky, perto da Estrada 7, e Lily teve que pagar minha fiança), podem imaginar como um homem endinheirado, aristocrata e impaciente como eu reage a um interrogatório policial. Especialmente na condição de cidadão americano. Naquele lugar primitivo. Aquilo fazia meu sangue ferver. No entanto, eu tinha muitas coisas na cabeça e no espírito, e tentei ser tão político e cauteloso quanto estava a meu alcance. Em vista disso, suportei o interrogatório daquele baixinho. Ele era bastante rígido e metódico. Quanto tempo fazia que tínhamos vindo de Baventai? Quanto tempo tínhamos ficado com os Arnewi e fazendo o quê? Apurei meu ouvido bom para qualquer coisa que se parecesse com as palavras cisterna, água ou rã, embora àquela altura tivesse consciência de que podia confiar em Romilayu, e de que ele tomaria minha defesa. Assim são as coisas, a gente topa casualmente com pessoas junto a um lago tropical cheio de crocodilos durante uma expedição de filmagem e descobre que a bondade que existe nelas é quase ilimitada. Porém, Romilayu deve ter relatado a grave seca lá do rio Arnewi, pois aquele homem, o interrogador, declarou enfaticamente que os Wariri fariam em breve uma cerimônia para

produzir toda a chuva de que precisavam. “Wak-ta!”, disse ele, e descreveu um temporal mergulhando os dedos das duas mãos no ar, para baixo. Uma expressão de ceticismo aflorou à minha boca, que tive a presença de espírito de esconder. Mas eu estava em grande desvantagem naquela entrevista, pois os eventos da semana anterior tinham minado minhas forças. Estava infinitamente enfraquecido.

“Pergunte a ele”, pedi, “por que nossas armas foram apreendidas e quando as teremos de volta.”

A resposta foi que os Wariri não permitiam que forasteiros andassem armados em seu território. “Uma norma danada de boa”, disse eu. “Não condeno esses caras. São muito espertos. Teria sido melhor para todos os envolvidos se eu nunca tivesse posto os olhos numa arma de fogo. Peça-lhe em todo caso que tome cuidado com aquelas miras de longo alcance. Duvido que esse pessoal saiba grande coisa sobre um equipamento de primeira como esse.”

O interrogador exibiu uma fileira de dentes mutilados de um jeito incomum. Estava rindo de quê? Então ele falou e Romilayu traduziu. Qual era o propósito da minha viagem? Por que viajava daquela maneira?

De novo aquela pergunta! De novo! Era como a pergunta feita por Tennyson a propósito da flor no muro rachado. Isto é, respondê-la talvez envolvesse toda a história do universo. Sabia menos ainda como respondê-la do que quando Willatale a fizera. O que é que eu diria àquele sujeito? Que a existência tinha se tornado odiosa para mim? Era o tipo de resposta que não se devia dar naquelas circunstâncias. Será que eu poderia dizer que o mundo, o mundo como um todo, o mundo inteiro, tinha se colocado contra a vida e se tornado seu inimigo — era hostil à vida, em suma —, mas que mesmo assim eu estava vivo e de algum modo achava impossível estar de acordo com ele? Que alguma coisa em mim, meu grun-tu-molani, empacava e me impedia de concordar? Não, também isso eu não podia responder.

Nem tampouco: “Veja, senhor inquisidor, tudo ficou tão enorme e complicado, ora, não somos mais que instrumentos dos processos do mundo”.

Ou tampouco: “Sou o tipo de sujeito para quem o repouso é penoso. Tenho que estar em ação”.

Nem ainda: “Estou tentando aprender alguma coisa, antes que tudo escape do meu controle”.

Como podem ver por vocês mesmos, eram todas respostas impossíveis. Tendo-as passado em revista, concluí que a melhor coisa a fazer seria tentar bajulá-lo um pouco, então disse que tinha ouvido maravilhas a respeito dos Wariri. Como era incapaz de pensar em qualquer detalhe naquele momento, fiquei contente que ele não tenha me pedido para ser mais específico.

“Será que podemos ver o rei? Conheço um amigo dele e estou ansioso por conhecê-lo”, disse eu.

Meu pedido foi ignorado.

“Bem, pelo menos me deixe mandar uma mensagem a ele. Sou amigo de seu amigo Itelo.”

Também isso ficou sem resposta. As mulheres que seguravam os archotes davam risadinhas às nossas costas.

Fomos então conduzidos a uma cabana e deixados a sós. Não colocaram nenhum guarda para nos vigiar, mas também não nos deram nada para comer. Não havia carne, nem leite, nem frutas, nem fogo. Era uma estranha espécie de hospitalidade. Tínhamos sido detidos ao cair da noite e agora eu calculava que seriam umas dez e meia ou onze horas. Entretanto, o que aquela noite de veludo tinha a ver com relógios? Vocês me entendem? Mas meu estômago estava roncando, e o sujeito armado, depois de nos levar à cabana, foi embora e nos abandonou. A aldeia estava adormecida. Havia apenas pequenos ruídos, daqueles feitos pelas criaturas noturnas. Tínhamos sido deixados naquele telheiro imundo, naquele capim velho fino como cabelo, e sou muito sensível ao lugar onde durmo, e queria jantar. Acho que meu estômago estava menos vazio do que ansioso. Apalpei com a língua a haste da ponte quebrada e resolvi que não iria comer rações secas. Fiquei revoltado com a ideia. Então disse a Romilayu: “Vamos fazer um foguinho”. Ele não deu ouvidos à sugestão, mas, apesar da escuridão, viu ou sentiu que crescia em mim uma certa veemência e tentou me prevenir para que não

fizesse nenhuma bagunça. Mas eu lhe disse: "Arranje uns gravetos, estou lhe dizendo, e depressa".

Assim, ele saiu timidamente para juntar uns galhos e estrume seco. Talvez tenha pensado que eu queria incendiar o vilarejo em vingança pelos maus-tratos. Com as mãos, rudemente, arranquei uns tufo do telhado de palha e em seguida abri o pacote de sopa de frango com macarrão instantâneo, misturando-a com um pouco de água e um aditivo de bourbon para me ajudar a dormir. Despejei isso tudo na panela de alumínio e Romilayu fez um pequeno fogo perto da porta. Por causa dos cheiros não ousávamos nos adentrar demais. A cabana parecia um depósito de bugigangas, esteiras puídas e cestos cheios de furos, velhos chifres e ossos, facas, redes, cordas e coisas do tipo. Tomamos a sopa morna, já que dava a impressão de que nunca chegaria a ferver, dada a pobreza do fogo. O macarrão desceu quase a contragosto. Depois disso, Romilayu, apoiado nas canelas, fez suas orações habituais. E me solidarizei com ele, já que aquele não parecia um bom lugar para deitarmos nossas cabeças. Ele pressionava os dedos entrelaçados contra o queixo, gemendo do fundo do peito e baixando a crédula cabeça com as faces mutiladas. Estava muito preocupado, e eu disse: "Hoje você quer fazer um trabalho especialmente bom, Romilayu". Eu falava em grande medida para mim mesmo.

Mas de repente exclamei "Ah!" e todo o lado direito do meu corpo ficou rígido, como que paralisado, e não consegui sequer juntar os lábios. Como se a estranha droga do medo tivesse sido derramada à força em meu nariz, comecei a tossir e a sufocar. Graças a um momentâneo salto de um dos pedaços maiores de lenha da fogueira, pensei ter visto um grande e liso corpo preto estendido atrás de mim dentro da cabana, contra a parede.

"Romilayu!"

Ele parou de rezar.

"Tem alguém na cabana."

"Não", disse ele, "tem ninguém aqui não. Só eu — e o siô."

"Estou dizendo, tem alguém aqui. Dormindo. Talvez esta casa pertença a outra pessoa. Deviam ter nos avisado que iríamos dividi-la com outros."

O medo e algumas das emoções a ele relacionadas costumam chegar a mim por meio do nariz. Como quando a gente toma uma injeção de novocaína e sente o líquido frio percorrendo as membranas e os ossinhos daquela região.

“Espere eu achar meu isqueiro”, disse eu. E girei com força a rosquinha do isqueiro austríaco com o polegar. Fez-se uma chama trêmula, e quando avancei para dentro da cabana, erguendo-a acima da cabeça para espalhar luz pelo chão, vi o corpo de um homem. Tive medo então de que meu nariz rebentasse sob a pressão do terror. Meu rosto, garganta e ombros foram envolvidos pelo intumescimento e pelo tremor que me possuíam, e minhas pernas pareciam se esticar debaixo de mim, cada vez mais débeis.

“Está dormindo?”, perguntei.

“Não. Tá morto”, disse Romilayu.

Eu sabia disso muito bem, melhor do que gostaria.

“Eles nos puseram aqui com um cadáver. Que significa isso? Que estão querendo?”

“Uó! Siô, siô!”

Abri os braços diante de Romilayu, tentando lhe transmitir firmeza, e disse: “Agente firme, homem”.

Mas eu mesmo experimentava uma contração no estômago que me deixava fraco e apático. Não que os mortos me sejam estranhos. Vi mais do que a minha cota deles. Ainda assim, demorei um bom tempo para me recobrar daquela submersão no pânico, e me perguntei (em silêncio) qual poderia ser o significado daquilo. Por que nos últimos tempos me mostravam cadáveres — primeiro a velha no chão da minha cozinha e um par de meses depois aquele sujeito na esteira empoeirada? Estava encostado nos bambus e fibras de ráfia de que era feita a velha cabana. Indiquei a Romilayu que virasse o corpo. Ele se recusou; não foi capaz de obedecer, então lhe passei o isqueiro, que estava ficando quente, e fiz eu mesmo o serviço. Vi uma pessoa alta, já não tão jovem, mas ainda vigorosa. Alguma coisa em sua expressão sugeria que tinha havido um odor que ele não gostaria de ter sentido e por isso virara o rosto, mas o pobre sujeito acabou tendo que cheirar mesmo assim. Talvez tenha sido algo assim; até o momento em que acontece a gente

nunca sabe. Mas estava carrancudo e tinha um vinco na testa semelhante a um marco fluviométrico, como que para mostrar que a maré da vida tinha subido pela última vez e depois retrocedido. A causa da morte não era evidente.

“Não faz muito que este pobre coitado morreu”, disse eu, “porque ainda não ficou rígido. Observe-o bem, Romilayu. O que pode dizer sobre ele?”

Romilayu não podia dizer muita coisa, já que o corpo estava nu e por isso revelava pouco. Tentei imaginar por conta própria o que deveríamos fazer, mas não conseguia raciocinar com clareza, e a razão disso era que estava me sentindo ofendido e furioso.

“Fizeram de propósito, Romilayu”, falei. “Foi por isso que nos fizeram esperar tanto tempo e era também por isso que aquelas sirigaitas que seguravam os archotes riam tanto. O tempo todo eles estavam armando esta tramoia. Se aquele pequeno trapaceiro com o cajado retorcido foi capaz de nos mandar para uma cilada, não acho difícil que tenham feito esta armação também. Rapaz, eles são mesmo os filhos das trevas, como você disse. Talvez esta seja a ideia que têm de um trote. Supunham que despertaríamos ao amanhecer para ver que tínhamos passado a noite junto com um cadáver. Mas escute uma coisa, Romilayu, você vai lá dizer a eles que me recuso a dormir num necrotério. Já acordei perto de gente morta, tudo bem, mas isso foi no campo de batalha.”

“Digo pra quem?”

Comecei a me enfurecer com ele. “Vá logo”, disse eu. “Eu lhe dei uma ordem. Vá, acorde alguém. Judas! Isso é o que eu chamo de insolência.”

Romilayu gritou: “Siô Henderson, siô, quequeu faço?”

“Faça o que estou dizendo”, berrei, inundado pela repugnância ao homem morto e por toda a raiva de um homem cansado que acabou de quebrar sua ponte dentária.

E assim, contra a vontade, Romilayu saiu da cabana e provavelmente se sentou em alguma pedra e rezou ou lastimou ter vindo comigo ou ter cedido à tentação do jipe, e decerto se arrependeu de não ter voltado sozinho para Baventai depois da explosão das rãs. Com certeza era tímido demais para acordar

alguém com a minha queixa. E talvez tenha lhe ocorrido, como me ocorria agora, a ideia de que poderíamos ser acusados de assassinato. Corri para a porta e estiquei o pescoço para dentro da noite espessa, que agora me cheirava muito mal, e disse, o mais alto que tive coragem, e de modo entrecortado: "Volte, Romilayu, onde está você? Mudei de ideia. Volte, meu velho". Pois estava pensando que não devia afastá-lo de mim, já que no dia seguinte talvez tivéssemos que defender nossas vidas. Quando ele voltou, acocoramo-nos junto ao morto para deliberar o que fazer, e o que eu sentia já não era tanto medo quanto tristeza, uma fisgada constante de tristeza. Senti minha boca se escancarar de aflição e nós dois, olhando para o corpo, sofremos silenciosamente por um tempo, enquanto o morto em seu silêncio me mandava uma mensagem assim: "Eis aqui, homem, o seu ser, que você considera tão espetacular". E igualmente em silêncio respondi: "Oh, fique quieto, homem morto, pelo amor de Deus".

De uma coisa me convenci de imediato: a presença daquele cadáver era uma provocação que não podia ficar sem resposta, e então disse a Romilayu: "Eles não vão jogar isso nas minhas costas". Contei a ele o que achava que devíamos fazer.

"Não, siô", respondeu com firmeza.

"Já decidi."

"Não, não, nós dorme fora."

"Nunca", disse eu. "Vou parecer um maricas. Eles descarregaram esse homem em cima de nós e o que temos a fazer é devolvê-lo para eles."

Romilayu começou a resmungar de novo: "Uó, uó! O que nós faz, siô?".

"Vamos fazer o que eu disse. Agora preste atenção. Eu lhe digo que estou enxergando o que está por trás da coisa toda. Eles podem tentar nos incriminar por isso. O que você acha de ser levado a julgamento?"

Novamente acendi o isqueiro com o polegar e Romilayu e eu vimos um ao outro sob a pequena chama alaranjada que eu mantinha erguida. Ele sofria o terror dos mortos, enquanto o que mais mexia comigo era a afronta, o desafio. Parecia-me

absolutamente necessário botar aquilo para fora, pois eu estava tremendamente agitado. E minha resolução era firme; estava decidido a arrastá-lo para fora da cabana.

“Ok, vamos puxá-lo para fora”, disse eu.

E Romilayu insistiu: “Não, não. Nós que sai. Eu faço sua cama no chão”.

“Você não vai fazer uma coisa dessas. Vou pegar o corpo e deixá-lo bem em frente ao palácio. Mal posso crer que o rei, amigo de Itelo, possa estar envolvido numa trama assim contra um visitante.”

Romilayu começou a resmungar de novo: “Uó, não, não, não! Eles pega o siô”.

“Bem, despejá-lo diante do palácio talvez seja arriscado demais”, admiti. “Vamos deixá-lo estendido em outro lugar qualquer. Mas não suporto a ideia de não fazer nada a respeito.”

“Por que precisa?”

“Porque preciso e pronto. Praticamente faz parte da minha natureza. Não posso levar um desaforo assim para casa. Eles não vão fazer isso com a gente”, disse eu. Estava indignado demais para ouvir argumentos. Romilayu cobriu o rosto enrugado com as mãos que, com as sombras, pareciam lagostas.

“Uó, eles causar poblema.”

A provocação daquele cadáver me espicaçava o espírito. Sua presença me ensandecia. O isqueiro tinha ficado quente de novo, então o apaguei e disse a Romilayu: “Este corpo vai pra fora e é já”.

Dessa vez eu mesmo saí para fazer um reconhecimento.

O céu lá em cima era como uma floresta azul — tão tranquilo! Que tapeçaria! A própria lua era amarela, uma lua africana em sua pacata floresta azul, não apenas linda, mas também ávida por se tornar ainda mais linda. Novas ideias para realçar sua beleza vinham continuamente dos picos brancos das montanhas. Novamente julguei ter ouvido leões, mas como se eles estivessem abafados num porão. Entretanto, todo mundo parecia estar dormindo. Passei sorrateiramente pelas portas adormecidas e, a uns cem passos da casa, aquela viela terminava e eu me deparei com uma ribanceira. “Ótimo”, pensei. “Vou jogá-lo aqui. Então quero ver eles me acusarem da sua morte.” No final da ribanceira queimava a fogueira

de um pastor; à parte isso, o lugar estava deserto. Sem dúvida ratos e outros animais que vivem de lixo e carniça circulavam por ali; faziam sempre isso, mas eu não podia pensar em enterrar o sujeito. Não cabia a mim pensar no que aconteceria com ele na escuridão daquela vala.

O luar era uma grande desvantagem, mas um perigo maior ainda vinha dos cães. Um deles me farejou quando eu estava voltando para a cabana. Quando parei ele se afastou. Os cachorros têm uma coisa estranha, porém, em relação aos mortos. É um tema que deveria ser estudado. Darwin provou que os cães podiam raciocinar. Ele tinha um que observava um guarda-sol tremulando sobre a relva e ficava refletindo sobre aquilo. Mas aqueles cachorros de aldeia africana lembravam hienas. A gente pode argumentar com um cão inglês, especialmente se for um bicho de estimação, mas o que eu poderia fazer se aqueles cães quase selvagens corressem para cima de mim quando eu estivesse levando o cadáver para a ribanceira? Como poderia negociar com eles? Veio à minha lembrança a história do dr. Wilfred Grenfell, que, à deriva num bloco de gelo flutuante com sua matilha de huskies, teve que abater alguns deles e se envolver no seu pelame para não morrer de frio. Ele ergueu uma espécie de mastro com as patas congeladas. Isso era irrelevante, porém. Mas pensei: e se o cachorro do próprio morto aparecer?

Além do mais, era possível que estivéssemos sendo observados. Se não era casual o fato de dividirmos o espaço com aquele cadáver, talvez a tribo toda participasse do trote; talvez até estivessem agora espiando, tapando a boca e explodindo de tanto rir. Enquanto Romilayu gemia e resmungava, eu fervia de indignação.

Sentei junto à porta da minha cabana e fiquei esperando que as lentas nuvens branco-azuis cobrissem a lua e que o sono dos aldeões, se é que estavam dormindo, se aprofundasse.

Por fim, não porque tivesse chegado o momento, mas porque eu não aguentava esperar mais, me levantei e amarrei uma manta no pescoço, como precaução contra manchas. Tinha decidido carregar o homem nas costas caso precisássemos sair correndo. Romilayu não era forte o bastante para sustentar o peso maior. Primeiro puxei o corpo para longe da parede. Então peguei-o pelos pulsos e, com

uma rápida torção, me curvando, acomodei-o nas minhas costas. Temia que os braços começassem a apertar o meu pescoço por trás. Lágrimas de raiva e repugnância inundaram meus olhos. Lutei para trancar esses sentimentos no meu peito. E pensei: e se esse homem acabar se revelando um Lázaro? Eu acredito em Lázaro. Acredito no despertar dos mortos. Estou seguro de que, pelo menos para alguns, existe uma ressurreição. Nunca tive tão presente essa minha crença quanto ao me curvar ali com minha barrigona, meu rosto projetado para a frente e lágrimas de medo e dolorosa perplexidade descendo dos meus olhos.

Mas aquele morto às minhas costas não era nenhum Lázaro. Estava frio e a pele que eu sentia nas mãos estava morta. Seu queixo estava cravado no meu ombro. Determinado como um homem que luta para salvar a própria vida, enrijei os músculos da mandíbula e tranquei os dentes para conter as tripas no lugar, pois elas pareciam querer me sair pela boca. Eu suspeitava que se o morto tinha sido impingido a mim e a tribo estava acordada espiando, quando eu estivesse no meio do caminho até a ribanceira eles surgiriam do nada e gritariam: “Ladrão de mortos! Demônio devorador de cadáveres! Devolva nosso morto!”. E me bateriam na cabeça e me nocauteariam por meu sacrilégio. Assim terminaria eu — eu, Henderson, com todo o meu empenho e bons propósitos.

“Seu idiota maldito”, falei a Romilayu, que ficou de longe, semioculto. “Levante os pés desse cara e me ajude a carregar. Se avistarmos alguém você pode simplesmente largá-lo e dar no pé. Eu continuo sozinho.”

Ele me obedeceu e, gemendo e me sentindo como se estivesse na pele de outra pessoa, a cabeça cheia de lampejos e grandes ruídos, entrei na viela. E uma voz dentro de mim emergiu e disse: “Você gosta tanto assim da morte? Então tome, aqui tem um pouco”.

“Não gosto, não”, disse eu. “Quem foi que lhe disse isso? É um engano.”

Escutei então perto de mim o rosnado de um cão e o perigo passou a ser maior para ele do que para mim. Jurei que, se ele me causasse problemas, eu largaria o cadáver e faria o bicho em pedacinhos com as próprias mãos. Quando se aproximou, de pelo

erichado, e vi seu cangote à luz da lua, fiz um ruído ameaçador com a garganta e o cachorro ficou apavorado e recuou. Dando um longo ganido, bateu em retirada. Seu ganido foi tão pouco natural que devia ter despertado alguém, mas não, todo mundo seguiu dormindo. As cabanas estavam escancaradas como montes de feno abertos. No entanto, por mais que pudessem parecer montes de feno, cada uma era uma construção cuidadosa, e dentro delas respiravam deitadas as famílias adormecidas. O ar parecia mais do que nunca uma floresta azul, com a lua emitindo suaves ondas de amarelo. À medida que eu corria, as montanhas se agitavam enormemente, o corpo sacolejava e Romilayu, com a cabeça torta para um lado, continuava me obedecendo, segurando as pernas. A ribanceira estava próxima, mas o peso adicional do cadáver fazia meus pés afundarem no terreno fofo e a areia cobria minhas botas. Estava calçando botas do tipo adotado pela Infantaria Britânica no norte da África, e improvisara um novo cordão com uma tira de lona, e ele não estava prendendo bem. Tive que me esforçar ao máximo na pequena subida que levava à beira da ribanceira, e disse a Romilayu: “Ora, vamos. Será que você não pode aguentar só um pouco mais de peso?”. Em vez de erguer, ele empurrou, e eu tropecei, desabando sob o peso do cadáver. Foi uma queda feia e fiquei estirado imóvel na areia. Aos meus olhos molhados as estrelas pareciam alongadas, como riscos de um metro de comprimento cada.

Então Romilayu disse com voz rouca: “Tão vindo, tão vindo”.

Saí debaixo do cadáver e, quando me vi livre, empurrei-o para dentro da vala. Alguma coisa dentro de mim pedia perdão ao morto — assim como: “Oh, estranho, não fique ofendido. A gente se encontrou e se separou. Não lhe causei dano algum. Agora siga seu caminho e não me queira mal”. Fechando os olhos, dei-lhe um empurrão e ele caiu de costas, como me pareceu pelo baque surdo que ouvi.

Agora de joelhos, virei-me para ver quem vinha. Perto da nossa cabana havia vários archotes e parecia que alguém estava procurando por nós ou pelo cadáver. Será que deveríamos também saltar na ribanceira? Isso nos converteria em fugitivos, mas para

minha sorte eu não tinha força suficiente para dar o salto. Estava exausto demais, e sentia pontadas nas glândulas da boca. Então permanecemos no mesmo lugar até sermos descobertos pela luz da lua e um sujeito com uma arma correr em nossa direção. Mas o comportamento dele não era hostil e, a menos que minha imaginação me enganasse, era até respeitoso. Ele disse a Romilayu que o inquisidor queria nos ver de novo e nem mesmo espiou ribanceira abaixo, tampouco mencionou algum cadáver.

Fomos conduzidos de volta para o pátio e colocados sem demora diante do inquisidor. Procurando em volta as duas mulheres, avistei-as dormindo sobre peles, uma de cada lado do leito do marido. Os mensageiros que ele tinha mandado nos buscar entraram com seus archotes.

Se eles pretendiam me condenar por sacrilégio, eu era culpado, admito, pois perturbei o descanso de seu morto. Eu tinha alguns pontos a meu favor, embora não tivesse intenção alguma de me defender. Então esperei, com um dos olhos quase fechado, pelo que iria dizer aquele camarada magrelo, o inquisidor, com sua peruca de cânhamo e suas pulseiras de pele de leopardo. Mandaram que eu sentasse e obedeci, acomodando-me no tamborete baixo com as mãos nos joelhos e o rosto muito atento esticado para a frente.

O inquisidor não fez alusão a cadáver nenhum, mas em vez disso me crivou de perguntas curiosas, por exemplo, qual era a minha idade e meu estado geral de saúde e se eu era casado e tinha filhos. A cada uma das minhas respostas, traduzidas pelo pobre Romilayu, cuja voz revelava a tensão do pavor, o inquisidor reagia com grandes reverências e franzia as sobrancelhas, mas favoravelmente, dando a impressão de aprovar o que ouvia. Pelo fato de ele não mencionar o morto me senti afável e agradecido, por assim dizer, e pensei com uma certa satisfação, e talvez até júbilo, que tinha passado pela provação que tinham armado para mim. Aquilo me aborrecera e atormentara, mas no fim das contas minha audácia tinha sido recompensada.

Poderia assinar meu nome? Para compararem com o passaporte, presumi. Rabisquei prontamente a assinatura com meus dedos livres e ligeiros, pensando cá comigo: "Ha ha ha! Oh ha ha ha ha! Tudo

bem. Pode ficar com o meu autógrafo". Onde estavam as senhoras? Dormindo com suas grandes e satisfeitas bocas horizontais e suas carecas redondas e delicadas. E os carregadores de archotes? Segurando bem alto as chamas crepitantes, das quais saía uma grossa fumaça.

"Bem, agora está tudo em ordem? Imagino que sim." Eu me sentia de fato muito bem, como quem acaba de cumprir uma missão.

Aí o inquisidor fez um pedido esquisito. Será que eu podia tirar minha camisa? Diante disso hesitei um pouco e quis saber para quê. Romilayu não foi capaz de me dizer. Fiquei um tanto preocupado e disse a ele em voz baixa: "Ouça, o que significa isso?"

"Sei não."

"Ora, pergunte ao sujeito."

Romilayu me obedeceu, mas o homem se limitou a repetir o pedido.

"Pergunte a ele", disse eu, "se depois disso ele nos deixará dormir em paz."

Como se tivesse entendido minhas condições, o inquisidor fez que sim com a cabeça, e tirei minha camiseta, que estava precisando muito de uma boa lavada. O inquisidor então se aproximou e me examinou com muita atenção, o que me causou um certo desconforto. Fiquei pensando se ele poderia me convocar para uma luta com os Wariri como tinha sido por Itelo; pensei que talvez eu tivesse me perdido numa região da África adepta da luta corporal como modo habitual de apresentação. Mas não parecia ser o caso.

"Bem, Romilayu", falei, "vai ver que eles querem nos vender como escravos. Há relatos de que ainda existem escravos na Arábia Saudita. Meu Deus! Que escravo eu daria. Ha ha!" Como se vê, eu ainda tinha ânimo para piadas. "Ou será que querem me enfiar num poço, me cobrir com carvão e me cozinhar? Os pigmeus fazem isso com elefantes. Leva cerca de uma semana."

Enquanto eu fazia gracejos assim o inquisidor continuava me medindo de cima a baixo. Apontei para o nome de Frances, tatuado em Coney Island há muitos anos, e expliquei que era o nome da minha primeira esposa. Ele não pareceu muito interessado.

Vesti de novo minha camiseta suada e disse: "Pergunte a ele se podemos nos avistar com o rei". Dessa vez o inquisidor se dignou a responder. O rei, traduziu Romilayu, queria me ver no dia seguinte e conversar em minha própria língua.

"Maravilha", disse eu, "pois tenho uma ou duas coisas a perguntar para ele."

No dia seguinte, repetiu Romilayu, o rei Dahfu desejava me ver. Sim, sim. De manhã, antes do início dos rituais pelo fim da seca, que durariam o dia inteiro.

"Ah, então é isso?", disse eu. "Nesse caso, vamos dormir um pouco."

Então nos deixaram finalmente repousar. Não que restasse muito tempo antes do amanhecer. Não demorou para os galos começarem a se esganiçar, me acordando, e a primeira coisa que percebi foram as nuvens de algodão vermelho e a enorme abertura por onde a alvorada se aproximava. Então me levantei, lembrando que o rei queria nos ver logo cedo. No vão da porta, sentado contra a parede numa postura bem parecida com a minha, estava o morto. Alguém o tinha trazido de volta da ribanceira.

12.

Praguejei: “Isso é lavagem cerebral”. E decidi que eles não me fariam perder o juízo. Eu já tinha visto pessoas mortas antes, uma porção delas. No último ano da guerra dividi o continente europeu com uns quinze milhões delas, embora o caso individual seja sempre o pior. O cadáver estava tristemente coberto pela areia na qual eu o jogara, e agora que eles o tinham trazido de volta, minhas relações com ele já não sendo nenhum segredo, decidi permanecer firme aguardando o desenrolar dos acontecimentos. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Romilayu ainda dormia, uma das mãos espremida entre os joelhos, a outra embaixo do rosto enrugado. Não vi motivo para acordá-lo. Deixando-o na cabana com o morto, saí para o ar livre. Tinha a percepção de uma grande peculiaridade, ou em mim, ou no dia, ou em ambos. Devia estar começando a contrair a febre da qual eu viria a sofrer por um tempo. Vinha acompanhada por uma sensação de aspereza no peito, um pouco como a impaciência ou a ansiedade. Isso era perceptível especialmente nos nervos entre as costelas. Era uma daquelas sensações misturadas, comparáveis à que a gente tem quando aspira vapores de gasolina. O ar era morno e atordoante em torno do meu rosto; as cores eram todas muito vivas. Eram cores extraordinárias. Sem dúvida as minhas impressões eram consequência da tensão e da falta de sono.

Como se tratava de um dia festivo, a cidade já começava a se agitar, com as pessoas correndo de um lado para outro, e se elas sabiam ou não quem Romilayu e eu tínhamos na nossa cabana é algo que nunca me foi revelado. Um cheiro doce e picante de cerveja nativa provinha das paredes de palha. Ao que parecia, começava-se a beber ali com o nascer do sol; havia também em certo grau o que parecia ser rumor de bêbados. Dei uma volta cautelosa pelo lugar e ninguém me deu muita atenção, o que interpretei como um bom sinal. Parecia estar acontecendo uma ou

outra discussão doméstica, e algumas pessoas mais velhas se mostravam particularmente agressivas e destemperadas. Fiquei admirado com isso. Uma pedrinha atingiu meu capacete, mas supus que não tinha sido atirada em mim de propósito, pois havia crianças atirando seixos e brigando umas com as outras, rolando na poeira. Uma mulher saiu da sua cabana e as afugentou, gritando e distribuindo tapas. Não pareceu particularmente surpresa ao ver-se cara a cara comigo, mas virou as costas e entrou de novo em sua casa. Espiei para dentro e vi um velho deitado numa esteira de palha. Ela pisou descalça nas costas dele numa espécie de massagem concebida para endireitar sua coluna, em seguida derramou um óleo sobre ele e massageou-lhe com destreza as costelas e a barriga. A testa do homem se franziu e sua barba grisalha se partiu ao meio. Exibindo seus dentes velhos ele sorriu para mim, virando os olhos para o vão da porta onde eu estava parado. "O que se passa aqui?", pensei, e saí pelas vielas, espiando os quintais por cima das cercas, com cautela, claro, e tendo em mente o adormecido Romilayu e o morto sentado contra a parede. Várias mulheres jovens estavam enfeitando os chifres das vacas e também pintando e ornamentando umas às outras, aplicando penas de avestruz e de abutre e outros adornos. Alguns dos homens usavam mandíbulas humanas como se fossem colares. Os ídolos e fetiches estavam sendo vestidos e caiados, recebendo oferendas. Uma velha com trancinhas rígidas no cabelo tinha despejado uma farinha amarela numa dessas imagens e balançava sobre ela uma galinha recém-sacrificada. Nesse meio-tempo subiu o volume do barulho, com um ruído novo acrescentado a cada minuto: uma matraca, um tambor de corda, um tambor mais profundo, o sopro de um chifre, um tiro.

Vi Romilayu sair pela porta da nossa cabana, e não era preciso ser um bom observador para ver o estado em que se encontrava. Fui em sua direção e quando me avistou por cima da aglomeração, provavelmente reconhecendo antes de qualquer outra parte de mim aquela concha branca na minha cabeça, o capacete, levou a mão ao rosto numa expressão assustada.

“Sim, sim, sim”, disse eu, “mas o que podemos fazer? Só nos resta esperar. Talvez não signifique nada. Seja como for, o rei — como é mesmo o nome, o amigo de Itelo, consta que vamos vê-lo esta manhã. A qualquer minuto ele vai mandar nos chamar e vou me entender com ele. Não se preocupe, Romilayu, logo vou descobrir o que está havendo. Não diga nada. Traga nossa bagagem para fora da cabana e fique de olho nela.”

Então, com uma espécie de marcha acelerada ritmada pelos tambores, carregados por mulheres de estatura incomum, guerreiras ou amazonas do rei Dahfu, entrou na rua uma comitiva de pessoas empunhando grandes guarda-sóis. Sob um deles, um trambolho de seda cor de fúcsia, marchava um homem corpulento. Um dos outros guarda-sóis não tinha usuário e então deduzi, corretamente, que era destinado a mim. “Veja”, comentei com Romilayu, “eles não mandariam um artigo tão luxuoso para um homem que quisessem incriminar. É uma dedução automática. Só uma intuição, mas acho que não temos com que nos inquietar, Romilayu.”

Os tambores avançavam depressa; os guarda-sóis, dançando e rodopiando pesadamente, seguiam o ritmo. À medida que aqueles enormes dosséis de seda com franjas e babados avançavam, os Wariri abriam passagem. O homem corpulento, sorridente, já tinha me visto e estendia para mim os braços robustos, exibindo a cabeça e o sorriso de modo a mostrar que me recebia afetuosamente. Era Horko, que vinha a ser tio do rei. A roupa que vestia, de fino tecido escarlate, era amarrada nos tornozelos, no tórax e nas axilas. Esse invólucro era tão apertado que fazia a gordura se avolumar sob o queixo e nos ombros. Dois rubis (ou granadas, talvez) pendiam da carne flácida das orelhas. Tinha um rosto vigoroso, de traços grosseiros. No momento em que saiu da sombra do seu guarda-sol, o sol fulgurou generosamente em seus olhos e os fez parecer mais vermelhos do que pretos. Quando ergueu as sobrancelhas, todo o couro cabeludo se moveu para trás, formando uma dúzia de sulcos até a nuca. O cabelo era espesso e curto, crespo, com minúsculos caracóis.

Cordial, ele me estendeu a mão, à maneira civilizada, e riu. Mostrou uma língua larga, alegre e inchada, tingida de vermelho

como se tivesse chupado uma bala. Ajustando meu humor ao dele, também ri, com cadáver ou sem cadáver, e cutuquei Romilayu nas costelas dizendo: “Viu só? Viu só? O que foi que eu disse?”. Cauteloso, Romilayu relutava em se fiar numa evidência tão precária. Aldeões se aproximaram, rindo conosco, mas de um modo mais selvagem do que o de Horko, encolhendo os ombros e fazendo micagens para mim. Muitos estavam embriagados de pombo, a cerveja nativa. As amazonas, vestidas com túnicas de couro sem mangas, os empurravam para longe. Eles não deviam se aproximar demais de Horko e de mim. Túnicas semelhantes a corpetes eram a única vestimenta daquelas mulheres enormes, de constituição maciça e sinuosa, geralmente de grandes traseiros.

“Toque aqui, toque aqui”, eu disse a Horko, e ele me convidou a tomar meu lugar sob o guarda-sol vago. Era um artigo de verdadeiro luxo. Se existia um guarda-sol de um milhão de dólares, era aquele.

“O sol está forte”, disse eu, “embora ainda não devam ser oito horas da manhã. Agradeço a gentileza.” Enxuguei o rosto, fazendo expressões de amizade, em outras palavras explorando a situação tanto quanto possível e tentando colocar a maior distância possível entre nós e o cadáver.

“Eu Horko”, disse ele. “Tio de Dahfu.”

“Oh, o senhor fala a minha língua”, disse eu, “que bom para mim. E o rei Dahfu é seu sobrinho, então? Ei, quem diria? E vamos visitá-lo agora? O cavaleiro que nos interrogou na noite passada disse que sim.”

“Eu tio, sim”, disse ele. Então deu uma ordem às amazonas, que imediatamente deram uma meia-volta que teria sido ruidosa se elas estivessem de botas, e bateram em retirada no ritmo de marcha marcado pelos tambores surdos. Os enormes guarda-sóis voltaram a brilhar e a gingar e a luz brincava na seda translúcida enquanto eles giravam. Até o sol parecia se debruçar sofregamente sobre eles. “Vamos ao palácio”, disse Horko.

“Vamos”, concordei. “Sim, estou ansioso. Passamos por ele ontem ao entrar na cidade.”

Eu ainda estava preocupado, por que não admitir? Itelo podia ter dito maravilhas de seu velho colega de escola, Dahfu, falando dele

como se fosse um em um milhão, mas com base na minha experiência até então com os Wariri eu tinha poucos motivos para me sentir confortável.

Erguendo a voz acima dos tambores, perguntei: "Romilayu, onde está o meu acompanhante Romilayu?". Estava preocupado, vocês entendem, temendo que decidissem mantê-lo preso junto ao cadáver. Queria que estivesse ao meu lado. Permitiram-lhe que caminhasse atrás de mim no cortejo, carregando toda a bagagem. Curtido na força e na paciência, ele se curvava sob a dupla carga; para mim, estava fora de questão carregar o que quer que fosse. Marchamos. Levando em conta o tamanho dos guarda-sóis e dos tambores, era fantástica a nossa velocidade. Voávamos para diante, com as amazonas nos tambores na frente e atrás de nós. E como o vilarejo hoje estava diferente. Nosso trajeto era ladeado de espectadores, alguns deles se inclinando para espiar meu rosto sob a cobertura conjunta do guarda-sol e do capacete. Vi milhares de mãos, de pés inquietos e rostos resplandecendo de calor, curiosidade, intensidade ou espírito de feriado. Galinhas e porcos cruzavam correndo o caminho da marcha. Ruídos agudos, guinchos, gritos de macacos redemoinhavam acima das batidas dos tambores.

"Isto é sem dúvida um contraste", disse eu, "com o dia de ontem, quando tudo estava tão silencioso. Por que isso, sr. Horko?"

"Ontem, dia triste. Todo povo jejum."

"Execuções?", perguntei num impulso. Num patíbulo a certa distância à esquerda do palácio eu vi, ou julguei ver, corpos pendurados de cabeça para baixo. Por conta de uma peculiaridade da luz, pareciam pequenos, como bonecos. A atmosfera às vezes age como uma lente redutora e não apenas como lente de aumento. "Espero francamente que sejam efígies", disse eu. Mas meu coração, apreensivo, dizia o contrário. Não admira que não tivessem feito nenhuma investigação a respeito do cadáver. O que era um cadáver para eles? Aparentemente, lidavam com eles por atacado. Com isso meu desassossego aumentou, acrescido da comichão no peito, e em meu próprio rosto se desenvolveu uma curiosa sensação de maturidade excessiva. Medo. Não hesitei em admitir. Voltei os olhos para trás, em direção a Romilayu, mas ele vinha bem devagar sob o

peso da tralha toda e entre nós havia uma fileira de amazonas com seus tambores.

Então eu disse a Horko, tendo que gritar por causa dos tambores: "Parece que tem uma porção de gente morta". Tínhamos deixado as ruazinhas estreitas e estávamos numa grande avenida, chegando perto do palácio.

Ele abanou a cabeçorra, sorrindo com sua língua tingida de vermelho, e tocou uma das orelhas, da qual pendia uma joia vermelha. Não tinha me ouvido.

"Gente morta!", eu disse. E então pensei comigo: "Não peça informações com tanto desespero". Minha cara estava de fato ardente, enorme e ansiosa.

Rindo, ele não queria admitir que me compreendia, nem mesmo quando fiz uma pantomima de um enforcado na extremidade de uma corda. Eu teria pagado quatro mil dólares à vista para que Lily fosse levada ali por um só instante, para ver como ela encaixaria aquelas coisas nas suas ideias de bondade. E de realidade. Tivéramos aquela discussão formidável sobre a realidade, em consequência da qual Ricey tinha fugido e voltado para a escola com o bebê de Danbury. Eu sempre argumentei que Lily não conhece a realidade, nem tampouco gosta dela. Eu? Eu amo a puta da realidade tal como ela é e gosto de pensar que estou sempre preparado até mesmo para o que ela tiver de pior para me mostrar. Sou um verdadeiro adorador da vida, e se não consigo alcançar seu rosto, me contento em plantar meu beijo mais embaixo. Aqueles que compreendem não precisarão de maiores explicações.

Eu me consolava de meus temores imaginando que Lily não seria capaz de responder. Embora hoje em dia não acredite nem por um instante que alguma coisa possa deixá-la embaraçada. Sim, ela teria uma resposta. Mas nesse ínterim tínhamos atravessado o campo de manobras e as sentinelas tinham aberto o portão vermelho. Ali estavam os vasos de pedra oca do dia anterior, com suas flores semelhantes a gerânios, e ali estava o interior do palácio; tinha três andares, com escadarias externas e galerias, era de formato quadrangular semelhante ao de um celeiro. No térreo os aposentos eram desprovidos de portas, como baias estreitas, abertas e nuas.

Ali, sem nenhuma possibilidade de engano, ouvi o rugido de uma fera selvagem. Nenhuma criatura que não um leão seria capaz de um ruído como aquele. À parte isso, em comparação com as ruas da aldeia, o palácio estava calmo. No pátio havia duas pequenas cabanas, parecendo casas de bonecas, cada uma delas ocupadas por um ídolo com chifres, recém-caiado. Entre as duas cabanas, um rastro fresco de cal. Uma bandeira desbotada, que tinha tomado sol demais, pendia da pequena torre. Era dividida diagonalmente por uma sinuosa risca branca.

“Qual é o caminho até o rei?”, perguntei.

Mas Horko era obrigado, pelas regras da etiqueta, a me entreter e me mostrar o lugar antes da audiência com o rei. Seus aposentos ficavam no térreo. Com grande solenidade, os guarda-sóis foram fincados e uma velha mesa dobrável foi trazida para fora pelas amazonas. Sobre ela se estendeu um pano do tipo que os mascates sírios costumam vender, vermelho e amarelo com extravagantes arabescos. Trouxeram então uma baixela de prata, bule, pratos de sobremesa, pratos cobertos e coisas do tipo. Havia água quente, e uma bebida feita de leite misturado com sangue fresco de boi, que declinei, tâmaras e abacaxis, pombo, batatas-doces e outros pratos — patas de camundongo comidas com uma espécie de xarope, que também achei melhor deixar para depois. Comi algumas batatas-doces e bebi o pombo, bebida forte que imediatamente agiu sobre minhas pernas e joelhos. Na minha excitação e arrebatamento, engoli várias taças daquilo, já que nada no mundo externo me servia de apoio e a mesa dobrável se mostrava altamente instável; eu precisava de alguma coisa por dentro, pelo menos. Meio esperançoso, achei que fosse me sentir mal. Não sou capaz de suportar uma excitação como a que estava sentindo. Fiz o que pude para cumprir a lenga-lenga social com Horko. Ele queria que eu admirasse sua mesa dobrável, e para agradá-lo fiz vários elogios a ela e disse que tinha uma igualzinha em casa. Como de fato tenho, no sótão. Foi debaixo dela que sentei para tentar disparar contra o gato. Eu disse a ele que a minha não era tão boa quanto aquela. Ah, era uma pena não podermos sentar como dois cavalheiros praticamente da mesma idade, desfrutando da luminosidade cálida e

difusa de uma calma manhã africana. Mas eu era um fugitivo, um sujeito que tinha feito muita coisa errada e estava tremendamente preocupado com os acontecimentos da noite anterior. Previa que poderia esclarecer as coisas com o rei, e várias vezes achei que era o momento de levantar, chegando a agitar meu corpanzil e fazer menção disso, mas o protocolo ainda não deixava. Tentei ser paciente, amaldiçoando o desperdício desnecessário de medo. Horko, bufando, se debruçou sobre a frágil mesa, os nós dos dedos parecendo troncos de árvores, agarrando a asa do bule de prata. Serviu uma bebida quente que tinha gosto de feno cozido. Amarrado por mil restrições, ergui a taça e beberiquei com a mais extrema cortesia.

Por fim, minha recepção por Horko foi concluída e ele me indicou que deveríamos levantar. As amazonas, em tempo recorde, afastaram a mesa e as outras coisas e se perfilaram, prontas para nos escotar até o rei. Seus traseiros eram cheios de furinhos, como escorredores de macarrão. Ajustei o capacete, puxei a bermuda para cima e enxuguei as mãos na camiseta, pois estavam úmidas e eu queria estender ao rei uma mão seca e calorosa. Isso quer dizer muita coisa. Começamos a caminhar em direção a uma das escadarias. Onde estava Romilayu? Perguntei a Horko. Ele sorriu e disse: "Oh, ótimo. Oh, oh, ótimo". Estávamos subindo a escada quando vi Romilayu embaixo, esperando, abatido, as mãos desalentadas pendendo sobre os joelhos, a espinha curva formando uma corcunda. Pobre camarada!, pensei. Tenho que fazer alguma coisa por ele. Vou fazer, logo que as coisas sejam esclarecidas. Vou mesmo, com certeza. Depois das catástrofes onde o enfiei, devo-lhe uma recompensa de verdade.

A escadaria externa, ampla, lenta e tortuosa, fez uma volta e nos levou para o outro lado do prédio. Ali havia uma árvore que balançava e rangia porque vários homens estavam empenhados numa tarefa curiosa, erguendo grandes pedras por sobre os galhos com cordas e grosseiras roldanas de madeira. Eles gritavam para o pessoal de baixo, que empurrava as pedras para cima, e seus rostos brilhavam com a luz do trabalho pesado. Horko me explicou, e não entendi bem o quanto ele estava falando sério, que aquelas pedras

estavam relacionadas com as nuvens da chuva que eles esperavam provocar na cerimônia que logo aconteceria. Pareciam todos muito confiantes de que a chuva seria produzida naquele dia. O inquisidor da noite anterior, com sua expressão “Wak-ta”, tinha descrito o aguaceiro com os dedos. Mas não havia nada no céu. Estava vazio, a não ser pelo sol. Havia apenas, até então, aquelas pedras redondas nos galhos, aparentemente destinados a representar nuvens de chuva.

Chegamos ao terceiro andar, onde o rei Dahfu tinha seus aposentos. Horko me conduziu através de várias salas amplas de teto baixo que pareciam estar precariamente sustentadas sobre o andar de baixo; eu não responderia pelo vigamento. Havia reposteiros e cortinas. Mas as janelas eram estreitas, e pouco se podia ver, exceto quando um raio de sol penetrava aqui e ali e mostrava um suporte de lanças, um banco baixo ou a pele de um animal. À porta do apartamento do rei, Horko se afastou. Eu não esperava aquilo e perguntei: “Ei, aonde é que o senhor vai?”. Mas uma das amazonas me pegou pelo braço e me fez passar pela porta. Antes de avistar o próprio Dahfu, deparei um grupo enorme de mulheres — vinte ou trinta, na minha primeira estimativa — e a densidade de mulheres nuas, sua *volupté* (só uma palavra francesa dá conta da tarefa aqui), me pressionava por todos os lados. O calor era grande e o aroma predominante era feminino. A única coisa que eu poderia comparar com aquilo em termos de temperatura e proximidade era uma incubadora — o teto baixo também é responsável por essa associação. Sentada junto à porta num banquinho alto, um banquinho que lembrava o de um guarda-livros antiquado, estava uma velha grisalha e pesada vestida com a túnica das amazonas e uma boina do tipo que saiu de moda com o exército italiano na passagem do século XIX para o século XX. Em nome do rei ela apertou a minha mão.

“Como vai?”, perguntei.

O rei! Suas mulheres abriram alas para mim, saindo lentamente do meu caminho, e avistei-o do outro lado da sala, estendido num sofá verde de uns três metros de comprimento, em forma de lua crescente, coberto de pesadas tapeçarias, cheio de reentrâncias e

calombos. Nesse objeto suntuoso ele estava totalmente relaxado, de tal modo que seu bem desenvolvido físico atlético, de ceroulas púrpura até os joelhos, feitas de uma espécie de crepe de seda, parecia flutuar, e à altura do pescoço estava envolto num xale branco bordado em ouro. Os chinelos de cetim branco em seus pés combinavam com o resto. Mesmo com todo o meu temor e exaltação, senti admiração por ele ao medi-lo de cima a baixo. Como eu, era um homem grande, com mais de um metro e oitenta, segundo minha estimativa, e suntuosamente em repouso. Mulheres atendiam a cada uma das suas necessidades. De quando em quando uma delas enxugava seu rosto com um paninho, outra acariciava seu tórax e uma terceira mantinha seu cachimbo abastecido, acendendo-o e pitando-o para o conservar sempre pronto para o uso.

Avancei ou tropecei para frente. Antes que pudesse chegar muito perto fui contido por uma mão e um banquinho me foi indicado a um metro e meio do sofá. Sentei. Entre nós, numa grande tigela de madeira, jazia um par de crânios humanos, encostados um no outro, rosto com rosto. Suas testas brilhavam conjuntamente para mim, daquele jeito covarde que os crânios costumam ter, e eu era confrontado pelas órbitas unidas dos olhos, pelos buracos dos narizes e pelas duplas fileiras de dentes.

O rei observou o modo cauteloso como eu olhava para ele e deu a impressão de sorrir. Seus lábios eram grandes e inchados, compunham o traço mais negroide de seu rosto, e ele disse: "Não fique alarmado. Esses dois vão ser usados na cerimônia desta tarde".

Certas vozes escutadas uma vez nunca deixam de ressoar na cabeça da gente, e foi uma voz desse tipo que reconheci logo às primeiras palavras dele. Curvei-me para a frente para ter uma visão melhor. O rei se divertiu muito ao me ver abrir as mãos sobre o peito e a barriga como se estivesse retendo alguma coisa, e por sua vez se endireitou para me examinar melhor. Uma mulher deslizou uma almofada até sua nuca, mas ele a jogou no chão e voltou a se recostar. Meu pensamento foi: "Minha sorte ainda não se esgotou". Pois vi que nossa emboscada e captura, bem como o interrogatório e toda a história do cadáver aboletado na nossa cabana, talvez não tivessem sido originados pelo rei. Ele não era desse tipo, e embora

eu não soubesse exatamente de que tipo ele podia ser, já estava começando a me regozijar com nosso encontro.

“Ontem de tarde, recebi notícia da sua chegada. Fiquei tão excitado. Mal dormi a noite passada, pensando em nosso encontro... Oh, ha, ha. Decididamente isso não foi bom pra mim”, disse ele.

“Engraçado, eu também não consegui dormir muito”, falei. “Tive que me contentar com umas poucas horas. Mas estou contente em conhecê-lo, rei.”

“Oh, eu muito satisfeito. Tremendamente. Sinto muito pelo seu sono. Mas de minha parte estou satisfeito. Para mim é uma ocasião elevada. Muito significativa. Dou-lhe as boas-vindas.”

“Trago lembranças de seu amigo Itelo”, disse eu.

“Oh, o senhor se encontrou com os Arnewi? Vejo que sua ideia é visitar alguns dos lugares mais remotos. Como está o meu amigo muito querido? Sinto falta dele. Vocês lutaram?”

“Sim, certamente”, disse eu.

“E quem venceu?”

“Chegamos a um empate.”

“Bem”, prosseguiu, “o senhor parece ser uma pessoa das mais interessantes. Especialmente quanto ao físico. Excepcional”, disse ele. “Não estou certo de ter encontrado outro da sua categoria. Bem, ele é muito forte. Não consegui derrubá-lo, o que lhe deu grande prazer. Sempre dava.”

“Estou começando a sentir a idade”, respondi.

O rei disse: “Ora, ora, que bobagem. Acho que o senhor parece um monumento. Acredite em mim, nunca vi uma pessoa com os seus dotes pessoais”.

“Espero que não tenhamos que ir para o ringue, Alteza.”

“Oh, não, não. Não temos esse costume aqui. Não é coisa nossa. Devo lhe pedir desculpas”, disse ele, “por não me levantar para apertar sua mão. Peço a minha generala, Tatu, que aja em meu lugar porque sou muito relutante em me levantar. Em princípio.”

“É mesmo? É mesmo?”, perguntei.

“Quanto menos eu me movimento, quanto mais me deixo repousar, fica mais fácil, para mim, cumprir os meus deveres. Todos os meus deveres. Incluindo as prerrogativas destas muitas esposas.

Pode não parecer à primeira vista, mas é uma existência das mais complexas, exigindo que eu me poupe. Senhor, diga-me francamente...”

“O nome é Henderson”, disse eu. Por causa do jeito como ele se refestelava e do jeito como pitava seu cachimbo, senti que de algum modo eu estava sendo testado.

“Sr. Henderson. Sim, eu devia ter perguntado. Peço desculpas por descuidar da cortesia. Mas mal pude me conter diante da sua presença aqui, senhor, uma oportunidade para conversar em inglês. Desde meu retorno, tenho sentido falta de muitas coisas das quais eu não suspeitava quando estava na escola. O senhor é minha primeira visita civilizada.”

“Não costuma vir muita gente aqui?”

“Preferimos assim. Temos optado pela reclusão, já há várias gerações, e estamos magnificamente escondidos nestas montanhas. Está surpreso com o fato de eu falar inglês? Suponho que não. Nosso amigo Itelo deve ter-lhe contado. Adoro a personalidade daquele homem. Passamos inabalavelmente juntos por muitas experiências. É uma grande frustração para mim não tê-lo surpreendido, senhor”, disse ele.

“Não se preocupe, estou bastante surpreso. O príncipe Itelo me contou tudo sobre aquela escola que vocês frequentaram em Malindi.” Como já enfatizei, meu estado era peculiar: sentia uma ansiedade febril e estava desconcertado pelos eventos da noite anterior. Mas havia algo naquele homem que me dava a convicção de que poderíamos chegar juntos a um acordo. Eu me guiava unicamente por sua aparência e seu tom de voz, pois até então me parecia que havia um toque de frivolidade em sua atitude e que ele estava me testando. Quanto à reclusão dos Wariri, naquela manhã, devido à peculiaridade da minha condição mental, o mundo não era o mesmo; tomou o aspecto de um organismo, uma coisa mental, por entre cujas células eu tinha estado perambulando. Da mente vinha o ímpeto e através da mente minha rota estava traçada, e portanto nada na terra poderia de fato me surpreender por completo.

“Sr. Henderson, eu agradeceria se o senhor desse uma resposta franca à pergunta que vou lhe fazer. Nenhuma destas mulheres pode

entender, portanto não é preciso hesitar. O senhor me inveja?”

Não era o momento de mentir.

“Quer saber se eu trocaria de lugar com o senhor? Ora, que diabo, Alteza — com todo o respeito —, o senhor me dá a impressão de estar numa posição muito atraente. Mas a minha situação não poderia ser mais desvantajosa”, disse eu. “Praticamente qualquer pessoa venceria numa comparação comigo.”

Seu rosto preto tinha um nariz de batata, mas não desprovido de osso. A escuridão avermelhada dos seus olhos devia ser um traço de família, já que eu a notara também em seu tio Horko. Mas no rei havia uma qualidade ou grau de luz superior. E agora ele queria saber, insistindo na mesma linha de inquérito: “É por causa de todas estas mulheres?”.

“Bem, eu também conheci uma boa porção delas, Alteza”, respondi, “embora não todas ao mesmo tempo. O que parece ser o seu caso. Mas hoje em dia acontece que estou feliz com meu casamento. Minha esposa é uma pessoa formidável e temos uma união muito espiritual. Não sou cego aos defeitos dela; às vezes lhe digo que ela é o altar do meu ego. É uma boa mulher, mas um tanto chantagista. Tem uma mania excessiva de passar sermão. Ha, ha.” Já disse a vocês que, na minha cabeça, estava me sentindo meio deslocado. E então falei: “Por que o invejo? O senhor está no coração do seu povo. Eles precisam do senhor. Veja como ficam por perto e atendem a todas as suas necessidades. É óbvio o grande valor que lhe dão”.

“Enquanto estou de posse de meu viço e de meu vigor originais”, disse ele, “mas o senhor tem ideia do que vai acontecer quando eu me debilitar?”

“O que...?”

“Estas mesmas damas, tão pródigas nas suas atenções, vão me denunciar e então o bunam, que é o sacerdote principal por aqui, vai me enviar para o mato e lá eu serei estrangulado.”

“Oh, Deus, não!”, exclamei.

“É assim mesmo. Estou lhe dizendo com o máximo de sinceridade o que um rei dos Wariri deve esperar do futuro. O sacerdote me velará até que uma larva de inseto seja vista sobre meu corpo morto

e então a envolverá num pedaço de seda e a trará para o povo. Ele a exhibirá em público declarando que se trata da alma do rei, a minha alma. Então retornará ao mato e, passado um tempo determinado, trará para a cidade um filhote de leão, explicando que a larva passou por uma transformação, convertendo-se num leão. Depois de outro intervalo, anunciarão ao povo o fato de que o leão se converteu, por sua vez, no novo rei. Este será meu sucessor.”

“Estrangulado? O senhor? Isso é cruel. Que espécie de gente é essa?”

“O senhor continua me invejando?”, disse o rei, pronunciando suavemente as palavras com sua boca enorme, calorosa e com aparência de inchada.

Hesitei, e ele comentou: “Minha dedução, a partir de uma breve observação, é a seguinte: o senhor é provavelmente propenso a essa paixão”.

“Que paixão? Está dizendo que sou invejoso?”, perguntei, melindrado, e esqueci que estava diante do rei. Percebendo uma nota de cólera, as amazonas dispostas atrás das esposas junto às paredes da sala começaram a se agitar e ficaram de prontidão. Uma sílaba do rei as acalmou. Então ele pigarreou, erguendo-se no sofá, e uma das beldades nuas levou-lhe uma bandeja onde ele pudesse cuspir. Tendo tragado um pouco de tabaco úmido, irritou-se e jogou o cachimbo longe. Outra dama foi buscá-lo e limpou a boquilha com um trapo.

Eu sorria, mas estou seguro de que meu sorriso parecia uma queixa. Os pelos em torno da minha boca se retorceram com ele. Estava consciente, porém, de que não me cabia pedir uma explicação daquele comentário. Então eu disse: “Alteza, ontem à noite aconteceu uma coisa muito irregular. Não me queixo por ter caído numa cilada ao chegar, ou de minhas armas terem sido apreendidas, mas na minha cabana, na noite passada, havia um cadáver. Não é exatamente uma queixa, já que sou capaz de lidar com os mortos. Mesmo assim, achei que o senhor devia ser informado a respeito”.

O rei pareceu realmente desconcertado com aquilo; não havia a menor sombra de falsidade na sua indignação quando ele disse: “O

quê? Com certeza foi uma confusão de organização. Se foi intencional, ficarei muito perplexo. É um assunto do qual eu deveria ter cuidado de perto”.

“Sou obrigado a confessar, Alteza, que senti uma certa dose de inospitalidade. Fui *eu* que fiquei perplexo. Meu acompanhante foi levado à histeria. E talvez seja o caso de desembuchar de uma vez: embora eu não quisesse mexer no seu morto, tomei a iniciativa de remover o corpo. Mas qual o significado disso?”

“Qual poderia ser?”, disse ele. “Até onde eu sei, nenhum.”

“Oh, então estou aliviado”, falei. “Meu acompanhante e eu tivemos um par de horas desagradáveis com ele. E durante a noite o trouxeram de volta.”

“Mil perdões”, disse o rei. “Minhas mais sinceras desculpas. Genuínas. Posso perceber como foi horrível e também incômodo.”

Não me pediu detalhes. Não disse: “Quem era o homem? Como ele era?”. Nem mesmo pareceu interessado em saber se era um homem, uma mulher ou uma criança. Eu estava tão contente por escapar da angústia diante do rei que naquela altura nem notei essa estranha falta de interesse.

“Deve haver um bom número de mortes entre vocês nesta época”, disse eu. “No caminho até o palácio eu podia jurar que vi alguns sujeitos pendurados.”

Não respondeu diretamente, mas disse apenas: “Temos que tirar o senhor desse alojamento indesejável. Portanto, seja meu convidado no palácio”.

“Obrigado.”

“Suas coisas serão trazidas.”

“Meu acompanhante, Romilayu, já se encarregou de trazê-las, mas ele não tomou café da manhã.”

“Fique tranquilo, cuidaremos dele.”

“E minha arma...”

“Sempre que tiver ocasião de atirar, ela estará em suas mãos.”

“Tenho ouvido um leão”, disse eu. “Isso tem alguma coisa a ver com a informação que me deu sobre a morte do...” Não completei a pergunta.

“O que o traz até nós, sr. Henderson?”

Tive o impulso de confiar nele — era assim que ele me fazia sentir, confiante —, mas já que ele havia desviado a conversa do rugido dos leões, que eu continuava a ouvir com clareza, eu não podia começar a falar abertamente, sem mais nem menos, então o que disse foi: “Sou apenas um viajante”. Minha posição no banquinho de três pés sugeria que eu estava acororado ali com o intuito de evitar questioná-lo. A situação demandava uma dose de equilíbrio e de paz de espírito que eu não tinha. E continuei enxugando ou coçando meu nariz com meu grande lenço Woolworth. Tentei adivinhar: “Qual dessas mulheres pode ser a rainha?”. Então, já que talvez não fosse muito educado ficar encarando as diversas componentes do harém, em sua maioria tão gentis, dóceis e negras, desviei meus olhos para o chão, consciente de que o rei me observava. Ele parecia estar totalmente à vontade, e eu totalmente travado. Ele estava estendido, flutuando. Eu, contraído e tenso. A parte de trás dos meus joelhos transpirava. Sim, ele pairava como um espírito enquanto eu afundava como uma pedra, e com meus olhos fatigados não podia deixar de olhar para ele com rancor (tornando-me assim realmente culpado da paixão que ele vira em mim), ele ali todo espontâneo, cercado de tanta atenção e cuidados. Sim, vamos supor que houvesse no fim das contas aquele preço demasiado alto a pagar. Para mim, naquele momento parecia valer totalmente a pena.

“O senhor se importaria em responder mais algumas perguntas, sr. Henderson? Que tipo de viajante é o senhor?”

“Oh... depende. Ainda não sei. Estou para descobrir. Sabe”, disse eu, “é preciso ser muito rico para fazer uma viagem como esta.” Poderia ter acrescentado, como passou pela minha cabeça, que algumas pessoas encontram plena satisfação em *ser* (Walt Whitman: “Basta meramente ser! Basta respirar! Alegria! Alegria! Alegria por toda parte!”). *Ser*. Outros se deixam levar pelo *vir a ser*. As pessoas do *ser* desfrutam todas as pausas. As do *vir a ser* são muito infelizes, estão sempre agitadas. As pessoas do *vir a ser* estão sempre tendo que dar explicações ou oferecer justificativas às pessoas do *ser*. Estas, por sua vez, provocam essas explicações. Sinto francamente que essa é uma coisa que todos deviam

compreender a meu respeito. Agora, se havia no mundo uma pessoa do ser, era Willatale, a rainha dos Arnewi e principal mulher da ammarguha. E agora o rei Dahfu. E se eu tivesse sido realmente capaz da consciência alerta necessária para tal, teria confessado que estava ficando farto do vir a ser. Chega! Chega! Chega de vir a ser. É hora de ser! Romper o sono do espírito. Acorda, América!, discursam os entendidos. Em vez disso eu disse ao rei selvagem: "Parece que sou uma espécie de turista".

"Ou de andarilho", disse ele. "Já estou gostando do jeito desconfiado que o senhor revela."

Tentei fazer uma reverência quando ele disse isso, mas fui impedido por uma conjunção de fatores, sendo o principal deles minha posição de cócoras, com a barriga encostando nos joelhos nus (aliás, sentar nessa posição me deixava claro que eu precisava urgentemente de um banho). "O senhor me dá um valor excessivo", disse eu. "Tem um monte de gente lá na minha terra para quem eu não passo de um vagabundo."

A essa altura da nossa entrevista eu tentava avaliar, quase como se apalpassse com os dedos, as características principais da situação. As coisas pareciam serenas, mas quão serenas elas podiam ser de fato? De acordo com Itelo, aquele rei, Dahfu, era um sujeito e tanto. Tinha conquistado uma condecoração de primeiro nível. Classe A, como o próprio Itelo teria dito. Categoria. Na verdade, eu já estava bastante encantado com ele, mas era necessário lembrar o que tinha visto naquela manhã, lembrar que estava entre selvagens, que tinha sido brindado com um cadáver e avistara sujeitos pendurados pelos pés e que o rei tinha feito pelo menos uma insinuação dúbia. Além disso, minha febre vinha aumentando e eu tinha que fazer um esforço extra para me manter alerta. Por conta disso concentrei uma grande pressão na nuca e nos olhos. Fitava sem disfarce tudo o que estava à minha volta, incluindo aquelas mulheres que deveriam inspirar uma atitude completamente diferente. Mas meu propósito era ver os pontos básicos, nada senão os pontos básicos, e me defender das alucinações. As coisas não são o que parecem, de todo modo.

Quanto ao rei, seu interesse em mim parecia crescer sem parar. Meio sorrindo, ele me perscrutava com minúcia crescente. Como eu poderia adivinhar os objetivos e propósitos escondidos em seu coração? Deus não me deu nem a metade da intuição que a toda hora necessito. Já que eu não podia confiar nele, precisava compreendê-lo. Compreendê-lo? Como é que eu ia compreendê-lo? Que diabo! Seria como tirar uma enguia da sopa depois de ela ter se despedaçado no cozimento. Este planeta carrega bilhões de passageiros, e estes foram precedidos por infinitos bilhões de outros e há ainda mais bilhões por vir, e nenhum deles, nem sequer um, tenho a pretensão de chegar a compreender. Jamais! E quando penso em toda a confiança que costumava ter na capacidade de compreensão — estão me entendendo? — dá vontade de chorar. Ora, vocês devem estar se perguntando, o que os números têm a ver com isso? Têm razão, também. Ficamos deprimidos demais por conta deles, e deveríamos aceitar mais as multidões. Estando, em termos de tamanho, a meio caminho entre os sóis e os átomos, convivendo com concepções astronômicas, tendo um mistério em cada impressão digital, deveríamos nos habituar aos números imensos. Na história do mundo muitas almas existiram, existem e existirão, e com um pouco de reflexão isso é maravilhoso e não deprimente. Muitos idiotas ficam melancólicos com isso, pois acham que a quantidade os enterra vivos. É uma sandice. Os números são muito perigosos, mas o mais importante a respeito deles é que eles baixam a crista do nosso orgulho. E isso é bom. Mas eu costumava ter grande confiança na capacidade de entendimento. Agora tomemos uma frase como “Pai, perdoa-os; eles não sabem o que fazem”. Pode ser interpretada como uma promessa de que no devido tempo seremos libertados da cegueira e compreenderemos. Por outro lado, pode também significar que com o tempo compreenderemos nossas próprias maldades e crimes, e isso soa a mim como uma ameaça.

Assim, eu estava sentado ali com minha expressão pensativa. Ou talvez fosse mais literal e descritivo dizer que estava ouvindo os rosnados da minha mente. Então o rei comentou, para minha surpresa: “O senhor não mostra muitos sinais de desgaste e fadiga

da jornada. Avalio que seja muito forte. Oh, tremendamente. Percebo isso ao primeiro olhar. O senhor me diz que foi capaz de lutar de igual para igual com Itelo? Talvez tenha sido meramente cortês. Numa primeira impressão o senhor não parece ser assim tão cortês. Mas não vou esconder que é um espécime do mundo desenvolvido que não posso dizer que já tenha visto antes”.

Primeiro o inquisidor no meio da noite, esquivando a questão do cadáver, tinha me pedido para tirar a camiseta para que ele pudesse examinar meu físico, e agora o rei expressava um interesse parecido. Eu poderia ter me gabado: “Sou forte o bastante para correr uns cem metros colina acima com um cadáver dos seus nas costas”. Pois tenho mesmo um certo orgulho da minha força (mecanismo compensatório). Mas meus sentimentos vinham sofrendo uma considerável flutuação. Primeiro a figura e a postura do rei, bem como seu tom de voz, tinham me deixado tranquilo. Exultei com isso. Meu coração proclamou feriado. Mas em seguida sobreveio de novo a desconfiança, e agora aquele interrogatório esquisito sobre meu físico me fazia suar de ansiedade. Lembrei que, se estavam pensando em me ofertar em sacrifício, o sacrificado não podia ter defeitos ou máculas. Então eu disse que não estava com a saúde muito boa e que me sentia febril naquele dia.

“O senhor não pode estar com febre, pois está claramente transpirando”, disse Dahfu.

“Essa é exatamente mais uma das minhas peculiaridades”, expliquei. “Posso estar com uma temperatura alta e mesmo assim suar em bicas.” Ele ignorou o comentário. “E uma coisa terrível me aconteceu na noite passada enquanto eu comia um pedaço de biscoito”, acrescentei. “Uma verdadeira calamidade. Quebrei minha ponte dentária.” Escancarei a boca com os dedos e joguei a cabeça para trás, oferecendo-lhe uma visão da falha. Também desabotoei o bolso e lhe mostrei os dentes, que guardara ali por precaução. O rei espiou dentro daquele enorme fosso que era a minha boca. Qual foi exatamente a sua impressão é algo que não sou capaz de relatar, mas o que ele disse foi: “De fato, parece extremamente incômodo. Onde aconteceu isso?”.

“Oh, um pouco antes daquele sujeito me crivar de perguntas”, disse eu. “Quem é ele?”

“O bunam”, respondeu o rei. “Pareceu-lhe alguém digno? É o mais elevado dos sacerdotes. Não é difícil imaginar como o senhor deve ter ficado aborrecido ao quebrar os dentes.”

“Fiquei doido de raiva”, disse eu. “Se pudesse, chutava minha própria cabeça por ser tão estúpido. Claro, eu podia mastigar só com os tocos de dentes. Mas e se a haste do aparelho saltasse para fora? Não sei o quanto está familiarizado com a odontologia, Alteza, mas embaixo dos dentes tudo ficou reduzido a uma polpa, e se sinto o ar passar entre os ferros do aparelho, acredite, não existe tormento comparável. Sempre tive péssima sorte com os dentes, assim como minha mulher. Naturalmente não se pode esperar que os dentes durem para sempre. Eles se desgastam. Mas isso não é tudo...”

“Existem outras coisas que o afligem?”, perguntou. “O senhor tem uma aparência de extrema e sólida organização física.”

Enrubesci e respondi: “Tenho um problema sério de hemorroidas, Alteza. Além disso sou sujeito a desmaios”.

Mostrando solidariedade, perguntou: “Não epilepsia — pequeno mal ou grande mal?”

“Não”, respondi, “o que eu tenho desafia as classificações. Estive com os maiores especialistas de Nova York e eles dizem que não é epilepsia. Mas alguns anos atrás comecei a ter desmaios repentinos, sem aviso prévio. Podem me ocorrer quando estou lendo jornal, ou trepado numa escada, consertando uma vidraça. Já apaguei tocando violino. Então, cerca de um ano atrás, no elevador expresso, subindo no Edifício Chrysler, me aconteceu. Deve ter sido a velocidade de superação da gravidade que causou aquilo. Havia a meu lado uma senhora com um casaco de pele de marta. Apoiei minha cabeça no seu ombro e ela deu um berro, e eu desabei.”

Tendo sido um estoico por tantos anos, não sou muito habilidoso em fazer meus males soarem convincentes. Também, de tanto ler textos de medicina, tenho plena consciência do quanto há de psicológico, só psicológico, sem precisar falar de bebida ou algo assim, na origem dos meus achaques. Era capricho de caráter que me fazia desmaiar. Além do mais, meu coração repetia tanto aquele

Eu quero, que eu sentia a necessidade de uma pequena trégua e achava repouso desfalcar de quando em quando. Não obstante, comecei a perceber que o rei certamente iria me usar se pudesse, pois, por mais gentil que fosse, estava também numa situação peculiar em relação às esposas. Já que ele próprio não chegaria à velhice, não havia motivo para que tivesse alguma consideração especial por mim.

Falei alto e bom som: "Alteza, foi uma visita maravilhosa e interessante. Quem diria! No coração da África! Itelo fez os maiores louvores a Vossa Alteza. Disse que era extraordinário, e vejo que é mesmo. Isso tudo não podia ser mais memorável, mas não quero abusar da sua hospitalidade e ficar mais do que deveria. Sei que planeja fazer chover hoje e provavelmente só vou atrapalhar. Então muito obrigado pela hospitalidade do palácio, e desejo-lhe toda a sorte do mundo no ritual, mas acho que é melhor meu acompanhante e eu partirmos depois do almoço".

Tão logo percebeu minha intenção, quando eu ainda nem tinha acabado de falar, ele começou a abanar a cabeça, e quando fez isso as mulheres me fitaram com expressão nada amistosa, como se eu estivesse incomodando o rei ou provocando-lhe emoções, levando-o a consumir uma energia que poderia ser mais bem empregada em outras coisas.

"Oh não, sr. Henderson", disse. "Não é nem concebível que abramos mão da sua presença tão pouco tempo depois da sua chegada. O senhor tem um imenso encanto social, meu querido hóspede. Pode acreditar que eu sofreria uma privação verdadeiramente medonha se perdesse sua companhia. Seja como for, acho que o Destino desejou que nos tornássemos íntimos. Já lhe contei o quanto fiquei empolgado desde o anúncio da sua aparição, vindo do mundo exterior. E assim, como é chegada a hora de dar início aos rituais, quero que seja meu convidado."

Pôs na cabeça um exuberante chapéu de abas largas da mesma cor púrpura das suas ceroulas, mas de veludo. Dentes humanos, para protegê-lo do mau-olhado, estavam costurados na copa. Ergueu-se do sofá verde, mas só para deitar de novo numa rede. Amazonas vestidas de túnicas curtas de couro eram as carregadoras.

Quatro de cada lado puseram sobre os ombros as duas barras onde a rede se pendurava, e esses ombros, embora de amazonas, eram macios. A capacidade física sempre mexe comigo, especialmente nas mulheres. Adoro assistir na Times Square a filmes dos Jogos Olímpicos, em particular o daquelas atalantas correndo e arremessando o dardo. Sempre digo: “Vejam isso! Senhoras e senhores, vejam como podem ser as mulheres!”. É algo que toca tanto o soldado que há em mim como o amante da beleza. Tentei substituir mentalmente aquelas oito amazonas por oito mulheres conhecidas minhas — Frances, mlle. Montecuccoli, Berthe, Lily, Clara Spohr e outras —, mas de todas elas só Lily tinha a estatura certa. Não consegui pensar numa equipe equivalente. Berthe, embora forte, era larga demais e mlle. Montecuccoli tinha o busto amplo mas os ombros eram estreitos. Essas amigas, conhecidas e amadas não seriam capazes de carregar o rei.

A convite de sua majestade, desci as escadas a seu lado e entrei com ele no pátio. Não estava estendido indolentemente em sua rede; sua figura tinha uma genuína elegância; revelava sua origem nobre. Nada disso talvez tivesse ficado evidente se eu tivesse conhecido Itelo e ele em seus tempos de estudantes em Beirute. Todo mundo já encontrou estudantes da África por aí, e geralmente eles usam roupas folgadonas e seus colarinhos estão amarrotados porque dar um nó na gravata é algo estranho a seus hábitos.

No pátio juntaram-se ao séquito Horko com seus guarda-sóis, amazonas, esposas, crianças segurando braçadas de milho, guerreiros carregando nos braços ídolos e fetiches recém-lambuzados de ocre e cal, tão feios quanto pode conceber a imaginação humana. Alguns eram só dentes, outros só narinas, vários portavam utensílios maiores que seus próprios corpos. O pátio rapidamente ficou lotado. O sol ardia e castigava. O acetileno não descasca a tinta com tanta eficiência quanto aquele sol fazia nas portas do meu coração. Tolamente, disse a mim mesmo que me sentia fraco, prestes a desmaiar. (Era devido a meu tamanho e minha força que isso parecia tolice.) E refleti que aquilo lembrava certo dia de verão em Nova York. Eu tinha tomado o metrô errado e,

em vez de sair na alta Broadway, tinha ido parar na esquina da Lenox com a 125, subindo a custo até a calçada.

O rei me disse: "Os Arnewi também enfrentam escassez de água, sr. Henderson?".

Pensei: "Está tudo perdido. O homem ficou sabendo da história da cisterna". Mas não parecia ser o caso. Não houve nenhum indício nesse sentido; ele apenas contemplava da sua rede o azul sem nuvens e sem vento.

"Bem, bem, eu lhe digo uma coisa, rei", falei. "Eles não têm tido muita sorte nesse departamento específico."

"Oh?", reagiu, pensativo. "Eles têm uma peculiaridade nessa coisa de sorte, sabia? Existe uma lenda segundo a qual fomos no passado uma coisa só, uma única tribo, mas nos separamos por conta da questão da sorte. A palavra que os designa na nossa língua é *nibai*. Pode ser traduzida por 'azarado'. Sim, sem dúvida é esse o equivalente na nossa língua."

"É mesmo? Os Wariri se sentem afortunados, hein?"

"Ah sim. Em inúmeros casos. Nós nos consideramos o oposto dos Arnewi nesse campo. O ditado é: Wariri *ibai*. Em outras palavras, Wariri sortudos."

"Não diga! Bom, bom. E qual a sua opinião a respeito? O ditado está certo?"

"Se nós, Wariri, somos felizes?", perguntou. Estava nitidamente me enquadrando, pois eu o desafiara com a pergunta. Vou lhes contar! Que situação. Foi uma lição para mim. Ele impôs sua majestade sobre mim de modo tão leve que mal dava para notar. "Temos sorte", disse. "Indiscutivelmente, quanto à sorte, é um fato. Não imagina como é sólido."

"Então acha que vai haver chuva hoje?", perguntei, com um sorriso duro.

Respondeu com muita brandura: "Já vi chuva em dias que começaram como este". E acrescentou: "Acho que entendo sua atitude. Ela deriva da bondade dos Arnewi. Eles causaram no senhor a impressão que costumam causar. Não esqueça que Itelo é meu camarada especial e foi meu parceiro em situações que criam uma grande intimidade. Ah, sim, conheço as qualidades. Generoso.

Meigo. Bom. Ninguém poderia substituí-lo. Quanto a isso minha concordância é total e completa, sr. Henderson”.

Levantei o rosto com o punho e olhei para o céu, soltando um riso curto e pensando: Meu Deus! Que personagem para conhecer tão longe de casa. Sim, viajar é aconselhável. E acreditem-me: o mundo é mental. Viajar é viajar mentalmente. Sempre suspeitei disso. O que chamamos de realidade não passa de pedantismo. Eu não precisava ter tido aquela briga com Lily, debruçado sobre ela na nossa cama de casal e berrando até que Ricey se apavorou e fugiu com o bebê. Ali eu proclamei que lidava melhor com o real do que ela. Sim, sim, sim. O mundo dos fatos é real, tudo bem, e não dá para alterá-lo. O mundo físico está todo aí, e pertence à ciência. Mas há também o departamento numenal, e nele nós criamos e criamos e criamos. Enquanto trilhamos nossos caminhos de ansiedade excessiva, julgamos saber o que é real. E eu estava dizendo a verdade a Lily, num determinado sentido. Eu de fato conhecia melhor do que ela o real, mas o conhecia porque era meu — cheio, transbordante, fluindo à minha imagem e semelhança; assim como o dela o fazia à imagem e semelhança *dela*. Oh, que revelação! A verdade falou comigo. *Comigo*, Henderson!

Os olhos do rei cintilaram para mim com tamanho poder de significação que senti que ele poderia, se quisesse, penetrar até minha alma. Poderia sitiá-la. Eu sentia isso. Mas por ser ignorante e nada instruído em coisas elevadas — em coisas elevadas sou um principiante tosco, dada minha natureza estragada — não sabia o que esperar. No entanto, sob a luz dos olhos do rei Dahfu, compreendi que ao explodir a cisterna eu não tinha perdido minha última chance. Não senhor. De jeito nenhum.

Horko, o tio do rei, ainda comandava a cerimônia. Por cima dos muros do palácio vinham uivos e sons que ultrapassavam qualquer coisa que eu tivesse ouvido antes de gargantas ou pulmões humanos. Mas tão logo houve uma calmaria o rei me disse: “Deduzo facilmente, sr. Viajante, que saiu em expedição para realizar algo muito importante”.

“Certo, Majestade. Cem por cento certo”, disse eu, fazendo uma reverência. “Caso contrário eu poderia ter ficado na cama vendo um

atlas ilustrado ou slides do Angkor Wat. Tenho uma caixa cheia deles, em cores.”

“Bingo. Foi isso o que eu quis dizer”, respondeu. “E seu coração ficou com seus amigos Arnewi. Estamos de acordo, eles são excelentes, até me pergunto se é pelo ambiente ou pela natureza. Frequentemente me inclino para os fatores inatos e não para os ligados à educação. Às vezes gostaria de encontrar meu amigo Itelo. Eu daria um tesouro precioso para ouvir sua voz. Infelizmente não posso ir. Meu cargo... minhas incumbências oficiais. O bem o impressiona, hein, sr. Henderson?”

No esplendor do sol, com minúsculas plaquetas douradas nos olhos me cegando momentaneamente, concordei com a cabeça. Disse: “Sim, Alteza. Sem enganação. O verdadeiro bem. O bem que é honesto aos olhos de Deus”.

“Sim, sei como se sente”, disse ele, e falava com uma estranha doçura ou nostalgia. Eu nunca teria pensado que poderia extrair aquilo de alguém, e menos ainda daquela pessoa estendida na rede real, com seu chapéu púrpura de abas largas cheio de dentes costurados, seus olhos imensos, suaves e excêntricos tingidos levemente de vermelho e sua inchada boca cor-de-rosa. “Dizem”, prosseguiu, “que o mal pode facilmente ser espetacular, que com seu ímpeto e fanfarronice impressiona o espírito mais facilmente do que o bem. Oh, isso a meu ver é um engano. Talvez seja verdade no que se refere ao bem corriqueiro. Muitas e muitas pessoas ótimas. Oh sim. Sua vontade lhes ordena praticar o bem, e elas o praticam. Como isso é comum! Mera aritmética. ‘Deixei de fazer os etceteras que deveria ter feito, e fiz os etceteras que não devia.’ Isso não chega a valer uma vida. Oh, como é sórdido manter um registro de custo-benefício. Minha visão é totalmente oposta: o bem não pode significar esforço ou conflito. Quando ele é grande e elevado, é também superior. Oh, sr. Henderson, é muito mais espetacular. Tem a ver com inspiração, não com conflito, pois ali onde o homem entra em conflito ele cai, e quem empunha a espada também morre pela espada. Uma vontade estúpida produz um bem muito estúpido, desprovido de interesse. Onde o homem traça uma linha de frente

numa guerra, é ali que ele tem tudo para ser encontrado, morto, um atestado de grande força e sacrifício, mas só de sacrifício.”

Falei, num ímpeto: “Oh rei Dahfu — oh, Majestade!”. Ele tinha mexido muito comigo. Só com aquelas poucas palavras que disse ali estendido em sua rede. “Conhece a rainha dos Arnewi, a mulher da ammarguha, Willatale? É tia de Itelo, o senhor sabe. Ela ia me instruir no grun-tu-molani, mas aconteceu um par de coisas e...”

Mas as Amazonas tinham erguido as barras da rede até os ombros e voltavam a conduzi-la. E os gritos, a empolgação! Os bramidos, o som profundo dos tambores, como se os animais estivessem falando de novo por meio das peles que em outros tempos cobriam seus corpos! Era um grandioso volume de som, como Coney Island, Atlantic City ou Times Square na noite de Ano-Novo; quando o rei saiu pelo portão, a tremenda cacofonia deixou muito para trás todos os ruídos anteriores da minha experiência.

Gritando, perguntei ao rei: “Onde...?”.

Cheguei bem perto dele e me debrucei para ouvir a resposta: “... possuí um lugar... uma arena... especial”, disse ele.

Não ouvi mais nada. O frenesi era digno de uma metrópole. Havia um tamanho turbilhão de homens, mulheres e fetiches, e rosnados de cães e ganidos semelhantes ao amolar de foices, e trombetas rasgando o ar, que a escala sonora não era capaz de comportar. A massa de sons estava a ponto de se estilhaçar. Tentei proteger meu ouvido bom tapando-o com o polegar, e mesmo o ouvido defeituoso estava recebendo mais do que podia absorver. Pelo menos mil aldeões deviam compor aquela turba, em sua maioria nus, muitos pintados e enfeitados, todos usando chocalhos ruidosos e soltando gritos. O tempo estava abafado, sufocante, e com isso meu corpo coçava. Era um calor feio, poeirento, e havia momentos em que meu rosto parecia estar envolto em sarja. Mas eu não tinha tempo para registrar o desconforto, pois era empurrado para diante lado a lado com o rei. O séquito entrou num estádio — o termo é exagerado —, um grande terreno rodeado por uma cerca de madeira. Do lado de dentro, uma fila quádrupla de bancos esculpidos na rocha calcária branca já mencionada. Para o rei havia um camarote real no qual eu também sentei, sob um dossel com fitas ao vento, ao lado de

esposas, oficiais e outros membros da realeza. As amazonas com suas túnicas semelhantes a corpetes, seus grandes corpos macios e suas cabeças delicadas, raspadas e imensas, redondas como melões, ovais como cantalupos, longas como abóboras, estavam postadas ao redor. Acompanhado por sua comitiva e seus guarda-sóis, Horko saudou o rei com salamaleques. A semelhança de família entre aqueles dois sugeria que eles eram capazes de transmitir pensamentos só de olhar um para o outro; às vezes acontece isso. Os mesmos narizes, os mesmos olhos, a mesma mensagem subentendida da raça. Então, de modo silencioso, Horko me deu a impressão de instar seu real sobrinho a fazer algo discutido previamente. Mas, por seu olhar, o rei não iria prometer nada. Ele estava no comando ali; não podia haver dúvida quanto a isso.

Carregada por quatro amazonas, cada uma segurando uma perna, chegou a mesa dobrável. Sobre ela estava a tigela contendo as duas caveiras que eu tinha visto pouco antes no aposento real. Mas agora elas tinham fitas amarradas nas órbitas dos olhos, longas e brilhantes, de cor azul-escura. Foram postas diante do rei, que tomou conhecimento delas com um revirar de olhos e não mais olhou em sua direção. Enquanto isso, o enorme Horko, enrolado de cima a baixo em sua vestimenta escarlate, as banhas empurradas para cima até o queixo e os ombros, tomou a liberdade de imitar zombeteiramente minha expressão. Pelo menos julguei reconhecer minha própria carranca no seu rosto. Não me importei. Fiz uma breve reverência em sinal de reconhecimento de que tinha me imitado muito bem. E ele, político que era, me fez um aceno alegre e descarado. O guarda-sol colorido girava sobre ele quando voltou para seu camarote à esquerda do camarote do rei e se sentou com o inquisidor que me mantivera esperando na noite anterior, o personagem que Dahfu chamava de o bunam, e o sujeito enrugado de couro preto que nos mandara para a emboscada. Aquele que tinha surgido das pedras brancas como o homem encontrado por José. Que mandou José a Dothan. Então os irmãos viram José e disseram: “Vejam, lá vem o sonhador”. Todo mundo devia estudar a Bíblia.

Acreditem, eu me sentia como um sonhador, sem mentira nenhuma.

“Quem é aquele sujeito todo enrugado como uma azeitona grega?”, perguntei.

“Perdão?”, disse o rei.

“Com o bunam e seu tio.”

“Ah, claro. Um sacerdote ancião. Uma espécie de adivinho.”

“Ontem o encontramos com um cajado retorcido”, comecei a dizer, quando vários pelotões de amazonas se perfilaram com mosquetes e os apontaram para o céu. Não vi o 0,375 em parte alguma. Aquelas mulheres enormes começaram a fazer salvas de tiros, primeiro em homenagem ao rei e seu falecido pai, Gmilo, depois a várias outras pessoas. Então, conforme me contou o rei, houve uma salva para mim.

“Para mim? Está brincando, Alteza”, disse eu. Mas ele não estava, então lhe perguntei: “Devo me levantar?”.

“Penso que seria amplamente apreciado”, disse ele.

E me pus de pé, e houve guinchos e gritos estridentes. Pensei: “Espalhou-se a notícia de que lidei com aquele cadáver. Eles sabem que não sou nenhum Caspar Milquetoast, mas uma pessoa de força e coragem. Cheio de vigor”. Estava começando a sentir o espírito da ocasião — impregnado de emoções bárbaras — e a coceira no meu peito se agravava enormemente. Não tinha palavras a proferir, nem morteiro ou bazuca para disparar, em resposta aos mosquetes das amazonas. Mas me senti impelido a produzir um som, por isso emiti um rugido como o do grande touro assírio. Sabe, ser o centro das atenções numa multidão sempre me agita e me perturba. Foi assim quando os Arnewi choraram e quando se reuniram junto à cisterna. Também quando me raspavam todo o corpo na Itália, perto da fortaleza dos antigos guiscardos, aquela vez em Salerno. Numa grande aglomeração meu pai também tendia a ficar agitado. Uma vez ele ergueu o pedestal do orador e o atirou no poço da orquestra.

No entanto, rugi. E a ovação foi magnífica. Pois fui ouvido. Fui visto apertando o peito enquanto urrava. A multidão foi à loucura com isso, e seus berros, tenho que admitir, eram música para os meus ouvidos. Pensei: Então é esse o prazer que as pessoas

encontram na vida pública? Bem, bem. Eu não me admirava mais com o fato de aquele Dahfu ter retornado da civilização para ser rei de sua tribo. Ora, quem não queria ser um rei, mesmo que fosse um pequeno rei? Era um privilégio do qual não se podia abrir mão. (A época do castigo parecia remota para um sujeito jovem e forte; as esposas não paravam de inventar expressões de afeto e gratidão; ele era o querido dos seus corações.)

Fiquei em pé todo o tempo que me pareceu conveniente, a me deleitar com aquela aclamação, rindo, e voltei a me sentar quando julguei necessário.

Em seguida, horrorizado, vi um rosto sorridente, com uma boca que parecia um grande laço desfeito e uma testa infinitamente enrugada. Era o tipo de visão que poderia surgir refletida numa vitrine da Quinta Avenida, daquelas que, quando você se vira para verificar a aparição fantástica que Nova York colocou às suas costas, ela já se dissipou. Aquele rosto, porém, manteve-se firmemente visível enquanto sorria seu sorriso sinistro no grupo que estava no camarote do rei. Talhos profundos e sangrentos eram feitos enquanto isso no peito que pertencia àquele rosto. Uma velha faca verde — uma garra cruel. Oh, o homem está sendo golpeado e apunhalado. Parem, parem! Santo Deus! Ora, o que estão fazendo é assassinato, disse eu. Por minhas entranhas, como por um túnel, perpassou um choque semelhante aos que os grandes edifícios sofrem quando os trens de metrô passam por baixo deles.

Mas os cortes não eram profundos, eram laterais e superficiais, e apesar da velocidade do sacerdote todo pintado que manejava a faca, eram feitos de acordo com um plano, e com perícia. Os ferimentos eram esfregados com ocre, o que devia arder como o inferno, mas o sujeito sorria e o rei disse: “Esse procedimento é quase corriqueiro, sr. Henderson. Não é preciso se preocupar. Dessa maneira ele progride em sua carreira sacerdotal, e por isso está muito satisfeito. Quanto ao sangue, supõe-se que induza o céu a jorrar também, ou a acionar as bombas d’água do firmamento.

“Ha, ha!”, eu ria e gritava. “Ora, rei! O que é isso? Oh, meu Deus, de novo? As bombas do firmamento? Não é o cúmulo?”

No entanto, o rei não teve tempo para me dar atenção. A um sinal do camarote de Horko, houve uma completa, estrondosa e imponente salva de tiros e junto com ela um rufar dos tambores surdos. O rei se levantou. Hosanas selvagens! Cachoeiras de louvor! Rostos gritando ferozmente de orgulho, transtornados por inspirações diversas. Do negror básico da pele da tribo brotou ou irrompeu uma onda de vermelho e as pessoas todas se ergueram sobre a pedra branca das tribunas e agitaram ou exibiram objetos vermelhos. O carmim era a cor festiva dos Wariri. As amazonas saudavam com estandartes púrpura, a cor do rei. Seu guarda-sol púrpura foi erguido, e sua copa retesada oscilava.

O próprio rei não estava mais a meu lado. Tinha descido do camarote para tomar uma posição na arena. Do outro lado do círculo, que não era maior do que a área interna de um campo de beisebol, levantou-se uma mulher alta. Estava nua até a cintura e trazia na cabeça anéis de lã. Quando chegou mais perto vi que seu rosto estava coberto por um lindo traçado de cicatrizes que pareciam algo escrito em braille. Duas pontas agudas desses desenhos desciam ao lado de cada orelha, e uma terceira descia até o osso do nariz. Até a barriga ela estava pintada de um dourado baço ou avermelhado. Era jovem, pois seus seios eram pequenos e não balançavam quando ela andava, como costuma acontecer com mulheres mais maduras, e seus braços eram longos e magros. Deixavam à mostra os três grandes ossos, isto é, o afilado úmero, o rádio e o cúbito. Seu rosto era pequeno e inclinado, e quando a vi primeiro, do outro lado do campo, ela não deixava ver mais traços do que os da ponta esférica de um mastro; à distância, seu rosto era como uma maçã dourada. Vestia calças púrpura, combinando com as do rei, e era sua parceira num jogo que eles agora começavam a jogar. Pela primeira vez, eu me dei conta de que havia um grupo de estátuas cobertas por uma lona no centro da arena — grosso modo, digamos, onde ficaria a base do *pitcher* no beisebol. Deduzi corretamente que aqueles eram os deuses. Em volta deles e sobre eles o rei e aquela mulher dourada começaram a jogar um jogo com as duas caveiras. Rodopiando-as no ar na ponta de longas fitas, cada um dava uma corridinha e as arremessava para o alto, acima

das figuras de madeira postadas sob a lona — sendo o maior desses ídolos mais ou menos da altura de um velho piano de armário Steinway. As duas caveiras voavam bem alto, e então o rei e a garota as agarravam, cada um a sua. Era muito simples. Todo o rumor havia cessado, sumindo inteiramente como os amassados de um pano sob o ferro de passar. Um silêncio perfeitamente plácido seguiu-se aos primeiros arremessos, de tal modo que dava para ouvir até o som abafado de cada pegada. Em pouco tempo até mesmo o zunido produzido pelas caveiras girando no ar passou a chegar a meu ouvido bom. A mulher arremessou sua caveira. As grossas fitas púrpura e azul faziam-na parecer uma flor no ar. Juro por Deus, parecia uma genciana. No meio do ar ela ultrapassou a caveira lançada pelo rei. Ambas vinham caindo, com suas caudas de cetim azul, como se fossem um par de pólipos oceânicos. Logo compreendi que não era apenas um jogo, mas uma disputa, e naturalmente torci pelo rei. Eu só sabia que a penalidade por deixar cair uma daquelas caveiras talvez fosse a morte. Ora, eu mesmo já estava mais do que familiarizado com a morte, não apenas devido a minha idade, mas por uma série de razões que a esta altura nem preciso citar. Mas a ideia de alguma coisa ruim acontecer ao rei era horrível para mim. Todavia, sua confiança parecia grande, e seus pinotes, seus rodopios ligeiros e sua segurança eram lindos de se ver enquanto ele se aquecia para o jogo como um bom tenista ou um grande cavaleiro, e ele — bem, era viril em tal grau que tornava supérflua qualquer preocupação; um homem assim toma para si todos os desafios; mesmo com tudo isso, eu temia e tremia por ele. Também me preocupava com a garota. Se um dos dois tropeçasse ou deixasse escapar as fitas ou colidir as caveiras, talvez tivesse que pagar o preço supremo, como o pobre sujeito que encontrei na minha cabana. Ele certamente não tinha morrido de causas naturais. Ninguém me engana; eu daria um ótimo legista. Mas o rei e a mulher estavam em grande forma, donde concluí que ele não passava todo o tempo deitado, paparicado por aquelas suas bonecas, pois corria e saltava como um leão, cheio de força, e parecia esplêndido. Não tinha nem mesmo tirado o chapéu de veludo púrpura adornado com dentes humanos. E estava em pé de

igualdade com a mulher, pois na minha cabeça ela tinha treinado para ser a desafiante. Comportava-se como uma sacerdotisa, cuidando para que ele estivesse à altura de seu papel. Por conta da tinta dourada e das marcas em braille em seu rosto, ela parecia um tanto inumana. Quando sacolejava, dançando, os seios ficavam fixos, como se fossem feitos mesmo de ouro, e graças a seu alongamento e sua magreza, quando ela saltava era algo sobrenatural, como um gafanhoto gigante.

Então veio o último par de arremessos, e o jogo se completou. Cada um deles colocou a caveira debaixo do braço, como se fosse uma máscara de esgrima; cada um se curvou numa reverência. Seguiu-se um tremendo alarido, e novamente tremularam as flâmulas e bandeiras carmim.

O rei respirava pesadamente ao retornar da arena, com aquele chapéu Francisco I, tal como Ticiano poderia tê-lo pintado. Sentou-se. Nesse momento, as esposas o cercaram com um lençol de modo a impedir que fosse visto bebendo em público. Era um tabu. Então enxugaram seu suor e massagearam os músculos de suas grandes pernas e de sua barriga ofegante, afrouxando o cordão que prendia suas calças púrpura. Eu gostaria de poder lhe dizer como ele tinha sido formidável. Morria de vontade de dizer o que estava sentindo. Como: "Oh, rei, foi uma atuação soberana. De um verdadeiro artista. Sim, que diabo, de um artista! Rei, eu amo a nobreza e as atitudes refinadas". Mas não consegui dizer coisa alguma. Eu tinha essa reticência de caráter. Eis a escravidão destes tempos. Espera-se que sejamos comedidos no discurso. Foi o que eu disse a meu filho Edward — escravidão! E ele me considerou um quadrado quando falei de meu amor pela verdade. Oh, aquilo machucou! Seja como for, muitas vezes quero dizer coisas e elas ficam guardadas na mente. Portanto elas não existem de fato; você não pode levá-las em conta se elas nunca vierem à tona. Ao mencionar o firmamento, o rei em pessoa tinha me mostrado o caminho, e eu poderia ter-lhe dito uma porção de coisas, bem ali no ato. O quê? Bem, por exemplo, que o caos não governa tudo. Que não se trata de uma jornada doentia, apressada e impotente através de um sonho rumo ao esquecimento. Não senhor! Ela pode ser detida por uma ou duas

coisas. Pela arte, por exemplo. A velocidade é controlada, o tempo é redividido. A medida! A grande ideia. O mistério! As vozes dos anjos! Por que outro motivo eu tocava violino? E por que sentia meus ossos derreterem naquelas grandiosas catedrais francesas, de tal maneira que não podia suportar e acabava bebendo e xingando Lily? E estava pensando agora que se eu falasse aquilo para o rei e lhe contasse o que ia pelo meu coração, talvez ele se tornasse meu amigo. Mas as esposas estavam entre nós com suas coxas nuas, e seus traseiros voltados para mim, o que teria sido o cúmulo da grosseria, não fossem elas selvagens incivilizadas. Então eu não tinha chance alguma de falar com o rei com a inspiração que me inundava. Alguns minutos mais tarde, quando tive novamente condições de falar com ele, disse: "Rei, tenho a impressão de que, se um de vocês dois tivesse falhado, as consequências não seriam nada boas".

Antes de responder ele umedeceu os lábios, e seu peito ainda arfava. "Posso lhe explicar, sr. Henderson, por que a questão de falhar ou não é irrelevante." Seus dentes brilhavam em minha direção e a respiração ofegante fazia com que parecesse sorrir, embora não houvesse motivo para sorrisos. "Um dia as fitas atravessarão por aqui", disse, com dois dedos apontados para os próprios olhos. "Minha própria caveira será lançada aos ares." Fez um gesto de planar nas alturas e disse: "Voando".

Perguntei: "Aquelas eram caveiras de reis? Parentes seus?". Não tive coragem de fazer uma pergunta direta sobre seu parentesco com aquelas cabeças. Só de pensar em participar de um jogo parecido, a carne das minhas mãos coçava e formigava.

Mas não houve tempo para entrar nesse assunto. Muita coisa estava acontecendo. Agora eram feitos, e sem muita cerimônia, os sacrifícios de bois. Um sacerdote com penas de avestruz que apontavam para todas as direções pôs seu braço em volta do pescoço de uma vaca, segurou o focinho, levantou a cabeça do animal e rasgou-lhe a garganta como se riscasse um fósforo nos fundilhos das calças. Ela desabou no chão e morreu. Ninguém deu muita atenção.

13.

Depois disso vieram danças tribais e atrações que lembravam muito *vaudeville*. Uma mulher velha se engalfinhou com um anão, só que o anão perdeu as estribeiras e tentou machucá-la, então ela parou a luta e ralhou com ele. Uma das amazonas entrou no campo e recolheu o homenzinho; com passos largos e gingados, ela saiu com ele debaixo do braço. Vivas e aplausos vinham das tribunas. Em seguida houve outra performance de natureza pouco séria. Dois sujeitos vibravam chicotes contra as pernas um do outro e saltavam no ar para escapar dos golpes. Essas brincadeiras bárbaras de arena romana não me deixavam nem um pouco sossegado. Estava muito nervoso. Transbordava de inquietação e de pressentimento de que coisas abomináveis estavam por vir. Naturalmente não podia pedir a Dahfu que me desse uma prévia. Ele respirava pesadamente e assistia a tudo com calma impenetrável.

Por fim eu disse: "Apesar de todas essas atividades, o sol ainda brilha e não há sinal de nuvens. Duvido até que a umidade tenha aumentado, embora o tempo esteja abafado".

O rei me respondeu: "Sua observação é correta, no que diz respeito às aparências. Não o contradigo, sr. Henderson. Mesmo assim, já vi todas as previsões falharem e a chuva acabar vindo em dias como este. Sim, exatamente como este".

Lancei-lhe um intenso olhar de soslaio. Havia muito significado condensado naquele olhar, e não vou tentar destrinchá-lo para vocês agora. Talvez ele revelasse certa dose de arrogância. Mas o que expressava predominantemente era: "Não vamos nos enganar, Alteza Real. O senhor acha que é tão fácil assim conseguir o que quer da Natureza? Ha, ha! Nunca consegui aquilo que pedi". Mas o que eu disse de fato foi: "Estou quase com vontade de lhe propor uma aposta, rei".

Não esperava que o rei reagisse tão prontamente à proposta. “Ah, é? Ótimo. Quer fazer uma aposta comigo, sr. Henderson?”

Senti que meu coração estava louco por uma provocação naquele terreno. Deixei-me levar. Era uma coisa impulsiva. E evidentemente contrária à razão. Então eu disse: “Oh, claro, se quer apostar, vamos apostar”.

“Eu topo”, disse o rei, com um olhar sorridente, mas também resoluto.

“Bem, rei Dahfu, o príncipe Itelo disse que o senhor se interessa por ciência.”

“Ele por acaso lhe contou”, disse o sujeito, com evidente prazer, “que eu frequentei a escola de medicina?”

“Não!”

“É verdade. Fiz dois anos do curso.”

“Não diga! Não sabe o quanto essa informação é importante. Mas, nesse caso, que espécie de aposta está fazendo? Está só querendo me agradar. Sabe, Alteza, minha esposa Lily assina a *Scientific American*, por isso estou por dentro do problema da chuva. A técnica de semear as nuvens com gelo seco não tem dado muito certo. Algumas ideias recentes sugerem que, antes de tudo, a chuva vem de tempestades de poeira que chegam do espaço sideral. Quando essa poeira atinge a atmosfera, provoca alguma coisa. A outra teoria, que me agrada mais, diz que o sal borrifado do oceano, em outras palavras, a espuma do mar, é um dos ingredientes principais da chuva. A umidade apanha esses cristais carregados pelo ar e se condensa neles, já que ela precisa de algo em que se condensar. Então, é um autêntico estraga-prazeres, Alteza. Se não há espuma do mar, não pode haver chuva, e não havendo chuva não pode haver vida. O que é que todos os entendidos acham disso? Se o oceano não tivesse essa forma particular de beleza, a terra ficaria deserta.” Com crescente intimidade, quase confidencialmente, soltei uma risada e disse: “Majestade, não tem ideia de como essa coisa toda me excita. A vida vem da nata dos mares. Costumávamos cantar no colégio uma canção: ‘Oh, Marianina. Venha, venha e nos transforme em espuma’”. Cantei um pouco para ele, quase *sotto voce*. Ele gostou, posso garantir.

“O senhor não tem um timbre de voz comum”, disse, sorrindo com jovialidade. Eu estava começando a achar que o sujeito gostava de mim. “E a informação é de fato fascinante.”

“Ah, fico contente que veja a coisa dessa maneira. Rapaz! É um acontecimento e tanto, não é? Mas imagino que isso coloque um ponto final na nossa aposta.”

“De jeito nenhum. Segue tudo igual, vamos apostar.”

“Bem, rei Dahfu, tenho a língua solta. Permita-me retirar o que eu disse sobre a chuva. Estou pronto para dar o braço a torcer. Naturalmente, na condição de rei, o senhor tem que apoiar o ritual da chuva. Portanto, peço desculpas. Então, por que não diz simplesmente ‘Vá se danar, Henderson’, e esquece isso?”

“Oh, não, absolutamente. Não há motivo algum para isso. Vamos apostar, por que não?” Falava com tanta determinação que não tive saída.

“Ok, Alteza, como queira.”

“Palavra de honra. O que vamos apostar?”, disse ele.

“O que quiser.”

“Muito bem. O que eu quiser.”

“É injusto da minha parte. Tenho que lhe dar alguma vantagem”, disse eu. Ele agitou a mão, na qual havia uma grande joia vermelha. Seu corpo tinha afundado de novo na rede, onde ele ficava alternadamente sentado ou deitado. Dava para perceber que gostava de apostar; tinha a personalidade de um jogador. De todo modo, meus olhos estavam fixos naquele seu anel, uma enorme granada engastada em ouro maciço e cercada de pedras menores, a tal ponto que ele disse: “O anel o atrai?”

“É muito bonito”, respondi, dando a entender que relutava em especificar qualquer objeto.

“O que o senhor vai apostar?”

“Tenho dinheiro vivo comigo, mas suponho que isso não tenha interesse para o senhor. Tenho uma Rolleiflex muito boa na minha bagagem. Não que eu tenha tirado fotos, a não ser acidentalmente. Tenho estado muito ocupado aqui na África. E há o meu rifle, um H e H Magnum 0,375 com mira telescópica.”

“Não vejo como ele poderia ser útil, em caso de vitória.”

“Em casa tenho alguns objetos que apostaria de bom grado”, disse eu. “Ainda disponho de uns belos porcos Tamworth.”

“É mesmo?”

“Vejo que não está interessado.”

“Acho que seria adequado apostar algo pessoal”, disse ele.

“Oh, sim. O anel é pessoal. Entendo. Se pudesse separar os meus problemas, eu os colocaria em jogo. Eles sim, são pessoais. Ho ho ho. Só que eu não os desejaria ao meu pior inimigo. Bem, vejamos, o que eu possuo que possa lhe ser útil, que possa ser adequado a um rei? Tapetes? Tenho um excelente no meu estúdio. Há também um roupão de veludo que talvez lhe caia bem. Há até um violino Guarnerius. Mas, ei! Achei: quadros. Há um retrato meu e outro de minha mulher. São pinturas a óleo.”

Nesse momento eu não estava seguro de que ele me ouvia, mas falou: “O senhor não deve presumir, de modo algum, que tem a vitória garantida”.

Então perguntei: “E então? Que acontece se eu perder?”.

“Será interessante.”

Isso me deixou preocupado.

“Bem, está combinado. Podemos apostar o anel contra os retratos a óleo. Ou digamos que, se eu vencer, o senhor segue sendo meu hóspede por um certo tempo.”

“Ok. Mas quanto tempo?”

“Ah, isso é teórico demais”, disse ele, afastando o olhar. “Vamos deixar em aberto e deliberar quando for a hora.”

Feito esse acordo, ambos olhamos para cima. O céu era de um azul límpido e pálido, pousado sem vento sobre as montanhas. Refleti que aquele rei devia ter um bocado de delicadeza. Ele queria me ofertar uma compensação pela história do cadáver e também me indicar que ficaria encantado se eu fosse seu hóspede por um tempo. A conversa terminou com o rei fazendo uma aparatosa mesura africana, como se tirasse as luvas ou ensaiasse a entrega do anel. Eu suava em bicas, mas meu corpo não se refrescava. Para tentar amenizar o calor, mantinha minha boca aberta.

Então eu disse: “Ei, ei! Majestade, esta é uma aposta maluca”.

Nesse momento, irromperam gritos de fúria ou de briga, e pensei: “Ahá, a parte leve do ritual acabou”. Vários homens com plumas pretas, como se fossem homens-pássaros mendigos — com as plumas gastas pendendo dos ombros —, começaram a erguer as lonas que cobriam os deuses. Sem respeito, puxavam-nas com violência. Essa irreverência não era acidental, se é que me entendem. Era praticada de modo a provocar risos, e era o que ocorria. Aqueles personagens emplumados, encorajados pelas risadas, começaram a fazer palhaçadas burlescas; pisavam nos pés das estátuas, derrubavam algumas das menores como se fossem pinos de boliche, faziam gestos zombeteiros para elas e assim por diante. O anão foi colocado nos joelhos de uma deusa e arrancou gargalhadas da multidão ao puxar para baixo suas pálpebras inferiores e botar a língua para fora, numa careta de lunático enrugado. A família de deuses, todos de pernas bem curtas e troncos longos, era muito tolerante com essas ofensas. A maioria deles tinha rostos pequenos, desproporcionais, pousados sobre pescoços compridos. Tudo somado, não pareciam um grupo muito austero. Mesmo assim, tinham dignidade e mistério; afinal de contas eram os deuses, e distribuíam as recompensas do destino. Governavam o ar, as montanhas, o fogo, as plantas, o gado, a sorte, as doenças, as nuvens, os nascimentos, as mortes. Que diabo, até mesmo o mais atarracado, derrubado de cara no chão com um chute, mandava em alguma coisa. A atitude da tribo parecia ser a de que era necessário ir aos deuses com seus vícios à mostra, já que nada podia ser escondido deles pelos homens efêmeros. Captei a ideia, mas julguei basicamente que era um grande equívoco. Queria dizer ao rei: “Vai me dizer que toda essa ruindade é necessária?”. Eu também me espantava que um homem como ele pudesse ser rei de uma corja como aquela. Ele levava tudo com muita calma, porém.

Aos poucos começaram a remover o panteão inteiro. Em bando. Começaram com os deuses menores, que eles manipulavam de modo muito rude e com um bocado de maldade. Deixavam que tombassem ou os rolavam pelo chão, dando-lhes broncas como se fossem eles os desajeitados. Que diabo!, pensei. A mim parecia um modo muito abjeto de se comportar, embora eu pudesse perceber,

pensando objetivamente, que havia motivo de sobra para ressentimento contra os deuses. Mas, fosse como fosse, eu não gostava nem um pouco daquilo. Rosnando, fiquei sentado sob a concha do meu capacete e tentei me comportar como se não fosse da minha conta.

Quando aquele bando de corvos chegou às estátuas maiores, eles empurravam e forcejavam, mas não conseguiam muito resultado, então apelaram para a ajuda da multidão. Um fortão depois do outro, vários pularam na arena para pegar um ídolo, arrastando-o da posição original para, digamos, o pequeno círculo central do campo, sob os brados de incentivo que vinham da arquibancada. Pela estatura e massa muscular dos forçados que moviam os ídolos maiores, deduzi que aquela demonstração de força era uma parte tradicional do ritual. Alguns deles abordavam os ídolos por trás e os abraçavam mais ou menos pela cintura, alguns os colocavam nas costas, como homens que descarregam sacos de farinha da carroceria de um caminhão e os levam nos ombros. Um deles deu uma torção nos braços de uma estátua como eu tinha feito com o cadáver na noite anterior. Vendo minha própria técnica sendo aplicada, soltei um suspiro.

“O que foi, sr. Henderson?”, perguntou o rei.

“Nada, nada, nada”, disse eu.

O grupo de deuses remanescentes foi diminuindo. Os forçados tinham removido quase todos eles. Os últimos desses sujeitos eram espécimes soberbos, e eu tenho olho bom para as qualidades de homens fortes. Durante um certo período da minha vida tive um grande interesse por levantamento de peso e cheguei a treinar com halteres. Como todo mundo sabe, o desenvolvimento das coxas tem uma grande importância. Tentei fazer com que meu filho Edward se interessasse; não haveria nenhuma Maria Felucca se eu tivesse conseguido convencê-lo a fortalecer seus músculos. Apesar de que, dito tudo isso, acabei desenvolvendo esta fachada corpulenta e as outras estranhas distorções que acometem todos os indivíduos maiores de uma espécie. (Como aqueles morangos gigantes do Alasca.) Oh, meu corpo, meu corpo! Por que nunca chegamos a nos entender como bons amigos? Eu o sobrecarreguei com meus vícios,

como uma jangada, como uma balsa. Oh, quem vai me livrar do corpo dessa morte? Quer dizer, dessas distorções que se devem ao meu tamanho e ao trabalho operado pela minha psique. E às vezes uma voz me aconselha, loucamente: “Arrase a terra. Por que um homem bom deveria morrer? Deixe que outro infeliz qualquer seja jogado na cova”. Que malvadeza! Que perversidade! Nossa, que coisas se passam no interior de uma pessoa!

No entanto — eu era cada vez mais intensamente um espectador —, quando tinham restado apenas dois deuses, os dois maiores (Hummat, o deus da montanha, e Mummah, a deusa das nuvens), houve vários forçados que apareceram e fracassaram. Sim, fizeram feio. Não conseguiram mover aquele Hummat, que tinha bigodes como de um peixe-gato e espinhos por toda a testa, mas um par de ombros que lembravam grandes rochas arredondadas. Depois que vários deles desistiram da tarefa e foram vaiados e escarnecidos, apresentou-se um camarada de fez vermelho e o que parecia uma vistosa sunga de lona impermeável. Caminhava depressa, balançando as mãos abertas, aquele homem que pretendia remover Hummat, e se prostrou diante do deus — a primeira atitude de devoção exibida até então. Então deu a volta para a parte de trás da estátua e enfiou a cabeça embaixo de um de seus braços. Uma pequena barba bem aparada resplandecia em seu rosto redondo. Esticou as pernas, procurando uma posição com pés hábeis, Tateando a terra. Depois disso enxugou as mãos em seus próprios joelhos e se atracou com Hummat, agarrando-o pelo braço e por baixo do vértice entre as pernas. Com olhos enormes e fixos, que ficaram úmidos do esforço imóvel, começou a levantar o grande Hummat. De sua boca, esticada a ponto de a mandíbula se unir com a clavícula, os nervos se projetavam como os finos raios de uma roda de bicicleta, e os músculos de seus quadris formavam grandes nós na altura da virilha, saltando para fora da sunga suja de lona. Era um homem e tanto, e eu o admirei. Era do meu próprio tipo. Era só pôr uma carga pesada à sua frente e ele a agarrava, lançava seu peito contra ela e a erguia, indo até o limite das suas forças. “É por aí mesmo”, disse eu. “Ponha os músculos das costas para trabalhar.” Como todo mundo estava torcendo e vibrando, com exceção de

Dahfu, também me levantei e comecei a berrar: “Vai, vai, estou com você! Está no papo. Você vai conseguir. Você é cascudo. Empurre — isso mesmo! Agora para cima! Ei, ele está conseguindo. Vai arrasar. Oh, Deus abençoe o cara. Que sujeito querido! Esse é um homem de verdade — esse é o tipo que eu adoro. Vai, vai. Levanta. Uau! Lá vai ele. Conseguiu. Ah, graças a Deus!”. Então me dei conta de que estava gritando e me sentei de novo ao lado do rei, espantado com meu próprio fervor.

O forçudo tombou Hummat sobre os ombros e carregou o deus da montanha por uns bons vinte passos. Em meio às estatuas restantes, pousou-o de novo sobre sua base. Ofegante, o homem então se virou e olhou de volta para Mummah, sozinha no meio da arena. Era ainda maior do que Hummat. Em meio aos aplausos o campeão a examinou sumariamente. Ela o aguardava. Era muito obesa, além de medonha, aquela divindade feminina. Tinham-na feito muito compacta e pesada, e o forçudo que a encarava parecia intimidado. Não que ela o impedisse de tentar. Não, apesar de sua hediondez, parecia bastante tolerante, até mesmo descontraída como a maioria dos deuses. No entanto, dava a impressão de expressar confiança em sua inamovibilidade. A multidão o incentivava, todo mundo em pé; até mesmo Horko e seus amigos tinham se levantado em seu camarote. O guarda-sol dele agora projetava uma sombra rósea, e em sua apertada túnica vermelha ele esticou o braço e apontou com o polegar para Mummah — aquela grande, desajeitada e feliz Mummah, cujos joelhos cediam um pouco sob o peso do busto e da barriga, de tal modo que ela tinha que apoiar os dedos abertos sobre as coxas para encontrar apoio. E, como acontece às vezes com mulheres grosseironas, tinha mãos elegantes e graciosas. Esperava o homem que iria movê-la do lugar.

“Você consegue, cara”, gritei também. Perguntei ao rei: “Como é o nome desse sujeito?”.

“Do fortão? Ah, é Turombo.”

“Qual o problema? Ele não se acha capaz de movê-la?”

“Ao que tudo indica, falta-lhe confiança. Todo ano consegue mover Hummat, mas não Mummah.”

“Oh, ele deve ser capaz.”

“Temo pelo contrário”, disse o rei em seu curioso inglês africano, monótono e nasalado. Seus lábios grandes e inchados eram mais vermelhos do que os dos outros membros da tribo. Consequentemente, sua boca era mais visível do que costumam ser as bocas. “Esse homem, como pode ver, é vigoroso, e um bom homem, como acredito ter ouvido o senhor exclamar. Mas, ao mover Hummat, ele fica esgotado, e isso acontece todo ano. Veja, Hummat tem que ser movido primeiro, caso contrário ele não permitiria a passagem das nuvens por sobre as montanhas.”

O rosto gordo da benevolente Mummah resplandecia ao sol. Suas madeixas de madeira eram como um ninho de cegonha e se estendiam para cima — figura rústica, feliz, estúpida, paciente, ela convidava Turombo ou qualquer outro campeão a experimentar sua força.

“Sabe qual é o problema?”, eu disse ao rei. “É a lembrança das derrotas passadas — derrotas passadas, eis um problema sobre o qual podem me consultar. Irmão, eu teria muito a dizer. Mas é isso que abate o sujeito. Sei que é.”

Turombo, um homem muito baixo para sua cintura e sua força, parecia mesmo estar se defrontando com uma avalanche de problemas. Aqueles seus olhos, que tinham ficado grandes e úmidos de esforço quando ele agarrou Hummat, tinham agora uma luz mais fosca. Estava preparado para o fracasso, e o movimento dos seus olhos, voltando-se para nós e para a multidão, mostrava isso. Foi algo, devo dizer, que detestei ver. Seja como for, ele tirou o fez diante do rei com um gesto de dedicação que já reconhecia a derrota. Ele não tinha ilusões quanto a Mummah. Mesmo assim, iria tentar. Esfregou a barba curta com os nós dos dedos, caminhando lentamente para ela e medindo-a com a expressão de quem vai fazer um negócio.

A ambição deve ter jogado um papel muito reduzido na vida de Turombo. Em contraste, no meu peito havia uma inundação — não, isso é dizer pouco —, abria-se um estuário, uma imensa baía de esperança e ambição. Pois ali estava minha chance. Eu sabia que podia conseguir. Oh, deuses! Eu tiritava, arrepiado. Simplesmente sabia que era capaz de erguer Mummah, e não me continha, ardia

de impulso de ir lá e fazer isso. Ávido por mostrar o que se passava dentro de mim, queimando como aquele arbusto em que botara fogo com meu isqueiro austríaco para as crianças arnewi. Mais forte do que Turombo eu com certeza era. E se, no curso da tentativa, meu coração estalasse, se o velho saco de ossos se despedaçasse, tudo bem, que eu morresse então. Não me importava mais. Tinha desejado fazer algum bem aos Arnewi quando cheguei e vi seu desespero. Em vez disso, tinha feito desabar precipitadamente sobre aquelas rãs todo o peso da minha vontade cega e da minha ambição. Cheguei vestido de luz, ou assim julgava, e parti envolto em sombra e trevas, humilhado, de modo que quem sabe tivesse sido melhor se eu obedecesse meu primeiro impulso ao chegar, quando a jovem se debulhou em lágrimas e eu disse a mim mesmo que talvez devesse jogar fora meu rifle e minha ferocidade e me embrenhar no deserto até estar apto a encarar de novo a humanidade. Minha ânsia de praticar uma boa ação lá, pelo fato de estar tão apegado aos Arnewi, e especialmente à velha meio cega Willatale, era sincera e intensa, mas não passava de uma marola comparada ao vagalhão de desejo que eu sentia agora no camarote real ao lado do rei semibárbaro com suas calças e seu chapéu de veludo púrpura. De tão inflamado que era o meu desejo de *fazer* alguma coisa. Pois eu via algo que era capaz de fazer. Mesmo que aqueles Wariri, de quem até então eu não gostava muito (com o cadáver da noite anterior e tudo o mais), fossem piores que os filhos de Sodoma e Gomorra combinados, mesmo assim eu não poderia deixar passar aquela oportunidade de *fazer*, e de me distinguir. Dar o ponto certo na costura do meu destino antes que fosse tarde demais. Então fiquei contente com o fato de Turombo estar tão resignado. Era bom mesmo que estivesse assim. Antes mesmo de tocar em Mummah ele já havia confessado implicitamente que nunca seria capaz de tirá-la do lugar. E era assim que eu queria que fosse. Ela era minha! E desejei dizer ao rei: "Eu consigo. Deixe-me entrar lá". Contudo, essas palavras não chegaram a ser proferidas, pois Turombo já abordava a deusa pelas costas. Adotou uma posição de soerguimento, agachado, enquanto a abraçava pela barriga com seus grossos braços. Então sua cara apareceu ao lado do quadril da

deusa. Estava congestionada de esforço, preparação para o arranque, medo e sofrimento, como se Mummah, ao tombar, pudesse esmagá-lo sob seu peso. No entanto, ela agora começava a se mexer dentro do abraço dele. O ninho de cegonha, com suas melenas de madeira, oscilava e ondeava como um horizonte marinho na tormenta, quando a gente está de pé na proa do barco. Descrevo a coisa assim porque sentia esse movimento no estômago. Turombo se agarrava ofegante à base, feito um homem que tentasse arrancar do solo uma velha árvore. Era assim que ele trabalhava. Mas, embora agitasse a velha garota, não conseguia levantar sua base do chão.

A multidão o apupou quando ele reconheceu finalmente que aquilo estava além de suas forças. Simplesmente não era capaz. E me regozizei com o fracasso do sujeito. É um horror admitir, mas foi bem esse o caso. “Bom homem”, pensei comigo. “Você é forte, mas acontece que eu sou mais. Não é nada pessoal. São meramente os fados — eles assim o quiseram. Como no caso de Itelo. Essa é uma tarefa para mim. Desista, desista! Saia do caminho! Porque aqui vai Henderson! Deixem-me botar as mãos nessa Mummah, e por Deus...!”

Falei para Dahfu: “Sinto muito que ele não tenha conseguido. Deve ser duro para ele”.

“Oh, estava escrito que ele não conseguiria”, disse o rei Dahfu. “Eu tinha certeza.”

Então comecei, no meu tom mais grave, profundo e austero, austero como só eu sou capaz de ser: “Majestade...”. Estava a ponto de explodir de ansiedade. Latejava, sentia náuseas, e meu sangue circulava de um modo esquisito pelo meu corpo — denso e extático ao mesmo tempo. Fazia meu rosto formigar, especialmente no nariz, como se pudesse começar a brotar dali. Como se uma coroa de gás ardesse na minha cabeça, tal era o meu suplício. Então eu disse: “Senhor, *Sire*, quero dizer... me deixe! Eu preciso”.

Se o rei me deu alguma resposta, não tive condições de ouvi-la no momento, porque via apenas um rosto naquele ar quente e seco, à minha esquerda, e estava surdo até mesmo aos gritos de fúria da multidão contra Turombo. Um rosto concentrado exclusivamente em

mim, como que destacado do resto do mundo. Era o rosto do inquisidor, o sujeito com quem eu tratara na noite anterior, o homem que Dahfu chamava de o bunam. Aquele rosto! Um olhar fixo de experiência humana enrugada e duradoura se formava nele. Eu podia sentir por mim mesmo como aquelas suas veias deviam estar carregadas. Ah, santo Deus! O sujeito estava falando comigo, inexorável. Pelos sulcos do seu rosto, pela tensão das sobrancelhas, pelo volume das veias, ele me transmitia uma mensagem. E o que ele estava dizendo eu sabia. Escutei. O discurso silencioso do mundo, que minha alma mais secreta tentava ouvir o tempo todo, agora vinha a mim com espetacular clareza. Lá dentro, bem dentro, eu o escutava. Oh, o que eu ouvi! A primeira palavra dura foi *Estúpido!* Fiquei muito chocado com aquilo. E no entanto havia algo ali. Era verdade. Eu era obrigado a ouvir, era meu dever sagrado. *E ainda assim você é um homem. Escute! Escute com atenção, seu palerma! Você está cego. Os passos foram acidentais, mas de todo modo o destino não poderia ser outro. Então agora não afrouxe, oh não, irmão, em vez disso intensifique o que você é. Eis a única saída — intensificar. Se você for subjugado, seu preguiçoso, se você cair sem sentidos sobre seu próprio sangue espesso, inconsciente da natureza cujas dádivas você traiu, o mundo logo tomará de volta aquilo que produziu em vão. Cada peculiaridade é apenas um impulso de uma série que vem do âmago das coisas — daquele velho âmago das coisas. O propósito vai surgir por fim, embora talvez não para você.* A voz não foi desaparecendo. Simplesmente parou. Sem mais nem menos concluiu o que tinha a dizer.

Mas agora eu compreendia por que o cadáver tinha sido alojado comigo. O bunam estava por trás daquilo. Ele me avaliou direitinho. Queria ver se eu era forte o bastante para mover o ídolo. E eu enfrentara a provação. Que diabo! Tinha cumprido cabalmente a tarefa. Quando agarrei o morto, seu peso me pareceu o peso dos meus próprios membros adormecidos e inertes, mas combati a repugnância e a venci, ergui o homem. E ali estava o rosto austero, exaltado, nodoso, cheio de veias e silencioso do inquisidor, anunciando o resultado da prova. Eu tinha passado. Com louvor. Nota máxima.

Então falei, alto e bom som: “Preciso tentar isso”.

“O quê?”, perguntou Dahfu.

“Alteza”, disse eu, “se não for considerada uma interferência indevida de um estrangeiro, acho que posso mover a estátua — a deusa Mummah. Gostaria genuinamente de ser útil, já que tenho certas capacidades que podem ser empregadas para um fim definido. Quero lhe dizer que não me saí muito bem com os Arnewi, pelos quais eu nutria um sentimento similar. Rei, eu tinha um grande desejo de fazer uma coisa desinteressada e pura — para expressar minha crença em algo mais elevado. Em vez disso, afundei num mar de problemas. Precisava fazer esse desabafo.”

Tinha perdido o controle sobre mim mesmo, por isso não estava seguro quanto à clareza das minhas palavras, embora meu propósito, em linhas gerais, devesse ter ficado bem claro. No rosto do rei vi um olhar em que a curiosidade e a compaixão estavam muito misturadas.

“Será que o senhor não se lança ao mundo com ímpeto exagerado, sr. Henderson?”

“Oh, sim, rei, sou muito inquieto. Mas o fato é que eu simplesmente não podia continuar como estava, onde estava. Alguma coisa tinha que ser feita. Se não tivesse vindo para a África, minha única outra opção seria ficar na cama. Idealmente...”

“Sim, quanto ao ideal, tenho a mais suprema fascinação. Qual teria sido ele?”

“Bem, rei, não sei dizer muito bem. É um verdadeiro quebra-cabeça. Há uma espécie de motivação em servir que me persegue o tempo todo. Sempre admirei o doutor Wilfred Grenfell. Sabe, eu era louco por esse homem. Teria gostado de sair por aí em missões de caridade. Não necessariamente com uma parrelha de cães. Mas isso é só um detalhe.”

“Oh, percebi”, disse ele. “Ou, melhor dizendo, intuí uma tendência assim.”

“Bem, eu gostaria de conversar sobre isso depois”, disse eu. “No momento eu vos pergunto qual é a situação. Posso experimentar a minha força contra Mummah? Não sei por quê, mas simplesmente tenho a sensação de que posso tirá-la do lugar.”

Ele disse: “Sou obrigado a lhe dizer, sr. Henderson, que pode haver consequências”.

Eu devia ter aproveitado para lhe perguntar o que queria dizer com aquilo, mas confiava no sujeito e não conseguia antever nenhuma consequência realmente ruim. De todo modo, havia aquele ardor, aquela ânsia, aquele estuário transbordante — percebem o que eu digo? —, uma ambição poderosa tinha me tomado, eu era um caso perdido. Além do mais, o rei sorria e com isso amenizava sua advertência.

“O senhor tem mesmo a convicção de que pode conseguir?”, perguntou.

“Tudo o que posso lhe pedir, rei, é que me deixe chegar até ela. Tudo o que quero fazer é colocar meus braços em volta dela.”

Eu não estava em condições de perceber as sutilezas da atitude do rei. Agora ele satisfizera os escrúpulos da sua consciência, se é que eles existiam, e me pegara. Nenhum homem pode fazer melhor do que aquilo, hein? Mas eu estava plenamente envolvido na coisa, e ela só tinha a ver com o assunto irresolvido de muitos anos — *Eu quero, eu quero*, e Lily, e o grun-tu-molani e o bebê de cor trazido de Danbury para casa por minha filha e o gato que tentei liquidar e o destino da srta. Lenox e os dentes e o violino e as rãs na cisterna e todo o resto.

Porém, o rei ainda não tinha dado seu consentimento.

Sob seu manto de leopardo, caminhando com pés tensos num andar de quem tem quadris estreitos, o bunam veio do camarote onde havia estado com Horko. Vinha seguido pelas duas esposas com suas cabeças grandes, raspadas e de aparência delicada e seus dentinhos joviais. Eram maiores do que o marido e vinham juntas saracoteando alegremente atrás dele.

O inquisidor, ou bunam, parou diante do rei e fez uma reverência. As mulheres também se curvaram. Pequenos sinais foram trocados entre elas e as esposas e concubinas do rei, ou seja lá como eram classificadas, enquanto o inquisidor se dirigia a Dahfu. Apontava seu indicador para cima, perto da orelha, como a pistola de quem dá a partida numa corrida, dobrando a cintura frequentemente e de modo rígido. Falava depressa mas com regularidade, e parecia conhecer

muito bem a mente do outro, e quando terminou fez outra reverência e pousou em mim um olhar duro como tinha feito antes, com um mundo de significados. As veias de sua testa estavam bem saltadas.

Dahfu se voltou para mim em sua aparatosa rede. Segurava ainda nos dedos as fitas amarradas à caveira.

“A opinião do bunam é de que o senhor era esperado. E também de que chegou na hora...”

“Alteza, quanto a isso... quem pode dizer? Se vocês acham que os presságios são bons, estou com vocês. Ouça, Alteza, pareço um brutamontes, e sou dotado de dons estranhos, sobretudo físicos, mas também sou muito sensível. Há pouco o senhor me disse uma coisa sobre inveja e devo admitir que aquilo feriu de algum modo meus sentimentos. É como um poema que li uma vez, chamado ‘Escrito na Prisão’. Não me lembro dele inteiro, mas uma parte diz assim: ‘Invejo até mesmo a mosca em seus lampejos de alegria, nas verdes matas’, e termina: ‘A mosca que invejo pousando ao sol/ Na folha verde e quem dera eu tivesse atingido assim minha meta’. Agora, rei, o senhor sabe tão bem quanto eu de que meta estou falando. Alteza, eu realmente não desejo viver submetido a nenhuma lei do declínio e da decomposição. Agora me diga, por quanto tempo o mundo ainda terá que ser desse jeito? Por que não deveria haver esperança de vencer o sofrimento? Acontece que eu acredito que algo deve ser feito, e é por isso que me lanço impetuosamente ao mundo, como o senhor notou. Há todo tipo de motivação por trás disso. Há minha esposa, Lily, há os filhos — o senhor mesmo deve ter um bom punhado deles, então talvez entenda como me sinto...”

Vi empatia em seu rosto, e enxuguei os olhos com meu lenço Woolworth. Meu nariz, no entanto, coçava por dentro, e aparentemente não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

“Lamento sinceramente se o ferir”, disse ele.

“Ora, tudo bem. Sou bom em avaliar as pessoas e posso dizer que o senhor é um homem excelente. Vindo do senhor, eu aceito. Além do mais, a verdade é a verdade. Cá entre nós, *eu também* já invejei moscas. Mais uma razão para romper a prisão. Certo? Se eu tivesse

a constituição mental necessária para viver numa casca de noz e me ver como o rei do espaço infinito, estaria tudo bem. Mas não é assim que eu sou. Rei, sou do time do vir a ser. A sua situação, veja, é diferente. O senhor é da ala do ser. Tenho que parar de vir a ser. Meu Deus, quando é que eu vou simplesmente ser? Venho esperando há um tempo enorme, suponho que devesse ser mais paciente, mas, pelo amor de Deus, Alteza, tente entender como as coisas se passam comigo. Por isso estou lhe pedindo. Precisa me deixar ir lá tentar. Por que motivo, não sei dizer, mas me sinto chamado a fazê-lo, e esta pode ser a minha melhor chance.” Voltei-me para o inquisidor, que estava em pé com seu manto e suas pulseiras de leopardo, segurando o bastão de osso, e lhe disse: “Com licença, senhor”. Estendi alguns dedos para ele e disse: “Logo mais eu converso com o senhor”. Com o corpo ardendo, a cabeça febril, eu já não podia refrear de modo algum a minha fala, então disse: “Rei, vou lhe dar a informação precisa sobre mim, de modo tão direto quanto possível. Todo homem que nasce tem que conduzir sua vida até uma certa profundidade — senão...! Bem, rei. Estou começando a enxergar a minha profundidade. Não espera que eu retroceda agora, espera?”.

Ele disse: “Não, sr. Henderson. Sendo sincero, não espero não”.

“Bem, este é um daqueles momentos especiais”, disse eu.

Segui lá deitado, depois de ouvir com uma espécie de branda e pensativa apreciação. “Bem, quaisquer que sejam as consequências que possam advir, eu lhe dou minha permissão. No que me diz respeito, não vejo por que negá-la.”

“Obrigado, majestade. Obrigado.”

“Está todo mundo na expectativa.”

Levantei-me de imediato, tirei a camiseta pela cabeça, estufei o tórax, passei as mãos sobre o peito e o rosto e, com a bermuda colada deselegantemente ao corpo, sentindo-me alto e enorme, marcado pelo foco do sol no topo da cabeça, desci para a arena. Ajoelhei-me diante da deusa — com um só joelho. Medi-a de cima a baixo enquanto enxugava minhas mãos úmidas com areia e as limpava no pano da bermuda. Os bramidos dos Wariri, e mesmo o batuque dos tambores, chegavam muito abafados aos meus

ouvidos. Aconteciam numa escala pequena, infinitamente reduzida, bem fora da circunferência de um grande círculo. A selvageria e a estridência daqueles africanos que lutavam com os deuses e penduravam os mortos pelos pés não tinham nada a ver com a emoção que eu sentia. Esta era algo distinto e completamente separado, uma coisa voltada para si mesma. Meu coração tinha um único e grandioso objetivo. Eu tinha que colocar os braços em volta daquela enorme Mummah e levantá-la do chão.

Ao me aproximar, percebi como era imensa, transbordante e disforme. Tinham passado óleo nela, que brilhava diante dos meus olhos. Moscas andavam na sua superfície. Uma dessas pequenas esfinges do ar, sentada no lábio da deusa, estava se lavando. Como foge rápido uma mosca ameaçada! A decisão é instantânea, parece não haver inércia a ser vencida, e não há desperdício algum no modo como saem voando. À minha aproximação, todas as moscas fugiram zunindo para o ar quente. Sem hesitar em nenhum momento, enlacei Mummah em meus braços. Não aceitaria um não como resposta. Pressionei minha barriga de encontro a ela e afundei um pouco os joelhos. Seu cheiro era de uma mulher velha de verdade. De fato, para mim ela era uma personagem viva, não um ídolo. Nos defrontávamos como desafiante e desafiada, mas também como íntimos. E com o prazer particular que a gente experimenta num sonho ou num daqueles dias cálidos, agradáveis e flutuantes de ócio, em que todos os desejos são satisfeitos, pousei meu rosto em seu peito de madeira. Dobrei os joelhos e disse para ela: "Para cima agora, querida. Não adianta querer ficar mais pesada; mesmo que pesasse o dobro, eu a levantaria do mesmo jeito". A madeira cedeu à minha pressão e a benevolente Mummah, com seu sorriso fixo, se rendeu a mim; ergui-a do chão e carreguei-a por uns vinte passos até seu novo lugar entre os outros deuses. Os Wariri pulavam para cima e para baixo na pedra branca das arquibancadas, gritando, cantando, em delírio, abraçando uns aos outros e a si mesmos, me exaltando.

Fiquei imóvel. Ali, ao lado de Mummah em seu novo posto, me sentia pleno de felicidade. Estava tão contente com o que tinha feito que todo o meu corpo se inundava de um calor brando, de uma luz

suave e sagrada. As sensações de mal-estar que eu tinha experimentado desde a manhã iam todas se transformando em seu oposto. Aqueles sentimentos infelizes se convertiam em ternura e em radiância pessoal. Sabe, esse tipo de coisa já tinha me acontecido antes. Tive uma dor de cabeça transformada em dor nas gengivas, que não é senão o sinal da beleza que se aproxima. Senti então que ela desapareceu das gengivas e surgiu de novo em meu peito como uma palpitação de prazer. Também vivi um desarranjo estomacal que se dissolveu na minha barriga, converteu-se num agradável calor e desceu para os genitais. É assim que eu sou. Então, minha febre se transformou em júbilo. Meu espírito despertou e acolheu de novo a vida. Que se dane todo o resto! Vida renovada! Eu ainda estava vivo e vibrando e tinha o velho grun-tu-molani.

Radiante e rindo sozinho, sim, resplandecendo de contentamento, voltei a me sentar ao lado da rede de Dahfu, enxugando o rosto com um lenço, pois estava banhado em suor.

“Sr. Henderson”, disse o rei em seu inglês africano, “o senhor é mesmo uma pessoa de força extraordinária. Minha admiração não poderia ser maior.”

“Eu lhe agradeço”, disse eu, “por me dar essa chance maravilhosa. Não apenas de levantar a velha senhora, mas de mergulhar nas minhas profundezas. Nas verdadeiras profundezas. Quero dizer, as profundezas que sempre foram meu verdadeiro lugar.”

Eu era grato a ele. Era seu amigo. Na verdade, naquele momento, eu amava o cara.

14.

Depois dessa proeza hercúlea, quando o céu começou a se encher de nuvens, não fiquei tão surpreso como seria de esperar. Do canto do olho percebi a aproximação delas. Estava inclinado a tomá-las como minha recompensa.

“Ah, esta sombra é exatamente o que o médico receitou”, eu disse ao rei Dahfu quando a primeira nuvem passou sobre nós. Pois o dossel do seu camarote era feito apenas de fitas, azuis e púrpura, e havia evidentemente os guarda-sóis de seda, mas estes não chegavam a vedar propriamente o fulgor metálico. No entanto, a grande nuvem deslizando do leste para o oeste não apenas nos fazia sombra, mas também atenuava um pouco as cores berrantes. Depois do meu grande esforço, fiquei sentado quieto. Meus sentimentos violentos pareciam ter se acalmado ou se transformado. Os Wariri, porém, ainda se manifestavam em minha homenagem, agitando bandeiras, chocalhos e pequenos sinos, enquanto saltavam uns sobre os outros de pura alegria. Estava tudo certo. Eu não esperava um crédito especial como aquele por meu feito, sobretudo levando em conta o quanto eu, pessoalmente, já estava ganhando. Então fiquei lá sentado transpirando e fingindo não notar o quanto a tribo estava exaltada.

“Mas veja só quem está aqui de novo”, disse eu. Pois era o bunam. Parou diante do camarote e trazia os braços cheios de folhas, grinaldas, ervas e abacaxis. Junto a ele, vaidosa e elegante com sua peculiar boina militar de estilo italiano, estava a mulher corpulenta que Dahfu fez apertar minha mão quando fomos apresentados, a generala, como a chamava, a líder das amazonas. Acompanhando-a, havia outras dessas mulheres guerreiras com suas túnicas de couro. E a mulher alta que tinha disputado o jogo de caveiras com o rei apareceu atrás do grupo, dourada e resplandecente. Não era uma das amazonas, mas personalidade de

alta distinção, e nenhuma grande solenidade ficava completa sem ela. Não me agradou muito ver o sorriso do bunam, ou inquisidor, e me perguntava se ele tinha vindo expressar gratidão ou queria alguma coisa a mais, como as vinhas, folhas, grinaldas e toda aquela forragem me faziam supor. Também as mulheres estavam estranhamente equipadas. Duas delas carregavam caveiras cravadas em longos cetros de ferro enferrujado, enquanto outras portavam estranhos espanadores ou mata-moscas feitos de tiras de couro. Mas pelo modo como elas seguravam esses instrumentos percebi que não eram destinados a moscas. Eram pequenos açoites. Agora os tocadores de tambor tinham se juntado ao grupo diante do camarote real e imaginei que estivessem prontos a começar um novo ritual e esperassem apenas pelo sinal do rei.

“O que eles querem?”, perguntei a Dahfu, pois o olhar dele se dirigia a mim, e não ao bunam ou àquelas enormes e sinuosas mulheres nuas ou à generala com sua antiquada boina militar. Os restantes também estavam olhando para mim. Não tinham vindo até o rei, mas até mim. O anjo de couro preto, o homem que tinha surgido do nada com seu cajado retorcido e mandado Romilayu e a mim a uma emboscada, tinha um lugar especial ali, ao lado do bunam. E essas pessoas tinham lançado sobre mim toda a escuridão, toda a expectativa, todo o ardor, todo o poder de seus olhos. Eu pessoalmente tinha permanecido despido, seminu, me refrescando depois do esforço realizado, e ainda ofegava. E sob o exame minucioso de todos aqueles olhos negros eu estava começando a me preocupar. O rei tentara me alertar que meu confronto com Mummah talvez tivesse consequências. Mas eu não tinha fracassado. Não, eu era brilhante, um sucesso.

“O que querem de mim?”, perguntei a Dahfu.

Olhando bem, também ele era um selvagem. Ainda balançava uma caveira (talvez de seu pai) na ponta de uma comprida fita lisa e tinha dentes humanos costurados em seu chapéu de abas largas. Por que eu deveria esperar dele alguma compaixão se ele próprio, no momento em que fraquejasse, estaria condenado? Quero dizer, se por acaso ele não estivesse inspirado por bons motivos, não havia razão para pensar que não deixaria o pior acontecer a um intruso

forasteiro. Não, ele talvez deixasse o inferno se desencadear sobre mim. Mas, sob a sombra de veludo daquele chapéu dobrado delicadamente à maneira de uma coroa, ele separou os lábios grossos e disse: "Agora, sr. Henderson, temos novidades para o senhor. O homem que move Mummah ocupa, em consequência disso, a posição de Rei da Chuva dos Wariri. O título de quem ocupa esse posto é sungo, sr. Henderson, e é por isso que eles estão todos aqui".

Então eu disse, alerta e desconfiado: "Explique-me em bom inglês: o que isso quer dizer?". E comecei a pensar comigo: "Bela maneira de me recompensarem por ter movido sua deusa".

"Hoje o senhor é o sungo."

"Bem, isso pode ser bom e pode não ser. Para falar a verdade, tem alguma coisa aí que está começando a me deixar inquieto. Esse pessoal me olha como se estivesse falando sério. Mas o que eles querem? Ouça, rei, não me deixe na mão. Entende o que quero dizer? Pensei que gostasse de mim."

Trouxe sua rede um pouco mais perto de mim, dando impulso com os dedos da mão no chão, e disse: "E gosto mesmo. Até agora todas as circunstâncias só fizeram crescer minha afeição pelo senhor. Por que se preocupa? O senhor é o sungo para eles. Querem que prossiga".

Eu não saberia dizer por quê, mas naquele momento não conseguia confiar plenamente no sujeito. "Só me prometa uma coisa", falei, "se for me acontecer alguma coisa ruim, quero ter a chance de mandar uma mensagem a minha mulher. Só algumas linhas genéricas dizendo adeus com amor, e que ela foi basicamente uma boa mulher para mim. Só isso. E não façam mal a Romilayu. Ele não fez nada de errado." Eu já podia até ouvir as pessoas lá na minha terra dizendo, por exemplo numa festa: "*Aquele grandalhão do Henderson finalmente teve a sua hora. O quê, você não soube? Ele foi para a África e desapareceu no interior do continente. Provavelmente arranhou encrenca com alguns nativos e eles o apunhalaram. Já vai tarde o desgraçado. Dizem que a herança chega a três milhões. Imagino que ele soubesse que era um lunático e desprezasse as pessoas por deixá-lo fazer impunemente o que bem*

entendesse. Bem, estava podre até a medula". "Podres até a medula estão vocês, seus bastardos." "Era um homem cheio de excessos." "Ouçam, seus marmanjos, meu grande excesso foi desejar viver. Talvez eu tenha tratado todas as coisas do mundo como se fossem um remédio — ok, admito! Que é que há com vocês? Não entendem nada? Não acreditam em regeneração? Achem que um camarada está condenado a desperdiçar sua vida?"

"Oh, Henderson", disse o rei, "quanta desconfiança. O que o leva a pensar que haja algum mal iminente para o senhor ou seu acompanhante?"

"Então por que estão me olhando desse jeito?"

O bunam e o pastor que parecia de couro e as bárbaras mulheres negras.

"O senhor não tem absolutamente nada a temer", disse Dahfu. "É algo inofensivo. Não, não", disse aquele estranho príncipe da África, "eles demandam sua assistência na limpeza de açudes e poços. Dizem que foi enviado com esse propósito. Ha, ha, sr. Henderson, o senhor deu a entender anteriormente que julgava invejável estar no coração do povo. Mas é lá que o senhor está agora, também."

"Sim, mas não sou iniciado no assunto. Seja como for, o senhor nasceu para isso."

"Ora, não seja ingrato, Henderson. É evidente que o senhor também deve ter nascido para alguma coisa."

Diante disso, pus-me de pé. Aquela estranha pedra branca calcária, de muitas faces, estava agora sob meus pés. Também aquela pedra era um mundo em si mesmo, ou mais do que um único mundo, um mundo dentro do mundo, num encadeamento de sonhos. Desci alguns passos em meio a zumbidos e gritos que faziam lembrar o intervalo entre os tempos do jogo numa transmissão de beisebol. O inquisidor avançou, vindo da retaguarda do grupo, e tirou meu capacete, enquanto a rígida e corpulenta generala, curvando-se com alguma dificuldade, descalçava minhas botas. Em seguida, sem que eu pudesse resistir, ela tirou minha bermuda. Isso me deixou de cueca, que trazia as manchas da viagem. E isso não foi o fim da história, pois enquanto o bunam me cobria com as vinhas e folhas, a generala começou a me despir até

mesmo daquela última cobertura de pano. “Não, não”, protestei, mas a essa altura a cueca já estava em volta dos meus joelhos. O pior tinha acontecido, eu estava nu. O ar era minha única vestimenta agora. Tentei me cobrir com as folhas. Estava murcho, estava entorpecido, estava ardendo, e minha boca se movia sem emitir som; tentei proteger minha nudez com mãos e folhas, mas Tatu, a amazona-general, puxou meus dedos e colocou neles um daqueles açoites de muitas tiras. Privado de minhas roupas, achei que fosse dar um grito, cair no chão e morrer de vergonha. Mas fui apoiado pela mão da velha amazona nas minhas costas, e em seguida empurrado para frente. Todos começaram a bradar: “Sungo, sungo, sungolê”. Sim, era eu, Henderson, o sungo. Saímos correndo. Deixamos o bunam e o rei para trás, e a arena também, e entramos nas ruelas tortas da aldeia. Com os pés lacerados pelas pedras, atordoado, aterrorizado até as vísceras, correndo, um sacerdote da chuva. Não: o rei, o Rei da Chuva. As Amazonas gritavam e cantavam em sílabas curtas, ruidosas, veementes. As grandes e sensíveis cabeças raspadas, as bocas abertas e a força daquelas palavras — aquelas mulheres com seus contornos transbordando das túnicas curtas de couro, justas e abotoadas! Elas corriam. E em meio àquelas companheiras nuas, eu próprio nu, pelado de cima a baixo sob as folhagens de relva e vinha, eu dançava com pés queimados e feridos sobre as pedras quentes. Tinha que gritar, também. Instruído pela generala, Tatu, que aproximou o rosto do meu, de boca aberta, guinchando, passei também a gritar: “Ya — na — bu — ni — ho — no — mum — mah!”. Alguns homens desgarrados, velhos em sua maioria, que por acaso estavam no caminho, eram espancados pelas mulheres e lutavam para sobreviver, e eu mesmo, saltitando nu com aquelas folhinhas insuficientes, parecia espalhar o terror entre aqueles transeuntes. Brandiam-se na correria as caveiras nos estandartes. Estavam fixas em arandelas improvisadas. Demos a volta na cidade, chegando até os patíbulos. Os mortos seguiam pendurados lá, cada um deles servindo a uma multidão de abutres. Passei por baixo das cabeças balançantes, sem tempo de olhar, pois corríamos em ritmo acelerado agora; ofegando e soluçando, eu dizia a mim mesmo: Para onde diabo estamos indo? Tínhamos um

destino; era um grande açude para o gado; as mulheres interromperam a marcha ali, saltitando e entoando cânticos, e então umas dez delas se lançaram sobre mim. Elas me ergueram, me balançaram no ar e me atiraram na água rançosa e superaquecida, em que havia alguns bois de chifres longos. A água tinha apenas uns quinze centímetros de profundidade; o lodo mole era muito mais profundo, e foi nele que eu afundei. Cheguei a pensar que a intenção delas era deixar que eu fosse tragado até o fundo do açude, mas agora as portadoras de caveiras me estendiam seus estandartes de ferro, de modo que me agarrei a eles e fui puxado para fora. Eu quase preferia ter sido deixado lá no lodo, tão baixo era o meu ânimo. De nada adiantava me enfurecer. Não havia tampouco intenção jocosa. Tudo era feito com a maior seriedade. Com lama podre pingando do corpo, saí do açude. Esperava que pelo menos ela cobrisse minha vergonha, pois as ralas folhagens tinham saído voando e me deixado exposto. Não que aquelas mulheres grandes e ferozes me submetessem a uma observação atenta. Não, não, não estavam nada interessadas. Mas, com os açoites, as caveiras e as armas, eu era envolvido no seu turbilhão, o Rei da Chuva, gritando em minha abjeção e frenesi: “Ya — na — bu — ni — ho — no — mum — mah!”, como antes. Sim, aqui está ele, o homem que moveu Mummah, o campeão, o sungo. Aqui vem Henderson, dos EUA — capitão Henderson, condecorado com a Purple Heart, veterano do norte da África, da Sicília, de Monte Cassino etc., uma sombra gigante, um homem de verdade, um buscador incansável, piedoso e rude, um velho teimoso e beberrão com uma ponte dentária quebrada, distribuindo ameaças de morte e de suicídio. Oh, governantes do paraíso! Oh, poderes do Juízo! Oh, vou apagar! Vou me estatelar na morte, e vão me atirar no monte de esterco, e os abutres farão ninho na minha pança. E do fundo do coração eu gritei: “Piedade, tenham piedade!”. E em seguida bradei: “Não, justiça!”. E depois mudei de ideia e gritei: “Não, não, verdade, verdade!”. E por fim: “Seja feita a Vossa vontade! Não a minha, mas a Vossa!”. Este homem lamentável, este pobre brigão cambaleante, erguendo aos céus seu apelo pela verdade. Dá pra ouvir?

Estávamos gritando e pulando e rodopiando por ruelas aterrorizadas, batendo os pés ao ritmo dos tambores e das caveiras. E enquanto isso o céu se enchia de sombras alongadas, quentes, cinzentas; eram nuvens de chuva, mas aos meus olhos elas tinham formas anormais, espremidas como tubos de órgão ou como moluscos oceânicos da era paleozoica. Com as gargantas intumescidas as amazonas gritavam e urravam, e eu, cambaleando com elas, tentava lembrar quem eu era. As folhas grudadas com lodo secavam na minha pele. O Rei da Chuva. Refleti que, depois de tudo, ainda havia alguma distinção naquilo, mas de que tipo eu não era capaz de dizer.

Sob as nuvens cada vez mais espessas de chuva, começou a soprar uma brisa quente e escura. Tinha um cheiro de fumaça. Era uma coisa opressiva, insinuante, abafada, mormacenta, desagradável. O ar estava ávido e eu o sentia intumesciente, pesado. Estava muito pesado. Ansiava por descarregar, como uma coisa viva. Coberta de suor, a generala me impelia com seu braço, revirando os grandes olhos e ofegando. A lama seca colada no meu corpo, formando uma espécie de roupa de terra. Por dentro eu me sentia como o Vesúvio, todo em chamas na parte superior, e o sangue bombeando para cima como magma. Os açoites zuniam com um som seco e maligno, e eu me perguntava que diabos estavam fazendo. Depois da rajada de brisa veio uma escuridão mais profunda, lembrando o calor pungente dos trens ao atravessar o túnel da Grand Central Station num dia devastado de agosto, que é como a escuridão eterna. Naqueles momentos eu sempre fechava os olhos.

Mas não podia fechá-los agora. Corremos de volta à arena, onde os membros da tribo wariri aguardavam. Assim como a chuva ainda estava retida, do mesmo modo suas vozes eram impedidas de chegar aos meus ouvidos por uma finíssima represa, uma das mais tênues. Ouvi Dahfu me dizer: "Afinal, sr. Henderson, o senhor pode perder a aposta". Pois estávamos de novo em frente ao seu camarote. Ele deu uma ordem a Tatu, a generala, e todos nos viramos e corremos para o meio da arena — eu junto com os outros, rodando nos calcanhares com ímpeto, apesar do meu grande peso,

apesar dos cortes feios nos pés. Meu coração estava em alvoroço, minha cabeça tonteava, cheia de algo como o fulgor daquele cenário deserto do Pacífico, à beira do qual eu tinha caminhado com Edward. Apenas a brancura, fervendo, e as aves brigando pelos arenques, com grandes nuvens ao redor. Nas pedras brancas de muitas formas eu via as pessoas em pé, pulando, frenéticas, sob a opressão das grandes nuvens de Mummah, aquelas colossais formas tuberosas quase rompendo. Havia um grande delírio. Eles guinchavam, guinchavam. E de todos esses guinchos, minha cabeça, a cabeça do Rei da Chuva, era a colmeia. Todos voavam em minha direção, invadiam meu cérebro. Acima de tudo isso eu ouvia o rugido dos leões, enquanto a areia se despedaçava sob meus pés.

As mulheres à minha volta estavam dançando, se é que se pode chamar aquilo de dança. Saltavam, berravam e chocavam seus corpos contra o meu. Todos juntos nos aproximávamos dos deuses, que seguiam em pé nos seus lugares, Hummat e Mummah olhando por sobre a cabeça dos restantes. E agora eu queria me jogar no chão para evitar qualquer participação no que me parecia uma coisa terrível, pois aquelas mulheres, as amazonas, estavam correndo para cima das estátuas dos deuses e golpeando-as com aqueles seus pequenos açoites. “Parem!”, gritei. “Parem com isso! Que está acontecendo? Ficaram loucas?” Teria sido diferente, talvez, se fosse só um açoitamento simbólico e os deuses fossem apenas tocados de leve pelas tiras de couro. Mas uma grande violência estava sendo descarregada naquelas estátuas, de tal modo que as menores balançavam ao ser atingidas, enquanto as maiores, sem nenhuma mudança de expressão, suportavam tudo, indefesas. Aqueles filhos das trevas, os membros da tribo, erguiam-se e berravam como gaivotas num mar tempestuoso. E então de fato eu desabei. Nu, me joguei no chão, rugindo “Não, não, não!”. Mas Tatu me agarrou pelo braço e, com grande esforço, me ergueu até que eu ficasse de joelhos. De tal maneira que, ajoelhado, fui puxado para o turbilhão, rastejando pelo chão. Minha mão, que ainda segurava o açoite, foi levantada uma ou duas vezes e baixada com força, de modo que, contra minha vontade, fui levado a exercer o dever do Rei da Chuva. “Oh, não posso fazer isso. Nunca vão me obrigar”, comecei a dizer.

“Oh, me espanquem e me matem. Passem-me no espeto e me assem na fogueira.” Tentei me encolher no chão e nessa postura fui atingido na nuca com um açoite e depois também no rosto, já que as mulheres agora se lançavam em todas as direções, açoitando umas às outras, a mim e aos deuses. Colhido no meio dessa loucura, da minha posição, de joelhos, eu aparava os golpes como podia, pois me parecia que estava lutando pela minha sobrevivência, e gritava. Até que se ouviu o estrondo de um trovão.

E então, depois de uma grande, relinchante e fria rajada de vento, as nuvens se abriram e a chuva começou a cair. Gotas d’água estalavam como granadas de mão por toda parte e sobre mim. O rosto de Mummah, que tinha sido riscado pelos açoites, agora estava coberto por bolhas prateadas e o chão começava a se inundar. As amazonas, com seus corpos molhados, passaram a me abraçar. Eu estava aturdido demais para afastá-las. Nunca tinha visto tanta água. Era como a inundação holandesa que submergiu os homens do duque de Alba quando os diques do mar se abriram. Naquela torrente, eu já não enxergava as pessoas. Procurei pelo camarote de Dahfu oculto na tempestade e procurei um caminho em torno da arena, Tateando a pedra branca com a mão. Então encontrei Romilayu, que recuou como se eu fosse perigoso para ele. “Romilayu”, disse eu, “por favor, homem, você tem que me ajudar. Veja em que condições estou. Encontre minhas roupas. Onde está o rei? Onde está todo mundo? Apanhe as minhas roupas, meu capacete”, disse eu. “Tenho que recuperar meu capacete.”

Nu, me apoiei nele e me curvei para a frente, os pés escorregando enquanto ele me conduzia para o camarote do rei. Quatro mulheres estavam segurando uma cobertura sobre Dahfu para protegê-lo da chuva, e sua rede tinha sido erguida. Levavam-no embora.

“Rei, rei”, gritei.

Empurrou para o lado a ponta da cobertura que tinham posto sobre ele. Sob a cobertura eu o vi com seu chapéu de abas largas. Gritei para ele: “O que foi que se abateu sobre nós?”

Respondeu simplesmente: “É chuva”.

“Chuva? Que chuva? É o dilúvio. Parece o fim...”

“Sr. Henderson”, disse ele, “foi uma grande coisa que o senhor fez por nós, e depois de tanto tormento devemos lhe dar algum prazer também.” Diante da expressão do meu rosto, disse: “Veja, sr. Henderson, os deuses nos conhecem”. E enquanto se afastava de mim em sua rede, levado pelas oito mulheres que seguravam as barras, disse: “O senhor perdeu a aposta”.

Fui deixado ali em pé, com minha capa de terra, como um nabo gigante.

15.

Foi assim que me tornei o Rei da Chuva. Acho que foi bem feito por me meter em assuntos que não eram da minha conta. Mas tinha sido irresistível, um daqueles impulsos que não temos como refrear. E onde é que eu tinha me metido? Quais eram as consequências? No piso térreo do palácio, imundo, nu e machucado, deitei num pequeno quarto. A chuva continuava caindo, inundando a aldeia, escorrendo do telhado em grossas cortinas de água, sombrias como obras de feitiçaria. Tremendo, eu me cobri e fiquei olhando ao redor, envolto até o queixo em peles de animais desconhecidos, dizendo sem parar: "Oh, Romilayu, não se volte contra mim. Como é que eu ia saber onde estava me metendo?". Meu lábio superior estava inchado e meu nariz estava torto; ainda doíam das chicotadas, e eu sentia que meus olhos tinham ficado pretos e enormes. "Oh, estou em péssimo estado. Perdi a aposta e estou à mercê do sujeito."

Mas, como antes, Romilayu veio em meu apoio. Tentou me animar um pouco e disse acreditar que não devíamos esperar o pior. Sugeriu que eu estava sendo precipitado ao me sentir preso numa armadilha. Fazia sentido o que ele dizia. Então acrescentou: "Dorme, siô. Amanhã pensa".

E eu disse: "Romilayu, continuo descobrindo o tempo todo novos pontos positivos em você. Tem razão, tenho que esperar. Estou numa situação sobre a qual não tenho a mais vaga noção do que seja".

Então ele também se preparou para dormir e se ajoelhou, juntando as mãos, os músculos começando a saltar sob a pele, os murmúrios da prece elevando-se do seu peito. Devo admitir que aquilo me trazia algum conforto.

Eu lhe disse: "Reze, reze. Oh, reze, parceiro, reze como nunca. Reze pela situação".

Então, quando terminou, ele se envolveu na coberta, deitou de lado e dobrou os joelhos contra o peito, pondo a mão aberta sob o rosto, como de costume. Mas antes de fechar os olhos perguntou: “Por que fez aquilo, siô?”.

“Ah, Romilayu”, respondi, “se eu soubesse explicar não estaria onde estou agora. Por que é que eu tinha que explodir aquelas benditas rãs sem levar nada mais em conta? Não sei por que tenho essa intensidade extrema. A coisa toda é tão peculiar que a explicação terá que ser peculiar também. O raciocínio não vai me levar a parte alguma, é só pela iluminação que devo esperar.” E pensando em quão sombrias as coisas estavam e em quão ausente estava qualquer iluminação, suspirei e gemi de novo.

Em vez de se incomodar com o fato de eu não ter dado uma resposta satisfatória, Romilayu caiu no sono, e logo também eu apaguei, enquanto a chuva redemoinhava e, nos interstícios do palácio rugia o leão, ou leões. Mente e corpo entraram em repouso. Foi como um desmaio. Eu estava com uma barba de dez dias no rosto. Sonhos e visões vinham a mim, mas não preciso falar sobre eles; tudo o que é necessário dizer é que a natureza foi bondosa comigo e devo ter dormido doze horas sem me mexer, dolorido como estava, com cortes nos pés e hematomas no rosto.

Quando acordei o céu estava claro e quente, e Romilayu já estava de pé. Duas mulheres, amazonas, estavam no quartinho comigo. Eu me lavei, me barbeei e fiz minhas necessidades numa grande bacia colocada no canto do quarto, deduzi, com aquela finalidade. Então as mulheres, que eu tinha mandado sair, voltaram com algumas peças de roupa que Romilayu disse serem as vestes do sungo, ou Rei da Chuva. Ele insistiu que era bom eu vesti-las, pois poderia ter problemas se me negasse. Pois agora eu era o sungo. Examinei então as tais roupas. Eram verdes e feitas de seda, e cortadas no mesmo padrão das do rei Dahfu — as ceroulas, quero dizer.

“Pertencem ao sungo”, disse Romilayu. “Agora siô sungo.”

“Ora, estas malditas ceroulas são transparentes”, disse eu, “mas suponho que seja melhor vesti-las.” Eu estava com minha imunda bermuda de jóquei, e enfiei as ceroulas verdes por cima dela. Apesar do repouso, eu não estava em muito boas condições. Ainda tinha

febre. Suponho que seja natural que os homens brancos fiquem doentes na África. Sir Richard Burton foi um homem de ferro, e mesmo assim a febre o abalou violentamente. Speke ficou ainda mais doente. Mungo Park adoeceu e ficou cambaleando a esmo. O dr. Livingstone ficava de cama dia sim, dia não. Que diabo! Quem era eu para ficar imune? Uma das amazonas, Tamba, que tinha horrendos pelos brotando no queixo, chegou por trás de mim, ergueu meu capacete e me penteou com um instrumento primitivo de madeira. Aquelas mulheres estavam ali, supostamente, para me servir.

Ela me disse: “Joxi, joxi?”.

“O que é que ela quer? Que diabo é esse joxi? Café da manhã? Não estou com fome. Estou abalado demais para engolir o que quer que seja.” Em vez disso, tomei um pouco de uísque de um dos cantis, só para manter o aparelho digestivo aberto; achei que podia ser bom para a minha febre também.

“Elas mostra joxi pro siô”, disse Romilayu.

De barriga para baixo, Tamba se estendeu no chão e a outra mulher, cujo nome era Bebu, ficou de pé sobre suas costas e, com os pés, massageou-a e colocou suas vértebras no lugar com pequenos estalos. Depois de ter agido sobre ela com aqueles pés horrendos — e, a julgar pela cara de Tamba, a massagem era uma delícia —, elas trocaram de posição. Em seguida, tentaram me mostrar como aquilo era benéfico e as deixara animadas. Juntas, bateram no peito com os punhos fechados.

“Diga-lhes que agradeço suas boas intenções”, disse eu. “Deve ser uma terapia maravilhosa, mas acho que vou dispensá-la hoje.”

Depois disso Tamba e Bebu deitaram-se no chão e se revezaram numa saudação formal a mim. Cada uma delas pegou meu pé e colocou sobre sua cabeça como Itelo tinha feito como sinal de reconhecimento da minha supremacia. As mulheres umedeceram os lábios para que o pó grudasse neles. Quando terminaram, Tatu, a generala, apareceu para me conduzir ao rei Dahfu e submeteu-se ao mesmo gesto de capitulação, com a boina militar ainda na cabeça. Depois disso as duas mulheres me trouxeram um abacaxi numa travessa de madeira e eu me obriguei a engolir uma fatia.

Então subi as escadas com Tatu, que dessa vez me deixou ir na frente. Largos sorrisos, gritos, bênçãos, aplausos e cânticos me saudavam; as pessoas mais velhas se empenhavam especialmente em falar comigo. Eu ainda não estava acostumado com a roupa verde; parecia-me larga e frouxa nas pernas. Da galeria superior olhei para fora e vi as montanhas. O ar estava excepcionalmente claro e as montanhas se comprimiam umas nas outras, dobra por dobra, marrons e suaves como a capa de um touro Brahma. Também o verde parecia hoje macio como peles. As árvores estavam claras e verdes também, e as flores embaixo delas eram viçosas e vermelhas nas cavidades da pedra branca. Vi as esposas do bunam passarem abaixo de nós com seus dentinhos curtos, virando suas graciosas e grandes cabeças raspadas. Acho que devo tê-las feito rir daquelas enormes e bufantes ceroulas verdes do sungo e do capacete e das botas de solas de borracha de andar no deserto.

Dentro do palácio, atravessamos antessalas e entramos nos aposentos do rei. Seu grande sofá acolchoado estava vazio, mas as esposas estavam estendidas em suas almofadas e esteiras, penteando os cabelos e fazendo as unhas das mãos e dos pés. A atmosfera era social e de muita conversa. A maioria das mulheres estava descansando, e sua forma de relaxamento era peculiar; cruzavam as pernas como se costuma cruzar os braços e deitavam-se de costas, como se não tivessem ossos. Espantoso. Arregalei meus olhos para elas. O aroma do quarto era tropical, como em certas partes do jardim botânico, ou como emanações de mel e carvão vegetal, como trigo-mouro quente. Nenhuma delas olhava para mim. Faziam de conta que eu não existia. Isso me parecia um tanto impossível, como se recusar a enxergar o Titanic. Além do mais, eu era a sensação do lugar, o sungo branco que tinha movido Mummah. Mas imaginei que talvez fosse impróprio, para mim, visitar os aposentos delas, e que por isso elas não tivessem alternativa senão me ignorar.

Sáímos do apartamento por uma porta baixa e então me vi na câmara privada do rei. Estava sentado num banco baixo e sem encosto, um quadrado de couro vermelho estendido sobre um estrado largo. Um assento semelhante foi trazido para mim, e então

Tatu se afastou e sentou discretamente perto da parede. Uma vez mais ele e eu estávamos cara a cara. Não havia nenhum chapéu ornado com dentes, não havia caveira alguma. Ele vestia as calças justas e os chinelos bordados. A seu lado, no chão, uma pilha de livros; ele estava lendo quando entrei, e dobrou o canto da página, pressionando-o várias vezes com os nós dos dedos, e depositou o volume no alto da pilha. Que tipo de leitura interessaria uma mente como aquela? Mas de que tipo de mente se tratava? Eu não fazia ideia.

“Oh”, disse ele, “agora que se barbeou e descansou, está com uma aparência muito boa.”

“Eu me sinto como um espetáculo sagrado, rei, é bem assim que me sinto. Mas entendo que queira que eu vista esta fantasia, e não quero dar o calote no pagamento de uma aposta. Só posso dizer que, se me deixar sair deste papel, ficarei muitíssimo grato.”

“Compreendo”, disse ele. “Eu gostaria muito de poder liberá-lo, mas os trajes do sungo são mesmo um requisito. Exceto pelo capacete.”

“Tenho que me proteger da insolação”, disse eu. “De todo modo, sempre tenho alguma coisa sobre a cabeça. Na Itália, durante a guerra, eu até dormia de capacete. E era um capacete de metal.”

“Mas com certeza é desnecessário cobrir a cabeça quando se está sob um teto”, disse ele.

No entanto, eu me recusei a aceitar a sugestão. Sentei diante dele com meu chapéu branco de fibras.

Evidentemente, a extrema negritude do rei o tornava fabulosamente estranho a mim. Era preto como... como a fatura. Em contraste, seus lábios eram vermelhos, e intumescidos; e na cabeça os cabelos viviam (dizer que cresciam não seria suficiente). Assim como os de Horko, seus olhos revelavam um matiz vermelho. E mesmo sentado no banco de couro sem encosto ele estava imóvel, como no sofá ou na rede, suntuosamente em repouso.

“Rei”, disse eu.

Pela determinação com que comecei a frase, ele me entendeu e disse: “Sr. Henderson, o senhor tem direito a uma explicação, dentro do que me é possível. Veja, o bunam estava convicto de que o

senhor teria força suficiente para mover nossa Mummah. Eu, quando vi sua constituição física, concordei. Na hora”.

“Bem”, disse eu, “está certo, sou forte. Mas como foi que tudo aconteceu? Tenho a impressão de que o senhor tinha certeza de que seria assim. Apostou comigo.”

“Foi pelo prazer da aposta, nada mais”, respondeu. “Sabia tão pouco sobre o assunto quanto o senhor.”

“É sempre assim?”

“Muito pelo contrário. É extremamente raro.”

Tentei fazer minha expressão mais sagaz, erguendo muito as sobrancelhas, pois queria que ele visse que a explicação do fenômeno não me satisfazia. Enquanto isso, estava também tentando decifrá-lo. E não havia nele nenhuma pose, nenhuma ostentação. Era pensativo ao responder, mas sem fazer cara de pensador. E quando falava sobre si mesmo os fatos que me contava batiam com o que eu tinha ouvido da boca do príncipe Itelo. Aos treze anos ele tinha sido mandado para a cidadezinha de Lamu e depois para Malindi. “Todos os reis anteriores, por muitas gerações”, disse, “tiveram que se familiarizar com o mundo e foram mandados com a mesma idade para a escola. A gente vem do fim do mundo, frequenta a escola e depois volta. Um filho a cada geração é enviado a Lamu. Um tio vai junto e espera por ele lá.”

“Seu tio Horko?”

“Sim, foi Horko. Ele foi o elo. Esperou por mim em Lamu durante nove anos. Eu seguira em frente com Itelo. Não me importava com aquela vida no sul. Os rapazes na escola eram mimados. Kohl nos olhos. Ruge. Fofocas. Eu queria mais do que aquilo.”

“Bem, o senhor é muito sério”, disse eu. “Isso é evidente. Foi assim que o avaliei desde o início.”

“Depois de Malindi, Zanzibar. Ali Itelo e eu embarcamos como marujos. Uma vez para a Índia e Java. Depois mar Vermelho acima — até Suez. Cinco anos na Síria numa escola religiosa. O tratamento era muito generoso. Do meu ponto de vista, o mais valioso foi a instrução científica. Estava orientado para me formar em medicina, e teria conseguido, não fosse a morte de meu pai.”

“Simplesmente notável”, disse eu. “Só estou tentando juntar isso com os fatos de ontem. Com as caveiras, aquele sujeito, o bunam, as amazonas e tudo mais.”

“É interessante, admito. Mas não cabe a mim, Henderson — Henderson-sungo — tornar o mundo coerente.”

“Será que não sentiu a tentação de não voltar?”, perguntei.

Estávamos sentados bem perto um do outro e, como já observei, sua negritude o tornava fabulosamente estranho a mim. Como todas as pessoas que têm um forte dom para a vida, ele emitia quase uma sombra extra — eu juro. Era algo nebuloso, uma emanção. Eu costumava notar isso às vezes com Lily e tive consciência disso em especial naquele dia de tempestade em Danbury em que ela me levou por engano para a pedreira inundada e depois telefonou da cama para a mãe. Ela ostentava nitidamente essa coisa naquela ocasião. É algo brilhante e no entanto esfumado; é nebuloso, azulado, tremulante, cintilante como pedra preciosa na água. Foi algo similar que senti também emanar de Willatale no momento em que beijei sua barriga. Mas o rei Dahfu era mais fortemente dotado daquilo do que qualquer outra pessoa que já conheci.

Em resposta a minha última pergunta ele disse: “Por mais de uma razão eu teria desejado que meu pai vivesse mais tempo”.

Pelo que entendi, o velho devia ter sido estrangulado.

Acho que fiz cara de remorso por ter lhe lembrado do seu pai, pois ele riu e me deixou de novo à vontade, dizendo: “Não se preocupe, sr. Henderson — devo chamá-lo de sungo, pois o senhor agora é o sungo. Não se preocupe, estou lhe dizendo. É um assunto que não tinha como ser evitado. O senhor não está necessariamente reavivando a lembrança. A hora dele chegou, ele morreu, eu me tornei rei. Tinha que recuperar o leão”.

“De que leão está falando?”, perguntei.

“Ora, eu lhe disse ontem. É possível que tenha esquecido — o corpo do rei, a larva que se desenvolve nele, a alma do rei, o filhote de leão, lembra?” Agora eu me lembrava. Claro, ele tinha me contado aquilo. “Bom, então”, disse ele, “esse animal muito jovem, libertado pelo bunam, tem que ser capturado pelo sucessor do rei no prazo de um ano ou dois, quando está crescendo.”

“O quê? É preciso caçá-lo?”

Ele sorriu. “Caçá-lo? Tenho outra função. Capturá-lo vivo e mantê-lo comigo.”

“Então é esse o animal que eu escuto rugir lá embaixo? Eu poderia jurar que estava ouvindo um leão lá. Por Júpiter, então é isso”, disse eu.

“Não, não, não”, disse ele, naquele seu jeito manso. “Não é isso, sr. Henderson-sungo. O que o senhor ouviu foi um animal bem diverso. Ainda não capturei Gmilo. Portanto, ainda não estou plenamente confirmado no poder de rei. O senhor me pegou no meio do caminho. Tomando emprestado seu modo de falar, eu também preciso completar o vir a ser.”

A despeito dos choques do dia anterior eu estava começando a compreender por que me senti tranquilizado logo na primeira vez que vi o rei. Confortava-me estar na sua presença; confortava-me de uma maneira incomum. Suas grandes pernas ficavam esticadas quando ele estava sentado, as costas curvadas, os braços cruzados sobre o peito, e em seu rosto havia uma expressão pensativa, mas agradável. Através de seus lábios intumescidos saía de quando em quando um leve murmúrio. Lembrava-me o som que a gente às vezes escuta sair de uma usina elétrica ao passar por uma em Nova York numa noite de verão; as portas estão abertas; todo o metal e todo o aço estão lá, lustrosos sob uma luz fraca, e algum velho personagem vestido de macacão e pantufas fuma um cachimbo com toda a magnificência da eletricidade atrás de si. Sou provavelmente uma das pessoas mais predispostas à feitiçaria que já existiram. Apesar das aparências em contrário, sou altamente mediúnico e sintonizado. “Henderson”, pensei comigo, e não pela primeira vez, “este é um daqueles casos de *luth suspendu, sitôt qu’on le touche il résonne*. E você viu ontem uma selvageria como nunca tinha visto antes, o sujeito arremessando ao ar a caveira de seu próprio pai. E agora a história dos leões. Leões! E o homem é quase um médico formado. A coisa toda é uma loucura.” Era nisso que eu meditava. Mas tinha também que levar em conta o fato de ter dentro de mim uma voz que vivia repetindo *Eu quero*, enfurecida e exigente, instaurando o caos, desejando, desejando, e continuamente

frustrada, uma voz que me fazia sair de mim, como os batedores tiram a caça da toca para os caçadores. Então eu não tinha nada que acertar contas com a vida, e sim aceitar as condições que ela me impusesse. Mas em certos momentos eu teria ficado contente em imaginar que a minha febre por si só tinha originado tudo o que tinha acontecido desde que eu deixara Charlie e sua noiva e partira para minha própria expedição — os Arnewi, as rãs, Mtalba, o cadáver, a correria vestido de folhas com aquelas mulheres gigantes. E agora aquela poderosa personalidade negra que me confortava — mas seria ele digno de confiança? Que dizer da confiança? E eu mesmo, desajeitado naquelas calças verdes de seda que vinham junto com o cargo de Rei da Chuva. Estava ligado, apurando os ouvidos, os olhos desconfiados, procurando captar tudo. Oh, inferno! Como se dilacera um homem para quem a realidade não tem moradia fixa! Como ele se dilacera! Assim estava eu sentado ali naquele palácio de rústicas paredes vermelhas e pedras brancas em cujas frestas brotavam flores. Junto à porta estavam as amazonas e, em particular, aquela feroz e velha Tatu com suas grandes narinas. Estava sentada sonhadoramente no chão com sua boina militar.

Ainda assim, enquanto conversávamos ali sentados, eu sentia que éramos homens de dimensões incomuns. Confiabilidade era uma questão à parte.

A essa altura começou uma conversa que nunca se repetiria em nenhum lugar do mundo. Puxei as calças verdes um pouco para cima. Minha cabeça oscilava de febre, mas exigi firmeza de mim mesmo e falei com segurança: “Majestade, não pretendo fugir da minha aposta. Tenho certos princípios. Mas ainda não sei o que significa isso de estar vestido assim como Rei da Chuva”.

“Não é uma mera roupa”, disse Dahfu. “O senhor é o sungo. É literal, sr. Henderson. Eu não poderia tê-lo feito sungo se o senhor não tivesse a força para mover Mummah.”

“Bom, tudo certo então — mas e o resto, aquilo com os deuses? Eu me senti muito mal, Alteza, não me importo em lhe contar. Nunca fiz de conta que levei uma vida muito correta. Estou certo de que está escrito na minha cara...” O rei assentiu. “Fiz o diabo também, seja como soldado ou como civil. Digo francamente, não mereço ter

minha vida registrada nem em papel higiênico. Mas quando vi as pessoas começarem a bater em Mummah, Hummat e todos os outros, desabei. Ficou tudo muito escuro lá e nem sei se o senhor viu aquilo ou não.”

“Vi o senhor. Não é a minha ideia, Henderson, de como devem ser as coisas.” O rei falava com suavidade. “Tenho ideias bem diferentes. O senhor verá. Mas devemos conversar só entre nós dois?”

“Quer me fazer um favor, Alteza, um grande favor? O maior favor possível?”

“Sem dúvida. Ora, certamente que sim.”

“Tudo bem, então é o seguinte: o senhor espera que eu diga a verdade? É minha única esperança. Sem isso, todo o resto também vai para o brejo.”

Ele começou a sorrir. “Ora, como eu poderia recusar uma coisa dessas? Estou contente, Henderson-sungo, mas o senhor tem que me permitir fazer o mesmo pedido, pois a coisa não tem valor se não for mútua. Mas o senhor tem alguma expectativa quanto à forma que a verdade deve assumir? Está preparado para a hipótese de ela vir em outra roupagem, inesperada?”

“Majestade, estamos combinados. É um pacto entre nós. Oh, não imagina o favor que está me prestando. Quando deixei os Arnewi (e eu poderia lhe dizer também que cometi um erro grosseiro lá — talvez o senhor já saiba), pensei ter perdido minha última chance. Estava prestes a descobrir o grun-tu-molani quando aconteceu aquela coisa terrível, por culpa inteiramente minha, e saí sob uma nuvem ruim. Deus meu, estava humilhado. Veja, Alteza, continuo pensando no sono do espírito e quando é que ele vai enfim despertar. Então ontem, quando me tornei o Rei da Chuva — oh, que experiência! Como vou poder contá-la a Lily (minha esposa)?”

“Aprecio muito isso, sr. Henderson-sungo. Eu quis deliberadamente segurá-lo comigo por um tempo na esperança de que um intercâmbio importante seja possível. Pois não acho fácil me expressar para o meu próprio povo. Só Horko esteve no mundo fora daqui e nem com ele posso trocar ideias livremente. Estão contra mim aqui...”

Disse isso quase secretamente, e depois de falar seus grandes lábios se fecharam e o aposento ficou em silêncio. As Amazonas estavam estendidas no solo como se dormissem — Tatu com sua boina e as outras duas nuas exceto pelas curtas túnicas de couro que vestiam. Seus olhos negros estavam quase fechados, mas observavam. Dava para ouvir as esposas se movimentando atrás da grossa porta da nossa câmara privada.

“Tem razão”, falei. “Não é só uma questão de esperar a verdade. Há também uma questão de solidão. Como se um sujeito fosse sua própria cova. Quando ele emerge desse funeral, não distingue o bem do mal. Então, por exemplo, passou pela minha cabeça por algum tempo que existe uma conexão entre a verdade e os desastres.”

“Como assim? O senhor pensou o quê?”

“Bom, é assim. No último inverno eu estava cortando lenha e um pedaço de madeira espirrou e me quebrou o nariz. Então a primeira coisa em que eu pensei foi: *verdade!*”

“Ah”, disse o rei, e começou a falar, em tom íntimo e baixo, de uma porção de coisas que eu nunca tinha ouvido antes, e o encarei com olhos arregalados. “Do modo como são as coisas”, disse, “pode parecer que têm a ver com o caso. Não acredito, de fato, que seja assim. Mas sinto que há uma lei da natureza humana na qual está envolvida a força. O homem é uma criatura que não consegue ficar impassível ao receber um golpe. Agora veja um cavalo — ele nunca precisa de uma vingança. Nem o boi. Mas o homem é uma criatura de vinganças. Se ele é punido, vai fazer tudo para se livrar da punição. Quando não consegue se livrar da punição, seu coração pode apodrecer por causa disso. Isso acontece — o senhor não acha, sr. Henderson-sungo? Irmão ergue a mão contra irmão, filho contra pai (que terrível!) e o pai também contra o filho. E além do mais é uma questão de continuidade, pois se o pai não batesse no filho, eles não seriam parecidos. É feito para perpetuar a semelhança. Oh, Henderson, o homem não consegue ficar quieto ao receber os golpes. Se for preciso, por um tempo, ele fechará os olhos e pensará em silêncio em meios de se livrar deles. Esses golpes primevos ainda são sentidos por todos. O primeiro supostamente foi desferido por Caim, mas será que foi mesmo? No

início dos tempos havia um braço erguido que golpeava. Então as pessoas se encolhem ou se esquivam até hoje. Todos querem se livrar e empurrar o golpe para cima dos outros. E é isso o que concebo como o domínio terreno. Mas, no que se refere ao substrato de verdade contido na força, é outra questão.”

O aposento estava todo na penumbra, mas o calor, com seu cheiro de combustão vegetal, impregnava o ar.

“Espere um momento, agora, *sire*”, disse eu, depois de franzir o cenho e comprimir os lábios. “Vamos ver se compreendi direito. O senhor diz que a alma morrerá se não conseguir fazer outra pessoa sofrer o que ela sofre?”

“Por um tempo, lamento dizê-lo, ela então sente paz e alegria.”

Ergui as sobrancelhas, e pensosamente, já que as chicotadas sobre as partes desprotegidas do meu rosto tinham sido atroztes. Lancei-lhe um dos meus olhares perspicazes, com um olho só: “O senhor lamenta dizer, Alteza? É por isso que os deuses tinham que ser agredidos?”

“Bem, Henderson, eu deveria tê-lo informado melhor quando manifestou seu desejo de mover Mummah. Até aí o senhor está com a razão.”

“Mas o senhor julgou que eu seria o sujeito indicado para a tarefa, e isso antes mesmo de eu pôr meus olhos neles.” Então me antecipei às objeções, dizendo a ele: “Quer saber de uma coisa, Alteza, existem alguns sujeitos que são capazes de retribuir o mal com o bem. Até eu entendo isso. Por mais louco que eu seja”. Comecei a tremer de cima a baixo ao perceber de que lado da questão eu estava, e tinha estado o tempo todo.

Curiosamente, vi que ele concordava comigo. Ficou contente em me ouvir dizer aquilo. “Todo homem de valor pensará dessa forma”, disse. “Não vai querer viver passando adiante a ira. A golpeia B? B golpeia C? — não temos letras suficientes no alfabeto para cobrir a cadeia toda. Um homem de valor tentará interromper o mal quando chegar sua vez. Aceitará o golpe. Nenhum homem será golpeado por ele, e essa é uma ambição sublime. Assim, um camarada se atira no mar de golpes dizendo não acreditar que ele seja infinito. Desse modo morreram muitas pessoas corajosas. Mas é maior ainda

o número dos que tiveram mais impaciência do que coragem. Dos que disseram: 'Chega do fardo da ira. Não posso suportar que meu pescoço não esteja livre. Não posso mais comer dessa sopa coletiva do medo'".

Eu queria dizer neste momento que a beleza pessoal do rei Dahfu me seduzia tanto quanto suas palavras, se não mais. Sua pele preta brilhava como que banhada pela umidade que cobre as plantas quando elas atingem o auge do seu viço. Suas costas eram longas e musculosas. Seus lábios protuberantes eram de um vermelho vivo. As perfeições humanas têm vida curta e as amamos talvez mais do que deveríamos. Mas eu não podia evitar. Era involuntário. Senti uma pontada nas gengivas, onde essas coisas se manifestam independentemente da minha vontade, e assim eu soube o quanto ele me tocava.

"No entanto o senhor está certo no longo prazo, e pagar o mal com o bem é a resposta. Assino embaixo, mas parece uma coisa muito distante, para a espécie humana como um todo. Talvez não caiba a mim fazer uma previsão, sungo, mas acho que os nobres de espírito terão sua vez no mundo."

Balancei; fiquei emocionado ao ouvir aquilo. Meu Deus! Teria dado qualquer coisa para ouvir outro homem me dizer aquilo. Meu coração estava comovido de tal modo que senti meu rosto se esticar até ficar do tamanho de um quarteirão. Eu ardia de febre e de excitação mental com aquela nossa conversa elevada e via as coisas não apenas duplicadas ou triplicadas, mas com incontáveis contornos de cores cambiantes, dourado, vermelho, verde, marrom e assim por diante, todas vibrando de modo concêntrico em torno de cada objeto. Às vezes Dahfu parecia ter três vezes o seu tamanho, com o espectro ao seu redor. Maior do que a vida, assomava sobre mim e falava com mais de uma voz. Agarrei minhas pernas por cima das calças de seda verde do sungo e estou certo de que devia estar enlouquecido naquele momento. Ligeiramente. Estava fora de mim, estou falando sério. O rei me tratava com uma dignidade africana clássica, o que é um dos cumes do comportamento humano. Não sei de outro lugar onde as pessoas possam ser tão nobres. Ali, no meio da escuridão, num pequeno cômodo numa curva do mundo perto da

linha do Equador, naquela mesma aldeia em que eu pelejara com um cadáver nas costas sob a lua e as florestas azuis do céu. Ora, e se uma aranha tiver um ataque e começar de repente a fazer um tratado de botânica ou algo parecido — um bicho insignificante transfigurado, estão me entendendo? Foi assim que eu recebi as palavras do rei sobre a nobreza de espírito ter a sua vez no mundo.

“Rei Dahfu”, falei, “espero que me considere seu amigo. Estou profundamente tocado pelo que está dizendo. Embora esteja um tanto atordoado por conta da novidade — da estranheza. Não obstante, sinto-me feliz aqui. Ontem fui açoitado. Bom, tudo bem. Uma vez que sou, de todo modo, um tipo sofredor, estou contente porque pelo menos isso serviu a um propósito de mudança. Mas preciso lhe perguntar: quando a nobreza tiver a sua vez, como é que isso vai chegar a acontecer?”

“Quer saber o que me dá tanta confiança de que minha previsão acabará se cumprindo?”

“Bem, é claro”, respondi. “Estou curioso até não poder mais. Quero dizer, que abordagem prática recomenda?”

“Não escondo, sr. Henderson-sungo, que tenho uma concepção a esse respeito. Para falar a verdade, não desejo que seja um segredo guardado dentro de mim. Estou muito ansioso para passá-lo ao senhor. Fico contente que me considere um amigo. Sem reservas, estou adotando uma atitude semelhante em relação ao senhor. Sua vinda me encheu de alegria. Quanto aos problemas do sungo, lamento sinceramente. Não podíamos deixar de fazer uso do senhor. Por causa das circunstâncias. Queira me perdoar.” Isso era praticamente uma ordem, mas a obedeci com muita alegria, e perdoei o sujeito, claro. Eu não estava tão corrompido ou castigado pela vida a ponto de não poder identificar o extraordinário. Via que ele era uma espécie de gênio. Muito mais do que isso. Percebia que se tratava de um gênio do meu próprio tipo mental.

“Ora, claro, Alteza. Nenhuma dúvida quanto a isso. Eu queria que vocês fizessem uso de mim ontem. Disse isso para mim mesmo.”

“Oh, obrigado, sr. Henderson-sungo. Então caso encerrado. Sabe que do ponto de vista corporal o senhor é uma figura e tanto? É de fato monumental. Estou falando em termos de físico.”

Ao ouvir isso fiquei um tanto constrangido, como se tivesse um sentido ambíguo, e perguntei: “É mesmo?”.

O rei exclamou: “Não vamos voltar atrás em nosso acordo quanto à verdade, sr. Henderson”.

Diante disso, perdi totalmente a pose. “Oh, não, Alteza. O acordo continua valendo”, falei. “Aconteça o que acontecer. Não era brincadeira. Falei a sério cada palavra e quero que me cobre pelo que eu disse.”

Isso lhe agradou, e me disse: “Já observei, quanto à verdade, que uma pessoa pode estar preparada para receber só aquilo que ela já considerava verdadeiro de antemão. No entanto, estava me referindo a sua forma exterior, a sua constituição. Ela fala por si de muitas maneiras”.

Com os olhos ele indicou a pilha de livros atrás de seu assento, como se eles tivessem uma ligação com o assunto. Virei a cabeça para ler os títulos, mas o aposento estava escuro demais para isso.

Ele disse: “O senhor tem uma aparência bem feroz”.

Aquilo não era novidade para mim; vindo dele, porém, o comentário me magoou. “Bem, o que queria?”, falei. “Sou o tipo de sujeito que não conseguiria sobreviver sem deformação. A vida me castigou. Não foi só a guerra... Tive um ferimento sério, sabe. Mas os golpes da vida...” Dei um soco no meu peito. “Bem aqui! Entende o que quero dizer, rei? Mas naturalmente não quero jogar fora nem mesmo uma vida como esta que tenho, ainda que o fato de ter ameaçado o suicídio algumas vezes possa indicar o contrário. Se não puder dar uma contribuição ativa, pelo menos eu poderia servir como ilustração de alguma coisa. Mesmo quanto a isso não sei ao certo. Parece que não ilustro coisa alguma.”

“Oh, isso é um equívoco da sua parte. O senhor ilustra volumes inteiros”, disse ele. “Para mim, é um tesouro de ilustrações. Não condeno sua aparência. Só que vejo o mundo todo em sua constituição. Nos meus estudos de medicina isso foi o que mais me fascinou, e fiz por conta própria um estudo completo dos tipos, que resultou em todo um sistema classificatório. Assim: A agonia. O apetite. O obstinado. O elefante imune. O porco astuto. O histérico funesto. O adormecido. O narciso intoxicado. Os risonhos loucos. Os

pedantes. Os Lázarus combativos. Oh, Henderson-sungu, quantas formas e aspectos! Inumeráveis!”

“Entendo. É um tema e tanto.”

“Ah é, sem dúvida. Devotei anos a ele, fazendo observações desde Lamu até Istambul e Atenas.”

“Um bom pedaço do mundo”, disse eu. “Então me diga, o que é que eu ilustro melhor?”

“Ora”, disse ele, “tudo no senhor, Henderson-sungu, proclama: ‘Salvação, salvação! Que posso fazer? Que devo fazer? Agora mesmo! O que será de mim?’ E assim por diante. Isso é ruim.”

Naquele momento eu não poderia esconder o quanto estava espantado, mesmo que tivesse doutorado em disfarce, e refleti: “Sim. Isso era o que Willatale estava começando a me dizer, acho. Grun-tu-molani era só o aperitivo”.

“Conheço essa expressão arnewi”, disse o rei. “Sim, estive lá também com Itelo. Entendo o que esse grun-tu-molani significa. Entendo mesmo. E conheço a velha senhora também, uma joia humana, um triunfo do seu tipo — e me refiro ao meu sistema de classificação. Admito, grun-tu-molani é muita coisa, mas, sozinho, não basta. Sr. Henderson, é preciso mais. Posso lhe mostrar uma coisa agora — uma coisa sem a qual o senhor nunca vai entender completamente meu propósito especial, tampouco meu ponto de vista. Pode vir comigo?”

“Para onde?”

“Não posso dizer. Terá que confiar em mim.”

“Bem, é claro. Ok. Acho...”

Meu consentimento era tudo o que ele estava esperando para se levantar, e Tatu, que estivera sentada junto à parede com sua boina militar cobrindo os olhos, levantou-se também.

16.

A porta daquele pequeno aposento se abria para uma longa galeria ladeada por tapumes de sapê. Tatu, a amazona, conduziu-nos para fora do quarto e depois nos seguiu. O rei logo ficou bem à minha frente enquanto percorríamos aquela sua galeria privada. Tentei alcançá-lo e a necessidade de andar mais rápido me fez sentir o quanto os cortes do dia anterior tinham estropiado meus pés. Assim, eu cambaleava e mancava, enquanto Tatu, em seu resolutivo passo militar, vinha atrás de mim. Ela fechara com tranca, do lado de fora, a porta do pequeno aposento para que ninguém pudesse nos seguir, e depois de atravessarmos toda a galeria, que tinha uns cinquenta passos de comprimento, removeu outra pesada tranca de madeira da porta que havia naquela ponta. A tranca devia pesar como chumbo, pois seus joelhos se dobraram, mas a velha mulher tinha uma constituição poderosa e ela conhecia seu trabalho. O rei atravessou e avistei uma escada descendente. Era bem larga, mas escura como breu. Um mau cheiro de coisa em decomposição emergia daquela escuridão, o que me fez sufocar um pouco. Mas o rei seguiu firme para dentro da escuridão malcheirosa e eu pensei: "O que seria bom aqui seria uma lanterna de mineiro ou uma gaiola de canários", tentando brincar para afastar os temores do meu coração. "Mas tudo bem", pensei, "se tenho que descer, eu desço. Um, dois, três, aqui vai o capitão Henderson". Como veem, num momento assim, apelo para a minha personalidade militar. Desse modo controlei minha ansiedade, basicamente fazendo minhas pernas seguirem em frente, e entrei na escuridão. "Rei?", chamei, já no escuro. Mas não houve resposta. Minha voz estava trêmula, eu mesmo percebi, e então captei o som de passos rápidos mais abaixo. Estiquei os dois braços, mas não achei nenhum corrimão ou parede. No entanto, pelo uso cauteloso dos pés, descobri que os degraus eram largos e planos. Toda a luz que vinha de cima foi

extinta quando Tatu bateu a porta. No momento seguinte ouvi o baque de uma pesada tranca sendo colocada no lugar. Agora eu não tinha alternativa senão seguir descendo ou sentar nos degraus e esperar que o rei voltasse até onde eu estava. Com esta última alternativa eu me arriscava a perder o respeito dele e tudo mais que havia conquistado no dia anterior ao vencer Mummah. Por isso prossegui, enquanto dizia a mim mesmo como era um homem raro e provavelmente grandioso aquele rei, como ele não devia ser menos do que um gênio, e como era espantosa sua beleza pessoal, como o zumbido que ele emitia lembrava aquela usina elétrica da rua 16 de Nova York numa noite quente, como éramos amigos, unidos por um acordo sincero; finalmente, como ele previra que a nobreza de espírito tinha um grande futuro. De todos os itens do catálogo, este último era o que tinha maior apelo junto a mim. Então tateei com meus pés machucados o caminho atrás dele e continuei dizendo a mim mesmo: "Tenha fé, Henderson, já é hora de você ter um pouco de fé". Logo entrou alguma luz e deu para ver o fim das escadas. A largura dos degraus se devia à natureza tosca da arquitetura do palácio. Eu estava agora no subsolo do edifício. A luz do dia entrava por uma estreita abertura acima de mim; aquela luz era originalmente amarela, mas se tornava cinzenta em contato com as pedras. Na abertura, duas barras de ferro estavam fincadas para evitar que até mesmo uma criança pudesse passar. Examinando minha situação, achei uma pequena passagem cortada no granito que descia para outro lanço de escada, também de pedra. Esses degraus eram mais estreitos e desciam a uma grande profundidade, e logo percebi que estavam quebrados, com grama e barro brotando das rachaduras. "Rei", chamei, "rei, ei, está aí embaixo, Alteza?"

Mas de baixo não vinha nada, a não ser lufadas de ar quente que balançavam as teias de aranha. "Qual é a pressa do sujeito?", pensei, e meu rosto se contraiu enquanto eu prosseguia escada abaixo. Em vez de ficar mais fresco, o ar parecia cada vez mais quente, a luz se derramava pelo espaço rochoso como um fluido cinza e amarelo, as superfícies da parede atuando como um filtro, pois a atmosfera se distribuía de modo tão uniforme quanto a água. Cheguei ao fundo, os últimos degraus eram de terra e as bases das

próprias paredes se misturavam com o barro. O que me fez lembrar da visão sarapintada do fim de tarde em Banyules-sur-Mer naquele aquário, onde vi aquela criatura, o polvo, pressionando a cabeça contra o vidro. Mas se lá eu tinha sentido frio, aqui sentia muito calor. Segui em frente, sentindo que minha roupa — o capacete, evidentemente, mas até mesmo as calças de seda verde do Rei da Chuva, que eram leves e finas — era excessiva, um verdadeiro estorvo. Aos poucos as paredes foram se tornando mais afastadas uma da outra e se abriram numa espécie de caverna. À esquerda o túnel levava à escuridão. Ali eu não tinha intenção alguma de entrar. Do outro lado erguia-se uma parede semicircular na qual havia uma grande porta com barras de madeira. Estava entreaberta e no batente eu vi a mão de Dahfu. Durante uns vinte segundos, foi só isso que vi dele, mas agora eu não precisava mais me perguntar para onde ele estava me levando. Um som baixo e rascante atrás da porta era autoexplicativo. Era o covil do leão. E pelo fato de a porta estar entreaberta achei aconselhável não me mexer. Fiquei imóvel onde estava, já que só havia o rei entre mim e o animal, do qual agora eu começava a ter alguns vislumbres. Não era essa a fera que ele tinha que capturar. Eu ainda não entendia exatamente quais eram as relações entre eles; percebi entretanto que ele próprio não hesitava nem um pouco em entrar no covil, mas tinha que preparar o animal para mim. Esperava que eu entrasse no covil com ele. Não havia dúvida quanto a isso. E agora, ao ouvir aquele som rascante, abafado e perigoso da criatura, eu me sentia como se estivesse montado a cavalo numa corda. Aparentemente ela passava entre os meus joelhos. Ordenei a mim mesmo que tivesse fé, mas, como bom soldado, tinha que pensar na minha linha de retirada, e quanto a isso a situação ali era bem ruim. Se eu subisse as escadas, encontraria no topo uma porta trancada. Não adiantaria bater ou gritar. Tatu nunca abriria, e eu podia me ver caçado ao longo de todo o caminho, e depois estendido no chão com o animal lavando a cara no meu sangue. Imaginava que o fígado iria primeiro, já que com os bichos de rapina é assim que acontece: eles comem imediatamente o órgão mais nutritivo e valioso. Minha outra rota de fuga consistia naquele túnel escuro, e este, na minha especulação,

levava provavelmente a outra porta fechada. Assim, fiquei plantado ali com aquelas tristes calças de seda verde por cima da bermuda suja de jóquei, tentando me sentir mais forte. Enquanto isso os rosnados e rugidos subiam e desciam e tomei consciência também da voz do rei; estava conversando com o animal, às vezes em língua wariri, às vezes em inglês, talvez pensando em mim, com o intuito de me tranquilizar. “Calma, calma, queridinha. Aqui, aqui, minha boneca.” Era portanto uma fêmea, com quem ele falava em voz baixa e regular, acalmando-a, e sem elevar o tom me disse: “Henderson-sungu, ela agora sabe que o senhor está aqui. Gradualmente o senhor deve se aproximar — pouco a pouco”.

“Será que devo mesmo, Alteza?”

Da porta, ergueu a mão em minha direção, e seus dedos se moveram, chamando. Avancei um passo e não posso negar que, sobre a minha consciência, baixou a sombra do gato que tentei baleiar embaixo da mesa dobrável. Dava para ver pouca coisa além do braço do rei. Continuava me chamando e passei a dar passos extremamente curtos com minhas botas de sola de borracha. Os rosnados do animal agora eram agudos como espinhos para mim, e manchas cegas do tamanho de moedas de dólar passeavam diante dos meus olhos. Entre essas interrupções opacas eu podia ver o corpo do animal a andar para lá e para cá diante da fresta da porta — a cara calma, assassina, os olhos claros e as patas pesadas. O rei estendeu a mão para trás e me tocou; agarrou meu braço com os dedos e me puxou para o seu lado. Agora me mantinha seguro em seu braço. “Rei, por que precisa de mim aqui?”, perguntei num sussurro. A leoa então, ao se virar, trombou comigo, e quando a senti soltei um suspiro.

O rei disse: “Não faça nenhum gesto”, e começou a falar de novo com a leoa. “Oh, minha querida, minha boneca, este é Henderson”. Ela se esfregou nele de tal modo que senti a pressão do seu peso por intermédio do corpo dele. Sua altura batia bem acima dos nossos quadris. Quando ele a tocou, sua boca se arreganhou de tal maneira que a raiz de cada fio de bigode revelou-se preta. Então ela se afastou, deu a volta por trás de nós, se aproximou de novo e aí começou a me examinar. Senti seu focinho tocar primeiro minhas

axilas, em seguida entre as pernas, o que naturalmente fez meu membro murchar e se refugiar no abrigo da minha pança. Agarrando meu braço e me mantendo em pé, o rei ainda conversava com ela em voz suave e tranquilizadora, enquanto o bafo da leoa soprava a seda verde das calças do sungo. Meus dentes, incluindo a ponte quebrada, mordiam as bochechas por dentro, enquanto meus olhos se fechavam lentamente e meu rosto se tornava, conforme eu percebia muito bem, uma enorme massa de resignação diante do destino. De sofrimento. (Eis tudo o que resta de uma determinada vida — pode levá-la!, era o que estava subentendido na minha expressão.) Mas a leoa afastou a cabeça das minhas virilhas e começou de novo a andar de um lado para outro, enquanto o rei me confortava dizendo: “Tudo bem, Henderson-sungo. Ela vai aceitá-lo facilmente”.

“Como sabe disso?”, perguntei, com a garganta seca.

“Como é que eu sei!” Falava com um certo tom de confiança. “Como é que *eu* sei?” Deu uma risada discreta, dizendo: “Ora, porque eu a conheço — esta é a Atti”.

“Ótimo. Pode parecer óbvio para o senhor”, disse eu, “mas para mim...” Minhas palavras pararam aí, porque ela estava vindo e vi de relance os seus olhos. Eram tão grandes, tão claros, verdadeiros círculos de ira. Então ela passou por mim, esfregando-se do lado do corpo de Dahfu; sua barriga balançava suavemente, e então ela se virou de novo e enfiou a cabeça embaixo da mão dele, recebendo uma carícia. Foi de novo até o outro lado do covil, aquele cômodo amplo, de paredes de pedra, que filtrava a luz cinza e amarela. Voltou a caminhar ao longo das paredes, e quando rosnava as pintas na base dos seus bigodes se mostravam escuras e aveludadas. Com voz jovial, brincalhona, nasalada, africana, musical, o rei a chamava: “Atti, Atti”. Então me disse: “Ela não é a coisa mais linda?”. E me instruiu: “Fique imóvel, sr. Henderson-sungo”.

Falei, num sussurro feroz: “Não, não, não se mova”, mas ele não me deu atenção. “Rei, pelo amor de Deus”, disse eu. Ele tentou indicar que eu não devia me preocupar, mas estava tão entretido com sua leoa, me mostrando como eram boas as relações entre eles, que seu passo, ao afastar-se de mim, foi como os saltos que

tinha dado na arena no dia anterior, ao arremessar a caveira. Sim, a exemplo do que fizera no dia anterior, ele passou a dançar e pular, em seus chinelos brancos bordados de ouro, com suas pernas poderosas. Havia algo de muito orgulhoso e aparentemente feliz naquelas pernas metidas em calças limpas e justas. Mesmo em meio ao mais intenso pavor, passou pela minha cabeça que um homem com pernas assim devia ser feliz. Eu preferia que ele não abusasse da sorte, porém, e tampouco que demonstrasse seu relacionamento com ela daquele jeito, uma vez que confiança demais pode muitas vezes ser o prelúdio de um desastre, se é que a minha experiência vale alguma coisa. A leoa ainda pateava perto dele, mantendo a cabeça sob seus dedos. Levou-a para o outro lado do covil, onde uma plataforma ou banco de madeira se erguia contra a parede, sobre suportes maciços. Ali ele se sentou, colocando a cabeça do animal sobre os joelhos, coçando e acariciando, enquanto ela fingia lhe dar uns tapas. Sentada sobre os quadris, golpeava com as patas. Vi as costas dela se moverem quando ele acariciava suas orelhas, que eram pequenas e redondas. Não me movi um centímetro da posição em que tinha sido deixado, nem mesmo para ajeitar o capacete quando ele começou a afundar até as sobranceiras por causa do franzir de testa que resultava da intensidade da minha concentração. Não, eu permaneci ali, meio surdo, meio cego, com a garganta se apertando e todos os esfíncteres travados. Enquanto isso o rei tinha adotado uma daquelas suas posturas descontraídas, e descansava apoiado nos cotovelos. Tinha em si um jeito assim relaxado, e em cada momento de sua vida terrena uma aura extra de esplendor o acompanhava — sinal de um intenso dom de simplesmente ser. Ati ergueu-se com as patas dianteiras sobre o estrado e lambeu o osso esterno do rei; sua língua roçava e se comprimia contra a pele dele, e ele tomou uma das patas e brincou com ela. Diante disso me senti tão sufocado que quase desmaiei, e não sei se a razão disso era temor pelo rei ou alguma outra coisa. Não sei mesmo — arrebatamento, talvez. Admiração. Ele se estendeu de comprido naquele tablado, e o verbo deitar só tem sentido pleno quando aplicado ao gesto daquele rei. Era uma obra de arte no seu caso, e talvez ele não estivesse brincando quando

disse que preservava suas forças ao se deitar, uma vez que aquilo de fato parecia lhe acrescentar vitalidade. Emitindo um som suave, profundo e rascante, o animal se apoiou nas grandes patas traseiras, escondendo as garras, e saltou para o lado dele. Sobre o estrado ela passou a andar de um lado para outro, lançando olhares de relance para mim, como se o estivesse protegendo. Quando ela me olhava era com aquele olhar claro e redondo que saía de um vasto substrato de severidade natural. Não havia uma ameaça direta naquilo, não era nada pessoal; mesmo assim, fazia o meu cabelo, embora contido pelo capacete, ficar todo em pé. Eu seguia alimentando o obscuro temor de que o crime que eu planejara contra o mundo felino pudesse de algum modo ser conhecido ali. Também estava ansioso quanto à hora que viria romper o sono do espírito. Talvez tivesse compreendido mal a natureza da coisa. Como poderia saber que ela não significaria para mim a hora do juízo?

No entanto, não havia alternativas práticas no momento. Eu não podia fazer outra coisa senão esperar ali de pé. Foi o que fiz. Por fim o rei estendeu a mão por trás da leoa, que àquela altura caminhava para lá e para cá sobre o corpo dele. Apontou para a porta, dizendo: "Por favor, feche-a, sr. Henderson". E acrescentou: "Portas abertas a deixam muito inquieta".

Então perguntei: "Tudo bem eu me mover?". Foi um som muito alquebrado que saiu da minha garganta.

"Bem devagar", disse ele, "mas não se preocupe, pois ela faz precisamente o que eu mando."

Fui pé ante pé até a porta, caminhando de costas, e quando a alcancei, em marcha muito lenta, tive vontade de cruzá-la e me sentar do lado de fora. Mas em hipótese alguma, acontecesse o que acontecesse, eu poderia me dar ao luxo de enfraquecer minha conexão com o rei. Por isso me encostei na porta e a fechei com meu peso, suspirando por dentro ao apoiar meu corpo nela. Estava despedaçado. Não podia aguentar uma crise depois da outra, daquele jeito.

"Agora avance, Henderson-sungo", disse ele. "Até agora está tudo ótimo. Só um pouco mais depressa, sem ser abrupto. Chegar mais

perto é melhor para o senhor. Os leões enxergam longe. Os olhos dela são feitos para ver à distância. Chegue mais perto.”

Fui me aproximando, praguejando em silêncio contra ele e sua leoa, tremendo ao observar a ponta da cauda dela balançar de um lado para o outro com a regularidade de um metrônomo. No meio do caminho eu já não tinha mais do que uma pedra como suporte neste mundo de Deus.

“Mais, mais. Mais perto”, disse ele, fazendo um gesto com dois dedos. “Ela vai se acostumar com o senhor.”

“Se eu não morrer antes”, disse eu.

“Oh, não, Henderson, ela vai exercer seu fascínio sobre o senhor como tem exercido sobre mim.”

Quando fiquei ao seu alcance, ele me puxou para si, afastando ao mesmo tempo a cabeça do animal com a mão esquerda. Com grande dificuldade trepei no estrado e me postei ao lado dele. Então enxuguei o rosto. Sem necessidade, pois devido à febre ele estava inteiramente seco. Atti caminhou até o fim do estrado, fez um giro e voltou. O rei a afastou da minha nuca, que se arrepiou como um ouriço do mar quando ela se aproximou. Ela farejou as minhas costas. O rei sorria, achando que estávamos indo maravilhosamente bem. Chorei um pouco. Então ela se afastou e o rei disse: “Não fique assim tão perturbado, Henderson-sungo”.

“Oh, Alteza, não posso evitar. É o que sinto. Não é só o fato de estar apavorado com ela, e eu estou mesmo, mas não é só isso. É a opulência da mistura. E o que não consigo entender é por que, tendo sido assaltado pelo medo tantas vezes na vida, ainda não sou capaz de suportá-lo.” E continuei soluçando, mas não muito alto, pois não queria provocar coisa alguma.

“Tente, em vez disso, apreciar a beleza deste animal”, disse ele. “Não pense que estou tentando submetê-lo a uma provação pela provação. Acha que é um teste de coragem? Uma lavagem cerebral? Palavra de honra, não é nada disso. Eu não o meteria numa situação como esta se não estivesse seguro do meu controle sobre ela. Seria um verdadeiro escândalo.” Mantinha a mão com o anel de granada pousado no pescoço da fera, e disse: “Se permanecer onde está, vou lhe proporcionar a mais completa segurança”.

Saltou do estrado, e a brusquidão do gesto me causou um choque desagradável. Senti uma onda de terror subir pelo meu peito. A leoa saltou logo depois dele e os dois caminharam juntos para o centro do covil. Ele parou e lhe deu uma ordem. Ela se sentou. Ele falou de novo e ela se estendeu de costas, abrindo a boca, e então ele se agachou e enfiou o braço entre as mandíbulas do bicho, descendo ao encontro dos lábios franzidos, enquanto ela se espreguiçava fazendo sua cauda descrever um grande arco na pedra, varrendo-a com enorme força. Depois de recolher o braço ele a fez ficar de novo em pé, e então se arrastou por baixo dela e pôs as pernas em torno de suas costas; os pés calçados de chinelos brancos se cruzaram nas ancas da leoa, e seus braços em volta do pescoço. Cara a cara, ela o carregou para cima e para baixo enquanto ele lhe dizia coisas. Ela rosnou, mas aparentemente não para ele. Juntos, andaram por todo o covil e voltaram ao estrado, onde ela ficou emitindo seu leve som rascante e arreganhando os dentes. Pendurado com suas calças púrpura, ele olhava para mim. Até então eu achava que tinha visto toda a estranheza do mundo. Evidentemente não tinha visto coisa alguma! Vendo-o pendurado nela, sorrindo para mim de cabeça para baixo com seus lábios intumescidos, percebi que nunca tivera nem ideia do que era a estranheza. Irmão, aquilo era o que se pode chamar de maestria — de gênio, se preferir. A própria fera estava ciente disso. No seu plano especificamente animal estava claro, sem necessidade alguma de interpretação, que ela amava o sujeito. Amava! Com amor animal. Eu também o amava. Quem não amaria?

Falei: “Isso supera tudo o que já vi na vida”.

Desceu do animal e o empurrou de lado com o joelho, em seguida saltou de novo para o estrado. No mesmo momento Atti também voltou para o estrado, fazendo-o balançar.

“Então agora o senhor tem uma opinião diferente, sr. Henderson?”

“Sim, rei. Mais diferente impossível.”

“No entanto, como percebo, continua com medo.”

Tentei dizer que não estava, mas meu rosto começou a se contrair e não consegui pôr as palavras para fora. Então comecei a tossir, com a mão fechada diante da boca, e os olhos lacrimejaram. Por fim, disse: “É um reflexo”.

O animal passava devagar e o rei não resistiu: agarrou meu pulso e pressionou minha mão contra o seu flanco. Lentamente o pelo da leoa passou pelas pontas dos meus dedos, e minhas unhas se transformaram em cinco círios ardentes. Os ossos da mão ficaram incandescentes. Depois disso um choque medonho subiu pelo meu braço até o peito.

“Agora que a tocou, o que pensa?”

“O que eu penso?” Tentei manter o lábio inferior sob controle prendendo-o com os dentes. “Oh, Majestade, por favor. Não tudo num único dia. Estou fazendo o melhor que posso.”

Ele admitiu: “É verdade que estou buscando um progresso muito rápido. Mas quero vencer suas dificuldades preliminares no mais breve tempo”.

Cheirei meus dedos, que tinham ficado com o odor peculiar da leoa. “Ouça”, falei, “eu mesmo sofro muito de impaciência. Mas devo dizer que há um limite para o que consigo suportar de cada vez. Ainda tenho no rosto os ferimentos de ontem, e temo que ela sinta o cheiro de sangue fresco. Pelo que sei, ninguém consegue controlar esses animais quando sentem esse cheiro.”

Aquele homem admirável riu e me disse: “Oh, Henderson-sungo, o senhor é uma joia rara”. (*Isso eu nunca pensara de mim mesmo.*) “É mesmo alguém precioso para mim, e sabe de uma coisa, não é muita gente que põe a mão em leões.”

“Eu poderia passar muito bem sem isso”, era a resposta que eu poderia ter dado. Mas, como ele tinha os leões em tão alta conta, guardei-a comigo. Limitei-me a murmurar.

“E como o senhor está com medo! Francamente! No mais alto grau. Estou encantado mesmo com isso. Nunca vi uma manifestação de temor assim. Me deu até a impressão de prazer ansioso. Sabia que muitas pessoas fortes apreciam ao extremo essa mistura de medo e satisfação? Acho que o senhor deve ser desse tipo. Além do mais, adoro quando suas sobranceiras se movem. São de fato extraordinárias. Seu queixo fica parecendo um caroço de pêssego, o senhor adquire a coloração de alguém estrangulado, o rosto fica túrgido, a boca se escancara. E quando chorou! Adorei quando o senhor começou a chorar.”

Eu sabia que isso não era propriamente pessoal, mas brotava do seu interesse médico ou científico naquele tipo de manifestação. “O que acontece com seu lábio inferior?”, perguntou, ainda interessado no meu queixo. “Como o senhor adquire tantas rugas na pele?” (Isto era extremamente revelador para mim.) Ele era tão superior a mim, me subjugava tanto com a sua presença, com a aura extra ou o brilho difuso que emitia, e com o fato de montar numa leoa, que o deixei dizer tudo sem contestação. Depois de fazer vários comentários espantosos sobre meu nariz, minha pança e os contornos dos meus joelhos, o rei me disse: “Atti e eu nos influenciámos mutuamente. Desejo que o senhor participe disso”.

“Eu?” Não sabia do que ele estava falando.

“O senhor não deve pensar que, pelo fato de fazer observações sobre sua constituição, não reconheço o quanto é notável em outros aspectos.”

“Está querendo dizer, Alteza, que tem planos para mim com este animal?”

“Sim, e vou explicá-los.”

“Bem, acho que é bom eu agir com cautela”, falei. “Não sei quanta pressão meu coração é capaz de suportar. Como meus desmaios indicam, não é muito o que eu aguento. Além do mais, como o senhor acha que ela se comportaria se eu desabasse?”

Então ele disse: “Para um primeiro dia, talvez o senhor tenha sido exposto demais a Atti”. Desceu do estrado novamente, e o animal o seguiu. Havia uma pesada porta gradeada suspensa por uma corda que passava por uma roldana situada a mais de cinco metros de altura, por meio da qual o rei deixava a leoa ir do covil a um compartimento separado. Nunca vi um membro da espécie dos felinos passar por uma porta sem ser de livre e espontânea vontade, e ela não era exceção. Ameaçava ir e recuava enquanto o rei se pendurava na corda pela qual a cancela se erguia. Ao vê-la hesitar junto à abertura tive vontade de sugerir que ele devia lhe dar um chute no traseiro para ajudá-la em sua decisão, já que obviamente ele era seu amo, mas naquelas circunstâncias eu já não tinha tanta certeza. Por fim, naquele passo leve e curto, tão espontâneo, tão deliberado, tão vigilante, ela entrou no compartimento contíguo.

Soltando a corda, o rei deixou a grande porta descer. Ela bateu ruidosamente na pedra e ele voltou para o meu lado no estrado com uma expressão de grande prazer. Em paz. Deitou-se de costas e suas pálpebras, riscadas por grandes veias, fecharam-se por um momento e ele respirou calmamente, descansando. Sentado junto a ele em minhas calças bárbaras, com a bermuda de jóquei visível por baixo delas, eu tinha a impressão de que algo mais do que as tábuas do estrado o sustentava. Fosse como fosse, fiquei sentado esperando que ele completasse o seu repouso. Mais uma vez passou pela minha cabeça aquela velha profecia que Daniel fez a Nabucodonosor. *Expulsar-te-ão do meio dos homens, a tua moradia será com os animais e as feras.* O cheiro da leoa ainda estava muito forte nos meus dedos. Aspirei-o repetidas vezes e voltaram a minha mente as rãs dos Arnewi, o gado que eles veneravam, o gato dos inquilinos que tentei matar, sem falar nos porcos que eu tinha criado. Sem dúvida, aquela profecia tinha uma relevância especial para mim, significando talvez que eu não era inteiramente talhado para a convivência humana.

O rei, tendo completado um breve descanso, estava de novo pronto para falar.

“Agora então, sr. Henderson”, começou a dizer, com seu jeito exótico e seu acento peculiar.

“Bem, rei, o senhor ia me explicar por que seria desejável que eu me relacionasse com essa leoa. Por enquanto não faço ideia. Oh, estou tão confuso!”

“Vou tornar bem clara a questão”, disse ele, “para isso antes de tudo devo lhe contar algumas coisas sobre os leões. Há um ano, ou mais, capturei Atti. Há um modo tradicional entre os Wariri de conseguir um leão quando você precisa dele. Batedores vão na frente e o animal é atraído para o que chamamos de hopo, que é uma coisa muito grande, abarcando muitos quilômetros mata adentro. Os animais são atizados por sons de tambores e trombetas e impelidos a passar pela entrada mais larga e ir em direção à mais estreita. Nessa passagem estreita está a armadilha, e eu como rei sou obrigado a fazer pessoalmente a captura. Foi assim que Atti foi apresada. Devo lhe dizer que qualquer leão, com exceção de meu

pai, Gmilo, é proibido e ilícito. Atti foi trazida aqui sob um clima de forte desaprovação e oposição, causando grande ansiedade e sectarismo. Especialmente por parte do bunam.”

“Me diga uma coisa, o que acontece com esses caras?”, perguntei. “Eles não merecem um rei como o senhor. Com uma personalidade como a sua, o senhor poderia governar um grande país.”

O rei ficou contente, acho, ao ouvir isso de mim. “Não obstante”, disse, “há um conflito considerável com o bunam, meu tio Horko e outros, sem falar da rainha mãe e de algumas das esposas. Pois, sr. Henderson, há um único leão tolerável, que é o rei morto. Acredita-se que os restantes sejam danosos e malignos. Está vendo? A principal razão para o rei morto ser recapturado por seu sucessor é que ele não pode ser deixado na mata com tais malfeitores. Dizem que as feiticeiras dos Wariri mantêm relações ilícitas com leões maus. Mesmo algumas crianças que supostamente seriam frutos dessas relações são tidas como perigosas. Se um homem puder provar que sua esposa o traiu com um leão, ele exigirá uma punição extrema.”

“Isso é muito esquisito”, disse eu.

“Resumindo”, prosseguiu o rei, “sou alvo de dupla crítica. Primeiro, por não ter ainda conseguido capturar Gmilo, meu pai-leão. Segundo, dizem que, pelo fato de manter Atti, não se pode esperar de mim nada de bom. Apesar de toda a oposição, porém, estou determinado a mantê-la comigo.”

“O que é que eles querem?”, perguntei. “Que o senhor abdique, como o duque de Windsor?”

Respondeu com uma risada branda e então disse, na quietude sólida do covil — com o ar amarelo-cinza pesando sobre nós, ficando aos poucos mais profundo e escuro: “Não tenho intenção alguma de fazer isso”.

“Bem”, disse eu, “se o senhor está firme quanto a isso, entendo perfeitamente.”

“Henderson-sungu”, disse ele, “vejo que preciso lhe contar mais a respeito disso. Desde muito jovem o rei traz seu sucessor aqui. Por isso, eu costumava visitar meu leão-avô. Seu nome era Suffo. Por isso também, desde a primeira infância me familiarizei e criei

intimidade com leões, e o mundo não me ofereceu nenhum substituto. E eu sentia tanta falta da conexão com os leões que, quando Gmilo, meu pai, morreu e me deram na escola a trágica notícia, apesar do meu amor pelo curso de medicina eu não me senti cem por cento relutante em abandoná-lo. Vou mais longe e afirmo que eu estava enfraquecido pela contínua falta daquele relacionamento, e vim para casa para ser revitalizado. Naturalmente, seria uma grande sorte capturar Gmilo na primeira tentativa. Mas se, em vez disso, capturei Atti, não posso abrir mão dela.”

Apanhei uma dobra das minhas calças espalhafatosas para enxugar o rosto, que entretanto, por causa da febre, estava agourentamente seco. Naquele momento eu deveria estar suando em bicas.

“E no entanto”, disse ele, “Gmilo deve ser apresado. Vou capturá-lo.”

“Desejo-lhe toda sorte do mundo.”

Então ele me pegou com força pelo pulso e disse: “Não o censuro, sr. Henderson, por preferir que isto fosse uma ilusão ou alucinação. Mas de minha parte, já que propôs uma relação de sinceridade recíproca, peço-lhe que seja paciente e aguente firme”.

Um punhado de comprimidos de sulfa me faria muito bem, pensei.

“Oh, sr. Henderson-sungo”, disse ele, depois de um longo instante de meditação, mantendo sua insólita pressão sobre meu pulso — raramente havia alguma aspereza nas coisas que ele fazia. “Sim, eu poderia facilmente compreender isso: ilusão, imaginação, sonho. No entanto, isto não é sonho nem sono, mas despertar. Ha, ha! Os homens de apetite mais irresistível sempre foram os que mais duvidam da realidade. São aqueles que não suportam que esperanças se convertam em desgraça, e o amor em ódio, mortes e silêncio, e assim por diante. A mente tem direito a suas dúvidas racionais, e a cada breve vida ela desperta, vê e compreende aquilo que tantas outras mentes de vida igualmente breve deixaram atrás de si. É natural recusar a crença de que tantas vidas breves possam ter tornado tão gloriosa uma coisa grande. De que as criaturas humanas, por meio do raciocínio, devam estar *corretas*. É isso que faz a gente perder o fôlego. Sim, sungo, essa mesma criatura

temporária, o homem, é um mestre da imaginação. E agora mesmo essa posse muito valiosa parece fazê-lo morrer em vez de viver. Por quê? É um fato espantoso. Oh, que quadro desalentador, Henderson”, disse ele. “Para chegar ao desfecho, não duvide de mim, Dahfu, amigo de Itelo, seu amigo. Pois estamos unidos como amigos e o senhor deve me dar sua confiança.”

“De minha parte tudo bem, Sua Alteza Real”, disse eu. “Isso me convém perfeitamente. Ainda não compreendo bem aonde quer chegar, mas estou disposto a seguir deixando o julgamento em suspenso. E não se preocupe muito com a possibilidade de alucinação. Examinando bem a questão, pouca gente já se aferrou tanto quanto eu à vida real, nas circunstâncias mais adversas. É minha lealdade mais básica. De tempos em tempos eu perco a cabeça, mas sempre retorno, e Deus sabe que não tem sido fácil. Mas adoro a coisa. Grun-tu-molani!”

“Sim”, disse ele, “sem dúvida. É uma atitude que eu apoio. Grun-tu-molani. Mas sob que forma e aspecto? Agora, sr. Henderson, estou convencido de que é um homem de imaginação ampla e vasta, e que também precisa... Sobretudo *precisa*.”

“Está na pista certa ao dizer que *preciso*”, falei. “A forma que isso assume é: *Eu quero, eu quero*.”

Espantado, perguntou: “Ora, como assim?”

“Há alguma coisa em mim que não para”, respondi. “Houve épocas em que quase não me deixava em paz.”

Isso o aturdiu ao extremo, por assim dizer, e ele se sentou em perfeita imobilidade, com as mãos pousadas nas coxas largas, o rosto olhando para mim com sua boca protuberante e seu nariz largo, elegante, de narinas abertas.

“E o senhor ouve isso?”

“Costumava ouvir praticamente o tempo todo.”

Ele disse em voz baixa: “De que se trata? Reclamação de direito inato? Que estranho! É uma manifestação muito impressionante. Não me lembro da descrição de outro caso assim. Nunca disse o que é que deseja?”

“Não”, respondi, “nunca. Não fui capaz de fazer a voz dar nome às coisas.”

“É tão extraordinário”, disse ele, “e ao mesmo tempo terrivelmente doloroso, não? Mas vai persistir enquanto o senhor não der uma resposta, suponho. Fico comovido ao ouvir isso. E seja o que for, a fome da coisa deve ser enorme. Lembra também uma condenação a uma longa pena de prisão. Mas o senhor diz que ela não declara o que quer? Nem dá indicações específicas, seja para viver ou para morrer?”

“Bem, andei ameaçando o suicídio umas tantas vezes, Alteza. De quando em quando alguma coisa me invade e eu me debato contra o mundo e atormento minha esposa dizendo que vou estourar meus miolos. Não, nunca consegui fazer com que a voz dissesse o que quer, e até agora só consegui lhe fornecer o que ela não quer.”

“Oh, morrer daquilo que não queremos é a *causa mortis* mais comum de todas. Bem, é um fenômeno notável, não é mesmo, Henderson? Agora estou em condições muito melhores de interpretar por que o senhor teve êxito com Mummah. Unicamente com base nesse desejo aprisionado.”

Gritei: “Oh, agora pode ver, Alteza? De verdade? Fico tão agradecido, o senhor não faz ideia. Ora, mal posso enxergar direito”. E isso era um fato. Um espírito de amor e gratidão estava se movendo, pressionando e espremendo de modo insuportável dentro de mim. “Quer saber o que essa experiência significa para mim? Por que falar de seu caráter estranho ou ilusório? Eu sei que não se trata de ilusão quando posso desabafar e lhe dizer o que tem sido ouvir esse *Eu quero, eu quero* que continua sem parar. Tendo isso para me amparar, não preciso me preocupar com alucinações. Tenho a íntima convicção de que o que me abala tanto é a coisa verdadeira, pura. Antes de sair de casa, li numa revista que existem flores no deserto (no Grande Deserto Americano) que florescem uma vez a cada quarenta ou cinquenta anos. Depende do volume de chuva. Mas, de acordo com o artigo, se a gente pegar as sementes e colocar num balde de água, elas não germinam. Não senhor, Alteza, encharcá-las de água não adianta nada. Tem que ser a chuva que atravessa o solo. Tem que banhá-las durante um certo número de dias. E então, pela primeira vez em cinquenta ou sessenta anos veem-se lírios, esporas e flores do tipo. Rosas. Pêssegos silvestres.”

Eu estava muito engasgado no final da fala, e disse roucamente: “A revista era a *Scientific American*. Acho que lhe contei, Alteza, minha mulher é assinante. Lily. Ela tem uma animada e curiosa men...”. Mente era o que eu pretendia dizer. Falar de Lily também me deixou extremamente comovido.

“Eu o compreendo, Henderson”, disse ele, com gravidade. “Bem, temos um certo entendimento mútuo.”

“Obrigado, rei”, falei. “Tem razão, estamos começando a chegar a algum lugar.”

“Por um tempo lhe peço que retenha os agradecimentos. Primeiro preciso lhe pedir que ouça com paciência minhas confidências. E mais: desde o início, peço-lhe que acredite que, ao deixar o mundo e retornar aos meus Wariri, meu propósito não era de retirada ou isolamento.”

Eu poderia também dizer, a esta altura, que ele dispunha de uma intuição afiada com relação aos leões; à mente humana; à imaginação, à inteligência e ao futuro da raça humana. Porque, vejam, a inteligência agora está livre (dizia ele), e pode partir de qualquer lugar e ir a qualquer parte. E é possível que ele tenha perdido o juízo e que estivesse arrebatado por suas ideias. Isso porque ele não era um mero sonhador, mas um daqueles fazedores de sonhos, um sujeito com um programa. E quando digo que perdeu o juízo, não quero dizer apenas que sua capacidade de discernimento o abandonou, mas que seus entusiasmos e visões o arrastavam para bem longe.

17.

O rei tinha dito que apreciava minha visita pela oportunidade de conversar que ela lhe proporcionava, e isso era verdade. Conversamos, conversamos, conversamos, e não vou fazer de conta que o compreendi inteiramente. Só posso dizer que suspendi o julgamento, escutando com atenção e tendo sempre em mente seu alerta de que a verdade talvez viesse sob formas para as quais eu não estava preparado.

Então vou lhes dar um resumo grosseiro de seu ponto de vista. Ele tinha uma espécie de convicção a respeito da conexão entre o interno e o externo, especialmente no tocante aos seres humanos. E, por ter sido um estudante dedicado e um grande leitor, desempenhara o cargo de zelador na biblioteca de sua escola na Síria, onde permanecia, depois do fechamento, enchendo a cabeça com literatura heterodoxa. Citou como exemplo "James, *Psicologia*, um livro muito atraente". Construiu sua formação por meio de um monte de livros assim. E o que o arrebatava era a crença na transformação do material humano, a ideia de que a gente pode operar de duas maneiras, indo da superfície para o cerne, ou do cerne para a superfície; a carne influenciando o espírito, o espírito influenciando a carne, daí de volta ao espírito, deste de volta à carne. O processo, tal como ele o via, era completamente dinâmico. Pensando na maneira como eu mesmo percebia a carne e o espírito, perguntei: "O senhor está mesmo convencido de que é assim, Alteza?".

Convencido? Estava mais do que convencido. Estava triunfantemente convencido. Ele me lembrava muito Lily em suas convicções. Ambos se exaltavam quando acreditavam numa coisa e tinham a tendência a fazer afirmações curiosas. Dahfu também gostava de falar sobre o pai. Contou, por exemplo, que seu falecido pai Gmilo tinha sido um tipo leonino em todos os aspectos, menos a

barba e a juba. Era modesto demais para apontar em si mesmo uma semelhança com os leões, mas eu a enxergava. Já a tinha percebido quando ele estava na arena saltando e girando no ar as caveiras pelas fitas. Ele começou com a observação elementar, que muita gente já havia feito, de que os povos da montanha são como a montanha e os povos da planície são como a planície, os das águas como as águas, os do gado ("Sim, os Arnewi, seus amigos, sungo") como gado. "É uma ideia um pouco à maneira de Montesquieu", disse, e passou a ilustrá-la com inúmeros exemplos. Eram coisas que milhões de pessoas tinham notado em sua experiência de vida: pessoas ligadas a cavalos tinham rompantes, dentes grandes, veias largas, riso grosseiro; os cães e seus donos ficavam parecidos uns com os outros; maridos e esposas adquiriam uma estranha semelhança. Sentado de cócoras com aquelas calças de seda verde, eu pensava: "E os porcos...?". Mas o rei estava dizendo: "A natureza é uma profunda imitadora. E o homem, sendo o príncipe dos organismos, é o mestre das adaptações. É o artista da persuasão. É, ele próprio, sua principal obra de arte, trabalhando na carne, no corpo. Que milagre! Que triunfo! E também: que desastre! Quantas lágrimas a derramar!".

"Sim, se o senhor está certo, é triste ao extremo", disse eu.

"Escombros de fracasso preenchem o caixão e a tumba", disse ele, "o pó volta ao pó, e no entanto uma corrente vital continua fluindo. Há uma evolução. Devemos pensar nisso."

Em resumo, ele tinha toda uma explicação científica sobre o modo como as pessoas eram moldadas. Para ele não era suficiente a possibilidade de haver desarranjos do corpo que tinham origem no cérebro. *Tudo* tinha origem ali. "Embora eu não deseje amesquinhar a dimensão da nossa discussão", disse ele, "posso dizer como exemplo que a espinha no nariz de uma senhora talvez seja ideia dela mesma, executada por uma distorção do comando solene da sua psique; mais que isso, o próprio nariz, ainda que em parte seja hereditário, é em parte ideia dela própria também."

Àquela altura eu sentia minha cabeça leve como uma cesta de vime, e disse: "Uma espinha?".

“Quero dizer, como um sinal de desejos profundos que afloram na superfície”, disse ele. “Mas se está inclinado a julgar, não! Nenhuma censura tem resultado. Estamos tão longe de ser livres como de ser senhores. Mas, de todo modo, a coisa é executada a partir de dentro. A doença é um discurso da psique. É uma metáfora admissível. Dizemos que as flores têm a linguagem do amor. Os lírios, a da pureza. As rosas, a da paixão. As margaridas não falam. Haha! Li isso bordado numa almofada. Mas é sério: a psique é poliglota, pois, se traduz o medo em sintomas, também traduz a esperança. Há rostos inteiros de esperança, pés de respeito, mãos de justiça, sobrancelhas de serenidade e assim por diante.” Estava satisfeito com a reação que lia em meu rosto, que devia ser de espanto. “Oh?”, exclamou. “Estou chocando o senhor?” Ele adorava aquilo.

No curso da conversa eu lhe disse: “Admito que essa sua ideia me atinge em cheio — serei responsável pela minha própria aparência? Admito que não tem sido fácil lidar com o homem que sou do lado de fora. Fisicamente, sou um quebra-cabeça para mim mesmo”.

Ele disse: “O espírito de uma pessoa, num certo sentido, é o autor do seu corpo. Nunca vi um rosto, um nariz, como o seu. Para mim, só esse traço, do ponto de vista de uma tradução do espírito, é uma descoberta total”.

“Ora, rei”, falei, “essa é a pior notícia que já recebi, com exceção de morte na família. Por que eu seria mais responsável do que uma árvore, por exemplo? Se eu fosse um salgueiro, o senhor não diria essas coisas a meu respeito.”

“Oh”, disse ele, “o senhor é duro demais consigo mesmo.” E prosseguiu em sua explanação, citando todo tipo de evidência médica e de investigações sobre o cérebro. Contou-me, repetidas vezes, que o córtex não apenas recebia impressões das extremidades e dos sentidos, como também mandava de volta ordens e diretrizes. O modo como a coisa funcionava de verdade, e quais ventrículos regulavam quais funções, como a temperatura e os hormônios, eu não conseguia entender com clareza. Ele seguia falando sobre funções vegetais, ou algo parecido, e a cada duas frases eu me perdia.

Por fim despejou sobre mim uma pilha de livros e tive que levá-los ao meu aposento e prometer que os estudaria. Eram livros e jornais que ele trouxera da escola consigo. “Como?”, perguntei. E ele explicou que, em sua volta, passara por Malindi e comprara ali uma mula. Não tinha comprado mais nada, nem roupas (para que precisaria delas?) nem outros pertences, exceto um estetoscópio e um aparelho de medir pressão. Pois era de fato um estudante de terceiro ano de medicina quando foi chamado de volta a sua tribo. “Era para lá que eu devia ter ido logo depois da guerra — para a escola de medicina”, falei, “em vez de ficar me dispersando por aí. Acha que eu daria um bom médico?” Respondeu com um “Oh?” — não via por que não. Primeiro exibiu uma certa dose de reserva. Mas depois que o convenci de minha sinceridade, deu a impressão de ver realmente um futuro para mim. Deu a entender que, embora eu talvez viesse a fazer minha residência médica na idade em que outros homens estavam se aposentando da vida ativa, isso era problema deles, não de E. H. Henderson. Eu tinha movido Mummah. Não nos esqueçamos disso. Claro que uma torre podia desabar sobre mim e me esmagar, mas, à parte causas imprevisíveis como essa, eu estava constituído de modo a viver noventa anos. Assim, o rei acabou por ter uma visão séria da minha ambição, e geralmente dizia, com grande sobriedade: “Sim, é uma perspectiva muito admirável”. Havia outro assunto que ele tratava com gravidade semelhante, que era o das minhas obrigações na condição de Rei da Chuva. Quando tentei fazer uma brincadeira a respeito ele me cortou e disse: “É bom que se lembre, Henderson, de que é o sungo”.

Então segui meu programa, com exceção de um ponto: a cada manhã as duas amazonas, Tamba e Bebu, cuidavam de mim e me ofereciam um joxi, ou massagem feita com os pés. Sem jamais deixar de manifestar surpresa e desapontamento diante da minha recusa, elas próprias adotavam o tratamento, administrando-o uma à outra. A cada manhã também eu tinha uma conversa com Romilayu e tentava tranquilizá-lo quanto a minha conduta. Acho que ele estava preocupado e desconcertado com o fato de eu estar tão íntimo, *frère et cochon*, do rei. Mas eu vivia lhe dizendo: “Romilayu, você precisa entender. Esse é um rei muito especial”. Porém, pelo

estado em que me via, ele se dava conta de que havia mais do que conversa acontecendo entre Dahfu e eu, havia também um experimento em curso sobre o qual só vou falar a vocês depois.

Antes do almoço, as amazonas se perfilavam. Aquelas mulheres de túnicas curtas ou coletes se curvavam diante de mim até tocar o chão. Cada uma delas umedecia a boca de modo a fazer a poeira do chão grudar nela, e colocava meu pé em cima da sua cabeça. Havia muita pompa, exaltação, tensão, solenidade, tambores e trombetas por toda parte. E eu ainda tinha febre. Lampejos de doença e ansiedade ardiam dentro de mim. Meu nariz estava seco ao extremo, embora eu fosse o rei da umidade. Eu fedia a leão também — não sei dizer o quanto isso era perceptível. Seja como for, eu aparecia diante da equipe das amazonas com minhas ceroulas verdes, meu capacete e meus sapatos de sola de crepe. Então elas traziam os guarda-sóis oficiais com suas franjas que pareciam grossas pálpebras. Mulheres espremiavam gaitas de fole sob os cotovelos. Em meio a toda essa agitação estridente os serviçais abriam as cadeiras de dobrar e todos nos sentávamos para almoçar.

Estavam todos lá, o bunam, Horko, o assistente do bunam. Ainda bem que aquele bunam não requeria muito espaço, pois Horko lhe deixava muito pouco. Magro e ereto, o bunam me encarava com o olhar peremptório da experiência humana; era um olhar que surgia de modo retorcido do vértice de seus olhos. Suas duas esposas, de cabeça raspada e dentinhos joviais, estavam ambas radiantes. Pareciam uma dupla de garotas que gostavam mesmo de se divertir. A toda hora Horko alisava o manto sobre a barriga ou tocava de leve as pesadas pedras vermelhas que puxavam para baixo os lóbulos das suas orelhas. Um bolinho branco lanoso foi posto à minha frente; parecia de farinha, só que mais áspero e salgado; pelo menos não fazia mal algum à minha já castigada ponte dentária. Eu certamente morreria de dor se, antes de chegar à civilização, viessem a se soltar partes metálicas enraizadas nos toquinhos de dente limados por mille. Montecuccoli e por Spohr, o dentista. Eu me xinguei, pois tinha uma ponte reserva e nunca deveria ter partido sem ela. Estava numa caixa junto com os moldes de gesso, e a caixa ficara no porta-malas do meu Buick. Havia uma mola que prendia o

macaco ao estepe, e para maior segurança eu tinha posto a caixa com a ponte extra no mesmo lugar. Eu era capaz de vê-la. Quase como se estivesse dentro daquele porta-malas. Era uma caixa de papelão cinza, cheia de papel de seda cor-de-rosa, com o rótulo "Buffalo Dental Manufacturing Company". Temendo perder o que restava da ponte, eu mastigava até mesmo o bolinho salgado com extremo cuidado. O bunam, com aquela careta fanática de profunda meditação, comia como todos os outros. Ele e o sujeito de couro preto tinham um ar de grande mistério; este último parecia sempre prestes a abrir um par de asas e sair voando. Ele também estava mastigando, e para falar a verdade havia no pátio do palácio uma certa alegria à maneira de Alice no País das Maravilhas. Até mesmo uma porção de crianças, todas cabeçudas e barrigudas, como pães pretos de centeio, brincava com pedrinhas na poeira.

Quando Atti rugiu no subsolo do palácio, não houve comentários. De todas as pessoas, apenas Horko estremeceu um pouco, mas isso logo se diluiu em seu sorriso grosseiro. Estava sempre tão resplandecente que seu próprio sangue devia ser como um lustramóveis. A exemplo do rei, tinha uma boa compleição física, e a mesma cor dos olhos, só que os seus eram saltados. E deduzi que durante todos aqueles anos que passara em Lamu, enquanto o sobrinho estava na escola no norte, ele devia também ter caído na farra. Com certeza não era nenhum devoto, se é que posso julgar alguém.

Bem, todo dia era a mesma coisa. Depois da cerimônia da refeição, eu ia, acompanhado das amazonas, até Mummah. Ela tinha sido levada de volta a seu altar por seis homens que a carregaram deitada sobre pesadas barras. Vi com meus próprios olhos. A sala que ela compartilhava com Hummat ficava num pátio separado do palácio onde havia pilares de madeira e um tanque de pedra com uma água desagradável. Era nossa provisão especial do sungo. Minha visita diária a Mummah me alegrava. No mínimo porque a pior parte do dia tinha passado (explico isto no devido tempo), e também porque desenvolvi uma estranha ligação pessoal com ela, seja como obra de arte ou como divindade. Por mais feia que ela fosse, com as tranças de ninho de cegonha e as pernas não confiáveis cedendo

sob o peso do corpo, eu atribuía a ela propósitos benevolentes. Dizia: "Olá, minha senhora. Receba meus melhores votos. Como vai o seu velho?". Pois para mim ela era casada com Hummat, o desajeitado deus velho da montanha que Turombo, o forçudo de feição vermelha, tinha erguido. Parecia um bom casamento, e eles pareciam contentes um junto ao outro, perto do tanque de pedra de água rançosa. E enquanto eu dedicava um tempo a Mummah, Tamba e Bebu enchiam um par de cabaças e em seguida atravessávamos outra passagem onde uma tropa razoável de amazonas nos esperava com guarda-sol e rede. A exemplo de minhas calças, ambos os itens eram verdes, a cor característica do sungo. Ajudavam-me a subir na rede e eu me deitava no fundo dela, com meu peso transbordante, olhando para o céu resplandecente tornado imóvel por força do calor da tarde, e o guarda-sol aberto girando ora para um lado, ora para outro, com suas franjas preguiçosas e sonolentas. Raramente saíamos pelo portão do palácio sem ouvir um ronco de Atti, embaixo, o que sempre fazia as laboriosas e transpirantes amazonas enrijecer o corpo. A carregadora do guarda-sol às vezes vacilava então e eu recebia um golpe direto do sol, uma daquelas bofetadas de fogo violento que faziam o sangue saltar para o cérebro como o café fervendo numa cafeteira.

Com essa recordação dos experimentos em que o rei e eu estávamos envolvidos, no encalço de seu propósito especial, entramos na aldeia seguidos por um tambor. As pessoas abordavam Tamba e Bebu com pequenas taças e obtinham seus quinhões de água. Sobretudo mulheres, pois o sungo estava encarregado também da fertilidade; vocês sabem, ela está sempre vinculada à umidade. Essa expedição acontecia todas as tardes, ao ritmo do indolente, quase irregular, bumbo solitário. Este fazia um som tenso, combalido, de perfuração, que no entanto estava sempre aproximadamente no ritmo. As mulheres saíam de suas cabanas para o sol trazendo suas taças de cerâmica para receber seus pingos de água do tanque. Deitado à sombra eu ouvia o sonolento chamado do bumbo com os dedos fortemente entrelaçados sobre a barriga. Quando chegávamos ao centro do vilarejo eu descia da

rede. Ali era o mercado. Era também o tribunal de justiça. Vestido com uma túnica vermelha, o juiz se sentava no alto de um monturo. Era um sujeito de feições grosseiras; eu não gostava da sua aparência. Havia sempre um litígio, e o réu era amarrado a uma estaca e impedido de falar por meio de uma forquilha imprensada entre o seu palato e a sua língua. O julgamento era interrompido por minha causa. Os advogados paravam de vociferar e a multidão gritava: "Sungo! Aki-sungo" (Grande sungo branco). Eu dava um passo à frente e fazia uma medida. Tamba ou Bebu me estendia uma cabaça perfurada semelhante aos regadores que as lavadeiras usavam antigamente. Não, minto: semelhante aos aspersórios que os católicos usam em suas igrejas. Eu borrifava as pessoas que se aproximavam rindo e se curvando, oferecendo suas costas às gotas, velhos desdentados de pelos grisalhos no rego do traseiro e donzelas cujos seios apontavam para o chão, ao lado de sujeitos fortes de costas vigorosas. Não me passou totalmente despercebido que havia um tanto de zombaria misturada com o respeito por minha força e meu cargo. Seja como for, eu sempre providenciava para que o prisioneiro amarrado na estaca tivesse seu quinhão completo, e adicionava gotas de água à transpiração na pele do pobre sujeito.

Essas, grosso modo, eram as minhas obrigações de Rei da Chuva, mas é do propósito especial do rei que tenho de falar a vocês, e de toda a bibliografia que ele me deu para ler. Esta última eu evitei; depois de nossa conversa preliminar, supus que talvez houvesse problemas nela. Havia os dois livros, que pareciam bastante gastos, e havia reedições científicas, sem capas, com surradas páginas de rosto. Folhee algumas delas. A impressão era preta e espremida, e os únicos brancos das páginas estavam cheios de diagramas de moléculas. Por outro lado, as palavras eram espessas e pesadas como lápides, e me senti muito desalentado. Era mais ou menos como ir de limusine ao aeroporto de La Guardia e passar por aqueles cemitérios em Queens. Aquele peso. Como se cada um dos mortos tivesse sido enviado pelo correio e aquelas pedras tumulares fossem os selos postais que a morte lambeu.

Seja como for, era uma tarde quente e me sentei em meio a toda aquela literatura para ver o que podia fazer com ela. Estava com minha indumentária, as ceroulas de seda verde e o capacete com o bico no alto, os sapatos de solas de crepe gastas de modo irregular e torcidas como lábios sarcásticos. Era assim a coisa. A indisposição e a febre tinham me deixado com sono. O sol reina absoluto. As faixas de sombra parecem sólidas. O ar dá a sensação de sonho, com o calor e as montanhas que parecem balas de caramelo, amarelas, quebradiças, porosas, cavernosas, ressecadas. Dão a impressão de que seriam ruins para os dentes. E eu diante daquela bibliografia. Dahfu e Horko a tinham trazido no lombo da mula quando atravessaram as montanhas, vindo da costa. Depois o animal foi abatido para alimentar a leoa.

Por que eu deveria ler essa coisa toda?, pensei. Minha resistência era grande. Antes de tudo, temia descobrir que o rei fosse um maluco; não achava justo que, depois de ter percorrido todo aquele caminho para espicaçar o sono do espírito, depois de ter movido Mummah e me tornado o Rei da Chuva, acabasse descobrindo que Dahfu era meramente mais um excêntrico. Por isso empaquei. Joguei algumas partidas de paciência. Depois fiquei com muito sono e fitei as cores banhadas pelo sol do lado de fora, um verde que parecia tinta, um marrom que parecia crosta.

Sou um leitor nervoso e emotivo. Trago o livro para perto do rosto e basta uma boa frase para transformar meu cérebro num vulcão; começo a pensar em tudo ao mesmo tempo e uma lava constante de ideias transborda por todos os lados. Lily diz que tenho energia mental demais. De acordo com Frances, por outro lado, não tenho vigor cerebral algum. Tudo o que posso dizer de verdade é que quando li, num dos livros de meu pai, "A remissão dos pecados é perpétua", foi o mesmo que ser atingido na cabeça por uma pedra. Já contei, acho, que meu pai usava cédulas de dinheiro como marcadores de página, e imagino que eu tenha embolsado o dinheiro que estava naquele livro específico e depois esquecido até mesmo o seu título. Talvez eu não quisesse ouvir nada mais do que aquilo a respeito do pecado. Daquele jeito estava perfeito, e talvez eu tenha receado que o autor estragasse a ideia na sequência. Seja

como for, sou do tipo que se inspira, não do tipo sistemático. Além disso, se não fosse para ser fiel àquela frase única, que benefício eu teria em ler o livro inteiro?

Não, nunca tive nem mesmo calma o bastante para ler, e houve uma época em que teria jogado os livros de meu pai aos porcos se achasse que poderiam fazer-lhes bem. Tamanha oferta de livros me deixava confuso. Quando comecei a ler alguma coisa sobre a França, me dei conta de que não sabia nada sobre Roma, que tinha vindo antes, nem sobre a Grécia, tampouco sobre o Egito, e assim sucessivamente, recuando no tempo até o abismo primordial. A bem da verdade, eu não sabia o bastante nem para ler um único livro. Acabei descobrindo que as únicas coisas de que gostava eram do tipo *O romance da cirurgia*, *O triunfo sobre a dor*, ou biografias médicas — como de Osler, Cushing, Semmelweiss e Metchnikoff. E por conta do meu apego a Wilfred Grenfell me interessei pelo Labrador, pela Terra Nova, pelo Círculo Ártico e finalmente pelos esquimós. Seria de esperar que Lily me acompanhasse no interesse pelos esquimós, mas não me acompanhou, e isso me desapontou bastante. Os esquimós se reduzem ao essencial e pensei que isso a seduzisse, já que ela é uma pessoa que valoriza o básico.

Bem, ela é e não é. Não é naturalmente honesta. É só ver a maneira como mentiu sobre todos os seus noivos. E não tenho certeza de que Hazard lhe deu mesmo um soco no olho a caminho do altar. Como poderia ter? Ela me contou que a mãe tinha morrido quando a velha ainda estava viva. Mentiu também sobre o tapete, pois *era* o mesmo em que seu pai se matara com um tiro. Sou tentado a dizer que as ideias tornam as pessoas insinceras. Sim, com frequência elas as fazem mentir.

Lily tem algo de chantagista também. Vocês sabem que tenho um amor enternecido por aquele mulherão, e para minha própria diversão às vezes gosto de pensar nela pedaço por pedaço. Começo por uma das mãos ou um pé, ou até mesmo um dedo do pé, e percorro todos os membros e articulações. Isso me dá uma satisfação incrível. Um seio é menor que o outro, como um irmão maior e outro menor; seus ossos pélvicos não são bem cobertos, de modo que ela é um pouco descarnada ali. Mas seu corpo parece

macio e bonito. Para completar, seu rosto muito branco ruboriza intensamente, o que me comove mais do que qualquer outra coisa. Não obstante tudo isso, ela é descuidada e esbanjadora e não limpa a casa e é uma vigarista e me explora. Antes de nos casarmos, escrevi por ela umas vinte cartas, para o Departamento de Estado e para uma dúzia de missões. *Ela me usava como referência de personalidade*. Iria partir para a Birmânia ou o Brasil, e a ameaça implícita era de que eu nunca voltaria a vê-la. Eu estava sempre em xeque. Não podia estragar seus planos com toda aquela gente. Mas quando nos casamos e eu quis passar nossa lua de mel acampando entre os esquimós do Alasca, ela não quis nem ouvir falar no assunto. Seja como for (ainda no tema dos livros), li Freuchen e Gontran de Poncins e pratiquei a vida ao ar livre no inverno. Construí um iglu com uma faca e sob um frio de zero grau Lily e eu tivemos uma briga porque ela não quis pegar as crianças e dormir ali comigo debaixo de peles como fazem os esquimós. Eu queria tentar aquilo.

Folheei as publicações que Dahfu tinha me dado. Sabia que deviam ter ligação com os leões, no entanto, página após página, não encontrei sequer uma referência a leão algum. Eu tinha vontade de me espreguiçar, de tirar uma soneca, de qualquer coisa menos de me atracar com aquele palavreado árido naquele dia quente africano em que o céu é tão azul quanto um álcool de cereais é branco. O primeiro artigo, que escolhi porque o parágrafo de abertura parecia fácil, estava assinado Scheminsky, e não era nem um pouco fácil. Mas lutei bravamente com ele até topor com a expressão "aloquiria de Obersteiner", aí entreguei os pontos. Pensei: "Diacho! O que significa isso? Só porque eu disse ao rei que desejava ser médico, ele acha que tenho formação em medicina. É bom eu me explicar direito com ele". A coisa era simplesmente difícil demais.

Mas de todo modo fiz o melhor que pude. Pulei a aloquiria de Obersteiner e no final das contas consegui ver sentido em um ou outro parágrafo. A maioria dos artigos tinha a ver com a relação entre corpo e cérebro, e enfatizava especialmente a postura, as confusões entre direita e esquerda e vários exageros e deformações sensoriais. Por meio destas, um sujeito com uma perna normal podia se convencer de que tinha uma perna de elefante. Isso era muito

interessante em si e algumas das descrições eram excelentes. O que eu não parava de pensar era: “É bom eu limpar, lustrar e reavivar a velha inteligência para entender aonde o homem quer chegar, pois talvez minha vida dependa disso”. Era sorte minha pensar que tinha finalmente encontrado as condições da vida tão simplificadas que eu podia finalmente lidar com elas e então terminar num palácio periclitante lendo aquelas publicações médicas avançadas. Suponho que devem ter sobrado poucos príncipes nativos que não são instruídos, pois as escolas politécnicas recebem *gens de couleur* do mundo todo, e alguns deles já têm feito descobertas prodigiosas. Mas nunca ouvi falar de ninguém que seguisse exatamente a linha do rei Dahfu. Era possível, claro, que ele tivesse criado uma associação de um homem só. Isso sugeria de novo que eu talvez me visse realmente em maus lençóis com ele, pois você não pode esperar que seja razoável uma pessoa que forma por si só uma classe. Sendo o único ocupante de uma certa classe, sei disso por experiência própria.

Estava descansando um pouco do artigo de Scheminsky, jogando uma partida de paciência e respirando fundo debruçado sobre as cartas, quando Horko, o tio do rei, num dia particularmente quente, entrou no meu quarto no primeiro andar do palácio. Atrás dele vinha o bunam, e com o bunam estava, como sempre, seu companheiro ou assistente, o homem de couro preto. Os três deram passagem para a entrada de uma quarta pessoa, uma mulher idosa que tinha a aparência de uma viúva. É raro a gente se enganar quanto às viúvas. Eles a tinham trazido para me ver, e, pelo modo como ficaram de lado, era evidente que ela era a principal visita. Ao me preparar para levantar, cambaleei — o espaço era pequeno e meu quarto já estava ocupado por Tamba e Bebu, que estavam deitadas no chão, e Romilayu, que estava no canto. Havia oito de nós num quartinho que mal tinha espaço suficiente para mim. A cama era fixa no chão, portanto não podia ser levada para fora. Estava coberta por couros e trapos nativos, e as cartas manchadas com que eu me entretinha estavam dispostas em quatro fileiras irregulares — eu

tinha afastado dali os livros do rei Dahfu. E agora me traziam aquela velha com seu vestido franjado que descia dos ombros até a metade das coxas. Vinham da tarde ardente da África profunda e, como eu tinha estado com a vista fixa nos vermelhos e pretos reluzentes do baralho, demorei para conseguir concentrar o foco na mulher. Mas então ela se aproximou de mim e percebi que tinha um rosto redondo, mas não perfeitamente redondo. De um dos lados, ele carecia de simetria. Era na mandíbula que havia a falha. Seu nariz era arrebitado e os lábios eram grandes, e o rosto projetado para a frente dava a impressão de que estava se oferecendo. Na boca faltavam alguns dentes, mas a reconheci de imediato. "Ora", pensei, "é parenta de Dahfu. Deve ser sua mãe." Enxerguei a semelhança na curva do rosto, nos lábios e no tom avermelhado dos olhos.

"Yasra. Rainha", disse Horko. "Mãe de Dahfu."

"Madame, é uma honra", disse eu.

Ela pegou minha mão e colocou sobre sua cabeça, que estava raspada, claro. Todas as mulheres casadas tinham a cabeça raspada. Seu gesto foi facilitado por uma diferença de mais de meio metro entre nossas alturas. Horko e eu éramos mais altos que todos os outros. Ele estava envolto em seus panos vermelhos, e as pedras em suas orelhas penderam como os dois lóbulos de um galo quando ele se inclinou para falar com ela.

Tirei o capacete, expondo os grandes vergões e hematomas do nariz e do rosto, resquícios do ritual da chuva. Meus olhos deviam estar meio apalermados com a solenidade do momento, pois atraíram a atenção do homem de couro preto, que aparentemente apontou para eles e comentou alguma coisa com o bunam. Mas coloquei a mão da velha rainha sobre a minha cabeça e disse, respeitosamente: "Senhora, Henderson a seu dispor. E estou falando sério". Por sobre o ombro eu disse a Romilayu: "Diga isso para ela". Sua moita de cabelo estava logo atrás de mim, e embaixo dela sua testa estava mais enrugada do que de costume. Vi o bunam olhar para as cartas e o material impresso em cima da cama e ocultei tudo atrás de mim, pois não queria que a propriedade do rei ficasse exposta ao seu escrutínio. Então falei a Romilayu: "Diga à rainha que

ela tem um ótimo filho. O rei é meu amigo e eu sou igualmente amigo dele. Diga que tenho orgulho em conhecê-lo”.

Enquanto isso eu pensava: “Ela está muito mal acompanhada, não?”, porque sabia que era tarefa do bunam tirar a vida do rei enfraquecido; Dahfu tinha me contado isso. Na verdade o bunam tinha sido o algoz do marido dela — e agora a rainha vinha com ele no final da tarde fazer uma visita social? Não parecia direito.

Na minha terra aquela costumava ser a hora do coquetel. As grandes rodas e todas as engrenagens estariam diminuindo o ritmo, escurecendo, e o mundo, com sua conivência, sua invenção, sua carga de esforço e desejo de mudança, relaxaria sua tensão.

A velha rainha talvez tivesse intuído meus pensamentos, pois estava triste e perturbada. O bunam me fitava, com o desejo evidente de me atingir de alguma maneira, enquanto Horko, com sua cara carnuda e flácida, parecia inicialmente melancólico. O propósito da visita era duplo: que eu falasse sobre a leoa e também que usasse a influência que pudesse ter sobre o rei. Ele estava em apuros, em sérios apuros, por conta de Atti.

Horko era quem mais falava, misturando as várias línguas que tinha aprendido mais ou menos durante sua estada em Lamu. Usava um arremedo de francês, bem como inglês e um pouco de português. O sangue avivava seu rosto lustroso e suas orelhas eram puxadas para baixo por seus enfeites até quase tocar no ombro gordo. Ele introduziu o assunto falando um pouco sobre o período em que residiu em Lamu — uma cidade bem moderna, conforme a descreveu. Automóveis, cafés e música, muitas línguas sendo faladas. “*Tout le monde très distingué, très chic*”, disse. Tapei meu ouvido ruim com uma das mãos, oferecendo-lhe o outro por inteiro, assentindo com a cabeça, e quando ele viu que eu entendia o seu afro-francês de Lamu, ficou animado. Dava para perceber que seu coração pertencia àquela cidade, e para ele os anos que passara lá tinham sido provavelmente os melhores. Era a sua Paris. Não me foi difícil imaginar que ele arranjava para si mesmo uma casa com serviçais e garotas e que passava os dias num café com um paletó de algodão listrado, com uma flor na lapela talvez, pois afinal ele era um homem importante. Ficou aborrecido com o sobrinho por ter ido

embora, deixando-o ali por oito ou nove anos. “Saiu da escola de Lamu”, disse ele. “*Pas assez bon*. Muito ruim, digo. Nada de ir embora de Lamu. Nós ir. Ele ir. Papai rei Gmilo morrer. *Moi aller chercher Dahfu*. Um anos.” Ergueu um dedo resolutivo em minha direção, sobre a cabeça careca da rainha Yasra, e deduzi dessa indignação que ele tinha sido considerado responsável pelo desaparecimento de Dahfu. Era seu dever trazer o herdeiro de volta.

Mas percebeu que eu não tinha gostado do tom que ele adotara, e perguntou: “Você amigo Dahfu?”.

“Ora se sou!”

“Oh, eu também. *Roi neveu. Aime neveu. Sans blague*. Perigoso.”

“Ora, diga logo: qual é o problema?”, perguntei.

Percebendo minha insatisfação, o bunam falou asperamente com Horko, e a rainha mãe, Yasra, soltou um grito: “Sasi ai. Ai, sasi, sungo”. Olhando para mim de baixo para cima ela devia ver o lado de baixo do meu queixo e o bigode e minhas narinas abertas, mas não os meus olhos, de modo que não sabia como eu estava recebendo seu apelo, pois era disto que se tratava. Por isso começou a beijar seguidamente os nós dos meus dedos, mais ou menos como Mtalba tinha feito na noite que antecedeu minha expedição desafortunada contra as rãs. Mais uma vez eu estava consciente de uma sensibilidade especial ali. Aquelas mãos tinham perdido boa parte de sua forma em consequência das brutalidades a que tinham sido submetidas. Havia, por exemplo, o indicador com que eu tinha apontado, numa imitação de Pancho Villa, para aquele gato embaixo da mesa de armar. “Oh, senhora, não faça isso”, disse eu. “Romilayu, Romilayu, diga a ela para parar com isso”, acrescentei. “Se eu tivesse tantos dedos quanto as teclas de um piano”, eu disse a ele, “estariam todos a serviço dela. O que quer a velha rainha? Esses caras a estão pressionando, estou vendo isso.”

“Proteger filho, siô”, disse Romilayu às minhas costas.

“De quê?”, perguntei.

“Feitiço de leão, siô. Oh, leão muito mau.”

“Eles estão assustando a velha mãe”, disse eu, fazendo cara feia para o bunam e seu assistente. “Esse aí é o necróforo. Só fica feliz quando há cadáveres e pode colocar gente na cova. Dá para sentir

isso pelo seu cheiro. E olhe só esse morcego de asas de couro, seu comparsa. Podia fazer o papel do Fantasma da Ópera. Tem cara de tamanduá, mas em vez de formigas devora almas. Diga a eles agora mesmo que considero o rei um homem brilhante e nobre. Fale com firmeza”, eu disse a Romilayu, “em defesa da velha senhora.”

Mas não tive como mudar de assunto, por mais que eu louvasse o rei. Tinham vindo para me informar sobre os leões. Com uma única exceção, os leões continham as almas de feiticeiros. O rei capturara Atti e a trouxera para casa no lugar de seu pai Gmilo, que continuava à solta. Eles se ressentiam muito disso e o bunam estava ali para me alertar que Dahfu estava me envolvendo em sua feitiçaria. “Ora, que bobagem”, retruquei àqueles homens. “Eu nunca poderia ser um feiticeiro. Minha personalidade é o exato oposto disso.” Juntos, Horko e Romilayu me fizeram finalmente sentir a importância e a solenidade — a gravidade — da situação. Tentei me esquivar, mas ali estava ela, depositada sobre mim como uma laje de pedra. As pessoas estavam furiosas. A leoa estava causando malefícios. Certas mulheres que tinham sido suas inimigas na encarnação anterior vinham sofrendo abortos. Havia também a seca, à qual eu dera fim ao mover Mummah. Consequentemente eu era muito popular. (Encabulado, senti que uma espécie grosseira de cor-de-rosa me tingia as faces.) “Não foi nada”, falei. Mas aí Horko me disse o quanto era ruim o fato de eu ter descido ao covil. Fui lembrado de novo de que Dahfu não estaria em plena posse do trono até que Gmilo fosse capturado. Enquanto isso, o velho rei era obrigado a ficar no mato entre más companhias (os outros leões, todos eles comprovados malfeitores). Eles alegavam que a leoa estava seduzindo Dahfu e tornando-o incapaz de cumprir seu dever, e que era ela que mantinha Gmilo à solta.

Tentei contar a eles que outras pessoas tinham uma visão muito diferente dos leões. Disse-lhes que não podiam estar certos ao condenar todos os leões exceto um, e que devia haver um equívoco em algum lugar. Então apelei ao bunam, percebendo que ele era obviamente o líder das forças antileões. Deduzi que aquele seu olhar tenso, a veia intumescida da sua testa e aquelas complexas áreas de pele em torno dos olhos deviam significar (mesmo ali, onde toda a

África estava queimando como oceanos de petróleo verde sob o céu amplo e absoluto) o mesmo que significariam em Nova York, ou seja, pensamento profundo. “Bem, acho que vocês deviam se entender com o rei. Ele é um homem excepcional que faz coisas excepcionais. Às vezes esses grandes homens precisam ir além de si mesmos. Como César, Napoleão ou Chaka, o zulu. No caso do rei, o interesse, por acaso, é a ciência. E embora eu não seja nenhum especialista imagino que ele esteja pensando na humanidade como um todo, que está cansada de si mesma e precisa receber um safanão da natureza animal. Vocês deviam estar contentes por ele não ser um Chaka e não liquidar com vocês. Sorte sua que ele não é desse tipo.” Achei que valia a pena apelar para um pouco de ameaça. Ao que parece, no entanto, não teve efeito algum. A velha ainda sussurrava, segurando meus dedos, enquanto o bunam, ao ouvir Romilayu traduzir minhas palavras da melhor maneira possível, se empertigava com uma rigidez selvagem, de modo que só seus olhos se moviam, e ainda assim muito pouco, quase se limitando a faiscar. E então, quando Romilayu terminou, o bunam fez um sinal a seu assistente estalando os dedos, e o homem de couro preto tirou de seu casaco em farrapos um objeto que confundi inicialmente com uma berinjela murcha. Um par de olhos mortos agora me fitava, e dentes de uma boca que já não respirava. Dos olhos vinha um olhar indiferente, exaurido. Eles me viam do além. Uma das narinas daquela miniatura estava achatada, a outra expandida, e o rosto como um todo parecia estar descascando, aquela múmia preta, seca, de criança ou anão, agarrada pelo cangote. Minha respiração ardia como mostarda, e aquela voz de comunicação interna que eu escutara quando levantei o cadáver tentou falar, mas não conseguiu produzir mais que um sussurro. Suponho que algumas pessoas tenham mais morte dentro de si do que outras. Evidentemente disponho de um grande potencial de morte. Seja como for, começo a perguntar (ou talvez seja mais um apelo do que uma pergunta) por que ela está sempre tão perto de mim — por quê? Por que não consigo me afastar dela por algum tempo? Por quê, por quê?

“Bem, o que é isso?”, perguntei.

Aquilo era a cabeça de uma das mulheres-leoas — de uma feiticeira. Ela tinha saído para o mato e mantido relações íntimas com leões. Envenenara e enfeitiçara pessoas. Capturada pelo assistente do bunam, fora julgada sumariamente e estrangulada. Mas tinha voltado. Aquelas pessoas não tinham dúvidas quanto a isso: afirmavam que ela era a mesma leoa que Dhafu capturara. Era Atti. Era uma identificação inquestionável.

“*Âme de lion*”, disse Horko. “*En bas.*”

“Não sei como podem ter tanta certeza”, disse eu. Não conseguia tirar os olhos da cabeça encolhida com seu olhar morto, apático. Ela falava comigo, assim como tinha feito aquela criatura no aquário em Banyules depois que eu colocara Lily no trem. E assim como daquela vez, no sombrio salão de pedra e água, pensei: “É isso! O fim!”.

18.

Naquela noite as preces de Romilayu foram as mais fervorosas que alguma vez fizera. Seus lábios se esticavam para a frente e os músculos saltavam sob a pele enquanto sua voz chorosa subia das profundezas. “Está certo, Romilayu”, falei. “Reze. Desabafe. Reze até não poder mais. Ponha para fora tudo o que está aí dentro. Vamos, Romilayu, reze, estou dizendo.” Ele não me parecia estar se empenhando o bastante e deixei-o desconcertado ao sair da cama com minhas calças de seda verde e me ajoelhar ao seu lado no chão para me juntar a suas preces. Se querem saber, não foi de modo algum a primeira vez que dirigi algumas palavras a Deus nos últimos anos. Romilayu olhou por debaixo da nuvem de cabelos de poodle que caía sobre sua testa baixa, então suspirou e estremeceu, mas não tenho como saber se foi de satisfação por descobrir que eu tinha em mim alguma religião ou de terror por ouvir minha voz subitamente em sua frequência, ou pela visão que eu compunha. Oh, eu estava tomado! Aquela cabeça encolhida e a visão da pobre rainha Yasra tinham tocado meus sentimentos mais profundos. E rezei e rezei: “Oh, Vós... Sei Lá o Quê”, disse eu, “Vós Sei Lá o Quê, por causa de quem não existe o Nada. Ajudai-me a fazer Vossa vontade. Livrai-me dos meus estúpidos pecados. Libertai-me. Pai Celestial, abri meu coração obtuso e pelo amor de Cristo me protegei das coisas irreais. Oh, Vós que me tirastes dos porcos, não me deixeis ser morto por leões. E perdoai meus crimes e absurdos e me deixai voltar a Lily e os meninos”. Então, em silêncio sobre meus pesados joelhos, de palmas unidas, segui rezando enquanto meu peso fazia com que me curvasse até quase tocar as largas tábuas do chão.

Eu estava abalado, estão vendo, porque agora compreendia claramente que tinha sido colhido entre o rei e a facção do bunam. O rei estava determinado a prosseguir sua experiência comigo.

Acreditava que nunca era tarde para que um homem mudasse, por mais que ele já estivesse completamente formado. E me tomou como exemplo, convencido de que eu deveria absorver qualidades leoninas de sua leoa.

Quando pedi para me avistar com ele na manhã posterior à visita de Yasra, do bunam e de Horko, fui conduzido a seu pavilhão particular. Era um jardim desenhado de acordo com um padrão. Nos quatro cantos havia pés de laranja anões. Uma trepadeira florida cobria a parede do palácio como buganvílias, e lá estava o rei sentado sob um de seus guarda-sóis desfraldados. Estava com seu chapéu largo de veludo com a franja de dentes humanos e ocupava um assento acolchoado, rodeado de esposas que a todo momento enxugavam seu rosto com pequenos quadrados de seda colorida. Elas acendiam o seu cachimbo e serviam-lhe bebidas, cuidando sempre de ocultá-lo com um pano bordado cada vez que ele tomava um gole. Ao lado de uma das laranjeiras um velho tocava um instrumento de corda. Muito longo, quase do tamanho de um contrabaixo, arredondado em sua base, fixava-se numa cavilha grossa e era tocado com um arco de crina de cavalo. Emitia notas compactas e estridentes. O velho músico em si era só ossos, com joelhos virados para fora e uma cabeça comprida e lustrosa, camadas e mais camadas de rugas. Poucos cabelos, como fios brancos de teia de aranha, esvoaçavam ao vento.

“Oh, Henderson-sungo, que bom que está aqui. Teremos diversões.”

“Ouça, precisamos conversar, Alteza”, disse eu. Não parava de enxugar meu rosto.

“Claro, mas teremos dança.”

“Mas preciso lhe dizer uma coisa, Majestade.”

“Sim, claro, mas primeiro a dança. Minhas damas cuidam da diversão.”

Suas damas!, pensei, e passei os olhos por aquele grupo de mulheres nuas. Pois depois que ele me disse que seria estrangulado quando não tivesse mais utilidade para elas, passei a ter uma imagem meio sombria delas. Mas havia algumas de aparência esplêndida, as mais altas se movendo com uma elegância de girafas,

os rostinhos ornamentados por estampas de cicatrizes. Seus quadris e seus seios enfeitavam seu corpo melhor do que qualquer roupa poderia fazer. Quanto a suas feições, eram amplas, mas não grosseiras; pelo contrário, as narinas eram muito finas e sutis, e os olhos eram suaves. Estavam pintadas, ornamentadas e perfumadas com odor almiscarado que lembrava um pouco um doce óleo de carvão. Algumas usavam contas que pareciam cascas de nozes de ouro, em colares que davam duas ou três voltas em torno delas e desciam até a altura das pernas. Outras tinham contas de coral e penas, e as dançarinas usavam lenços coloridos que pendiam esvoaçantes de seus ombros enquanto elas corriam pelo pátio com suas longas pernas elegantes ao som do ramerrão básico da música que o velho produzia com seu arco, raque, raque, raque.

“Mas preciso lhe dizer uma coisa.”

“Sim, eu já suspeitava disso, Henderson-sungo. Porém, temos que assistir à dança. Aquela é Mupi, ela é ótima.” O instrumento soluçava, gemia e grasnava à medida que o velho o esfregava com seu arco bárbaro. Mupi, desafiada pela música, oscilou duas ou três vezes, então ergueu a perna bem esticada. Ao voltar lentamente para o chão, seu pé parecia estar procurando algo. Aí ela começou a balançar e seguiu tateando com pés alternados e fechou os olhos. As finas conchas laminadas de ouro, parecidas a cascas de nozes, roçavam o corpo de Mupi. Ela tomou o cachimbo da mão do rei e bateu as cinzas e brasas na coxa, pressionando com a mão, e, enquanto se queimava, seus olhos, líquidos de dor, não paravam de fitar os olhos dele.

O rei sussurrou para mim: “Boa menina — muito boa menina”.

“Está com certeza apaixonada pelo senhor”, falei. A dança prosseguiu ao som do grasnido do instrumento de duas cordas. “Alteza, tenho que lhe falar...” A franja de dentes tilintou quando ele virou a cabeça com o chapéu mole, de abas largas. Na sombra daquele chapéu seu rosto estava mais vívido do que nunca, especialmente seu nariz quase sem osso e seus lábios intumescidos.

“Alteza.”

“Oh, o senhor é muito persistente. Muito bem. Já que seu apelo é tão urgente, vamos para um lugar onde possamos conversar.” Ele se

pôs de pé e seu gesto causou um alvoroço entre as mulheres. Começaram a pular de um lado para outro, saltitando pelo pavilhão, soltando gritinhos e fazendo tinir seus ornamentos; algumas choravam de desapontamento porque o rei ia deixá-las e outras me atacavam com vozes estridentes por levar Dahfu embora, enquanto várias grunhiam: “Sdudu lebah!”. Lebah — eu já aprendera essa palavra — era leão na língua wariri. Estavam prevenindo o rei contra Atti; acusavam-no de deserção. O rei acenou para elas com um gesto largo, rindo. Parecia muito afetuoso e suponho que estava lhes dizendo que gostava delas todas. Eu esperava, em pé, enorme, com o rosto preocupado ainda cheio de hematomas.

As mulheres estavam certas, pois Dahfu não me conduziu de volta a seus aposentos, mas me levou de novo ao covil, no subsolo. Quando me dei conta de aonde estava indo, corri atrás dele dizendo: “Espere, espere. Vamos conversar um pouco. Só um minuto”.

“Sinto muito, Henderson-sungo, mas temos que ir até Atti. Ouvirei você lá embaixo.”

“Bem, desculpe dizer, rei, mas o senhor é muito teimoso. Caso ainda não saiba, está numa situação periclitante.”

“Oh, que diabo”, disse ele, “estou ciente do que estão tramando.”

“Eles vieram me mostrar a cabeça de uma pessoa que alegavam ser Atti numa existência anterior.”

O rei parou. Tatu acabara de abrir a porta para nós e estava segurando a pesada tranca nos braços, esperando na passagem. “É a bem conhecida história de intimidação. Vamos resistir. Meu velho, às vezes as coisas não podem ser muito bonitas em casos como este. Eles o atormentaram? É porque demonstrei meu afeto pelo senhor.” Tomou-me pelo ombro.

Devido talvez ao toque da sua mão, quase despenquei do alto da escada. “Aqui estou”, disse eu, “pronto para fazer qualquer coisa que o senhor disser. Apanhei muito da vida, mas de um modo geral ela nunca me assustou muito, rei. Sou um soldado. Todos os meus antepassados foram soldados. Eles protegiam os camponeses, eles partiram para as Cruzadas e lutaram contra os maometanos. E eu tive um ancestral do lado da minha mãe — ora, o general U. S. Grant nem entrava numa batalha sem ele. Dizia: ‘Billy Waters está

aqui?'. 'Presente, senhor.' 'Muito bem. Então podem começar a batalha.' Ora essa, tenho sangue marcial nas veias. Mas Alteza, o senhor está me derrubando com essa história de leoa. E o que me diz da sua mãe?"

"Oh, diacho, minha mãe, sungo", disse ele. "O senhor acha que o mundo não passa de um ovo e que estamos aqui para meter as garras nele? Antes de tudo vêm os fenômenos. Completamente acima de todo o resto. Eu lhe falo sobre uma grande descoberta e o senhor me vem com essa conversa de mãe. Estou ciente de que estão tentando deixá-la com medo também. Minha mãe sobreviveu ao meu pai Gmilo já por meia década. Passe por essa porta comigo e deixe que Tatu a feche. Venha, venha." Fiquei parado. Ele bradou "Venha, estou dizendo!", e dei um passo porta adentro. Vi Tatu se esforçando para colocar no lugar o grande pedaço de madeira que servia de tranca. A porta se trancou e ficamos na escuridão. O rei desceu correndo as escadas.

No lugar onde a luz — aquela luz aquosa, de pedra amarelada — atravessava uma grade no teto, eu o alcancei.

Ele disse: "Por que me olha com essa cara agressiva? Tem uma expressão de perigo".

Respondi: "Rei, é assim que me sinto. Eu já lhe disse que sou mediúnico. Pressinto problemas".

"Sem dúvida existem problemas. Mas vou capturar Gmilo e os problemas vão cessar por completo. Ninguém vai me questionar ou contestar então. Há patrulhas diárias de busca por Gmilo. A bem da verdade, já chegaram informes sobre ele. Posso lhe garantir que será capturado em breve."

Respondi com entusiasmo que esperava que ele pegasse o animal e acabasse com aquilo, para que pudéssemos parar de nos preocupar com aqueles dois personagens sinistros, o bunam e o homem de couro preto. Então eles parariam de atormentar sua mãe. Diante dessa segunda menção à mãe, o rei pareceu ficar furioso. Pela primeira vez ele me fez uma demorada cara feia. Em seguida retomou sua caminhada escada abaixo. Abalado, fui atrás dele. Bem, refleti, acontece que aquele rei negro era um gênio. Como Pascal

descobrimo sozinho aos doze anos a trigésima segunda proposição de Euclides.

Mas por que leões?

Porque, sr. Henderson, respondi para mim mesmo, o senhor não sabe o significado do verdadeiro amor se imagina que ele pode ser escolhido voluntariamente. A gente simplesmente ama, isso é tudo. Uma força da natureza. Irresistível. Ele se apaixonou por sua leoa à primeira vista — *coup de foudre*. Desci aos tropeções a parte da escada coberta de mato, entretido nessa conversa comigo mesmo. Ao mesmo tempo eu prendia a respiração à medida que nos aproximávamos do covil. A nuvem de pavor que me cercava era ainda mais sufocante do que antes; parecia oferecer uma resistência concreta ao meu rosto, e me fazia respirar com dificuldade. Minha respiração ficou espessa. Ao nos ouvir a fera começou a rugir em sua jaula interna. Dahfu olhou pelas grades e disse: “Tudo bem, podemos entrar”.

“Já? Acha que ela está bem? Está me parecendo perturbada. Não é melhor eu esperar aqui fora?”, perguntei. “Até o senhor averiguar como está a situação?”

“Não, o senhor deve vir comigo”, disse o rei. “Ainda não entendeu que estou tentando fazer algo pelo seu bem? Um favor? Não consigo imaginar uma pessoa que possa precisar mais disso do que o senhor. O risco de vida é realmente irrisório. O animal é manso.”

“Manso para o senhor, mas ela não me conhece direito ainda. Estou tão disposto quanto qualquer outra pessoa a correr o risco. Mas não posso evitar: tenho medo dela.”

Ele fez uma pausa, e nessa pausa deduzi que eu estava despencando no seu conceito, e nada poderia me ferir mais do que isso. “Oh”, disse ele, e ficou particularmente pensativo. Refletia em silêncio. Nesse momento me pareceu, mais uma vez, maior do que a vida. “Acho que me lembro, quando estávamos falando sobre golpes, que havia uma carência de corajosos.” Então suspirou e disse, com sua boca séria, que tinha uma cor muito vermelha mesmo sob a sombra do seu chapéu: “O medo governa a humanidade. Tem o maior domínio que existe. Faz as pessoas ficarem brancas como cera. Corta cada olho pela metade. Criou-se

até hoje muito mais medo do que qualquer outra coisa”, disse. “Como força modeladora, só perde da própria Natureza.”

“Então isso também se aplica ao senhor, não?”

Com um gesto de plena concordância, ele disse: “Oh, certamente se aplica. A todo mundo. Mesmo que nada seja visível, ainda se pode ouvir, como o rádio. Está em quase todas as frequências. E todos tremem, e se encolhem de medo, em maior ou menor grau”.

“E acha que existe cura?”, perguntei.

“Ora, certamente acredito que sim. Caso contrário teríamos de desistir das melhores perspectivas. Seja como for, não o obrigarei a entrar comigo e agir como agirei. Como agiu meu pai Gmilo. Como agiu o pai de Gmilo, Suffo. Como agimos todos nós. Não. Se está realmente além das suas forças, podemos nos despedir e seguir cada um o seu caminho.”

“Espere um minuto, rei, não se precipite”, falei. Eu estava aflito e apavorado; nada podia ser mais doloroso do que perder a minha conexão com ele. Alguma coisa tinha estalado no meu peito, meus olhos marejavam, e eu disse, quase sufocando: “O senhor não me descartaria assim, não é mesmo, rei? Sabe como me sinto”. Ele percebeu o quanto aquilo me atingia; no entanto, repetiu que talvez fosse melhor eu partir, pois embora tivéssemos afinidade de temperamentos para ser amigos e ele tivesse uma profunda afeição por mim, e embora fosse grato pela oportunidade de me conhecer e também por meus serviços prestados aos Wariri ao erguer Mummah, ainda assim, a menos que eu compreendesse a história dos leões, não seria possível nenhum aprofundamento da nossa amizade. Eu simplesmente tinha que saber de que se tratava. “Espere um minuto, rei”, repeti. “Sinto-me tremendamente próximo do senhor e estou preparado para acreditar em tudo o que me disser.”

“Sungo, obrigado”, disse ele. “Também me sinto próximo do senhor. É mútuo. Mas preciso de mais do que um relacionamento profundo. Desejo me comunicar e ser compreendido. Temos que desenvolver uma afinidade básica no âmago da nossa relação com a leoa. Caso contrário, como poderemos manter o pacto de verdade que fizemos?”

Comovido ao extremo, eu disse: "Oh, é muito duro, rei, ser ameaçado com a perda da amizade".

A ameaça era excessivamente dolorosa também para ele. Sim, eu via que ele estava sofrendo quase tanto quanto eu. Quase. Pois quem pode sofrer como eu? Estou para o sofrimento como Gary está para o fumo. Uma das grandes atividades do mundo.

"Não compreendo", disse eu.

Levou-me até a porta e me fez olhar pela grade para Atti, a leoa, e naquele tom suave, pessoal e peculiar que ia ao cerne da questão, disse: "O que talvez um cristão sinta na igreja de Santa Sofia, que visitei na Turquia quando estudante, é o que absorvo da leoa. Quando ela faz um movimento com a cauda, isso me atinge no coração. O senhor pergunta o que ela pode fazer pelo senhor. Muitas coisas. Em primeiro lugar, ela é inevitável. Faça o teste e constatará que ela é inevitável. E é disso que o senhor precisa, pois é alguém habituado a evitar as coisas. O senhor andou realizando grandes fugas. Mas ela vai mudar isso. Vai fazer a consciência resplandecer. Vai dar brilho ao senhor. Vai lhe impor o momento presente. Em segundo lugar, os leões são experimentadores. Mas sem precipitação. Eles experimentam com deliberada indolência. O poeta diz: 'Os tigres da ira são mais sábios que os cavalos da instrução'.* Abarquemos os leões na mesma visão. Acima de tudo, observe Atti. Contemple-a. De que modo ela caminha, de que modo saltita, de que modo se deita, olha, repousa, respira? Enfatizo a parte da respiração", disse ele. "Ela não respira superficialmente. Essa liberdade dos músculos intercostais e sua flexibilidade abdominal" (o baixo ventre dela, exposto à nossa visão, era totalmente branco) "proporcionam a continuidade vital entre suas partes. É isso que dá calor a seus olhos castanhos de pedra preciosa. E há outras coisas mais sutis, como seu modo de emitir sinais, ou suscitar carícias. Mas não espero que o senhor veja isso de imediato. Ela tem muito a lhe ensinar."

"Ensinar? O que o senhor quer dizer de fato é que ela pode me transformar."

“Ótimo. Exatamente isso. Transformar. O senhor fugiu do que era. Não acreditou que precisasse perecer. Mais uma vez, a última, o senhor pôs o mundo à prova. Com uma esperança de mudança. Oh, não se surpreenda com tal tomada de consciência”, disse ele, vendo como me comovia descobrir que minha posição era compreendida. “O senhor me disse muito. É um homem franco. Isso o torna irresistível como poucos. Tem os rudimentos de um caráter elevado. Poderia ser nobre. Algumas partes podem estar soterradas há tanto tempo que dão a impressão de mortas. Há nelas alguma possibilidade de ressurreição? É aqui que entra a mudança.”

“Acha que existe alguma chance para mim?”

“Não é nada impossível, se seguir minhas instruções.”

A leoa passou roçando pela porta. Escutei seu rosnado baixo, suave, contínuo.

Dahfu agora começava a entrar. Minha metade inferior ficou gelada. Meus joelhos pareciam duas pedras numa fria torrente alpina. Meu bigode espetava meus lábios, o que me fez perceber que eu estava franzindo e retorcendo o rosto de pavor, e eu sabia que meus olhos deviam estar se enchendo de um negrume fatal. Como antes, ele tomou minha mão ao entrar e ingressei no covil dizendo por dentro: “Deus me ajude! Oh, me ajude!”. O odor era atordoante, pois ali, perto da porta, onde o ar ficava represado, fedia gloriosamente. Daquela escuridão vinha a cara da leoa, se franzindo, com seus bigodes finos como os riscos feitos por um diamante numa superfície de vidro. Deixou o rei acariciá-la, mas passou por ele para me examinar, aproximando-se com aqueles claros círculos de ódio inumano, convexos, marrons e puros, com anéis de luz negra em seu interior. Entre sua boca e suas narinas, uma linha dividia o lábio, como a cintura de uma ampulheta, abrindo-se focinho adentro. Farejou meus pés, subindo em seguida em direção à virilha, o que fez minhas partes se recolherem como podiam no abdome. Em seguida ela lançou a cabeça contra minha axila e ronronou com uma vibração tão tremenda que fez minha cabeça zumbir como uma chaleira.

Dahfu sussurrou: “Ela gosta do senhor. Oh, fico contente. Fico entusiasmado. Orgulhoso de vocês dois. Está com medo?”.

Eu estava a ponto de explodir. Só consegui fazer que sim com a cabeça.

“Mais tarde vai rir disso com satisfação. Agora é normal.”

“Não consigo nem juntar as mãos para esfregar uma na outra.”

“Sente-se paralisado?”

A leoa se afastou, fazendo a ronda do covil ao longo das paredes com o ruído surdo das suas patas.

“Está vendo?”, ele perguntou.

“Mais ou menos. Mal consigo enxergar qualquer coisa.”

“Vamos começar com a caminhada.”

“Por trás das grades, de preferência. Seria ótimo.”

“Está se esquivando de novo, Henderson-sungo.” Seus olhos me encaravam por baixo da aba mole do chapéu de veludo. “Não se pode enganar a mudança desse jeito. O senhor deve adquirir um novo hábito.”

“Oh, rei, o que posso fazer? Minhas aberturas estão apertadas, tanto na frente como atrás. Elas podem ir ao extremo oposto num minuto. Minha boca está toda seca, meu couro cabeludo se franze, sinto um peso espesso na nuca. Devo estar desfalecendo.”

Lembro que ele me olhou com aguçada curiosidade, como se estivesse avaliando aqueles sintomas de um ponto de vista médico. “Todas as resistências estão em sua força máxima”, foi seu comentário. Seu rosto era de um negror extremo, e no entanto seu cabelo, visível nas bordas do chapéu, era ainda mais negro. “Bem”, disse ele, “vamos deixá-las vir para fora. Tenho uma firme confiança no senhor.”

Falei debilmente: “Fico feliz que pense assim. Se eu não for estraçalhado. Se não for deixado aqui meio comido”.

“Tem a minha garantia. Não existe tal possibilidade. Agora, observe o modo como ela anda. Não é lindo? O senhor mesmo disse! E além do mais é uma beleza inculta, em estado bruto. Creio que quando o medo for vencido o senhor será capaz de admirar a beleza dela. Acho que parte da emoção estética resulta de uma vitória sobre o medo. Quando o medo capitula, uma beleza revelada se instala no seu lugar. Também se diz o mesmo a respeito do amor, se me lembro bem, e isso significa que a ênfase no ego foi

eliminada. Oh, Henderson, observe como é ritmado o comportamento dela. Chegou a estudar o gato em Anatomia 1? Veja como ela dobra a cauda. É como se eu sentisse isso pessoalmente. Agora vamos segui-la.” Começou a me conduzir pelo covil atrás dos passos da leoa. Eu estava curvado para a frente e sentia as pernas pesadas e trôpegas. As calças de seda verde não mais flutuavam; carregadas de eletricidade, grudavam na parte posterior das minhas coxas. O rei não parava de falar, o que era bom para mim, pois suas palavras eram o único suporte de que eu dispunha. Não consegui acompanhar em detalhes o seu raciocínio — não estava apto para isso —, mas aos poucos fui compreendendo que ele queria que eu imitasse ou dramatizasse o comportamento dos leões. Como é que vai ser isso?, pensei. Método Stanislavski? Teatro de Arte de Moscou? Minha mãe fez uma excursão pela Rússia em 1905. Às vésperas da Guerra Japonesa ela viu a amante do czar se apresentar no balé.

Perguntei ao rei: “E onde entram nisso a aloquira de Obersteiner e todo aquele material de medicina que o senhor me deu para ler?”.

Com paciência, respondeu: “Todas as partes se encaixam devidamente. Logo isso ficará claro. Mas antes, a partir do leão, tente distinguir os estados que são dados daqueles que são produzidos. Observe que Atti é toda leoa. Não contradiz o que lhe é inerente. Está cem por cento no que é dado”.

Mas eu disse com uma voz alquebrada: “Se ela não tenta ser humana, por que eu deveria tentar agir como um leão? Nunca vou conseguir. Se devo imitar alguém, por que não imitar o senhor?”.

“Ah, chega dessas objeções, Henderson-sungo. *Eu* a imitei. A transferência de leão a homem é possível, sei disso por experiência própria.” E então bradou: “Sakta”, que era o sinal para a leoa começar a correr. Ela trotava, e o rei começou a saltar atrás dela e eu também passei a correr, tentando me manter próximo dele. “Sakta, sakta”, ele gritou, e ela aumentou a velocidade. Agora ela corria ao longo da parede oposta. Em poucos minutos estaria atrás de mim.

Comecei a pedir: “Rei, rei, espere, deixe-me passar à sua frente, pelo amor de Deus”.

“Salte para cima”, ele me respondeu. Mas eu cambaleava, esbaforido, aos soluços, tentando ultrapassá-lo. Na imaginação, via o sangue brotar da minha pele em grandes gotas, maiores que moedas de vinte e cinco centavos, enquanto ela afundava suas garras em mim, pois estava convencido de que, por estar em movimento, me convertia em alvo, e ela me atacaria assim que eu estivesse ao seu alcance. Ou talvez me quebrasse o pescoço. Refleti que isso seria preferível. Um golpe, um momento de tontura e a mente anoitece. Oh, Deus! Uma noite sem estrelas. Não sobra nada.

Eu não conseguia alcançar o rei, por isso fingi tropeçar e me joguei pesadamente no chão, de lado, soltando um grande grito. O rei, ao me ver prostrado de barriga para baixo, ergueu a mão para mandar Atti parar, gritando: “Tana, tana, Atti”. Ela saltou de lado e começou a andar em direção ao estrado de madeira. Da poeira do chão eu a observava. Ela flexionou os quadris e, com leveza, subiu ao estrado, onde gostava de se deitar. Esticou uma das patas e começou a se limpar com a língua. O rei se agachou a seu lado e disse: “Se machucou, sr. Henderson?”.

“Não, foi só um tombo”, respondi.

Então ele começou a explicar. “Pretendo fazê-lo descontrair, sungo, pois o senhor está tenso demais. É por isso que estávamos correndo. A tendência do seu consciente é se isolar. Isso o torna extremamente contraído e retraído, então como próximo passo eu gostaria...”

“Próximo passo?”, disse eu. “Que próximo passo? Para mim chega. Já me rebaixei à poeira do chão. Que mais espera que eu faça, rei, pelo amor de Deus? Primeiro me botaram junto com um cadáver, depois fui lançado no açude do gado, açoitado pelas amazonas. Ok. Pela chuva. Até mesmo as calças de sungo e tudo. Ok. Mas agora isto?”

Com muita condescendência e compaixão, respondeu, erguendo uma dobra da aba do chapéu de veludo, da cor de vinho espesso: “Seja paciente, sungo. As coisas que acaba de mencionar foram para nós, para os Wariri. Não pense que não sou grato por elas. Mas esta agora é para o senhor”.

“Vive repetindo isso. Mas como é que este tratamento leonino poderá curar o meu problema?”

Com sua forma convexa, o rosto do rei, assim como o da sua mãe, dava a impressão de se oferecer ao interlocutor. “Oh”, disse ele, “conduta elevada, conduta elevada! Sem uma conduta elevada, não há senão miséria. Sei que deixou sua casa na América por sentir falta de uma conduta elevada. O senhor encontrou suas primeiras oportunidades e agiu bem, Henderson-sungo, mas agora precisa avançar. Tire proveito dos estudos que fiz e que por acaso estão disponíveis ao senhor.”

Lambi minha mão, pois a tinha esfolado na queda, e em seguida me sentei, pensativo. Ele estava agachado à minha frente com os braços sobre os joelhos. Olhava fixamente para mim por cima dos braços cruzados, tentando me fazer encará-lo.

“O que quer que eu faça?”

“O que eu venho fazendo. O que Gmilo, Suffo e todos os antepassados fizeram. Todos eles incorporaram o leão. Cada um deles absorveu em si o leão. Se fizer como desejo, o senhor também vai incorporar o leão.”

Se este meu corpo, se esta minha carne fossem só um sonho, então talvez houvesse alguma esperança de despertar. Foi isso o que pensei ali sentado, aflito. Eu estava pousado, por assim dizer, no fundo das coisas. Finalmente suspirei e comecei a me levantar, fazendo um dos maiores esforços que já fiz. Diante disso, ele disse: “Por que se levantar, sungo, quando está numa posição propícia?”

“Como assim, posição propícia? Está querendo que eu rasteje?”

“Não, claro que não, rastejar é para uma ordem diferente de criaturas. Mas fique de quatro. Quero que adote a postura de um leão.” Ele próprio se pôs de quatro, e tive que admitir que parecia muito um leão. Atti, com as patas cruzadas, só olhava para nós de quando em quando.

“Está vendo?”, perguntou.

Respondi: “Bem, o senhor deve ser capaz de fazer isso. Foi criado nesse meio. Além do mais, é ideia sua. Mas eu não consigo”. Desabei no chão.

“Oh”, disse ele. “Sr. Henderson, sr. Henderson! É esse o homem que falou sobre levantar de um túmulo de solidão? Que me recitou o poema da pequena mosca na folha verde ao pôr do sol? Que desejaria pôr fim ao vir a ser? É esse o Henderson que viajou metade do mundo porque tinha uma voz que lhe dizia *Eu quero*? E agora, que seu amigo Dahfu lhe estende um remédio, ele desaba? Está me dispensando?”

“Ora, rei, isso não é verdade. Simplesmente não é verdade, e sabe disso. Eu faria qualquer coisa pelo senhor.”

Como prova, eu me apoiei nas mãos e nos pés para ficar de quatro, com os joelhos fraquejando, e procurei olhar com firmeza para a frente, na tentativa de parecer o mais possível com um leão.

“Oh excelente”, disse ele. “Fico contente. Eu tinha certeza de que o senhor tinha em si flexibilidade o bastante. Apoie-se nos joelhos agora. Oh, assim está melhor, bem melhor.” Minha pança saltou para a frente entre os meus braços. “Sua estrutura é fora do comum”, disse ele. “Mas lhe ofereço sinceras congratulações por abandonar a rígida atitude anterior. Agora, senhor, será que poderia ficar um pouco mais maleável? Parece uma estátua feita de uma peça só. O diafragma é o segredo. É capaz de mover partes diferentes do corpo? Livre-se de um pouco da sua atitude de pesada relutância. Por que tanta tristeza, tanto prosaísmo? Agora o senhor é um leão. Mentalmente, conceba o ambiente. O céu, o sol, as criaturas da mata. O senhor se relaciona com todas elas. Até os mosquitos são seus primos. O céu são seus pensamentos. As folhas são sua garantia, e nenhuma outra é necessária. Não há interrupção, ao longo da noite, para o discurso das estrelas. Está me acompanhando? Eu lhe pergunto, sr. Henderson, consumiu grandes quantidades de álcool na vida? O rosto sugere que sim, especialmente o nariz. Não é nada pessoal. Muita coisa pode ser mudada. Não tudo, claro, mas muita coisa. O senhor pode adotar uma nova postura, que passará a ser sua postura pessoal. Será como a voz de Caruso, que ouvi em discos, nunca cansada, pois cantar para ele era tão natural como para os pássaros. No entanto”, disse, “é outro animal que o senhor me lembra intensamente. Mas qual?”

Eu não ia lhe dizer nada. Minhas cordas vocais, de todo modo, pareciam grudadas umas nas outras como fios de espaguete que cozinhou demais.

“Oh, é sério! Como o senhor é grande”, disse ele. E prosseguia nessa linha.

Reencontrei por fim minha voz e lhe perguntei: “Por quanto tempo quer que eu continue assim?”

“Estive observando”, disse ele. “É muito importante que o senhor sinta *alguma coisa* de um leão em sua tentativa inicial. Vamos começar com o rugido.”

“Não acha que com isso eu posso excitá-la?”

“Não, não. Veja, sr. Henderson, quero que imagine que é um leão. Um leão de verdade.”

Soltei um gemido.

“Não senhor. Faça-me o favor. Um rugido de verdade. Devemos ouvir sua voz. Ela tende a ser meio abafada. Eu já lhe disse que a tendência do seu consciente é ao isolamento. Então imagine que está com a presa que acabou de matar. Está querendo afastar um intruso. Pode começar com um rosnado.”

Tendo chegado tão longe com o sujeito, não havia como voltar atrás. Não restava alternativa. Eu tinha que ir em frente. Então comecei a produzir um ronco com a garganta. Estava desesperado.

“Mais, mais”, disse ele com impaciência. “Atti nem notou, portanto está longe do ideal.”

Fiz o som ficar mais audível.

“E olhe com ferocidade ao fazer isso. Ruja, ruja, ruja, Henderson-sungo. Não tenha medo. Deixe a coisa sair sozinha. Rosne com vontade. Sinta o leão. Abaixee as patas dianteiras. Erga os quadris. Me ameace. Abra esses esplêndidos olhos mesclados. Oh, mais alto. Melhorou, melhorou”, disse ele, “embora ainda tenha *páthos* demais. Produza mais som. Agora, com a mão — a pata —, ataque! Dê uma palmada! Recue! Mais uma vez — ataque, ataque, ataque, ataque! Sinta. Seja a fera! Vai recuperar mais tarde a humanidade, mas por ora seja a fera por completo.”

E assim virei a fera. Entreguei-me àquilo, e todo o meu sofrimento vinha para fora no rugido. Meus pulmões forneciam o ar, mas a nota

vinha da minha alma. Rugir fazia arder minha garganta e machucava os cantos da boca e logo preenchi o covil com um som grave como o de um tubo de órgão de igreja. Era ali que eu tinha ido parar. Oh, Nabucodonosor! Como eu compreendo bem aquela profecia de Daniel. Pois tinha garras, pelos e alguns dentes, e explodia em ruídos, mas quando tudo isso veio para fora, ainda sobrou um resíduo. Essa última de todas as coisas era meu anseio humano.

Quanto ao rei, estava num estado de entusiasmo, me elogiando, esfregando as mãos uma na outra, me olhando no rosto. "Oh, ótimo, sr. Henderson. Muito bom. O senhor é o tipo de homem que eu imaginava que fosse", ouvi-o dizer quando parei para tomar fôlego. Já que tinha chegado tão longe, eu bem que poderia ir até o fim daquilo, pensei, agachado na poeira e nos restos de comida deixados pela leoa; assim, dei tudo de mim e quase estourei a cabeça de tanto rugir. Cada vez que abria meus olhos saltados eu via o rei com seu chapéu, exultando ao meu lado, e a leoa me fitando do estrado, uma criatura inteiramente de ouro ali sentada.

Quando não aguentei mais, caí de cara no chão. O rei, pensando que eu pudesse ter desmaiado, tomou meu pulso e me deu tapinhas no rosto, dizendo: "Vamos, vamos, companheiro querido". Abri os olhos e ele disse: "Ah, está tudo bem? Estava preocupado. O senhor passou do vermelho vivo ao preto, começando no esterno e subindo até o rosto".

"Não, está tudo bem comigo. Como estou me saindo?"

"Maravilhosamente, meu irmão Henderson. Acredite, ficará evidente o benefício disso. Vou levar Atti embora e deixá-lo descansar. Já fizemos o suficiente para a primeira vez."

Conversamos sentados no estrado depois que o rei trancou Atti em seu compartimento. Parecia convencido de que o leão Gmilo iria aparecer em breve. Tinha sido avistado nas redondezas. Então ele soltaria a leoa, segundo me contou, e poria fim à controvérsia com o bunam. Em seguida começou a falar de novo sobre a conexão entre o corpo e o cérebro. Disse: "É tudo uma questão de dispor de um modelo desejável no córtex. Pois uma autoconcepção nobre é tudo. O que a concepção é, o sujeito também é. Em outras palavras, a gente é na carne o que é na alma. E, na forma descrita, um

indivíduo é de fato o artista de si mesmo. O corpo e o rosto são pintados secretamente pelo espírito do homem, operando através do córtex e dos ventrículos três e quatro do cérebro, que dirigem todo o fluxo de energia vital. E isso explica o que me deixa tão empolgado, Henderson-sungo". Ele estava no ápice do entusiasmo. Tentar acompanhar seu voo me deixou atordoado. Também me sentia um tanto amargurado com algumas implicações da sua teoria, que estava começando a compreender. Pois se eu era o pintor do meu próprio nariz, e testa, e da postura grosseira, e de braços e dedos como aqueles, ora, isso era um crime completo contra mim mesmo. O que eu tinha feito comigo! Uma massa informe e mal-acabada de gente! Oh ho ho ho ho! Quem dera a morte me limpasse e dissolvesse aquela gigantesca coleção de erros. "São os porcos", concluí subitamente, "os porcos! Os leões estão para ele como os porcos estão para mim. Oh, eu queria estar morto."

"Está pensativo, Henderson-sungo."

Quase senti rancor contra o rei naquele momento. Devia ter me dado conta de que a sua inteligência brilhante não era um dom seguro. A exemplo de seu palácio vermelho caindo aos pedaços, baseava-se em alicerces duvidosos.

Agora ele começava a me dar uma nova espécie de aula. Dizia que a natureza talvez fosse uma mentalidade. Eu não sabia ao certo o que ele queria dizer com aquilo. Ele se perguntava se até mesmo os objetos inanimados poderiam ter uma existência mental. Disse que Madame Curie tinha escrito algo a respeito das partículas beta emanando como revoadas de pássaros. "Lembra disso?", perguntou. "O grande Kepler acreditava que o planeta como um todo dormia, acordava, respirava. Estaria falando besteira? Caso estivesse certo, a mente dos humanos poderia ligar-se ao Todo-Inteligente para levar a cabo certas atividades. Por meio da imaginação." E começou então a repetir que em vez disso a imaginação humana tinha criado uma procissão de monstros. "Classifiquei-os nos tipos que mencionei", disse, "como os histéricos do apetite, da agonia, os fatídicos, os Lázarus combativos, os elefantes imunes, os ridentes malucos, os genitais ocos, e assim por diante. Pense no que poderia haver em vez disso a partir de imaginações diferentes. Que tipos alegres,

brilhantes, prazenteiros, que belezas e generosidades, que rostos doces e modos nobres. Ah, ah, ah, o que poderíamos vir a ser! A ocasião conclama a escalar os cumes. O senhor poderia ter sido um desses cumes, sr. Henderson-sungo.”

“Eu?”, perguntei, ainda aturdido por meus próprios urros. Meu horizonte mental não estava nada claro, embora as nuvens nele agora não fossem negras e pesadas.

“Então veja”, disse Dahfu, “o senhor veio me falar de grun-tu-molani. O que poderia ser grun-tu-molani num cenário de vacas?”

Porco!, era o que poderia ter me dito.

Era inútil amaldiçoar Nicky Goldstein por isso. Não era culpa dele o fato de ser judeu, de ter anunciado que iria criar martas nos Catskills e de eu ter dito a ele que criaria porcos. O destino é muito mais complexo que isso. Eu devia estar comprometido com os porcos muito antes de botar os olhos em Goldstein. Duas porcas, Hester e Valentina, costumavam me seguir por toda parte com suas barrigas sardentas, suas cerdas ásperas, vermelhas, ferruginosas, de um brilho sedoso, mas duras como espinhos ao toque. “Não as deixe se refestelarem no caminho do carro”, dizia Frances. Foi quando avisei: “É bom você não fazer mal a elas. Esses animais se tornaram uma parte de mim”.

Bem, será que aquelas criaturas tinham mesmo se tornado parte de mim? Eu hesitava em abrir o jogo com Dahfu e perguntar de chofre se ele era capaz de detectar a influência delas em mim. Investigando secretamente a mim mesmo, apalpei os ossos molares. Eles se projetavam como cogumelos que nascem nos troncos das árvores, aqueles cogumelos que se mostram brancos como banha quando a gente os abre. Sob o capacete, meus dedos tatearam em direção aos cílios. Os cílios dos porcos só cresciam na pálpebra superior. Eu tinha alguns na inferior, mas eram esparsos e grosseiros. Quando menino eu tinha treinado para ser um Houdini tentando apanhar agulhas no chão com os cílios, pendurado de cabeça para baixo no pé da cama. Ela tinha feito isso. Nunca consegui, mas não porque meus cílios fossem curtos demais. Oh, eu tinha mudado, é certo. Todo mundo muda. A mudança é obrigatória. As mudanças devem vir. Mas como? O rei diria que elas são dirigidas

pela imagem-matriz. E agora eu apalpava minha queixada, meu focinho; não ousava verificar mais abaixo o que tinha acontecido comigo. Pernis. Tripas, um caldeirão cheio delas. O tronco, um cilindro gordo. Eu tinha a impressão de que não conseguia nem mesmo respirar sem grunhir. Irmão! Coloquei a mão sobre o nariz e a boca e fitei o rei com olhos aflitos. Mas ele escutou a vibração gutural das cordas vocais e perguntou: "Que barulho estranho é esse que está fazendo, Henderson-sungo?"

"Parece com quê, rei?"

"Não sei. Uma sílaba animal? Estranhamente, o senhor parece bem, depois de tanto esforço."

"Não me sinto tão bem assim. Não sou um de seus cumes. Sabe disso tão bem quanto eu."

"O senhor mostra a atividade de uma imaginação poderosa e original, ainda que travada."

"É isso o que vê?", perguntei.

Respondeu: "O que eu vejo está muito misturado. Elementos fabulosos lutam para emergir de seu corpo. Excrescências. O senhor é um amálgama excepcional de forças veementes". Suspirou e me lançou um sorriso calmo; seu estado de espírito estava bem calmo naquele momento. Disse: "Não falamos em termos de culpa. Muitos fatores estão em ação, mediando. Fomentando. Promulgando. Cada um é diferente. Um bilhão de pequenas coisas não percebidas pelo objeto da sua influência. É verdade, a inteligência pura faz o melhor que pode, mas quem pode julgar? Elementos positivos e negativos se digladiam, e só o que podemos é olhar para eles e nos admirar ou chorar. Às vezes é possível ver um caso mais claro de anjo em conflito com abutre. O olho é do céu, o nariz dá uma certa fulguração. Mas o rosto e o corpo são o livro da alma, aberto ao leitor de ciência e intuição". Grunhindo, olhei para ele.

"Sungo", disse ele, "ouça com atenção e lhe contarei uma forte convicção minha." Fiz o que me pediu, pois pensei que talvez me dissesse algo animador sobre mim mesmo. "O histórico da nossa espécie", disse, "é a evidência de que, caso após caso, a imaginação se torna literal. Não sonhos. Não meros sonhos. Digo não meros sonhos porque eles têm uma maneira própria de se tornar reais. Na

escola em Malindi li tudo de Bulfinch. E digo: não o mero sonho. Não. Pássaros voavam, harpias voavam, Dédalo e seu filho voavam. E veja, aqui e agora, não é mais questão de sonho e historinha, pois existe literalmente o voo. O senhor voou para cá, para a África. Todas as realizações humanas têm essa mesma origem, identicamente. A imaginação é uma força da natureza. Não basta isso para que uma pessoa entre em êxtase? Imaginação, imaginação, imaginação! Ela torna real. Sustenta, altera, redime! Veja”, disse ele, “estou aqui na África e me entrego de um modo pessoal a minha melhor habilidade, disso estou convencido. O Homo sapiens pode se converter em tudo aquilo que imagina. Oh, Henderson, como estou contente que o senhor esteja aqui! Ansiei por alguém com quem pudesse discutir. Uma mente irmã. O senhor é uma dádiva para mim.”

* Verso do livro *O casamento do céu e do inferno*, de William Blake, em tradução de Ivo Barroso. (N. T.)

19.

Em torno do palácio havia um descuidado jardim de pedras e plantas. As árvores eram raquíticas e cresciam retorcidas e cheias de espinhos. Havia também flores, as mesmas que adornavam o apartamento do sungo. Minhas garotas as regavam e elas floresciam em meio àquelas pedras brancas e côncavas. O sol deixava as flores vermelhas intensamente lustrosas e lisas. A cada dia eu emergia do covil todo abalado pelos meus rugidos, a garganta ardendo, a cabeça febril e os olhos feito fuligem úmida, de pernas bambas e sobretudo com os joelhos delicados e trêmulos. Tudo de que eu precisava então era do peso do sol para me sentir como um convalescente. Vocês sabem como as coisas se passam com algumas pessoas quando elas se recuperam de alguma doença debilitante. Ficam estranhamente sensíveis; saem por aí meditando; qualquer coisinha as toca, elas ficam sentimentais; veem beleza em toda parte. Então, observado por todos, eu saía e me debruçava sobre aquelas flores, me agachava irremediavelmente com meus olhos de fuligem úmida diante daqueles vasos e conchas de rebotalho mineral cheios de húmus encharcado e cheirava as flores, grunhia e suspirava com uma espécie de infelicidade pesada e cintilante, as calças de sungo grudando em mim e os cabelos esvoaçando, especialmente na nuca. Meu cabelo crescia em cachos pretos, mais grossos do que os habituais, como os de um carneiro merino, muito pretos, e eles deixavam instável meu capacete. Talvez minha mente, começando a mudar de patrocinador, por assim dizer, estivesse estimulando o desabrochar de um homem diferente.

Todos sabiam de onde eu estava vindo, e suponho que tivessem ouvido meus rugidos. Se eu podia ouvir Atti, eles podiam me ouvir. Observado por todos e vigiado perigosamente por inimigos, tanto meus como do rei, eu cambaleava pelo jardim e tentava cheirar as flores. Não que elas tivessem um cheiro. Tinham apenas a cor. Mas

era o que bastava; aquilo me entrava na alma, clamando, enquanto Romilayu vinha sempre atrás de mim para dar apoio, se necessário. (“Romilayu, o que você acha destas flores? São turbulentas como o diabo”, eu dizia.) Naquela situação, em que eu devia parecer contaminado e perigoso devido ao contato com a leoa, ele não se esquivava de mim, nem buscava manter uma distância segura. Não me deixava na mão. E já que eu amo a lealdade acima de qualquer coisa, tentava dispensá-lo de todas as suas obrigações para comigo. “Você é um camarada de verdade”, eu dizia. “Merece de mim muito mais do que um jipe. Quero lhe dar alguma coisa a mais.” Dava tapinhas na sua carapinha — sentia minha mão muito grossa; cada dedo parecia um inhame — e voltava grunhindo ao meu apartamento. Ali eu deitava para descansar. Estava exaurido pelos rugidos. O próprio tutano tinha deixado meus ossos, de modo que eles pareciam ocos. Deitava de lado, arfando e gemendo, com aquele envelope inflado, minha barriga. Às vezes eu imaginava que era, dos cascos ao capacete, com todo o meu um metro e noventa e três, o retrato daquele animal tão familiar, de sardas na barriga, com presas quebradas e largos ossos molares. É certo, por dentro meu coração pulsava com sentimento humano, mas externamente, na casca, se preferirem, eu mostrava as marcas dos notáveis abusos e deformações de toda uma vida.

Para falar a verdade, eu não tinha plena confiança na ciência do rei. Lá embaixo no covil, enquanto eu suportava o inferno mais completo, ele ficava à toa, calmo, relaxado e quase lânguido. Dizia que a leoa fazia com que se sentisse muito sereno. Às vezes, quando nos estendíamos no estrado depois do meu exercício, os três juntos, ele dizia: “É muito repousante aqui. Puxa, estou flutuando. O senhor precisa dar uma chance a si mesmo. Precisa tentar...”. Mas eu tinha quase apagado antes disso, e ainda não estava preparado para começar a flutuar.

Tudo era preto e âmbar lá embaixo no covil. As próprias paredes de pedra eram amareladas. E também a palha. E o esterco. A poeira do chão era cor de enxofre. A pele da leoa, a partir do escuro da espinha, ia ficando gradualmente mais clara: cor de gengibre moído no peito e de pimenta branca na barriga, e sob as ancas ela era

branca como o Ártico. Mas suas patas eram pretas. Seus olhos também tinham contornos absolutamente pretos. Às vezes exalava um aroma de carne na respiração.

“Deve tentar se transformar mais em leão”, insistia Dahfu, e eu com certeza tentei. Considerando minhas desvantagens, o rei declarou que eu estava fazendo progressos. “Seu rugido ainda está abafado. Claro que isso é natural, já que tem tanta coisa a purgar”, dizia. Não era nenhuma mentira, como todo mundo sabe. Eu teria detestado testemunhar minhas próprias micagens e ouvir minha própria voz. Romilayu admitiu que tinha me ouvido rugir, e não se pode censurar o restante dos nativos por pensar que eu era o aprendiz de Dahfu na magia negra, ou fosse lá o que eles o acusassem de praticar. Mas o que o rei chamava de *páthos* era na verdade (eu não conseguia evitar) um grito que sintetizava toda a minha trajetória nesta terra, do meu nascimento até a África; e certas palavras se infiltravam nos meus rugidos, como “Deus”, “Socorro”, “Senhor tende misericórdia”, só que saíam sob a forma de “S’corrrr!” e “Msricóórrrrrd”. É engraçado pensar nas palavras que brotavam. “*Au secours*”, que virava “Secuurrrrrrr”, e também “Deprofuuuuundis”, mais fiapos do “Messias” (Ele foi desprezado e rejeitado, um homem de muitas aflições etc.). Sem ser chamado, o francês de vez em quando me retorna, é a língua em que eu costumava zombar de meu pequeno amigo François a propósito de sua irmã.

Então eu rugia e o rei ficava sentado com o braço pousado na sua leoa, como se estivessem assistindo a uma apresentação de ópera. Ela com certeza parecia muito formal em seus trajes. Depois de uma dúzia desses esforços penosos eu sentia o cérebro turvo e sombrio e meus membros entravam em colapso.

Concedendo-me um breve descanso, ele me fazia tentar de novo e de novo. Depois de tudo terminado, era muito solidário. Dizia: “Suponho que agora esteja se sentindo melhor, não é mesmo, sr. Henderson?”

“Sim, melhor.”

“Mais leve?”

“Sem dúvida, mais leve também, Alteza.”

“Mais calmo?”

Então eu começava a bufar. Estava todo sacudido por dentro. O rosto fervia; estendido na poeira, eu me sentava para encarar os dois.

“Como estão suas emoções?”

“Como um caldeirão, Alteza, um verdadeiro caldeirão.”

“Vejo que está lidando com o acumulado em toda uma vida.” Então ele dizia, quase com pena: “Ainda tem medo de Atti?”

“Ora, se tenho. Preferia saltar de um avião. Acho que não sentiria metade do medo. Tentei me alistar como paraquedista na guerra. Pensando bem, Alteza, acho que eu poderia saltar de uma altura de cinco mil metros com estas calças e ter uma boa chance de êxito.”

“Seu humor é delicioso, sungo.”

Faltava completamente àquele homem o que conhecemos como caráter civilizado.

“Tenho certeza de que o senhor logo começará a sentir um pouco do que é ser um leão. Estou convencido de sua capacidade. O velho eu está resistindo?”

“Oh, sim. Sinto mais do que nunca esse velho eu”, falei. “Sinto-o o tempo todo. Ele está profundamente apegado a mim.” Comecei a tossir e a grunhir, e estava desesperado. “Como se eu levasse nas costas uma carga de quatrocentos quilos — como uma tartaruga de Galápagos.”

“Às vezes uma condição precisa piorar antes de melhorar”, disse ele, e começou a me falar sobre doenças que tinha conhecido quando estava nas enfermarias como estudante, e tentei imaginá-lo como aluno de medicina de jaleco e sapatos brancos em vez do chapéu de veludo adornado com dentes humanos e dos chinelos de cetim. Ele segurava a leoa pela cabeça; os olhos dela, cor de sopa, me observavam; aqueles fios de bigode, lembrando riscos de diamante, pareciam tão cruéis que a sua própria pele se encolhia diante deles na raiz. Ela possuía uma natureza feroz. O que se pode fazer com uma natureza feroz?

Era por isso que quando voltava do covil eu me sentia daquele jeito na luz tórrida do jardim, com suas pedras vagabundas e suas flores vermelhas. A mesa dobrável de Horko estava posta para o

almoço debaixo do guarda-sol, mas primeiro eu ia descansar e retomar o fôlego, pensando: “Bom, talvez cada sujeito tenha a sua própria África. Ou, se for para o mar, seu próprio oceano”. Queria dizer com isso que, por ser um indivíduo turbulento, eu estava tendo uma África turbulenta. Não estou dizendo, porém, que acho que o mundo existe em função da minha pessoa. Não, acredito mesmo na realidade. É um fato reconhecido.

A cada dia eu ficava mais consciente de que todos sabiam onde eu passava a manhã e me temiam por isso — eu tinha chegado como um dragão; talvez o rei me tivesse mandado buscar para ajudá-lo a desafiar o bunam e subverter a religião da tribo inteira. E tentei explicar a Romilayu pelo menos que Dahfu e eu não estávamos perpetrando nenhum mal. “Ouça, Romilayu”, falei, “o rei simplesmente tem uma natureza muito rica. Ele não precisava ter voltado e se colocado à mercê de suas esposas. Fez isso porque tem a esperança de beneficiar o mundo inteiro. Um sujeito pode fazer uma porção de loucuras e, desde que não tenha uma teoria a respeito, nós o perdoamos. Mas, se acontece de existir uma teoria por trás de suas ações, todo mundo cai em cima dele. É assim que se passa com o rei. Mas ele não está me ferindo, meu camarada. É verdade que dá essa impressão, mas não acredite nela. Faço aqueles ruídos todos de livre e espontânea vontade. Se não pareço estar bem, é porque não tenho me sentido muito bem; tenho febre, e estou com o nariz e a garganta inflamados. (Rinite?) Acho que o rei me daria alguma coisa para isso se eu lhe pedisse, mas não tenho vontade de lhe pedir.”

“Não o condeno, siô.”

“Não me entenda mal. A raça humana precisa mais do que nunca de sujeitos como esse rei. A mudança tem que ser possível! Senão, fica tudo ruim demais.”

“Sim, siô.”

“Os americanos são considerados estúpidos, mas estão dispostos a se engajar nisso. Não sou só eu. Há que se pensar no protestantismo, na Constituição, na Guerra Civil, no capitalismo e na conquista do Oeste. Todas as grandes tarefas e conquistas foram realizadas antes do meu tempo. Isso deixou o maior problema de

todos, que é o de se confrontar com a morte. Simplesmente precisamos fazer alguma coisa quanto a isso. Não só eu. Milhões de americanos têm partido pelo mundo desde a guerra para redimir o presente e descobrir o futuro. Posso lhe jurar, Romilayu, que há sujeitos exatamente como eu na Índia, na China, na América do Sul e em toda parte. Pouco antes de sair de casa li no jornal a entrevista com um professor de piano de Muncie que se tornou monge budista na Birmânia. Está vendo, é isso que eu quero dizer. Sou um sujeito do tipo dinâmico. E é o destino da minha geração de americanos sair pelo mundo e tentar encontrar a sabedoria da vida. É isso e ponto. Por que diabo você acha que estou aqui, afinal?"

"Não sei, siô."

"Eu não podia permitir a morte da minha alma."

"Eu metodista, siô."

"Eu sei, mas isso nunca me ajudaria, Romilayu. E por favor, não tente me converter, já tenho problemas suficientes."

"Eu não incomodo siô."

"Eu sei. Você está do meu lado em minha hora de provação, Deus o abençoe por isso. Eu também estou do lado do rei Dahfu até que ele capture seu pai, Gmilo. Quando faço uma amizade, Romilayu, sou um amigo devotado. Eu sei o que é fazer enterrado dentro de si mesmo. Uma coisa aprendi, embora seja um homem difícil de educar. Vou lhe contar, o rei tem uma natureza rica. Quem dera eu aprendesse seu segredo."

Então Romilayu, com as cicatrizes brilhando em seu rosto enrugado (manifestações de sua antiga selvageria), mas com suaves olhos compassivos que ostentavam uma luz que não vinha do ar (ela nunca teria conseguido penetrar na sombra que atravessava como uma trepadeira sua testa baixa), quis saber que segredo eu estava tentando extrair de Dahfu.

"Ora", falei, "tem alguma coisa no perigo que não abala o sujeito. Pense em todas as coisas que ele tem a temer e depois veja o modo como ele se refestela naquele sofá. Você nunca viu nada igual. Ele tem um velho sofá verde lá em cima que deve ter sido trazido pelos elefantes há um século. E o modo como se estende nele, Romilayu! E as mulheres cuidam dele. Mas na mesa perto dele ficam aquelas

duas caveiras usadas no ritual da chuva, uma delas do seu pai e a outra do seu avô. Você é casado, Romilayu?”

“Sim, siô, casei duas vez. Mas agora uma esposa só.”

“Ora, igualzinho a mim. E tenho cinco filhos, incluindo dois gêmeos de uns quatro anos de idade. Minha mulher é muito grande.”

“Eu, seis filhos.”

“Você se preocupa com eles? É um continente selvagem ainda, não há como discordar. Fico preocupado o tempo todo, com medo que meus meninos menores se percam no bosque. Devíamos arranjar um cachorro — um cachorro grande. Mas de todo modo moraremos na cidade de agora em diante. Vou voltar para a escola. Romilayu, vou mandar uma carta a minha mulher e você vai levá-la a Baventai e colocá-la no correio. Prometi-lhe uma gorjeta, meu velho, e aqui estão os documentos do jipe, transferidos para você. Eu gostaria de poder levá-lo para os Estados Unidos comigo, mas já que você tem uma família isso é impraticável.” Seu rosto expressou muito pouca satisfação com o presente. Ficou especialmente enrugado, e como a essa altura eu já o conhecia, falei: “Que diabo, homem, não faça cara de choro o tempo todo. Chorar por quê?”

“Siô em apuros”, disse.

“Sim, eu sei disso. Mas, como sou um sujeito relutante, a vida decidiu usar medidas extremas comigo. Sou um esquivo, Romilayu, e isso tem me servido bem. Qual o problema, meu camarada, pareço estar mal?”

“Parece, siô.”

“Meus sentimentos sempre extravasam na minha aparência”, disse eu. “É assim que sou constituído. O que preocupa você é aquela cabeça de mulher que nos mostraram?”

“Eles matar o siô, será?”, disse Romilayu.

“Ok, aquele bunam é um mau ator. O sujeito é escorpião. Mas não esqueça que eu sou o sungo. Mummah não me protege? Minha pessoa é sagrada, acho. Além disso, com meu colarinho 22 eles precisariam de dois caras para me estrangular. Ha, ha. Você não devia se preocupar comigo, Romilayu. Tão logo essa história com o

rei esteja terminada e eu o tenha ajudado a capturar o pai, vou me encontrar com você em Baventai.”

“Tomara Deus, e que seja logo”, disse Romilayu.

Quando mencionei o bunam ao rei, ele riu. “Quando capturar Gmilo, serei o senhor absoluto”, disse.

“Mas aquele animal está barbarizando e matando na savana”, disse eu, “e o senhor age como se ele já estivesse aprisionado em segurança.”

“Os leões não costumam deixar uma determinada área”, disse ele. “Gmilo está perto daqui. A qualquer momento será encontrado. Vá escrever a carta para a sua senhora”, concluiu, rindo baixinho em seu sofá verde, rodeado por sua tropa negra de mulheres nuas.

“Vou escrever hoje para ela”, respondi.

Então desci para almoçar com o bunam e Horko. Horko, o bunam e o homem de couro preto do bunam estavam sempre à minha espera na mesa dobrável sob o guarda-sol. “Cavalheiros...” “Asi, sungo”, responderam todos. Eu tinha sempre em mente que aquelas pessoas haviam me ouvido rugir e provavelmente sentiam em mim o cheiro do covil. Mas sustentava a situação com desfaçatez. O bunam, quando olhava para o meu lado, o que era raro, mostrava-se muito sombrio. Eu pensava: “Talvez eu pegue você primeiro. Nenhum homem pode saber disso e é melhor você não me provocar”. O comportamento de Horko, por outro lado, era invariavelmente cordial, e ele punha para fora a língua vermelha e se debruçava na pequena mesa com os punhos que pareciam troncos de árvore até fazê-la oscilar sob seu peso. Havia uma atmosfera de intriga sob a seda transparente do guarda-sol, enquanto acrobatas saltitavam ao sol para nos entreter e pés se agitavam para dentro e para fora dos mantos quando o pessoal de Horko dançava e o velho músico tocava sua viola de pêndulo e outros batucavam e sopravam flautas no jardim do palácio com seus cérebros petrificados de pedra branca e as flores vermelhas que cresciam do húmus.

Depois do almoço vinha o dever diário da água. As laboriosas mulheres, com marcas profundas das barras da rede na pele dos ombros, me carregavam pelas vielas da aldeia onde o barro já tinha virado pó. O tambor solitário soava atrás de mim; parecia alertar as

peessoas para que se afastassem daquele Henderson, o sungo contaminado pela leoa. As pessoas ainda vinham me ver por curiosidade, mas não nas quantidades de antes, nem tinham mais muita vontade de ser borrifadas pelo louco Rei da Chuva. De maneira que, quando chegávamos ao monte de esterco no centro da aldeia, onde ficava o tribunal, eu fazia questão de me levantar e espargir para um lado e para outro. A água era recebida estoicamente. O magistrado em sua túnica carmim dava a impressão de que teria me parado se tivesse o poder para isso. No entanto, nada era feito. O prisioneiro com a forquilha na boca inclinava a cabeça contra a estaca em que estava amarrado. "Espero que você vença, camarada", eu lhe dizia e voltava para a minha rede.

Naquela tarde escrevi a Lily o seguinte:

"Querida, você provavelmente está preocupada comigo, mas imagino que o tempo todo você sabia que eu estava vivo."

Lily se gabava de poder sempre dizer como eu estava. Tinha alguma espécie de intuição amorosa privilegiada.

"O voo até aqui foi espetacular."

Como se flutuasse o tempo todo dentro de uma joia.

"Somos a primeira geração a ver as nuvens por baixo e por cima. Que privilégio! Antes as pessoas sonhavam mirando o alto. Agora sonham tanto olhando para cima como para baixo. Isso há de mudar alguma coisa em algum lugar. Para mim, a experiência como um todo tem sido semelhante a um sonho. Gostei do Egito. Todo mundo se vestia, basicamente, de trapos brancos. Do alto a foz do Nilo parecia um emaranhado de cordas. Em alguns lugares o vale era verde, em outros, amarelo. As cataratas pareciam soda efervescente. Quando pousamos na África propriamente dita e Charlie e eu nos pusemos em movimento, não foi exatamente o que eu tinha almejado ao sair de casa." *Assim como quando me deparei com uma pestilência ao entrar na casa da velha senhora e me dei conta de que devia empreender um esforço maior ou me afundar na vergonha.* "Charlie não relaxou na África. Eu estava lendo *Primeiros passos na África Oriental*, de R. F. Burton, e também o *Diário*, de Speke, e não entrávamos em acordo a respeito de coisa alguma.

Então nos separamos. Burton tinha um conceito e tanto de si mesmo. Era muito bom com a espada e o sabre e falava a linguagem de todo mundo. Eu o imagino semelhante ao general Douglas MacArthur no caráter, muito consciente de seu papel histórico e com a cabeça em Roma e na Grécia clássicas. Pessoalmente, tive que decidir por um rumo diferente, pois de acordo com qualquer padrão civilizado estou liquidado. No entanto, os gênios gostam imensamente da vida comum.”

Quando voltou para a Inglaterra, Speke estourou os miolos. Poupei Lily desse detalhe biográfico. Por gênio eu me refiro a alguém como Platão ou Einstein. A luz em si era tudo de que Einstein precisava. O que poderia ser mais comum?

“Havia por ali um sujeito chamado Romilayu, e ficamos amigos, embora no início ele tivesse medo de mim. Pedi-lhe que me mostrasse áreas incivilizadas da África. Restam poucas delas. Há governos modernos brotando por toda parte e classes instruídas. Eu mesmo conheci membros da realeza africana instruída e neste exato momento sou hóspede de um rei que é quase doutor em medicina. Não obstante, estou fora dos roteiros habituais, não há dúvida, e isso devo agradecer a Romilayu (um sujeito maravilhoso) e, indiretamente, ao próprio Charlie. Até certo ponto foi terrível, e continua a ser. Algumas vezes eu podia ter desistido da minha alma com a mesma facilidade com que um peixe solta uma bolha. Sabe, Charlie não é má pessoa, no fundo. Mas eu não devia ter entrado numa viagem de lua de mel. Eu estava sobrando. Ela é uma daquelas dondocas da Madison Avenue que arrancam os dentes de trás para ficar com uma aparência chique (faces encovadas).”

Mas, voltando a pensar no assunto, vejo que nunca na vida a noiva poderia me perdoar por minha atitude no casamento. Eu era padrinho, e a ocasião era formal, e não foi só que eu não a beijei, mas além disso de algum modo fiquei sozinho com ela no táxi em vez de Charlie a caminho do restaurante Gemignano depois da cerimônia. No bolso interno do paletó, enrolada, estava uma partitura de música — o “Rondó Turco” de Mozart para dois violinos. Eu estava bêbado; como pude dar conta ali de um exercício de violino? No Gemignano meu comportamento foi detestável. Eu disse:

Isto é parmesão ou sabão em pó? Cuspi o queijo na toalha de mesa e em seguida assoei o nariz no meu foulard. Maldita a minha memória por ser tão completa!

“Você mandou um presente de casamento em meu nome ou não? Temos que mandar um presente. Arranje umas facas de carne, pelo amor de Deus. Quero lhe dizer que devo muito a Charlie. Sem ele talvez eu tivesse ido parar no Ártico, no meio dos esquimós. A experiência na África tem sido tremenda. Tem sido dura, tem sido arriscada, tem sido uma coisa! Mas amadureci vinte anos em vinte dias.”

Lily não topou dormir no iglu comigo, mas de todo modo prossegui com meus experimentos polares. Capturei alguns coelhos. Pratiquei arremesso de lança. Construí um trenó, seguindo as descrições dos livros. Quatro ou cinco camadas de urina congelada nos patins e eles deslizavam sobre a neve como se estivessem sobre o aço. Estou convencido de que poderia ter chegado ao polo. Mas não acho que encontraria lá o que estava procurando. Nesse caso, teria esmagado o mundo a partir do norte com meus passos pesados. Se eu não encontrasse a minha alma, isso custaria à terra uma catástrofe.

“Aqui eles não sabem o que são turistas, portanto não sou um turista. Uma mulher uma vez disse à amiga: ‘No ano passado demos a volta ao mundo. Este ano acho que vamos para algum outro lugar’. Ha ha! Às vezes as montanhas aqui parecem muito porosas, amarelas e marrons e me fazem lembrar aqueles velhos algodões doces. Tenho meu aposento pessoal no palácio. Isto aqui é uma parte muito primitiva do mundo. Até as pedras parecem primitivas. De quando em quando tenho uma febre alta. A sensação é de uma daquelas minas de carvão que foram lacradas devido à combustão. Mas de modo geral sinto que estou me beneficiando fisicamente aqui, só que tenho tido um grunhido persistente. Eu me pergunto se ele é novo, ou se você já o tinha notado em casa.

“Como estão os gêmeos e Ricey e Edward? Estou pensando em parar na Suíça na volta para ver a pequena Alice. Eu poderia cuidar dos dentes também enquanto estivesse em Genebra. Você bem que podia contar ao dr. Spohr que a minha ponte quebrou durante um

café da manhã. Mande-me a ponte reserva aos cuidados da embaixada americana no Cairo. Está no porta-malas do conversível embaixo da mola de arame que prende o macaco ao estepe. Coloquei-a ali por uma questão de segurança.

“Prometi a Romilayu uma gratificação extra se ele me levasse a lugares menos batidos. Fizemos duas paradas. A humanidade tem que se inclinar mais decisivamente em direção à beleza. Conheci uma mulher que é chamada A mulher da ammarguha. Ela parece meramente uma velha gorda, mas tem uma sabedoria tremenda e, quando me examinou, achou que eu fosse um excêntrico, mas isso não a perturbou, e ela disse um par de coisas maravilhosas. Primeiro me contou que o mundo me era estranho. É estranho para uma criança. Mas não sou nenhuma criança. Isso me deu ao mesmo tempo prazer e dor.”

O Reino dos Céus é para os de espírito infantil. Mas quem é esse espectro narigudo e grandalhão?

“Claro que existe estranheza e estranheza. Um tipo de estranheza pode ser uma dádiva, e outro, uma punição. Eu quis dizer à velha senhora que todo mundo compreende a vida, menos eu — como ela poderia explicar isso? Pareço ser uma pessoa muito fútil, tola e impulsiva. Como foi que me perdi desse jeito? E, seja de quem for a culpa, como posso me reencontrar?”

É uma tenra idade, e estou na relva fora de casa. O sol flameja e se dilata; o calor que emite é também seu amor. Tenho no coração essa mesma e idêntica vivacidade. Há dentes-de-leão em volta. Tento abarcar todo aquele verde. Encosto meu rosto inflado de amor no amarelo dos dentes-de-leão. Tento penetrar no verde.

“Então ela me contou que eu tinha grun-tu-molani, que é um termo nativo difícil de explicar, mas que de um modo geral indica que você quer viver, não morrer. Eu queria que ela falasse mais sobre isso. Seu cabelo era como lã de carneiro e sua barriga tinha cheiro de açafraão; um de seus olhos tinha catarata. Acho que não voltarei a vê-la nunca mais, porque fiz uma grande besteira e tivemos que ir embora de lá. Não posso entrar em detalhes. Mas sem a amizade do príncipe Itelo talvez eu estivesse em sérios apuros. Achei que tinha perdido a oportunidade de examinar minha

vida com a ajuda de uma pessoa verdadeiramente sábia, e fiquei muito abatido com isso. Mas eu amo Dahfu, rei da segunda tribo que encontrei. Estou com ele agora e fui agraciado com um título honorário, Rei da Chuva, que é uma mera formalidade, suponho, como receber de Jimmy Walker a chave da cidade. Vem junto uma indumentária. Mas não estou em condições de lhe contar muito mais do que isso, exceto em termos gerais. Estou participando de um experimento com o rei (quase um doutor em medicina, já lhe contei) e isso tem sido uma provação diária." *O rosto do animal é puro fogo para mim. Todo dia. Tenho que fechar os olhos.*

"Lily, provavelmente não tenho dito isso ultimamente, mas sinto um afeto genuíno por você, menina, o que às vezes me aperta o coração. Pode chamar isso de amor. Embora, pessoalmente, eu ache que o mundo está cheio de impostura." *Especialmente para alguém como eu, chamado da não existência para a existência: para quê? O que eu tenho a ver com amor de marido ou amor de esposa? Sou esquisito demais para esse tipo de coisa.*

"Quando estava exilado em Santa Helena, Napoleão falava muito sobre moral. Era um pouco tarde demais. O assunto lhe interessava bastante. Então não vou discutir amor com você. Se acha que está isenta de culpa, vá em frente e fale a respeito. Você disse que não podia viver apenas de sol, lua e estrelas. Disse que sua mãe estava morta quando ainda não estava, o que foi com certeza neurótico da sua parte. Ficou noiva uma centena de vezes e sempre perdeu o pique. Você me tapeou. É assim que funciona o amor? Tudo bem, então. Mas eu esperava que você me ajudasse. Este rei aqui é uma das pessoas mais inteligentes do mundo e tenho muita fé nele, e ele me conta que devo me deslocar dos estados que eu mesmo crio para os estados que existem por si. Como se eu, parando de fazer tanto barulho o tempo todo, pudesse escutar alguma coisa bela. Talvez escutasse um pássaro. As cambaxirras continuam fazendo ninho nas cornijas? Vi as palhas despontando para fora e fiquei espantado que elas conseguissem entrar ali." *Eu nunca conseguiria seguir o exemplo dos pássaros. Partiria todos os galhos. Teria espantado dos céus até os pterodátalos.*

“Estou desistindo do violino. Acho que nunca atingirei meus objetivos por meio dele”, *erguer da terra o meu espírito, abandonar o corpo desta morte. Eu era muito teimoso. Queria me alçar a outro mundo. Minha vida e meus feitos eram uma prisão.*

“Bem, Lily, tudo vai ser diferente de agora em diante. Quando voltar, vou estudar medicina. Minha idade é um empecilho, mas que se dane, vou fazer isso do mesmo jeito. Você não pode imaginar como estou ansioso para entrar no laboratório. Ainda sou capaz de lembrar o cheiro desses lugares. Formaldeído. Estarei no meio de um bando de garotos, eu sei, fazendo química, zoologia, fisiologia, física, matemática, anatomia. Imagino que será uma provação e tanto, especialmente dissecar um cadáver.” *Mais uma vez, Morte, somos você e eu.* “No entanto, tive que lidar com os mortos de todo modo e não ganhei nada com isso. Talvez eu possa também fazer alguma coisa em prol da vida, para variar.” *O que é, de fato, esse grande instrumento? Mal tocado, por que sofre tanto? Bem tocado, como pode chegar tão longe, alcançando até mesmo a Deus?* “Ossos, músculos, glândulas, órgãos. Osmose. Quero que você me matricule no Medical Center sob o nome de Leo E. Henderson. A razão disso eu lhe contarei quando voltar para casa. Você não fica empolgada? Menina querida, como esposa de médico você terá que ser mais asseada, tomar banho com mais frequência e lavar suas coisas. Terá que se acostumar com o sono interrompido, chamados noturnos e tudo mais. Ainda não decidi onde exercer a profissão. Acho que se tentasse em casa iria espalhar o terror entre os vizinhos. Se no papel de médico eu pusesse o ouvido no peito deles, eles entrariam em pânico.

“Por isso, talvez eu me engaje no trabalho missionário, como o dr. Wilfred Grenfell ou Albert Schweitzer. Ei! Axel Munthe — que tal ele? Naturalmente a China está fora de questão, agora. Poderíamos ser presos e sofrer lavagem cerebral. Ha ha! Mas podemos tentar a Índia, quem sabe. Quero mesmo lidar com os doentes. Quero curá-los. Quem cura é sagrado.” *Eu mesmo tenho sido tão mau que acredito que deva haver alguma virtude em mim, afinal de contas.* “Lily, vou parar de me destruir.”

Não acho que as batalhas do desejo possam ser vencidas algum dia. Eras e eras de anseio e vontade, vontade e anseio, e no que resultou tudo isso? Num beco sem saída, poeira e nada mais.

“Se o Medical Center não me aceitar, tente me matricular primeiro na Johns Hopkins e depois em qualquer uma das escolas que aparecem na lista telefônica. Outra razão para eu fazer uma parada na Suíça é dar uma olhada na situação das escolas médicas. Eu poderia conversar com o pessoal de lá, explicar as coisas e talvez me aceitassem.

“Portanto, mãos à obra com essas cartas, querida, e mais uma coisa: venda os porcos. Quero que venda Kenneth, o varrão Tamworth, e também Dilly e Minnie. Livre-se deles.

“Somos criaturas engraçadas. Não vemos as estrelas tais como são, então por que as amamos? Elas não são objetos pequeninos de ouro, mas fogo sem fim.”

Estranho? Por que não seria estranho? É estranho. Tudo é estranho.

“Não tenho bebido nem um pouco aqui, exceto por uns golinhos que tomei escrevendo esta carta. No almoço eles servem uma cerveja nativa chamada ‘pombo’, que é bem boa. Eles fermentam o abacaxi. Todo mundo é muito animado por aqui. Gente com penas, gente com fitas, com lenços decorados, anéis, braceletes, contas, conchas, nozes de ouro. Algumas das mulheres do harém andam como girafas. Seus rostos se inclinam para a frente. O rosto do rei lembra muito uma ladeira. Ele é muito brilhante e obstinado.

“Às vezes sinto como se tivesse toda uma tropa de pigmeus saltando para cima e para baixo dentro de mim, berrando descontrolados. Não é bizarro? Outras vezes fico muito calmo, mais calmo do que jamais estive.

“O rei acredita que cada um deveria ter uma imagem adequada de si mesmo...”

Acho que tentei explicar a Lily as ideias de Dahfu, mas Romilayu perdeu as últimas páginas da carta, e suponho que isso até tenha sido bom, porque quando as escrevi já tinha bebido um bocado. Numa dessas páginas acho que disse, ou talvez tenha só pensado: “Eu tinha uma voz que dizia Eu quero! *Eu* quero? Eu? Ela devia ter

dito *ela* quer, *ele* quer, *eles* querem. E além do mais é o amor que torna real a realidade. O contrário faz o contrário”.

20.

Romilayu e eu nos despedimos pela manhã e quando ele finalmente partiu com a carta para Lily senti um grande mal-estar. Meu próprio estômago pareceu sucumbir quando o rosto enrugado dele me olhou pelo portão do palácio que se fechava. Acho que ele esperava no último momento ser chamado de volta por seu patrão volúvel e irracional. Mas me limitei a ficar postado ali com o capacete de tartaruga e aquelas calças que me faziam parecer alguém que se perdeu de seu destacamento de zuavos. O portão se fechou contra o olhar cheio de cicatrizes e costuras de Romilayu, e me senti desmedidamente deprimido. Mas Tamba e Bebu me distraíram da minha tristeza. Como de costume elas me saudaram estendendo-se no chão e colocando meu pé sobre suas cabeças, e então Tamba se deitou de bruços para que Bebu pudesse fazer o joxi com seus pés. Pisou em suas costas, coluna, pescoço e nádegas, o que pareceu dar a Tamba um prazer celestial. Ela fechava os olhos, gemendo de gozo. Refleti que deveria tentar aquilo algum dia; devia ser benéfico, se dava tanta satisfação àquela gente; no entanto, aquele não era um dia indicado, pois eu estava triste demais.

O ar estava esquentando rapidamente, mas ainda havia resquícios do frio pungente da noite; eu o sentia através do tecido fino que vestia. A montanha, aquela a que chamavam Hummat, estava amarela; as nuvens eram brancas e pareciam pesadas. Estavam estacionadas na altura do que seriam o pescoço e os ombros de Hummat, como um colar. Dentro do palácio, sentei e fiquei esperando a manhã esquentar, mãos entrelaçadas, me preparando para minha exposição diária a Atti e ao mesmo tempo tentando seriamente raciocinar: preciso mudar. Não posso viver no passado, isso me arruinaria. Os mortos são meus pensionistas, acabam com a minha comida. Os porcos eram meu desafio. Eu estava declarando ao mundo que ele era um porco. Preciso começar a pensar em como

viver. Preciso acabar com a chantagem de Lily e colocar o amor num trilho verdadeiro. Porque afinal de contas Lily e eu éramos muito felizes. Mas então o que um animal poderia fazer por mim? Em última análise? De verdade? Uma fera de rapina? Mesmo supondo que um animal gozasse de uma bênção natural? Nós também compartilhamos essa bênção natural até o fim da infância. Mas agora não se exige de nós que completemos outra coisa — o projeto número dois —, a segunda bênção? Eu não podia dizer essas coisas ao rei, ele estava demasiado empacado nos leões. Nunca vi uma pessoa tão ligada a alguma criatura, qualquer que fosse. E não podia me recusar a fazer o que ele queria que eu fizesse por conta do afeto que sentia por ele. Sim, em certos aspectos o sujeito era notavelmente semelhante a um leão, mas isso não provava que os leões o tivessem feito assim. Isso estava mais para Lamarck. Na faculdade costumávamos rir de Lamarck na sala de aula. Lembro que o professor disse que aquela era uma ideia burguesa de autonomia da mente individual. Éramos todos, ou quase todos, filhos de homens ricos e no entanto ríamos das ideias burguesas até quase estourar as tripas. Bem, refletia eu, franzindo a testa ao extremo, sentindo muita falta de Romilayu, esta é a recompensa por uma vida de ação desprovida de pensamento. Se eu tinha atirado no gato, se tinha mandado as rãs pelos ares, se tinha erguido Mummah sem me dar conta de onde estava me metendo, então não era assim tão fora de propósito ficar de quatro, rugir e agir como um leão. Poderia em vez disso ter aprendido a respeito do grun-tu-molani com Willatale. Mas nunca me arrependerei do meu afeto por este homem — Dahfu, quero dizer; eu teria feito muito mais para preservar sua amizade.

Assim matutava eu no meu quarto do palácio quando Tatu entrou, com sua antiga boina militar italiana. Pensando que se tratasse da convocação diária para me juntar ao rei no covil, levantei-me pesadamente, mas ela me disse por palavras e gestos que eu devia ficar onde estava e esperar pelo rei. Ele estava vindo.

“Que está havendo?”, perguntei. No entanto, ninguém soube me explicar e eu me arrumei um pouco para esperar a visita do rei; tinha me permitido ficar imundo e barbado, já que não fazia muito sentido me assear para ficar de quatro rugindo e arranhando o chão.

Naquele dia, porém, fui à cisterna de Mummah e lavei o rosto, o pescoço e as orelhas e deixei que o sol me secasse no umbral do meu apartamento. Não demorou muito. Enquanto isso eu lamentava ter despachado Romilayu cedo demais, pois aquela manhã me trouxe à mente outras coisas que eu deveria ter dito a Lily. Aquilo não era tudo o que eu tinha a dizer, pensei. Eu a amo. Deus do céu! Meti os pés pelas mãos de novo. Mas não tive muito tempo para os remorsos, pois Tatu já vinha em minha direção pelo jardim agreste do palácio, gesticulando com os dois braços e dizendo: "Dahfu. Dahfu ala-mele". Levantei e ela me conduziu pelos corredores do andar térreo até o pátio externo do rei. Ele já estava em sua rede, sob a sombra púrpura de seu gigante guarda-sol de seda. Segurava na mão seu chapéu de veludo e acenava com ele, e quando me viu perto dele seus lábios intumescidos se abriram. Ajeitou o chapéu sobre o joelho erguido e disse, sorrindo: "Suponho que adivinhe que dia é hoje".

"Imagino..."

"Sim, é hoje o dia. Dia do leão para mim."

"É mesmo, hein?"

"A isca foi comida por um jovem macho. Ele condiz com a descrição de Gmilo."

"Bom, deve ser ótimo", disse eu, "saber que vai reencontrar um parente querido. Bem que eu gostaria que algo assim acontecesse comigo."

"Bem, Henderson", disse ele (naquela manhã, mostrava uma satisfação especial com minha companhia e minha conversa), "acredita na imortalidade?"

"Eu diria que há muitas almas que não aguentariam nem mais uma rodada de vida", disse eu.

"Está falando sério? Mas o senhor conhece o mundo melhor do que eu. No entanto, Henderson, meu bom amigo, esta é uma ocasião elevada para mim."

"Há uma boa chance de se tratar de seu pai, o falecido rei? Se eu soubesse, não teria despachado Romilayu. Ele partiu esta manhã. Alteza, será que poderíamos mandar um mensageiro atrás dele?"

O rei não deu atenção a isso e deduzi que sua excitação era grande demais para lhe permitir levar em conta minhas providências práticas. O que era Romilayu para ele num dia como aquele?

“O senhor vai compartilhar o *hopo* comigo”, afirmou, e mesmo sem saber o que isso queria dizer eu concordei, claro. Meu próprio guarda-sol apareceu, aquela cobertura côncava verde com fibras transversais na seda transparente que contribuía para me convencer de que aquilo não era uma visão, mas um objeto, pois que motivo teria uma visão para se dar ao trabalho de ter aquelas linhas transversais? Hein? A haste era segura por mãos femininas. Carregadoras trouxeram minha rede.

“Vamos perseguir o leão deitados na rede?”, perguntei.

“Quando chegarmos à mata vamos continuar a pé”, respondeu.

Então subi à rede do sungo com um daqueles meus gemidos pesados e afundei nela. Tinha a impressão de que estávamos indo de mãos nuas capturar o animal — aquele leão, que tinha comido o velho touro e que agora dormia profundamente em algum lugar do mato alto.

Mulheres de cabeça raspada se agitavam à nossa volta, nervosas e estridentes, e uma espalhafatosa multidão tinha se reunido, exatamente como no dia do ritual da chuva: tocadores de tambor, homens pintados e ornados com conchas e plumas, trombeteiros soprando as notas de praxe. As trombetas tinham uns trinta centímetros de comprimento e grandes bocais de metal de óxido verde. Faziam um ruído infernal aqueles instrumentos, como se escarnecessem do medo. Assim, com as trombetas, os tambores, os chocalhos e matracas do bando de batedores reunidos à nossa volta, fomos carregados para fora dos portões do palácio. Os braços das amazonas tremiam pelo esforço de me manter erguido. Várias pessoas vieram me olhar enquanto avançávamos rumo à aldeia; espiavam dentro da rede. Entre elas estavam o bunam e Horko, e me pareceu que este último esperava que eu lhe dissesse alguma coisa. No entanto, não abri a boca.

Eu retribuía o olhar deles com minha enorme cara vermelha. A barba tinha começado a crescer como uma vassoura e a febre, que tinha subido de novo, afetava meus olhos e ouvidos. Um tremor nas

bochechas me surpreendia de quando em quando; não podia fazer nada quanto a isso, e deduzi que, sob a influência dos leões, os nervos da mandíbula e do nariz estavam sofrendo uma mudança perturbadora. O bunam tinha se aproximado com o intuito de se comunicar comigo ou de me alertar; dava para ver isso. Desejei reivindicar de volta meu H e H Magnum com mira telescópica, mas obviamente eu não sabia as palavras correspondentes a “dar” e “arma”. As mulheres pelejavam com meu peso e a rede formava um calombo no fundo, quase tocando o chão. As barras castigavam os seus ombros enquanto elas carregavam o brutal rei branco da chuva com sua cara avermelhada, seu capacete imundo, suas calças espalhafatosas e suas grandes canelas peludas. As pessoas apupavam, aplaudiam, pulavam para cima e para baixo em seus trapos e peles de animais, ostentando mechas de cabelo tingido como se fossem flâmulas. Mulheres com bebês que balançavam em seus seios grandes e moles e marmanjos com dentes quebrados ou faltando. Até onde eu sabia, eles não estavam saudando o rei com entusiasmo; exigiam que ele trouxesse para casa Gmilo, o leão certo, e se livrasse da feiticeira, Atti. Sem um gesto sequer ele passava em sua rede pelo meio da multidão. Eu sabia que seu rosto era banhado pela sombra do guarda-sol púrpura e que ele estava usando seu grande chapéu de veludo, ao qual era tão apegado quanto eu ao meu capacete. Chapéu, cabelo e rosto estavam unidos intimamente sob a luz colorida filtrada pelo arco de seda, e ele repousava estendido com aquele mesmo relaxamento suntuoso que eu admirara desde o início. Acima dele, bem como acima de mim, mãos estranhas agarravam o cabo enfeitado do guarda-sol. O sol agora brilhava com força, cobrindo as montanhas e rochas próximas com camadas tremeluzentes. Perto do chão ele estava a ponto de se materializar em folha de ouro. As cabanas eram buracos de escuridão e o sapê dos telhados emitia uma radiância doentia, abatida.

Até chegarmos aos limites da cidade fiquei repetindo para mim mesmo: “Realidade! Oh, a realidade! Que se dane a realidade!”.

Ao chegar à mata as mulheres me baixaram e eu saltei da rede para o chão ardente. Chão de pedra de um branco compacto, de

esplendor solar. O rei também ficou de pé. Olhou para trás, contemplando a multidão que tinha permanecido junto aos muros da cidade. Com os batedores estava o bunam e, logo atrás dele, uma criatura branca, um homem totalmente pintado ou coberto de cal. Sob a camada de giz eu o reconheci. Era o homem do bunam, o carrasco. Identifiquei-o pelos vincos do seu rosto magro naquela metamorfose branca.

“Qual é o sentido disso?”, perguntei, pisando sobre a pedra compacta e saltando os tufo de mato para me aproximar de Dahfu.

“Não faço ideia”, disse o rei.

“Ele sempre fica assim numa caçada de leão?”

“Não. Dias diferentes, cores diferentes, de acordo com a leitura dos presságios. Branco não é o melhor dos presságios.”

“O que estão pretendendo com isso? É uma péssima despedida que estão lhe oferecendo.”

O rei agia como se não pudesse ser incomodado. Qualquer leão humano teria procedido como ele. Não obstante, estava irritado ou até mesmo abalado com aquilo. Dei uma ostensiva meia-volta para encarar aquela figura de mau agouro que tinha vindo minar a autoconfiança do rei no limiar daquele evento, do encontro com a alma de seu pai. “Essa tintura de cal é para ser levada a sério?”, perguntei ao rei.

Bem afastados um do outro, seus olhos tinham duas miradas diferentes; à medida que eu falava com ele, elas voltaram a se unir numa só. “Eles pretendem que seja.”

“Senhor”, disse eu, “quer que eu faça alguma coisa?”

“Que coisa?”

“Diga o senhor. Num dia como este é perigoso sofrer intrusões, não é? Tem que ser perigoso para eles também.”

“É? Não. O quê?”, disse ele. “Eles estão vivendo no velho universo. Por que não? Isso faz parte do meu acordo com eles, não faz?” Algo do matiz dourado das pedras resplandeceu no seu sorriso. “Ora, este é meu grande dia, sr. Henderson. Posso suportar todos os presságios. Depois que eu capturar Gmilo eles não poderão dizer mais nada.”

“Que paus e pedras quebrem meus ossos, mas isso não passa de superstição inútil, e assim por diante. Bem, Alteza, se é assim que encara a coisa, tudo bem.” Mergulhei os olhos no calor crescente, que roubava a cor das pedras e das plantas. Eu tinha achado que o rei falaria grosso com o bunam e seu seguidor pintado com a cor do mau agouro, mas ele só fez um comentário para eles. Seu rosto parecia muito pleno sob aquele chapéu de veludo de abas largas e a coroa cheia de suaves variações. Os guarda-sóis tinham ficado para trás. As mulheres, as esposas do rei, estavam postadas junto ao muro baixo da cidade a distâncias variadas; assistiam e gritavam certas coisas (de despedida, suponho). As pedras empalideciam cada vez mais com a força do calor. As mulheres emitiam estranhos gritos de amor e incentivo ou de alerta ou de adeus. Acenavam, cantavam, faziam sinais com os dois guarda-sóis, que subiam e desciam. Os batedores, em silêncio, não tinham parado por nossa causa, mas partiram com suas trombetas, tambores e chocalhos, num corpo compacto. Havia sessenta ou setenta deles, e se afastaram de nós em massa, mas aos poucos se dispersaram em direção à mata. À maneira de formigas, começaram a se espalhar pelos arbustos dourados e seixos do morro. Esses seixos, como já foi dito antes, eram como objetos grosseiros que uma força obtusa tivesse movido do alto com um rastelo.

A partida dos batedores deixou o bunam, o feiticeiro do bunam, o rei e eu, o sungo, mais três assistentes com lanças, todos de pé a uns trinta metros da aldeia.

“O que foi que disse a eles?”, perguntei ao rei.

“Disse ao bunam que cumpriria meu propósito de qualquer maneira.”

“Devia dar um chute no rabo de cada um”, disse eu, fazendo cara feia para os dois sujeitos.

“Vamos, Henderson, meu amigo”, disse Dahfu, e começamos a andar. Os três homens com lanças vieram atrás de nós.

“Para que servem esses camaradas?”

“Para ajudar nas manobras no *hopo*”, disse ele. “Vai ver quando chegarmos à extremidade estreita do lugar. É melhor do que uma explicação.”

À medida que fomos adentrando a relva alta, ele ergueu o rosto enviesado com seu nariz quase sem osso e farejou o ar. Também respirei fundo. Seco e fino, o ar tinha um cheiro que lembrava açúcar fermentado. Comecei a tomar consciência do frêmito dos insetos tocando seus instrumentos sob os caules das plantas, ali bem no âmago do calor.

O rei começou a avançar rápido, mais saltando do que andando, e enquanto o seguíamos, os lanceiros e eu, me ocorreu que o mato era alto o bastante para esconder praticamente qualquer animal com exceção do elefante e que eu não tinha mais do que um alfinete de fralda para me defender.

“Rei”, disse eu. “Psiu. Espere um minuto.” Eu não podia levantar a voz ali; sentia que não era o momento de fazer barulho. Ele provavelmente não gostou daquilo, pois não parou, mas continuei chamando em voz baixa e finalmente ele parou para me esperar. Muito excitado, fitei-o nos olhos bem de perto, gastei uns momentos retomando o fôlego e então disse: “Nem sequer uma arma? Assim sem mais? Vai ter que pegar o bicho pelo rabo?”.

Decidiu ser paciente comigo. Eu podia ver a decisão sendo tomada. Juro que podia. “O animal, que espero que seja Gmilo, está provavelmente no interior da área do *hopo*. Agora veja, Henderson, eu não poderia estar armado. E se eu ferisse Gmilo?” Falava dessa possibilidade com horror. Eu não tinha percebido até então (qual era o problema comigo?) o quanto ele estava excitado. Não tinha enxergado nada além da sua cordialidade.

“O que aconteceria?”

“Eu pagaria com a vida por qualquer mal causado a um rei vivo.”

“E quanto a mim? Espera-se que eu também não me defenda?”

Por um momento, não respondeu. Depois disse: “O senhor está comigo”.

Não havia nada que eu pudesse dizer depois disso. Decidi que faria o melhor uso possível do meu capacete, que seria golpear o animal no focinho para confundi-lo. Resmunguei que ele faria melhor se estivesse na Síria ou no Líbano como um mero estudante e, embora eu não tenha falado com clareza, ele me entendeu e disse: “Oh, não, Henderson-sungo. Sou afortunado e o senhor sabe disso”.

Em suas ceroulas justas, partiu de novo na frente. Minhas calças me estorvavam enquanto eu corria tentando alcançá-lo. Quanto aos três lanceiros, eles me inspiravam muito pouca confiança. A qualquer minuto eu esperava que o leão saltasse sobre mim como uma erupção de fogo, me derrubando e me despedaçando em chamas de sangue. O rei subiu numa pedra grande e me puxou para junto de si. Disse: “Estamos perto do muro norte do *hopo*”. Apontou para ele. Era feito de espinheiros e um amontoado de material orgânico de todos os tipos, com uma largura entre meio metro e um metro. Flores rudes, de aspecto áspero, cresciam ali; eram vermelhas e cor de laranja e manchadas de preto em seu núcleo; só de olhar para elas eu sentia a garganta irritada. Aquele *hopo* era um gigantesco funil ou triângulo. Na base era aberto, enquanto no vértice ou bico ficava a armadilha. Apenas um dos dois lados tinha sido feito por mãos humanas. O outro era uma formação natural de rochas, provavelmente o barranco de um antigo rio, e tinha a altura de um rochedo. Ao lado do alto muro de espinheiros e mato havia uma trilha que os pés do rei encontraram por baixo do capim amarelo e espinhoso. Prosseguimos em direção à extremidade estreita do *hopo* pisando em galhos caídos e cipós retorcidos. Dos estreitos quadris para cima, sua figura se alargava enormemente até os ombros. Caminhava com pernas vigorosas e nádegas pequenas.

“O senhor com certeza está ardendo de vontade de se enfrentar com esse animal”, disse eu.

Às vezes penso que o prazer vem simplesmente do fato de termos nosso próprio jeito, e não pude deixar de sentir que o rei absorveu isso dos leões. Ter sua própria vontade, eis o que é o prazer, a despeito de tudo o que se possa pensar. E ele estava me arrastando com o poder de sua grandeza pessoal, por ser tão brilhante e ter um dom de viver muito forte, manifestado no tremor enfumaçado e azulado de sua sombra extra. Porque ele estava decidido a seguir seu caminho. E por isso eu cambaleava atrás dele sem ter uma arma para me proteger, a menos que contasse com o capacete, a menos que pudesse tirar aquelas calças e ensacar o animal nelas — eram quase grandes o bastante para isso.

Então ele estacou e se voltou para mim, dizendo: "O senhor também estava ardendo por dentro quando se dispôs a erguer a Mummah".

"É verdade, Alteza", respondi. "Mas será que eu sabia o que estava fazendo? Não, não sabia."

"Mas eu sim."

"Bem, está certo, rei", disse eu. "Não cabe a mim questionar isso. Farei o que me disser. Mas afirmou que o bunam e o outro sujeito pintado de branco eram do velho universo e concluí que o senhor estava fora dele."

"Não, não. Sabe como substituir a coisa toda? Não é possível. Mesmo que, em momentos extremos, não exista o velho nem o novo, mas apenas uma essência que pode sorrir dos nossos planos — sorrir até mesmo do fato de sermos humanos. Uma essência completa em si mesma", disse ele. "Não obstante, uma encenação da vida tem que ser permitida. Os planos precisam ser feitos." Aqui o seu raciocínio me escapava um pouco, então decidi não perturbá-lo, e ele disse: "Para Gmilo, o leão Suffo era seu pai. Para mim, avô. Gmilo, meu pai. Se devo me tornar o rei dos Wariri, é assim que tem de ser. Caso contrário, como eu seria o rei?"

"Ok, estou entendendo", disse eu. "Rei", e eu falava com tanta seriedade que quase podia soar como uma série de ameaças, "está vendo estas mãos? É o seu segundo par de mãos. Está vendo este tronco?" Pus a mão no peito. "É seu reservatório, por assim dizer. Alteza, caso aconteça alguma coisa, quero que compreenda como me sinto." Meu coração estava muito inflamado. O sofrimento se manifestava no meu rosto. Em consideração à nobreza do sujeito, eu lutava para poupá-lo da vulgaridade das minhas emoções. Isso se passava à sombra do muro do *hopo*, sob o trançado dos galhos e espinhos. A trilha estreita ao longo do *hopo* estava preta e dourada, como quando o capim pega fogo em plena luz do dia e o calor fica visível.

"Obrigado, sr. Henderson. Entendo como se sente." Depois de uma hesitação silenciosa, acrescentou: "Posso arriscar um palpite? A morte está no seu pensamento?"

"Está sim, admito."

“Oh, sim, e como. O senhor tem uma inclinação excepcional para ela.”

“Ao longo dos anos, eu me envolvi um bocado com ela.”

“Excepcional, excepcional”, disse ele, como se estivesse discutindo comigo um dos meus problemas. “Às vezes penso que é útil pensar no enterro em relação à crosta terrestre. Qual é o raio? Sete mil e duzentos e quarenta quilômetros, mais ou menos, até o centro da terra. Não, as covas não são fundas, mas sim insignificantes, poucos palmos abaixo da superfície e não muito distantes do medo e do desejo. Mais ou menos o mesmo medo, mais ou menos o mesmo desejo, por milhares de gerações. Filho, pai, pai, filho fazendo o mesmo. O mesmo medo. O mesmo desejo. Em cima da crosta, embaixo da crosta, de novo e de novo e de novo. Bem, Henderson, para que servem as gerações, pode fazer o favor de me explicar? Só para repetir imutavelmente o medo e o desejo? Não pode ser para isso que a coisa é feita, sem cessar. Todo homem de bem tentará romper o ciclo. Não há saída possível desse ciclo para um homem que não tome as coisas em suas mãos.”

“Oh, rei, espere um minuto. Uma vez afastado da luz, é o que basta. Precisaria ter sete mil e duzentos e quarenta quilômetros de profundidade para ser uma cova? Como pode falar desse jeito?” Mas eu o compreendia mesmo assim. Tudo o que a gente ouve das pessoas é desejo, desejo, desejo, abrindo caminho para fora do peito, e medo, golpeando sem parar. Já chega! É hora de uma palavra de verdade. Hora de ouvir alguma coisa notável. Caso contrário, ganhando a velocidade de uma pedra, a gente despenca da vida para a morte. Exatamente como uma pedra, mergulhando direto na surdez, e até o fim repetindo *Eu quero eu quero eu quero*, até colidir com a terra e penetrar nela para sempre! A bem da verdade, pensei, sob o sol africano do qual o muro de espinheiros temporariamente me refrescava: é um prazer quando objetos rudes como espinhos fazem alguma coisa pela gente. Sob as farpas pretas que os arbustos tinham entrelaçado acima de nós, refleti sobre aquilo e concordei: a cova era relativamente rasa. Não se chega à parte mole da terra sem atravessar milhares de quilômetros. Níquel

principalmente, acho — níquel, cobalto, uraninita, ou o que chamam de magma. Quase como se tivesse sido arrancado do sol.

“Vamos”, disse ele. Eu o segui com mais disposição depois daquela breve conversa. Ele era capaz de me convencer de praticamente qualquer coisa. Por ele aceitei a disciplina de me comportar como um leão. Sim, eu acreditava que podia mudar; estava determinado a superar meu antigo eu; sim, para fazer isso um homem tinha que adotar um novo padrão; tinha mesmo que se obrigar a um novo papel; talvez ele pudesse se enganar por um momento até começar a encarná-lo; sua própria mão pinta de novo sobre aquele tecido já tão pintado. Eu sabia que nunca seria um leão; mas podia adquirir um pequeno ganho aqui e ali na tentativa.

Não estou certo de ter relatado com precisão todas as coisas que o rei disse. Talvez eu tenha distorcido um pouco algumas delas de modo a poder assimilá-las.

Seja como for, eu o seguia de mãos nuas em direção ao fim do *hopo*. Provavelmente o leão já tinha despertado, pois os batedores, uns cinco quilômetros à frente, tinham começado a fazer seu barulho. Este soava muito distante, nas lonjuras das faixas douradas do matagal. Um calor soporífero e azulado tremulava no ar à nossa frente, e enquanto piscava os olhos contra os lampejos da luz solar vi uma súbita elevação no muro do *hopo*. Era um abrigo de telhado de sapê instalado sobre uma plataforma, a uns oito ou nove metros de altura. Pendia dali uma escada de cipós, e o rei agarrou com ímpeto aquela coisa tosca, de aspecto frouxo. Começou a escalá-la feito um marinheiro, de lado, erguendo-se com força e firmeza até chegar à plataforma. Do umbral de capim seco e fibras secas, gritou para mim: “Agarre, sr. Henderson”. Tinha se agachado para me estender a escada de cipó e pude ver sua cabeça, com o chapéu pregueado e orlado de dentes, só um pouquinho acima de seus poderosos joelhos. Mal-estar, estranheza e perigo se juntaram para me atacar. Em vez de uma resposta, o que saiu de mim foi um soluço. Ele devia ter sido engendrado numa fase precoce da minha vida, pois era estupendo e saiu de mim como uma grande bolha vinda do fundo do Atlântico.

“Que está havendo, sr. Henderson?”, perguntou Dahfu.

“Só Deus sabe.”

“Algo errado com o senhor?”

Mantive a cabeça baixa enquanto a abanava em sinal de negativa. Aquele rugir a que eu vinha me dedicando tinha, creio, afrouxado toda a minha estrutura e liberado algumas coisas que ficavam bem lá no fundo. E não era hora de perturbar o rei, em seu grande dia de alegria.

“Já vou, Alteza”, falei.

“Tome fôlego por um momento, se precisar.”

Caminhou de um lado para outro na plataforma sob a cabana elevada e em seguida voltou à beirada. Olhou para baixo a partir daquela frágil cúpula de palha. “Agora?”, perguntou.

“Vai aguentar o peso dos dois aí em cima?”

“Venha, venha, Henderson”, respondeu.

Agarrei a escada de mão e comecei a subir, pousando os dois pés em cada degrau. Os lanceiros tinham parado e ficaram esperando que eu (o sungo) me juntasse ao rei. Agora eles passavam por baixo da escada e assumiam uma posição ao redor do canto do *hopo*. Ali, na extremidade, a construção era primitiva, mas parecia sólida. Um portão gradeado caíria para aprisionar o leão depois que a outra caça, a isca, tivesse sido conduzida através da passagem, e os homens usariam as lanças para manter o animal imobilizado para que o rei pudesse efetuar a captura.

Na frágil escada de mão, que oscilava sobre o meu peso, alcancei a plataforma e me sentei no chão de troncos amarrados uns aos outros. Era como uma jangada suspensa no calor. Comecei a avaliar a situação. A armadilha toda não era mais profunda do que um dedal quando comparada ao volume representado por um leão adulto.

“Então é isto?”, perguntei ao rei depois de examinar o cenário.

“Tal como está vendo”, disse ele.

Agora sobre a plataforma ficava aquela concha de palha, e da abertura no lado de dentro do *hopo* eu vi, suspensa, uma gaiola trançada que tinha no fundo um lastro de pedras. Tinha o formato de um sino e era feita de cipós semirrígidos que eram, no entanto, resistentes como cabos. Um cipó passava por uma roldana suspensa

de uma viga que estava presa de um lado à árvore que servia de teto à cabana e de outro, fixada no lado do rochedo, numa largura total de três ou quatro metros. Por baixo corria outra viga do chão da cabana; ela também estava fixada na rocha na outra ponta. Sobre essa viga ou passarela, não mais larga que o meu pulso, o rei se equilibraria com a corda e a gaiola em forma de sino, e quando o leão fosse conduzido para dentro do redil Dahfu ajustaria a posição da gaiola e a deixaria cair. Ao soltar sua corda, supunha-se que capturasse o leão.

“Isto...?”

“O que acha?”, perguntou.

Não consegui dizer muita coisa a respeito, mas, por mais que lutasse contra os meus sentimentos, não conseguia sufocá-los — não naquele dia específico. Estava visivelmente em guerra com eles.

Ele disse: “Capturei Atti aqui”.

“Ah, sim, com a mesma armadilha?”

“E Gmilo capturou Suffo.”

Eu disse: “Aceite o conselho de um... Bem, eu sei que não sou muito... Mas o tenho na mais alta conta, Majestade. Não...”.

“Ora, o que está havendo com o seu queixo, sr. Henderson? Está se mexendo para cima e para baixo.”

Mordi o lábio com os dentes de cima. Em seguida disse: “Alteza, me desculpe. Eu preferiria cortar o pescoço a desencorajá-lo num dia como este. Mas a coisa precisa ser feita daqui de cima?”.

“Sim, precisa.”

“Não pode haver uma inovação? Eu faria qualquer coisa, tipo drogar o animal... dar-lhe um sonífero...”

“Obrigado, Henderson”, disse ele. Acho que sua gentileza comigo era maior do que eu merecia. Ele não ficava me lembrando com palavras que era o rei dos Wariri. Eu mesmo logo me obriguei a lembrar desse fato. Ele me permitia estar presente, ser seu companheiro. Eu não devia interferir.

“Oh, Majestade”, exclamei.

“Sim, Henderson, eu sei. O senhor é um homem de muitas qualidades. Já observei isso”, disse ele.

“Achei que talvez eu me encaixasse num de seus tipos ruins”, disse eu.

Ao ouvir isso riu um pouco. Estava sentado de pernas cruzadas na entrada da cabana que dava para o *hopo* e o rochedo, e começou a enumerar, meio pensativo: “O agônico, o guloso, o imune, o vazio e tudo mais. Não, eu lhe garanto, Henderson, que nunca o classifiquei num grupo negativo. O senhor é uma mistura. Talvez uma grande quantidade de agonia. Talvez um leve toque de Lázaro. Mas não sou capaz de enquadrá-lo inteiramente. Nenhuma rubrica pode dar conta do senhor de modo completo. Talvez porque sejamos amigos. A gente vê muito mais coisas num amigo. Rubricas não funcionam com amigos”.

“Tive mais contato com um certo tipo de criatura do que seria conveniente para mim”, disse eu. “Se tivesse que fazer isso de novo, seria diferente.”

Estávamos sentados na trôpega plataforma sob o dourado telhado de palha. A luz projetava um trançado no chão. Ficamos de cócoras, esperando sob as fibras e a palha. O aroma das plantas subia em rajadas pelo ar quente e azulado, e devido à minha febre eu tinha a sensação de ter encontrado, num ponto suspenso, a fronteira móvel entre a matéria e a luz. Eu a observava sendo carregada de dentro para fora e julgava vê-la gritar e se contorcer do lado de fora. Incapaz de suportar essa sensação das coisas, levantei e pisei no tronco em que o rei supostamente se equilibrava.

“Que está fazendo?”

Estava testando a coisa por ele. Falei: “Estou de olho no bunam”.

“Não pode ficar de pé aqui, Henderson.”

Meu peso fez a madeira vergar, mas não houve nenhum estalo, era madeira bem resistente e fiquei satisfeito com o teste. Subi de novo à plataforma e ficamos sentados juntos, ou agachados, junto à parede de capim do abrigo numa saliência estreita do chão, quase ao alcance da armadilha que pendia à espera. No lado oposto ficava o paredão de rocha porosa e, seguindo ao longo dele depois do fim do *hopo*, sobre as cabeças dos lanceiros, vi uma espécie de pequena construção de pedra afundada na ribanceira. Não a percebera antes porque naquela ribanceira, ou desfiladeiro, havia uma pequena

floresta de cactos que produzia um botão vermelho, ou fruta, ou flor, e isso bloqueava um pouco a visão.

“Mora alguém ali embaixo?”

“Não.”

“A construção está abandonada? Em ruínas? Na nossa parte do meu país, onde as fazendas se arruinaram, a gente topa com essas casas velhas por toda parte. Mas é um lugar maluco para uma moradia”, disse eu.

A corda que suspendia a gaiola, ou rede, tinha sido amarrada ao tronco da porta, e a cabeça do rei estava apoiada no nó. “Não é para morar”, falou, sem olhar para os lados da construção.

Um túmulo, pensei. De quem?

“Acho que eles estão avançando com rapidez. Ah! Acha que pode vê-lo? O barulho está ficando mais alto.” Levantou-se, e eu também, e protegi os olhos da claridade enquanto franzia a testa apurando a vista.

“Não, não vejo nada.”

“Nem eu, Henderson. Esta é a parte mais difícil. Esperei minha vida inteira, e agora estamos na hora derradeira.”

“Bem, Alteza”, disse eu, “para o senhor deveria ser fácil. Conheceu esses animais a vida inteira. Foi criado para isto; é um profissional. Se tem alguma coisa que eu gosto de ver, é um sujeito que é bom no seu ofício. Seja ele um especulador da bolsa, um limpador de chaminés, um faxineiro ou qualquer pessoa que tenha sangue frio e um corpo hábil... O senhor me deixou preocupado quando começou aquela dança da caveira, mas depois de um minuto eu teria apostado no senhor até o meu último centavo.” Apanhei minha carteira, que eu mantinha presa com fita adesiva dentro do capacete, e, para tornar mais leves para ele aqueles momentos, sob o clangor crescente das trombetas e o rufar constante dos tambores (enquanto parecíamos ancorados no ar iluminado), perguntei: “Alteza, já lhe mostrei alguma vez estes retratos da minha mulher e dos meus filhos?”. Comecei a procurá-los na carteira abarrotada. Guardava ali o meu passaporte e quatro notas de mil dólares, pois não queria me arriscar com cheques de viagem na África. “Esta é minha mulher. Gastamos um bocado de dinheiro num retrato e

tivemos problemas o tempo todo. Implorei a ela que não o pendurasse na parede e quase tive um colapso nervoso por causa dele. Mas esta foto dela é uma beleza.” Nela Lily estava com um vestido decotado de bolinhas. Parecia bem contente. Era para mim que ela sorria, pois eu estava com a câmera. Estava dizendo carinhosamente que eu era um tolo; provavelmente eu andara fazendo alguma palhaçada. Devido ao sorriso suas bochechas estavam infladas e erguidas; pela foto não dava para notar como era pálida e pura a sua pele. O rei a tirou da minha mão, e tive que cedê-la para que num momento como aquele ele pudesse contemplar a imagem de Lily.

“Ela é uma pessoa séria”, comentou.

“Acha que ela parece a esposa de um médico?”

“Acho que parece a esposa de uma pessoa séria qualquer.”

“Mas suponho que ela não concorde com sua ideia sobre as espécies de indivíduos, Alteza, porque decidiu que eu era o único camarada no mundo com quem poderia se casar. Um deus, um marido, imagino. Bem, aqui estão as crianças...”

Sem comentar nada, observou Ricey e Edward, a pequena Alice na Suíça, os gêmeos. “Eles não são idênticos, Majestade, mas arrancaram o primeiro dente no mesmo dia.” O invólucro seguinte de celuloide guardava um instantâneo de mim mesmo; eu estava com o roupão vermelho e o boné de caça com o violino sob o queixo e uma expressão no rosto que eu nunca tinha notado antes. Mais que depressa passei para a minha condecoração com a Purple Haze.

“Oh, então é isso? O senhor é capitão Henderson?”

“Não guardei a patente. Talvez queira ver minhas cicatrizes, Alteza. Tudo por causa de uma mina terrestre. Poderia ter sido pior. Fui jogado a seis metros de distância. Agora aqui na coxa pode ver que a marca quase sumiu, pois os pelos cresceram e a cobriram. O ferimento na barriga foi o pior. Minhas entranhas começaram a vir para fora. Segurei as tripas e caminhei encurvado até o posto de atendimento.”

“O senhor está muito satisfeito com seu problema, Henderson?”

Ele sempre me dizia coisas desse tipo, introduzindo uma perspectiva inesperada. Esqueci várias delas, mas uma vez

perguntou minha opinião sobre Descartes. “Concorda com a afirmação dele de que o animal é uma máquina sem alma?” Ou então: “O senhor acha que Jesus Cristo ainda é uma fonte de tipos humanos, Henderson, como uma força-modelo? Tenho pensado com frequência nos meus tipos físicos — o agônico, o guloso e todo o resto — como possíveis formas degeneradas de grandes originais, como Sócrates, Alexandre, Moisés, Isaías, Jesus...”. Esse era o seu modo imprevisto de conversar.

Percebeu que eu tinha uma atitude peculiar com relação aos aborrecimentos e dores. E, sim, eu sabia do que ele estava falando enquanto estávamos sentados nos troncos junto à palha profusa da cabana, aquele grotesco, seco, cabeludo e espinhento esqueleto vegetal. Enquanto esperava pela realização de seu desejo mais profundo, ele me dizia que o sofrimento era a coisa que eu conhecia que estava mais próxima da adoração. Acreditem, eu conhecia o meu homem, e por mais estranho que ele fosse eu o compreendia. Eu *era* de fato monstruosamente orgulhoso do meu sofrimento. Achava que não havia ninguém no mundo capaz de sofrer como eu.

Mas não podíamos mais conversar calmamente, pois o alarido estava próximo demais. Os sons de cigarras tinham subido em espirais verticais, como colunas do mais fino arame brilhante. Agora não conseguíamos ouvir nenhum dos ruídos menores. Os lanceiros atrás do *hopo* suspenderam o portão gradeado para deixar passar as criaturas que os batedores tinham compelido até ali. Pois as folhas do matagal começavam a estremecer, como acontece com a água quando uma rede cheia de peixes se aproxima da superfície.

“Olhe ali”, disse Dahfu. Apontou para o lado do *hopo* limitado pelo rochedo, onde corriam cervídeos com chifres retorcidos; se eram gazelas ou antílopes eu não saberia dizer. Um macho ia na frente. Tinha chifres longos, retorcidos, que pareciam de vidro escurecido, e corria aos saltos, apavorado, com respiração ofegante e olhos imensos. Apoiado sobre um joelho, Dahfu examinava a relva em busca de sinais, olhando por cima do antebraço, de tal maneira que seu nariz estava quase encoberto. Os animais pequenos faziam a relva ondular em correntes. Revoadas de pássaros subiam verticalmente, como um monte de panfletos; voavam por cima do

rochedo e desciam pelo desfiladeiro. Os veados passavam em algazarra embaixo de nós. Olhei para baixo. O chão era de tábuas. Eu não tinha notado isso. Estavam erguidas a quinze ou vinte centímetros do solo, e o rei disse: "Sim. Depois da captura, Henderson, colocam-se rodas por baixo para que o animal possa ser transportado". Inclinou-se para baixo para passar instruções aos lanceiros. Quando se curvou, tive o impulso de segurá-lo, mas nunca havia tocado seu corpo. Não sabia ao certo se era conveniente.

Depois do antílope macho e das três fêmeas, que se espremeram pela passagem estreita do *hopo* com um pavor de arreentar o coração, veio uma multidão de bichos pequenos; precipitavam-se pela abertura como imigrantes em fuga. Mais cautelosa, apareceu uma hiena e, diferentemente das outras criaturas, que não sabiam que estávamos ali, lançou um olhar para nós, na plataforma, e deu o seu rosnado de dentes à mostra. Procurei em volta alguma coisa para atirar nela. Mas não havia nada na plataforma que pudesse ser jogado, então me limitei a cuspir.

"O leão está ali — leão, leão!" O rei ficou de pé, apontando, e a uns cem metros de distância vi uma agitação lenta no matagal, não o tropel dos animais menores, mas a desordem intensa e circular produzida por um corpo poderoso.

"Acha que pode ser Gmilo? Ei, ei, ei — ele está por aqui? O senhor pode pegá-lo, rei. Sei que pode." Eu tinha me erguido sobre o estreito estrado que se projetava da base da parede de capim, agitando os braços para todos os lados enquanto falava.

"Henderson, não faça isso", disse ele.

Não obstante, dei um passo em sua direção, e então ele gritou comigo; sua expressão era furiosa. Então me agachei e fechei a boca. Meu sangue estava em ebulição, como se saltasse das veias para o fulgor do sol.

O rei então firmou o pé no tronco estreito e deu duas voltas com a corda da gaiola em torno do braço, começando em seguida a soltar o nó no qual havia apoiado a cabeça durante a nossa espera. A gaiola, com seu trançado irregular de cipós e seus lastros de pedra em forma de cascos, oscilava ao redor da parte mais pesada do fundo. Exceto pelas pedras, a coisa quase não tinha substância;

estava tão próxima de ser ar quanto um navio de guerra português de ser água. O rei tinha tirado o chapéu e jogado longe; seria um estorvo; e em torno do seu cabelo cortado rente, que não chegava a meio centímetro de comprimento, o azul da atmosfera parecia se condensar, como quando a gente põe fogo em alguns gravetos no mato e em torno desses gravetos pretos o azul começa a ondular.

A luz do sol fez meu rosto se contorcer quando me expus a ela, pendurado como uma gárgula na extremidade do *hopo*. A luz era então forte o bastante para deixar marcas na pele. No entanto, apesar do clangor dos batedores, as cigarras seguiam perfurando, produzindo aquelas suas espirais estridentes. No lado do *hopo* que terminava no rochedo, a pedra exibia sua solidez. Parecia murmurar que por ali não passaria nada. Todas as coisas tinham que ficar à espera. As pequenas flores brotadas nos cactos na ribanceira, se é que eram flores e não frutas, formavam uma espuma vermelha, e os espinhos me picavam. As coisas pareciam falar comigo. Interroguei-as em silêncio sobre a segurança do rei que tinha a ideia maluca de que precisava capturar leões. Mas não tive resposta. Não era esse o propósito do seu discurso. Elas só falavam de si mesmas, cada uma de acordo com sua lei, declarando o que era; nada, em absoluto, tinha a ver com o rei. Então fiquei ali agachado, nauseado de calor e de medo. Meu afeto pelo rei tinha desalojado tudo o mais que havia em meu peito, o que produzia certa pressão sobre os órgãos vizinhos.

Com o som dos tambores, das trombetas e dos gritos de guerra, os batedores se aproximavam, os da retaguarda saltando do matagal, que chegava à altura dos ombros, e soprando notas espúrias naquelas trombetas de metal verde e cor de ferrugem. Tiros eram disparados no ar, talvez do meu próprio H e H Magnum com mira telescópica. E na dianteira as lanças golpeavam e riscavam o ar a esmo.

“Viu aquilo, sr. Henderson — uma juba?” Dahfu se curvou para a frente no tronco, segurando a corda, e os lastros de pedra se chocaram uns contra os outros acima da sua cabeça. Eu não aguentava vê-lo se equilibrando numa mera vareta, com aquele

punhado de pedras retinindo e balançando um palmo acima dele naquela geringonça circular. Qualquer uma delas poderia derrubá-lo.

“Rei, não aguento isso. Tome cuidado, pelo amor de Deus. Isso não é uma máquina com a qual se possa ficar brincando.” Já bastava, falei para mim mesmo, que aquele nobre homem tivesse que arriscar sua vida naquela engenhoca primitiva; não precisava tornar a coisa mais perigosa do que já era. No entanto, podia ser que não houvesse um modo seguro de proceder. E ele de fato parecia muito tarimbado ao se equilibrar no tronco estreito. Os lastros de pedra giravam com força espasmódica aos puxões do rei. Aquele cordame intrincado e canhestro estalava ao girar como um carrossel, e a sombra entrançada dançava no chão.

Durante o tempo de umas vinte batidas cardíacas, tive consciência apenas parcial de onde estava e do que acontecia. Basicamente, mantive o rei sob rígida vigilância, disposto a me lançar para baixo se ele caísse. Então, em pleno limiar da consciência, houve um rosnado e olhei para baixo a partir daquele poleiro de palha — estava ajoelhado — e dei de cara com o rosto do leão — enorme, furioso, emoldurado de pelos. Estava todo enrugado, contraído; no interior daquelas rugas, a escuridão da morte. Os lábios arreganhados exibiam as gengivas, e o bafo do animal chegava até mim, quente como o esquecimento, cru como o sangue. Comecei a falar alto. Disse: “Oh Deus, pense de mim o que quiser, mas não me deixe cair nesse matadouro. Tome conta do rei. Mostre a ele Sua misericórdia”. E a isso, como um adendo, o pensamento acrescentou por conta própria que isso era tudo de que a humanidade precisava, ser confrontada com a imagem de um animal feroz como aquele ali embaixo. Tentei então dizer a mim mesmo, diante da clareza daqueles olhos enfurecidos, que só as visões podiam ser tão hiper-realistas. Mas não era visão nenhuma. O rosnado daquele animal era sem dúvida a voz da morte. E me lembrei de como eu tinha me gabado com minha querida Lily do meu amor pela realidade. “Gosto dela mais do que você”, eu tinha dito. Mas, oh, irreabilidade! Irreabilidade, irreabilidade! Esse tem sido meu projeto para uma vida conturbada, mas eterna. Agora, porém, eu era arrojado para longe

dessa prática pelo rugido de um leão. Sua voz era como um soco na minha nuca.

A porta gradeada tinha baixado. Pequenas criaturas ainda estavam escapando pelas frestas em fluxos de pelos, saltando e se retorcendo, encolhendo freneticamente. Embaixo de nós, o leão jogava seu peso com ímpeto contra as barras. Seria Gmilo? Tinham me dito que as orelhas de Gmilo tinham sido marcadas quando ele era filhote, antes de ser solto pelo bunam. Mas evidentemente era preciso capturar o animal antes de poder examinar suas orelhas. Podia muito bem ser Gmilo. Atrás da grade os homens o aguilhoavam e ele lutava contra as lanças, tentando abocanhá-las. Eles eram hábeis demais para o animal. Na primeira fileira quarenta ou cinquenta pontas de lança negaceavam no ar e desciam contra ele, enquanto da retaguarda voavam pedras, fazendo o animal balançar a enorme cabeça com a juba amarela que tornava sua parte dianteira tão grande. Seu pequeno ventre era franjado, bem como suas patas dianteiras, tal e qual calças de couro de um caubói. Comparada com aquela criatura, Atti não era maior do que um lince.

Equilibrando-se no tronco com seus chinelos, Dahfu soltou uma das voltas da corda de seu braço; a gaiola balançou, e o movimento e o estalido das pedras atraíram o olhar do leão. Os batedores gritaram a Dahfu: "Yenitu lebah!". Sem tomar conhecimento deles, ele segurou a corda com firmeza e deu a volta no aro da gaiola, que agora estava no mesmo nível dos seus olhos. As pedras se chocavam umas nas outras à medida que a geringonça girava; o leão se apoiou nas patas traseiras e lançou uma patada contra aqueles lastros de pedra. Entre os batedores destacava-se à frente o homem pintado de branco do bunam, que avançou velozmente e atingiu o animal no lado do rosto com o cabo da lança. Da cabeça aos pés o sujeito estava coberto daquele branco sujo, feito couro de cabrito, o cabelo coberto com aquela pasta de giz. Eu sentia agora o peso do leão contra os postes que sustentavam a plataforma. Não eram mais grossos que estacas e vibravam quando ele os atingia. Achei que a estrutura ia desmoronar e me agarrei ao chão, pois temia ser puxado para baixo como uma caixa d'água quando um trem de carga sai dos trilhos e a arrebenta em pedaços, despejando

uma tonelada de água. Sob os pés de Dahfu o tronco balançava, mas ele aguentou firme com a corda e a gaiola.

“Rei, pelo amor de Deus!”, eu quis gritar. “Onde viemos nos meter?”

Mais uma vez veio uma chuva de pedras. Algumas atingiram o muro do *hopo*, mas outras alcançaram o animal e o impeliram para baixo dos lastros balouçantes daquela maldita gaiola de cipós. Que Deus amaldiçoe todos os cipós e trepadeiras! O rei começou a gingar à medida que manobrava aquele sino feito de nós e pedras.

Libertei-me por um instante do meu embotamento. Minha voz voltou e eu disse: “Rei, vá com calma. Cuidado com o que está fazendo”. Então uma bola entupiu minha garganta, mais ou menos do tamanho de um ovo de costurar meia.

O fato de eu ainda enxergar era praticamente a única prova que eu tinha de que a vida prosseguia. Por algum tempo todo o resto se interrompeu.

O leão, apoiado sobre as patas traseiras, golpeou de novo a gaiola que baixava. Ela agora estava ao seu alcance e ele cravou as garras nos cipós. Antes que conseguisse se libertar, o rei deixou cair a armadilha. A corda desceu velozmente da roldana, os pesos de pedra rolaram com estrépito para as bordas como uma tropa de cavalos e o cone caiu sobre a cabeça do leão. Eu estava deitado de bruços, com meu braço esticado na direção do rei, mas ele alcançou sem ajuda a beira da plataforma e gritou: “O que acha disso? Henderson, o que acha disso?”.

Os batedores berravam. O leão devia ter sido derrubado no chão pelo peso das pedras, mas continuava de pé, quase ereto. Foi capturado pela cabeça, suas patas dianteiras esticaram os cipós e ele caiu, lutando. Sua parte traseira não tinha sido apanhada na rede. O ar parecia ter ficado escuro no fundo do *hopo* por causa dos seus rugidos. Deitado, mantive a mão estendida para o rei, mas ele não a segurou. Ele olhava para baixo, para a cara do leão coberta pela rede, o tórax jubado, os sovacos, o que me trouxe à lembrança a estrada ao norte de Salerno e eu mesmo sendo carregado pelos médicos e rapado da cabeça aos pés por causa dos parasitas.

“Ele se parece com Gmilo? Alteza, qual é o seu palpite?”, perguntei. Não estava entendendo nada da situação.

“Oh, está errado”, disse o rei.

“O que está errado?”

Ele estava alarmado por se dar conta de algo que eu até então não percebera. Eu estava espantado com os rugidos e gritos da captura, e observava o terrível esforço das patas, e as garras amarelas e pretas que despontavam como espinhos das almofadas peludas dos pés do leão.

“O senhor o pegou. Que diabo. E agora?”

Mas agora eu entendia qual era o problema, pois ninguém podia se aproximar do animal para examinar suas orelhas; ele era capaz de se virar sob a rede e, com o traseiro livre, era impossível chegar perto.

“Amarre suas patas, alguém”, berrei.

O bunam estava embaixo e apontou para cima com seu cetro de marfim. O rei saltou da beirada da plataforma e agarrou a corda que tinha parado na roldana por causa de um nó. O tronco acima da sua cabeça oscilou e dançou quando ele agarrou a ponta esfiapada da corda. Ele deu um puxão e a roldana começou a guinchar. O leão tinha sido capturado de modo incompleto, e o rei ia tentar manobrar a rede de modo a fazê-la abarcar os quartos traseiros do animal.

Gritei para ele: “Rei, pense um pouco melhor. Não dá para fazer isso. Ele pesa meia tonelada, e está agarrado firmemente na rede”. Eu não tinha me dado conta de que só o rei podia remediar a situação, pois ninguém podia se interpor entre ele e o leão, já que este podia ser o falecido rei Gmilo. Sendo assim, cabia unicamente ao rei completar a captura. O batuque dos tambores, o som das trombetas e as chuvas de pedras tinham cessado, e da multidão só vinha um ou outro grito, ouvido quando o leão não estava rugindo. Vozes individuais comentavam a situação do rei, que não era das melhores.

Levantei gritando: “Rei, vou descer e examinar a orelha dele, só me diga o que é que devo procurar. Agente firme, rei, agente”. Mas duvido que tenha me ouvido. Suas pernas estavam bem afastadas no centro do tronco, que vergava e balançava sob seus

vigorosos movimentos de pernas, e a corda, a roldana e a base desta última rangiam como se estivessem cobertas por resina, e os lastros de pedra se chocavam com estrépito nas tábuas. O leão lutava agitando as costas e toda a construção oscilava. Pensei de novo que a torre inteira do *hopo* corria o risco de desabar, e agarrei-me à palha atrás de mim. Vi então uma nuvem de fumaça ou poeira acima do rei e percebi que aquilo vinha das amarras de couro que prendiam a base da roldana à madeira. O peso do rei e os repuxões do leão tinham sido demais para aquelas amarras. Uma tinha se rompido, e foi isso que produziu a nuvem que eu vi. E agora a outra também cedia.

“Rei Dahfu!”, berrei.

Ele estava caindo. A roldana e sua base se espatifaram na pedra diante dos batedores em fuga. O rei tinha caído em cima do leão. Vi a convulsão dos quartos traseiros do animal. As garras rasgavam o que encontravam pela frente. Imediatamente o sangue brotou, antes que o rei pudesse se jogar de cima do leão. Agora eu estava pendurado na beirada da plataforma, seguro só pelos dedos, e então caí, gritando. Desejei que aquele fosse o poço da morte. O rei tinha saído rolando de cima do leão. Puxei-o para mais longe. Pelos rasgos da sua roupa o sangue jorrava.

“Oh, rei! Meu amigo!” Cobri meu rosto.

O rei disse: “Ai, sungo”. A superfície dos seus olhos estava estranha. Tinha ficado mais espessa.

Tirei minha calça verde para atar o ferimento. Era a única coisa que eu tinha à mão, e não serviu para nada, porque na mesma hora ficou ensopada de sangue.

“Socorro! Alguém o ajude!”, gritei para a multidão.

“Não consegui, Henderson”, disse o rei.

“Ora, rei, do que está falando? Vamos levá-lo de volta ao palácio. Vamos pôr sulfa em pó nisso aí e dar alguns pontos. O senhor me diz o que fazer, Majestade, já que é o médico aqui.”

“Não, não, eles nunca vão me levar de volta. É Gmilo ou não?”

Mais que depressa apanhei a corda e a roldana e arremessei a base, como se fosse um facão filipino, contra as pernas que ainda se agitavam; dei uma dúzia de voltas nelas com a corda, quase

esfolando a pele e gritando: "Seu demônio! Seu maldito filho da puta!". Ele reagiu furiosamente contra a rede. O bunam veio e examinou as orelhas. Virou-se para trás e pediu alguma coisa com voz autoritária. Seu homem pintado de branco lhe estendeu um mosquete e ele encostou o cano na têmpora do leão. Quando disparou, a explosão arrancou uma parte da cabeça da criatura.

"Não era Gmilo", disse o rei.

Estava contente com o fato de que seu sangue não estaria na cabeça de seu pai.

"Henderson", disse, "cuide para que não aconteça nada de ruim com Atti".

"Que diabo, Alteza, o senhor ainda é o rei, vai cuidar de Atti por conta própria." Comecei a chorar.

"Não, não, Henderson", disse ele. "Não posso ser... entre as esposas. Eu teria que ser morto." Estava comovido com aquelas mulheres. Algumas delas ele devia ter amado. Sua barriga, através da roupa rasgada, parecia uma grelha em brasa e alguns dos batedores já davam gritos agudos de morte. O bunam se mantinha à parte, separado de nós.

"Chegue mais perto", disse Dahfu.

Agachado perto da sua cabeça, voltei para ele o meu ouvido bom, enquanto as lágrimas rolavam pelos meus dedos, e disse: "Oh, rei, rei, sou um sujeito azarado. Sou agourento, a morte paira ao meu redor. O mundo simplesmente lhe enviou o sujeito errado. Sou contagioso, como a Maria Tifoide. Sem mim o senhor teria se dado bem. É o cara mais nobre que já conheci".

"É bem o contrário. O sapato calça o pé errado... Na primeira noite que passou aqui", explicou, como faz um sujeito sob crescente torpor, "aquele corpo era do sungo anterior, do que o antecedeu. Porque ele não foi capaz de erguer Mummah..." Sua mão estava coberta de sangue; colocou debilmente o polegar e o indicador na garganta.

"Foi estrangulado? Meu Deus! E o que me diz daquele grandalhão, Turombo, que não conseguiu erguê-la? Ah, ele não quis se tornar o sungo, é perigoso demais. Sobrou para mim. Eu fui o laranja. Fui tapeado."

“O sungo é também meu sucessor”, disse ele, tocando minha mão.

“Eu, tomar o seu lugar? Do que está falando, Alteza!”

Com os olhos se fechando, assentiu lentamente. “Na falta de filho em idade adequada, o sungo vira rei.”

“Alteza”, disse eu, e ergui minha voz chorosa, “o que o senhor me aprontou? Eu devia ter sido informado sobre onde estava me metendo. Isso é coisa que se faça com um amigo?”

Sem reabrir os olhos, mas sorrindo em sua crescente fraqueza, o rei disse: “Foi feito comigo...”.

Então eu disse: “Majestade, chegue para lá que eu morrerei ao seu lado. Ou então tome o meu lugar e viva; eu nunca soube mesmo o que fazer com a vida, posso morrer no seu lugar”. Comecei a esfregar e golpear meu rosto com os nós dos dedos, agachado na poeira entre o leão morto e o rei moribundo. “O sono do espírito se interrompe tarde demais para mim. Esperei demais, e me arruinei com os porcos. Sou um homem destruído. E nunca conseguiria me virar com as esposas. Como poderia? Vou segui-lo em breve. Esses caras vão me matar. Rei! Rei!”.

Mas restava muito pouca vida nele agora, e logo nos despedimos. Ele foi recolhido pelos batedores, o fim do *hopo* foi aberto e começamos a descer a ribanceira em meio aos cactos em direção daquela construção de pedra que eu tinha visto da plataforma no alto do muro. No caminho ele morreu de hemorragia.

Aquela pequena casa feita de lajes lisas tinha duas portas de madeira semelhantes a paliçadas que se abriam para dois cômodos. O corpo do rei foi colocado num deles. No outro puseram a mim. Eu mal sabia o que estava acontecendo, de todo modo, e deixei que me levassem para dentro e trancassem a porta com ferrolho.

21.

Houve um tempo, numa fase bem anterior desta minha vida, em que o sofrimento tinha certo sabor. Mais tarde começou a perder esse sabor; tornou-se meramente sujo, e, como contei a meu filho Edward na Califórnia, não pude mais suportá-lo. Desgraça! Eu estava cansado de ser um verdadeiro monstro de aflição. Mas agora, com a morte do rei, esse não era mais o ponto, e não tinha restado sabor algum. Era única e tão somente terrível. Chorando, enlutado, fui colocado no quarto de pedra pelo velho bunam e seu assistente pintado de branco. Embora minhas palavras saíssem enfraquecidas, eu repetia esta única coisa: "É desperdiçada com os fantoches". (A vida.) "É dada aos fantoches e aos imbecis." (Estamos onde outros homens deveriam estar.) Então me puseram lá dentro, chorando até a cabeça estourar. Estava desolado demais para fazer qualquer pergunta. Pouco a pouco uma pessoa, levantando do chão, me assustou. "Mas o que é isso?", perguntei. Duas mãos abertas, enrugadas, ergueram-se num gesto que me pedia cautela. "Quem é você?", perguntei de novo, e então reconheci uma cabeça com cabeleira em forma de arbusto e grandes pés empoeirados, deformados como tubérculos.

"Romilayu!"

"Eu aqui também, siô."

Não o tinham deixado partir com a carta para Lily. Foi apanhado no momento em que deixava a aldeia. De modo que, antes mesmo de a caçada começar, tinham decidido que meu paradeiro não devia ser conhecido pelo mundo.

"Romilayu, o rei está morto", contei.

Ele tentou me consolar.

"Aquele cara maravilhoso. Morto!"

"Cavaiêro distinto, siô."

“Ele pensou que poderia me transformar. Mas apareceu tarde demais na minha vida, Romilayu. Eu já estava embotado demais. Tinha passado muito do ponto.”

Tudo o que me restara em matéria de roupa eram os sapatos e o capacete, a camiseta e a bermuda de jóquei. Sentei no chão, dobrando o corpo para a frente, e fiquei chorando sem parar. Romilayu, de início, não teve como me ajudar.

Mas talvez o tempo tivesse sido concebido de tal maneira que a desgraça pudesse ter um fim. Então ela não duraria para sempre? Pode haver alguma verdade nisso. E a felicidade, inversamente, seria eterna? Na felicidade, o tempo não existe. Todos os relógios foram jogados para fora do céu.

Nunca a morte de alguém me foi tão dura. Quando tentei estancar seu sangramento, fiquei todo coberto de sangue, que logo secou. Tentei me livrar dele esfregando. Bem, pensei, quem sabe seja um sinal de que devo dar continuidade à existência dele. Como? Dando o melhor da minha capacidade. Mas de que capacidade eu dispunha? Não sou capaz de enumerar três coisas que eu tenha feito direito em toda a minha vida. De modo que também isso me partia o coração.

Assim se passaram o dia e a noite, e pela manhã me senti leve, seco e vazio. Como se estivesse boiando à deriva, feito um velho barril. Toda a umidade ficava do lado de fora. Por dentro eu estava oco, escuro e seco; estava sóbrio e vazio. E o céu estava róseo. Dava para vê-lo através das barras da porta. O homem de couro preto do bunam, ainda coberto de branco, era nosso guarda, e nos trouxe inhame cozido e frutas. Duas amazonas, mas não Tamba nem Bebu, eram sua equipe, e todo mundo me tratava com deferência especial. Ao longo do dia contei com Romilayu: “Dahfu disse que quando morresse eu deveria ser o rei”.

“Eles chama siô de yassi.”

“Isso quer dizer rei?” Era isso o que significava. “Algum rei”, disse eu, pensativo. “É tolo isso.” Romilayu não fez comentário algum. “Eu teria que ser marido de todas aquelas esposas.”

“Num gosta disso, siô?”

“Está doido, homem?”, disse eu. “Como é que eu poderia sequer pensar em tomar posse daquele bando de mulheres? Tenho tudo o que preciso em matéria de esposa. Lily é simplesmente uma mulher maravilhosa. Seja como for, a morte do rei me machucou demais. Estou abalado, não está vendo, Romilayu? Estou derrubado e não consigo agir de modo algum. Isso acabou comigo.”

“Não parece assim tão mal, siô.”

“Oh, você quer me fazer sentir melhor. Mas devia ver o meu coração, Romilayu. Tenho um coração combalido. Tem batido mais do que é capaz de suportar. Foi golpeado demais por aí. Não se deixe enganar por esta minha grande carcaça. Sou sensível demais. Seja como for, Romilayu, a verdade é que eu não deveria ter apostado contra a chuva naquele dia. Não pareceu um gesto de boa vontade da minha parte. Mas o rei, Deus o abençoe, me deixou caminhar para uma armadilha. Eu não era mais forte de verdade do que aquele tal de Turombo. Ele poderia ter erguido Mummah. Simplesmente não queria se tornar o sungo. Falhou de propósito para escapar. É uma posição perigosa demais. Foi isso o que o rei me fez.”

“Mas ele em perigo também”, disse Romilayu.

“Sim, ele também. Por que eu deveria querer uma situação melhor que a dele? Tem razão, meu velho. Obrigado por me esclarecer”. Refleti por um momento e então perguntei a ele, homem de comprovado bom senso: “Você não acha que eu assustaria aquelas moças?”. Fiz uma careta para ilustrar de algum modo o que queria dizer. “Minha cara é do tamanho da metade do corpo de outra pessoa.”

“Num acho não, siô.”

“Não mesmo?” Toquei meu rosto. “Bem, não vou ficar, de todo modo. Mesmo que eu nunca venha a ter outra chance de virar rei, suponho.” E pensando profundamente no grande homem recém-falecido, recém-enviado ao nada, à noite escura, para todo o sempre, senti que ele tinha me escolhido para ocupar o seu lugar. Cabia a mim decidir se queria dar as costas à minha terra, onde eu nunca fora coisa alguma. Ele acreditava que eu tinha substância régia, e que poderia fazer bom uso de uma oportunidade de

recomeçar a vida do zero. Então lhe transmiti meu agradecimento, através da parede de pedra. Mas disse a Romilayu: "Não, eu partiria meu coração aqui tentando ocupar o lugar dele. Além disso, tenho que voltar para casa. E de todo modo não sou nenhum garanhão. Não adianta querer me enganar, estou com cinquenta e seis, ou chegando lá. E teria que viver sob a sombra do bunam, de Horko e de toda aquela gente, e nunca seria capaz de encarar a velha rainha Yasra, a mãe do rei. Fiz uma promessa a ela. Ah, Romilayu, como se eu tivesse condições de prometer alguma coisa. Vamos sair daqui. Estou me sentindo um impostor nojento. A única coisa decente a meu respeito é que amei certas pessoas em minha vida. Oh, o pobre sujeito está morto. Oh, ho, ho, ho, ho! Isso me mata. Já podia ser tempo de desaparecermos da face da Terra. Se pelo menos não tivéssemos coração, não saberíamos como é triste tudo isso. Mas cada um de nós traz consigo este coração, esta maldita manga toda torta dentro do peito, que nos trai. E não é só que eu esteja assustado com todas aquelas esposas, tem também o fato de não ter mais com quem conversar. Cheguei àquela idade em que preciso de vozes humanas e inteligência. É tudo o que resta. Bondade e amor". Caí de novo na lamúria pela morte do rei, que era o que eu vinha fazendo sem interrupção desde que me puseram naquela tumba, e prossegui assim por um tempo, pelo que me lembro. Então, de repente falei a Romilayu: "Meu chapa, a morte do rei não foi acidental".

"Como assim, siô?"

"Não foi um acidente. Foi uma conspiração, estou começando a me convencer. Agora eles podem dizer que ele foi punido por manter Atti no subsolo do palácio. Você sabe que eles não hesitariam em matar o sujeito. Achavam que eu seria mais dócil que o rei. Não acha que esses caras seriam capazes disso?"

"Não siô."

"Pode apostar que sim, seu não siô. Se eu um dia puser as mãos num cara desses, esmago como se fosse uma lata de cerveja." Espremi as mãos uma na outra para mostrar o que eu faria, e arreganhei os dentes e rosnei. Talvez eu tivesse aprendido algo com os leões no final das contas, e não era a graça ou a força dos

movimentos que Dhafu adquirira em sua convivência com eles, mas sim os aspectos mais cruéis do leão, de acordo com minha experiência mais curta e superficial. Pensando bem, um camarada não pode prever o que vai assimilar sob a forma de influência. Acho que Romilayu ficou um pouco desconcertado com esse salto do luto à vingança, mas deu a impressão de perceber que eu não estava sendo eu mesmo por completo; ele estava disposto a me conceder qualquer coisa, já que era um tipo muito generoso e compreensivo, e um cristão e tanto. Falei: “Vamos tratar de cair fora deste muquifo. Na verdade, onde estamos? E o que podemos fazer? E o que temos?”.

“Temo faca, siô”, disse Romilayu, e mostrou-a para mim. Era sua faca de caça, que ele escondera na cabeleira quando os homens do bunam o perseguiram nos arredores da aldeia.

“Oh, meu bom homem”, exclamei, e tomei a faca das mãos dele, brandindo-a em posição de apunhalar.

“Melhor cavá”, disse ele.

“Sim, faz sentido. Tem razão. Eu bem que gostaria de pegar o bunam”, falei, “mas isso seria um capricho. A vingança é um capricho. Tenho que ser sensato. Me segure, Romilayu. Cabe a você me refrear. Está vendo que estou fora de mim, não está? O que tem aí do lado?” Começamos a examinar a parede, e depois de uma verificação minuciosa encontramos uma fenda no alto, entre as lajes de pedra, e nos pusemos a escavar para alargá-la, revezando-nos com a faca. Às vezes eu erguia Romilayu com meus braços e às vezes deixava que subisse às minhas costas enquanto eu ficava de quatro. Era impraticável que ele ficasse em pé sobre os meus ombros, pois o teto era muito baixo.

“Sim, alguém fez sabotagem com a roldana e sua base no *hopo*”, continuei.

“Talvez, siô.”

“Não pode haver nenhum talvez quanto a isso. E por que o bunam prendeu você? Porque era um complô contra mim e Dahfu. Claro que o rei também me meteu numa grande encrenca, ao me deixar erguer Mummah. Isso ele fez.”

Romilayu cavava, revolvendo a lâmina da faca na argamassa, esmigalhava e varria as raspas com o indicador. O pó caía em cima de mim.

“Mas o próprio rei convivia com a ameaça de morte, e o que ele sofria eu também podia sofrer. Era meu amigo.”

“Seu amigo, siô?”

“Bem, o amor também pode ser assim, meu velho”, expliquei. “Suponho que meu pai teria preferido, aliás *sei* que ele teria preferido que eu tivesse me afogado em vez de meu irmão Dick, lá perto de Plattsburg. Isso quer dizer que ele não me amava? De jeito nenhum. Sendo eu também um filho, atormentava o velho desejar aquilo. Sim, se eu tivesse morrido em vez do meu irmão, ele teria chorado quase o mesmo tanto. Amava ambos os filhos. Mas Dick devia ter sobrevivido. Agiu de modo arriscado só daquela vez; talvez tivesse fumado um baseado. Oh, não condeno o velho. É a vida; e faz algum sentido a gente ralhar com ela?”

“Sim, siô”, disse ele. Cavava com afinco, e eu sabia que não estava acompanhando meu raciocínio.

“Como se pode ralhar com a vida? Ela merece o nosso respeito. Ela faz o seu trabalho, só isso. Conteí ao homem no cômodo aí ao lado que tinha uma voz em mim que dizia: *Eu quero*. O que é que ela queria?”

“Sim, siô” (despejando mais pó em cima de mim).

“Ela queria realidade. Quanta irrealidade era capaz de suportar?”

Ele cavava e cavava. Eu estava de quatro e minhas palavras eram ditas para o chão. “Espera-se que acreditemos que a nobreza de espírito é algo irreal. Mas é justamente isso. A ilusão é invertida. Fazem a gente pensar que precisamos de mais e mais ilusões. Ora, eu não preciso de ilusão nenhuma. Dizem: Pense grande. Bem, isso é tolice, claro, outro slogan publicitário. Mas a grandeza! Ah, é toda uma outra coisa. Oh, a grandeza! Oh, Deus! Romilayu, não me refiro à grandeza falsa, inflada, presunçosa. Não me refiro ao orgulho ou à empáfia. Mas se o próprio universo é posto dentro de nós, ele clama por mais espaço. O eterno nos tem sob contrato. Ele reclama a sua parte. É por isso que a gente não suporta ser tão chinfrim. E eu tinha que fazer alguma coisa quanto a isso. Talvez devesse ter ficado

em casa. Talvez devesse ter aprendido a beijar a terra.” (Fazia isso agora.) “Mas achei que ia explodir, lá na minha terra. Oh, Romilayu, quem dera eu tivesse aberto inteiramente o meu coração ao pobre sujeito. Estou dilacerado pela sua morte. Nunca fiquei tão mal assim.”

“Mas vou dar uma lição nesses conspiradores, se tiver a chance”, disse eu.

Em silêncio, Romilayu escavava e desbastava, até que colocou o olho no buraco e disse baixinho: “Estou vendo, siô”.

“O que é que você vê?”

Sem abrir a boca, ele voltou para o chão. Fiquei em pé, espanando a poeira das costas, e pus o olho no buraco. Através dele vi o vulto do rei morto. Estava envolto numa mortalha de couro, e seus traços não eram visíveis, pois a aba cobria seu rosto. Nos quadris e nos pés o corpo estava amarrado com correias. O assistente do bunam fazia as vezes de sentinela do defunto, sentado num banquinho junto à porta, dormindo. Fazia muito calor nos dois cômodos. Ao lado dele havia dois cestos de inhames cozidos frios. E à alça de um desses cestos estava amarrado um filhotinho de leão, ainda mosqueado como costumam ser os filhotes muito novos. Avaliei que tivesse duas ou três semanas de vida. O sono do sujeito era pesado, embora estivesse sentado num banquinho sem encosto. Os braços inertes pendiam entre o peito e as coxas, as mãos de veias grossas quase tocando o chão. Com ódio no coração, disse interiormente: “Pode esperar, seu facínora. Vou acertar as contas com você”. Devido às peculiaridades da luz, ele parecia branco como cetim; só suas narinas e os sulcos do seu rosto eram pretos. “Você me paga”, prometi em silêncio.

“Bem, Romilayu”, falei. “Desta vez vamos usar a cabeça. Não vamos fazer como fizemos na primeira noite com o cadáver do outro cara, o sungo que me antecedeu. Vamos traçar um plano. Primeiro, levemos em conta que estou na linha sucessória para o trono. Eles não iriam querer me ferir, já que eu seria o chefe fantoche da tribo e eles dirigiriam o show a seu bel-prazer. Eles têm o filhotinho de leão, que é meu amigo morto, de modo que estão agindo com rapidez e

temos que ser rápidos também. Rapaz, temos que ser mais rápidos do que eles.”

“Que vai fazê, siô?”, perguntou, preocupado com o meu tom.

“Fugir, naturalmente. Acha que conseguimos voltar para Baventai assim como estamos?”

Não quis ou não foi capaz de dizer o que pensava daquilo, então perguntei: “A situação parece crítica, hein?”.

“Siô doente”, disse Romilayu.

“Ah. Eu consigo se você conseguir. Você sabe como eu sou quando me ponho em ação. Está brincando? Eu seria capaz de atravessar a Sibéria plantando bananeira. E de todo modo, meu chapa, não temos outra opção. O melhor de mim vem à tona em momentos como este. É o elemento Valley Forge que tenho dentro de mim. Vai ser duro, eu sei. Vamos levar esses inhames conosco. Isso vai ajudar. Você não vai querer ficar para trás, vai?”

“Oh, não, siô. Eles mata eu.”

“Então se conforme e pronto”, disse eu. “Não acho que essas amazonas fiquem de plantão a noite toda. Estamos no século XX e elas não podem me tornar rei se eu não deixar. Ninguém pode me chamar de maricas por conta desse harém. Mas, Romilayu, acho que seria inteligente agir como se eu quisesse o cargo. Eles não iam querer que me acontecesse nada de ruim. Ficariam numa sinuca se quisessem me atingir. Além do mais, devem imaginar que nunca seríamos tolos a ponto de atravessar trezentos ou quinhentos quilômetros de terra de ninguém sem comida e desarmados.”

Vendo-me nesse estado de ânimo, Romilayu se assustou. “Temos que ficar juntos”, eu lhe disse. “Se eles me estrangularem depois de algumas semanas — e é provável; não estou em condições de me vangloriar nem de fazer promessas —, o que vai ser de você? Vão matá-lo também, para proteger o segredo deles. E quanto grun-tu-molani você tem? Quer viver, garoto?”

Não teve tempo de responder, pois Horko veio nos fazer uma visita. Ele sorria, mas seu comportamento era um pouco mais formal do que antes. Chamou-me de Yassi e mostrou sua gorda língua vermelha, talvez para se refrescar depois de sua longa caminhada pelo calor da mata; no entanto, acho que aquilo significava respeito.

“Como vai, sr. Horko?”

Muito satisfeito, curvou-se numa reverência enquanto mantinha o indicador acima da cabeça. A parte de cima do seu corpo estava sempre apertada pela bainha justa de sua curta roupa vermelha, e tinha o rosto congestionado. As pedras vermelhas puxavam suas orelhas para baixo, e enquanto ele sorria eu o olhava com ódio, mas não de modo escancarado. Como não havia nada que eu pudesse fazer, porém, converti todo esse ódio em astúcia, e quando ele disse “O senhor agora é rei. Rei Henderson. Yassi Henderson”, respondi “Sim, Horko. Sentimos muito por Dahfu, não é mesmo?”.

“Oh, muito mesmo. *Dommage*”, respondeu, pois adorava usar as frases que tinha aprendido em Lamu.

A humanidade ainda vive flertando com a hipocrisia, pensei. Não percebem que é tarde demais até mesmo para isso.

“Não mais sungo. O senhor agora Yassi.”

“Sim, com certeza”, disse eu. Instruí Romilayu: “Diga ao cavaleiro aqui que estou feliz em ser Yassi, é uma grande honra. Quando começamos?”

Tínhamos que esperar, disse Romilayu, traduzindo, até que o verme surgisse na boca do rei. E então o verme se tornaria um leão minúsculo, e esse filhote, o leãozinho, se tornaria o Yassi.

“Se os porcos estivessem nessa, eu viraria imperador, não apenas um rei da liga do matagal”, disse eu, e extraí um prazer amargo do meu comentário. Desejei que Dahfu estivesse vivo para ouvi-lo. “Mas diga ao sr. Horko” (ele inclinou o rosto compacto, sorrindo, enquanto os brincos de pedras desciam como chumbadas de pesca; eu podia ter torcido seu pescoço e arrancado sua cabeça com a maior satisfação) “que é uma tremenda honra. Embora o falecido rei fosse uma pessoa mais grandiosa e melhor do que eu, darei o melhor de mim. Acho que temos um grande futuro. Saí de casa em primeiro lugar porque não tinha muito o que fazer em meu próprio país, e este é o tipo de oportunidade pela qual eu ansiava.” Foi assim que falei, com um olhar furioso, que eu fazia parecer sincero. “Quanto tempo teremos que permanecer nesta casa fúnebre?”

“Ele diz só três, quatro dia, siô.”

“Tudo bem?”, perguntou Horko. “Não é muito. O senhor casa com *tout les* damas.” Começou a abrir os dedos para mostrar, dezena por dezena, quantas eram. Sessenta e sete.

“Não se preocupe com nada”, eu lhe disse.

E depois que ele saiu, cheio de cerimônia, mostrando que achava de fato que eu estava no papo, falei para Romilayu: “Vamos embora daqui esta noite”.

Romilayu me olhou em silêncio, com o lábio superior ficando muito comprido de desespero.

“Esta noite”, repeti. “Temos a lua. Na noite passada estava tão claro que daria para ler a lista telefônica. Já faz um mês inteiro que estamos nesta aldeia?”

“Sim, siô. Que a gente faz?”

“Você começa a gritar de noite. Diz que fui picado por uma cobra, ou algo do tipo. Aquele sujeito de couro virá com duas amazonas para ver o que está havendo. Se ele não abrir a porta, teremos que tentar outro esquema. Mas suponha que a porta *seja* aberta. Então pegue esta pedra — está me entendendo? — e bloqueie a dobradiça de tal maneira que a porta não se feche. É tudo que precisamos. Onde está sua faca?”

“Mim fico com a faca, siô.”

“Não preciso dela. Sim, fique com a faca. Tudo certo, está me acompanhando? Você vai berrar que o sungo yassi, ou sei lá como esses assassinos me chamam, foi picado por uma cobra. Minha perna está inchando depressa. E você deve ficar em pé junto à porta pronto para emperrá-la.” Mostrei-lhe exatamente o que eu queria que fosse feito.

Então, quando caiu a noite, comecei a maquinar, aguçando as ideias e tentando proteger sua clareza da minha febre, que subia a cada tarde e mais ainda à noite. Tinha que lutar contra o delírio, já que meu estado era agravado pela sufocação da tumba e pelas horas de vigília que passei junto à fresta da parede, fechando um olho de cada vez para enxergar o vulto do rei morto. Às vezes eu tinha a impressão de conseguir ver alguns de seus traços sob a aba da mortalha. Mas era uma ilusão... uma ilusão mental; sonho. Minha cabeça estava fora de ordem, mesmo no calor da hora eu me dava

conta. Tinha mais consciência disso à noite, sob a influência da febre, quando montanhas, ídolos, bois, leões, grandes mulheres negras, as amazonas, o rosto do rei, a cabana do *hopo*, tudo visitava minha mente, indo e vindo sem aviso prévio. No entanto, aguentei firme e esperei o nascer da lua, o momento que eu tinha escolhido para entrar em ação. Romilayu não dormia. Do canto onde estava deitado, seu olhar se mantinha fixo. Eu podia encontrá-lo pelos olhos, que estavam sempre ali.

“Num mudou de ideia, siô?”, perguntou uma ou duas vezes.

“Não, não. Nenhuma mudança.”

E quando julguei que era a hora, respirei fundo e com força, a tal ponto que o meu esterno deu um estalo. Minhas costelas doíam. “Vamos!”, disse a Romilayu. O sujeito no cômodo ao lado certamente estava dormindo, pois eu não ouvia nenhum movimento desde o cair da noite. Ergui Romilayu nos braços e o mantive no alto para que pudesse olhar pela fresta que tínhamos cavado. Ao segurá-lo, podia sentir os tremores que percorriam seu corpo, e ele começou a berrar e a gaguejar. Acrescentei alguns gemidos como pano de fundo, e então o homem do bunam acordou. Ouvi seus passos. Em seguida ele deve ter parado para apurar os ouvidos enquanto Romilayu repetia seus berros esganiçados: “Yassi k’muti!”. K’muti eu tinha ouvido da boca dos batedores quando carregavam Dahfu para a tumba. K’muti — ele está morrendo. Deve ter sido a última palavra que chegou aos seus ouvidos. “Wunnutu zazai k’muti. Yassi k’muti”. Não é uma língua difícil; eu estava aprendendo depressa.

Então a porta da tumba do rei se abriu e o homem do bunam começou a gritar.

“Oh”, Romilayu me disse, “ele chama duas muié soldado, siô.”

Pousei-o de pé no chão e me deitei. “A pedra está pronta”, falei. “Vá até a porta e faça a sua parte. Se não cairmos fora não teremos nem um mês de vida.”

Vi luz de archotes através da porta, o que significava que as amazonas tinham vindo com presteza, e o mais curioso de tudo é que o assassinato em meu coração era o que mais me acalmava. Dava-me confiança. Para mim, era como um bálsamo saber que, se pusesse as mãos no homem de rosto fino do bunam, eu seria a sua

morte. “Pelo menos ele eu vou liquidar”, eu pensava sem parar. Então, de modo totalmente calculado, eu dava gemidos de medo e debilidade — e me regozijava nesses sons de fraqueza, pois realmente sentia que minhas forças estavam baixas, mas que voltariam a crescer tão logo eu tocasse no homem do bunam. Uma tábua foi removida da porta. À luz avivada da chama o homem do bunam viu que eu me retorcia, segurando a perna. A tranca foi solta e uma das amazonas começou a abrir a porta. “A pedra”, gritei como se fosse de dor, e vi à luz da chama que Romilayu tinha enfiado a pedra oblonga por baixo da dobradiça, exatamente como eu o havia instruído, embora a ponta de uma lança brandida pela amazona estivesse bem embaixo do seu queixo. Ele recuou em minha direção. Tudo isso eu via sob o grande, ondulante, rasgado e enfumaçado tecido de fogo. A amazona gritou quando a fiz perder o equilíbrio com um empurrão. A ponta da lança arranhou a parede, e rezei para que ela não atingisse Romilayu. Bati a cabeça da mulher contra as pedras. Naquelas circunstâncias eu não podia me dar ao luxo de fazer concessões à sua condição feminina. O fogo tinha sido jogado para fora do cômodo e a porta foi prontamente fechada, mas parou na pedra, o que bastou para que eu pusesse meus dedos na borda. A outra amazona e o homem do bunam vieram para cima de mim, mas mantive a porta aberta. Eu trabalhava em silêncio. Estava agora coberto pelo ar da noite, que me fez bem instantaneamente. Primeiro golpeei a segunda amazona com o lado da mão, num golpe aprendido no exército. Foi o que bastou. Ela cambaleou e caiu no chão. Tudo isso se passava ainda em silêncio, pois eles não faziam mais ruído do que eu. Então fui para cima do homem, que tentava fugir pelo outro lado do mausoléu. Em três passadas eu o alcancei e agarrei pelo cabelo. Levantei-o à minha frente com os braços estendidos, de modo a que ele pudesse ver meu rosto à luz da lua que começava a aparecer. Rosnei. Toda a pele do seu rosto estava repuxada para cima devido à força do meu aperto, de modo que seus olhos se repuxaram. Quando o agarrei pelo pescoço e comecei a esganá-lo, Romilayu correu para mim gritando: “Não, não, siô”.

“Vou estrangulá-lo.”

“Não mata ele, siô.”

“Não se meta”, berrei, e chacoalhei o homem do bunam para cima e para baixo pelo cabelo. “É *e/e* o assassino. O homem ali dentro está morto por causa dele.” Mas eu tinha parado de esganar o feiticeiro do bunam. Sacudi seu corpo pintado de branco pela cabeça. Não saiu nenhum som.

“Não mata ele”, disse Romilayu com muita franqueza. “Bunam não persegue nós.”

“Tenho assassinato no meu coração, Romilayu”, disse eu.

“Siô é meu amigo, siô?”

“Vou quebrar alguns ossos dele, então. Faço um acordo com você”, falei. “Tem o direito de me pedir uma coisa. Sim, é meu amigo. Mas o que me diz de Dahfu? Ele não era meu amigo também? Tudo bem, não vou quebrar os ossos. Só vou dar uma surra nele.”

Mas também não dei surra nenhuma. Joguei o homem no cômodo em que tínhamos estado trancafiados, e as amazonas junto com ele. Romilayu tirou as lanças delas e passamos o ferrolho na porta. Entramos então no outro cômodo. A lua agora tinha subido e todos os objetos eram visíveis. Romilayu apanhou o cesto de inhame enquanto eu me aproximava do rei.

“Agora vamos, siô?”

Olhei por sob a aba da mortalha. O rosto estava inchado e cheio de caroços, muito deformado. Devido aos efeitos do calor, por maior que fosse o amor que eu sentia por ele, fui obrigado a virar o rosto. “Adeus, rei”, falei. Deixei-o.

Mas então tive um impulso quando estávamos saindo. O filhotinho amarrado cuspi na nossa direção e eu o apanhei.

“Que tá fazeno?”

“Este animal vem com a gente”, disse eu.

22.

Romilayu fez menção de protestar, mas segurei a criatura junto a mim, ouvindo seu rosnado de bebê e sentindo suas garras cravadas no meu peito. "O rei teria desejado que eu o levasse comigo", justifiquei. "Veja, ele tem que sobreviver de alguma forma. Não percebe?" Iluminado pela lua, o horizonte estava extremamente claro. Isso fazia com que eu me sentisse coerente. A luz era despejada sobre nós do cimo das montanhas. Cinquenta quilômetros de terreno se abriam à nossa frente, o caminho da nossa fuga. Suponho que Romilayu poderia argumentar que aquele animal era o filhote do meu inimigo, que tinha me privado de Dahfu. "Veja bem", disse eu, "não matei aquele cara. Portanto, se eu o poupei... Romilayu, não vamos ficar aqui parados tagarelando. Não posso deixar o animal para trás, e não vou. Veja só, posso levá-lo no meu capacete. Não preciso dele de noite." A bem da verdade, a brisa da noite estava aliviando a minha febre.

Romilayu se rendeu e demos início a nossa fuga, lançando-nos pela encosta da ribanceira, entre as sombras do luar. Deixamos o *hopo* para trás, entre nós e a aldeia, e rumamos para as montanhas, numa linha reta em direção a Baventai. Eu corria atrás com o filhote e durante toda a noite marchamos em ritmo acelerado, de tal maneira que ao amanhecer tínhamos percorrido uns trinta e dois quilômetros.

Sem Romilayu eu não teria durado nem dois dos dez dias que levamos para chegar a Baventai. Ele sabia onde encontrar água e quais raízes e insetos podíamos comer. Depois que os inhames acabaram, no quarto dia, tivemos que nos virar com larvas e lagartas. "Você poderia ser um instrutor de sobrevivência da Força Aérea", eu disse a ele. "Seria uma joia para eles", acrescentei. "Assim, finalmente estou vivendo de gafanhotos, como São João. 'A voz que clama no deserto'." Mas tínhamos aquele leãozinho, que

precisava ser alimentado e cuidado. Duvido que alguém já tivesse tido um contratempo como aquele. Eu tinha que picar larvas e lagartas com a faca na palma da mão e fazer uma pasta, que a pequena criatura comia na minha mão. Durante o dia, quando tinha que pôr o capacete, carregava o filhote embaixo do braço e às vezes o puxava pela coleira. Ele dormia no capacete também, junto com minha carteira e meu passaporte, cravando os dentes no couro e acabando por devorá-lo quase todo. Passei então a carregar meus documentos e as quatro notas de mil dólares dentro da bermuda de jóquei.

Nas minhas faces descarnadas, as costeletas cresciam em várias cores, e durante a maior parte da marcha eu ia enlouquecido e delirante. Sentava para brincar com o leãozinho, que batizei de Dahfu, enquanto Romilayu saía à cata de comida. Eu estava com a cabeça fraca demais para poder ajudá-lo. Apesar disso, em muitos aspectos essenciais minha mente estava bem clara e até sutil e delicada. Enquanto comia os casulos, larvas e formigas, agachado, de bermuda, com o leão embaixo de mim em busca de sombra, eu dizia profecias e cantava — sim, lembrava de muitas canções da infância e da escola, como “Fais do-do”, “Pierrot”, “Malbrouck s’en va-t’en guerre”, “Nut Brown Maiden” e “The Spanish Guitar”, enquanto acariciava o animal, que se adaptara maravilhosamente a mim. Ele rolava entre os meus pés e arranhava minhas pernas. Se bem que, com uma dieta de vermes e lagartas, ele não devia estar muito saudável. Eu temia que Romilayu desejasse a morte do bicho. Mas estávamos com sorte. Tínhamos as lanças e Romilayu matou com elas alguns pássaros. Tenho certeza de que matamos uma ave de rapina que tinha chegado perto demais e que nos refestelamos com ela.

E no décimo dia (segundo me contou depois Romilayu, pois eu tinha perdido a conta) chegamos a Baventai. Lá estava o vilarejo assentado sobre suas rochas, ressequido, mas não tão ressequido quanto nós. As paredes eram brancas como ovos, e os árabes morenos, com suas túnicas e turbantes, nos viam emergir da estrada estéril, eu mesmo saudando todo mundo com os dedos formando o “v” da vitória, como Churchill, e dando uma quebradiça,

chorosa e rouca risada de sobrevivência, segurando pelo cangote o leãozinho Dahfu diante daqueles homens calados e de cabeça coberta, e das mulheres que só revelavam os olhos, e dos pastores negros com o cabelo engordurado pelo calor do sol. “Chamem a banda. Toquem a música”, eu dizia para todos eles.

Em pouco tempo desabei, mas fiz Romilayu prometer que cuidaria do animalzinho. “Este, para mim, é Dahfu”, disse eu. “Não deixe acontecer nada com ele, por favor, Romilayu. Isso acabaria comigo agora. Não posso ameaçar você, meu velho. Estou fraco demais, e só o que posso fazer é implorar.”

Romilayu respondeu que eu não precisava me preocupar. Pelo menos me disse: “Oquei, siô”.

“Sou capaz de implorar”, eu disse. “Não sou o que pensava ser.”

“Uma coisa, Romilayu...” Eu estava numa casa nativa, estendido numa cama, enquanto ele, agachado a meu lado, tirava o animal dos meus braços. “Está prometido? Do começo ao fim, está prometido?”

“Prometido o quê, siô?”

“Bem, quero dizer algo *claro*. Não está prometido? Romilayu, acho que quero dizer a razão — a razão. Pode ser adiada até o último suspiro. Mas existe a justiça. Acredito que a justiça existe, e que muita coisa é prometida. Embora eu não seja o que julgava ser.”

Romilayu fez menção de me consolar, mas eu lhe disse: “Não precisa me oferecer nenhum consolo. Porque o sono foi rompido e encontrei a mim mesmo. Não foi o canto dos meninos que causou isso”, falei. “O que eu queria saber é por que todo mundo tem que travar esta luta, pois não há nada a que se resista mais arduamente do que a recobrar a consciência. Em vez disso, cultivamos aflições. Aflições ardentes, aflições férteis.” Puxei o leãozinho para o meu peito, o filho de nosso inimigo assassino. Por conta da minha fraqueza e da minha fadiga, limitei-me a fazer uma careta para Romilayu. “Não me deixe na mão, meu velho”, era o que eu tentava dizer.

Então deixei que ele tirasse o animal de mim e dormi por um tempo e tive sonhos, ou não dormi, mas fiquei deitado no catre na casa de alguém e aqueles não eram sonhos, mas alucinações. Uma

coisa, no entanto, continuei dizendo a mim mesmo e a Romilayu, e era que eu tinha que voltar para Lily e as crianças; eu nunca me sentiria bem até que os visse, especialmente Lily. Tive um acesso grave de saudades de casa. Pois eu dizia: O que é o universo? Grande. E o que somos nós? Pequenos. Em vista disso eu bem que podia estar em casa, onde minha mulher me ama. E mesmo que ela só parecesse me amar, também isso era melhor do que nada. De um modo ou de outro, eu tinha sentimentos ternos por ela. Lembrava-a de uma porção de maneiras; algumas de suas frases voltavam a mim, do tipo: a gente deve viver para isto e não para aquilo; o bem em vez do mal, a vida em vez da morte, e todo o resto das suas teorias. Mas suponho que não fazia diferença o que ela dizia, pois eu não deixaria de amá-la nem mesmo com todos os seus sermões. Frequentemente Romilayu vinha até mim, e no auge do meu delírio seu rosto negro me parecia um vidro à prova de choque ao qual tivesse sido feito tudo o que um vidro pode suportar.

“Oh, você não pode escapar do ritmo, Romilayu”, lembro-me de ter dito muitas vezes. “Simplesmente não pode escapar. A mão esquerda treme junto com a direita, a inspiração se segue à expiração, a sístole responde à diástole, as mãos brincam de *patty-cake*,* e os pés dançam um com o outro. E as estações. E as estrelas, e tudo o mais. E as marés, aquela coisa toda. Você tem que viver em paz com isso, pois se for se incomodar, está perdido. Não dá para vencer o ritmo. Ele segue sem parar. Que diabo, nunca nos livraremos do ritmo, Romilayu. Quem dera meus dias mortos parassem de me aborrecer e me deixassem em paz. As coisas ruins ficam voltando, e esse é o pior ritmo que existe. A repetição do eu ruim de um homem, eis o pior sofrimento que se pode conhecer. Mas é impossível escapar da regularidade. Mas o rei disse que eu devia mudar. Eu não devia ser um tipo agônico. Ou um tipo Lázaro. O capim devia ser meu primo. Ei, Romilayu, nem mesmo a morte sabe quantos mortos existem. Ela nunca poderia fazer um recenseamento. Mas esses mortos têm que ir embora. Eles nos fazem pensar neles. Essa é sua imortalidade. Em nós. Mas minhas

costas estão arrebentando. Estou sobrecarregado. Não é justo — o que foi feito do grun-tu-molani?”

Ele me mostrou a pequena criatura. Tinha sobrevivido a todas as privações e vicejava como todas as coisas.

Assim, depois de várias semanas em Baventai, começando a me recobrar, eu disse a meu guia: “Bem, garoto, acho melhor a gente partir enquanto este filhote ainda é pequeno. Não posso esperar até que vire um leão, não é? Vai dar um trabalhão levá-lo para os Estados Unidos mesmo se ele estiver só meio crescido”.

“Não, não. Siô muito doente.”

E eu disse: “Sim, o corpo não está grande coisa. Mas vou sair dessa. É só algum desarranjo. Afora isso, estou bem”.

Romilayu se opunha muito, mas no final fiz com que me levasse a Baktale. Ali comprei um par de calças e um missionário me deu um pouco de sulfa até que a minha disenteria estivesse sob controle. Isso demorou alguns dias. Depois, dormi na traseira do jipe com o filhote de leão embaixo de uma lona cáqui, enquanto Romilayu nos conduzia a Harar, na Etiópia. Isso levou mais seis dias. E em Harar eu dei a Romilayu presentes no valor de algumas centenas de dólares. Enchi o jipe com todo tipo de coisas.

“Eu ia parar na Suíça para visitar minha filha Alice”, disse eu. “A caçula das minhas filhas. Mas acho que não estou com bom aspecto e não teria por que assustar a garota. Melhor fazer isso em outra ocasião. Além do mais, tem o leãozinho.”

“Siô leva ele pra casa?”

“Aonde eu for ele também vai”, respondi. “E você e eu vamos nos juntar de novo um dia, Romilayu. O mundo já não é mais tão amplo e impreciso. É possível localizar uma pessoa, desde que ela esteja viva. Você tem meu endereço. Escreva para mim. Não fique tão abatido. Na próxima vez que nos encontrarmos talvez eu esteja vestindo um jaleco branco. Você vai ficar orgulhoso de mim. Vou tratar você de graça.”

“Oh, siô tá muito fraco pra partir”, disse Romilayu. “Tô com medo de deixa siô ir.”

Para mim era tão difícil quanto para ele.

“Ouça, Romilayu, sou inassassinável. A natureza tentou de tudo. Me atacou de todas as formas. E aqui estou eu.”

Ele via, no entanto, que eu estava fragilizado. Dava para me amarrar com uma fita de neblina.

E depois que finalmente nos despedimos de verdade percebi que ele ainda seguia meus passos e se mantinha de olho em mim a certa distância enquanto eu andava por Harar com o filhote. Minhas pernas bambeavam, minha barba parecia sálvia vermelha, e eu contemplava o cenário diante do velho palácio do rei Menelik, acompanhado pelo leão, enquanto o cabeludo Romilayu, com o rosto tomado pelo medo e pela angústia, espiava escondido na esquina para ver se eu não ia ter um colapso. Para o seu próprio bem, eu não lhe dava atenção. Quando embarquei no avião ele ainda me observava. Era o voo para Cartum, e o leão ia dentro de uma cesta de vime. O jipe estava do lado da pista de pouso, com Romilayu dentro dele, rezando diante do volante. Tinha as mãos postas como um gigantesco lagostim e eu sabia que estava fazendo tudo o que podia para obter segurança e bem-estar para mim. Gritei “Romilayu!” e fiquei de pé. Vários dos passageiros pareciam achar que eu estava prestes a derrubar o aviãozinho. “Aquele preto ali salvou minha vida”, eu lhes disse.

No entanto, agora estávamos no ar, sobrevoando as sombras do calor. Então me sentei e tirei o leãozinho da cesta, colocando-o no meu colo.

Em Cartum tive uma alteração com o pessoal do consulado a propósito dos regulamentos. Houve um tumulto e tanto por causa do leão. Eles diziam que havia gente cujo negócio era vender animais selvagens nos Estados Unidos, e me alertaram que se eu não procedesse da maneira correta o leão teria que ficar em quarentena. Eu disse que estava disposto a levá-lo ao veterinário para tomar umas injeções, mas declarei: “Tenho pressa de chegar em casa. Estive doente e não tenho condições de suportar qualquer demora”. Os caras disseram que podiam ver mesmo que eu passara bons bocados. Tentaram me sondar a respeito da minha viagem e perguntaram como eu tinha perdido toda a minha bagagem. “Não é da droga da sua conta”, respondi. “Meu passaporte está em ordem,

não está? E eu tenho grana. Meu bisavô foi chefe do serviço vagabundo de vocês, e não era nenhum civil refrigerado, arrumadinho, saído da Ivy League e sem jogo de cintura, como você. Todos vocês são iguaizinhos. Açam que os cidadãos americanos são patetas e retardados. Escute, tudo o que quero de vocês é que sejam rápidos. Sim, vi algumas coisas no interior. Vi sim. Dei uma olhada em algumas coisas essenciais, mas não esperem que eu satisfaça sua curiosidade ociosa. Eu não falaria nem mesmo ao embaixador, se ele me perguntasse.”

Não gostaram disso. Tive vertigens no escritório deles. O leão estava sobre a escrivaninha deles e derrubou seus grampeadores e os mordiscou por cima da roupa. Livraram-se de mim o mais rápido que puderam, e voei para o Cairo naquela mesma noite. De lá dei um telefonema transatlântico para Lily. “Sou eu, meu bem”, gritei. “Estou chegando de volta no domingo.” Eu sabia que o rosto dela devia estar ficando cada vez mais pálido, cada vez mais puro, como acontecia sempre sob grande excitação, e que seus lábios deviam ter se movido cinco ou seis vezes antes de conseguirem emitir uma palavra. “Meu bem, estou voltando para casa”, disse eu. “Fale claro agora, não murmure.” “Gene!”, ouvi, e depois disso as ondas de metade do mundo, o ar, a água, o sistema vascular da Terra, tudo se interpôs entre nós. “Querida, vou me esforçar para fazer melhor as coisas, está me ouvindo? Agora aprendi.” Do que ela falou eu não consegui entender mais do que duas ou três palavras. O espaço, com seus estranhos gritos, se pôs entre nós. Eu sabia que ela estava falando sobre o amor; sua voz tremia e deduzi que estivesse me passando um sermão e me chamando de volta. “Para um mulherão, você soa minúscula”, fiquei dizendo. Ela me ouvia bem. “Domingo, Idlewild. Leve Donovan”, falei. Esse Donovan é um velho advogado que servia de curador do espólio de meu pai. Devia estar com uns oitenta anos. Achei que talvez eu precisasse da assistência legal dele por conta do leão.

Isso foi numa quarta-feira. Na quinta voamos para Atenas. Achei que devia conhecer a Acrópole. Então aluguei um carro e contratei um guia, mas estava doente e confuso demais para tirar muito proveito do passeio. O leão estava conosco, na coleira, e com

exceção da túnica militar cáqui que eu comprara em Baktale, eu estava vestido como na África: o mesmo capacete, as mesmas botas de andar no deserto. Minha barba tinha crescido consideravelmente para todos os lados; de um lado ela florescia meio branca, mas com muitas faixas de louro, ruivo, preto e púrpura. O pessoal da embaixada tinha sugerido que eu fizesse a barba para facilitar a identificação do passaporte. Mas não segui o conselho. Quanto à Acrópole, enxerguei alguma coisa nas alturas, que era amarela, rosada, com aspecto de osso. Percebi que devia ser muito linda. Mas não consegui sair do automóvel, e o guia nem sequer sugeriu que o fizesse. De modo geral ele falava muito pouco, quase nada; no entanto, seus olhos mostravam o que estava pensando. “Há razões para isso tudo”, eu lhe disse.

Na sexta-feira cheguei a Roma. Comprei uma calça de veludo cor de vinho Borgonha e um chapéu alpino com plumas de *bersagliere*, mais uma camisa e cuecas. Só saí do meu quarto para comprar essas coisas. Não tinha vontade alguma de me exhibir na Via Veneto passeando com um leãozinho na coleira.

No sábado voamos de novo, com escalas em Paris e Londres, que foi o único esquema que consegui. Não tinha curiosidade de ver de novo nenhum desses dois lugares. Ou qualquer outro lugar, a bem da verdade. Para mim, a melhor parte do voo era sobre a água. Eu não me cansava daquilo, como se tivesse estado desidratado — a água se derramando em ondas pelo Atlântico, profunda, sem fim. Mas a profundidade me deixava feliz. Sentei na janelinha, em meio às nuvens. O mar estava engrossado pelo terrível sol do crepúsculo, ofuscante, esbranquiçado pelo mar. Éramos transportados por sobre a calma ondulação das águas, das águas seladas com chumbo e no entanto em expansão, do coração das águas.

Outros passageiros estavam lendo. Pessoalmente, não vejo sentido nisso. Como alguém pode sentar num avião e ficar tão indiferente? Claro que eles não estavam vindo do coração da África como eu; não estavam em descontinuidade com a civilização. Subiram de Paris ou de Londres aos céus com seus livros. Mas eu, Henderson, com minha cara feia, a calça de veludo e as plumas de *bersagliere* — o capacete estava dentro da cesta de vime, junto com

o filhote, pois imaginei que ele precisasse de um objeto familiar para se acalmar naquela viagem desconhecida e emocionante —, não me cansava da água, e daquelas serras de ponta-cabeça feitas de nuvens. Como palácios do céu eterno. (Só que elas não são eternas, essa que é a coisa; são vistas uma vez e nunca mais, pois são figuras e não realidades duradouras; Dahfu nunca será visto de novo, e em pouco tempo eu também nunca mais serei visto; mas a cada um é dado ver os elementos: a água, o sol, o ar, a terra.)

Ao ver o quanto eu estava extenuado, a aeromoça ofereceu uma revista para me acalmar. Ela sabia que eu levava o filhote de leão Dahfu no compartimento de bagagem, pois eu tinha pedido costelas e leite para ele, e havia um certo transtorno por conta das minhas constantes idas e vindas e das minhas rondas constantes na parte traseira do avião. Era uma moça compreensiva, e finalmente contei a ela do que se tratava, que o filhote de leão era importante para mim e que eu o levava para casa para minha esposa e meus filhos. “É uma lembrança de um amigo muito querido”, expliquei. Era também uma forma enigmática daquele amigo, eu poderia ter tentado explicar à moça. Ela era de Rockford, Illinois. A cada vinte anos, mais ou menos, a terra se renova em jovens donzelas. Entendem o que quero dizer? Suas faces tinham a forma perfeita que pertence à juventude; seu cabelo era ouro encaracolado. Os dentes eram brancos e se exibiam a cada abordagem. Ela era toda milho doce e leite. Abençoados sejam os seus quadris. Abençoadas as suas coxas. Abençoados seus dedos macios cobertos parcialmente pelas mangas do uniforme. Abençoado aquele ouro encapelado. Uma coisinha linda; sua atitude era a de uma cúmplice ou companheira, como é comum entre as moças do Meio-Oeste. Eu disse: “Você me faz pensar na minha esposa. Não a vejo há meses”.

“Oh? Quantos meses?”, perguntou.

Isso não fui capaz de lhe dizer, pois não sabia em que data estávamos. “É mais ou menos setembro?”, perguntei.

Espantada, perguntou: “Está falando sério que não sabe? Na semana que vem é o Dia de Ação de Graças”.

“Já? Perdi o prazo de inscrição. Vou ter que esperar pelo próximo semestre. Sabe, fiquei doente na África, entrei em delírio e perdi a

noção do tempo. Quando a gente se aprofunda pelo interior corre esse risco, você sabe disso, não sabe, menina?”

Achou divertido que eu a chamasse de menina.

“O senhor vai para a escola?”

“Em vez de tomar consciência”, disse eu, “desenvolvemos todo tipo de deformidades e monstruosidades. Pelo menos se pode fazer alguma coisa quanto a elas. Sabia? Enquanto esperamos pelo dia.”

“Que dia, sr. Henderson?”, perguntou, rindo para mim.

“Nunca ouviu a canção?”, perguntei. “Escute, vou cantar um pedaço dela para você.” Estávamos na parte de trás do avião, onde eu dava comida ao animal Dahfu. Cantei: “E quem aguardará o dia da Sua vinda (o dia da Sua vinda)? E quem ficará de pé quando Ele aparecer (quando Ele aparecer)?”

“É Handel?”, perguntou. “É do Rockford College.”

“Correto”, disse eu. “Você é uma moça sensível. Agora, tenho um filho, Edward, cujo intelecto é encharcado por todo aquele cool jazz... Atravessei dormindo a minha juventude”, prossegui, enquanto alimentava o leão com carne cozida. “Dormi sem interrupção, como nosso passageiro da primeira classe.” Nota: devo esclarecer que estávamos num daqueles Boeing 377 Stratocruisers com camarote, e eu tinha notado a aeromoça entrando lá com filé e champanhe. O sujeito não saía nunca. Ela me contou que era um diplomata famoso. “Imagino que ele simplesmente tenha que dormir, isto custa caro”, comentei. “Se ele tiver insônia, vai ser um terrível fiasco para um homem na sua posição. Sabe por que estou tão impaciente para ver minha esposa, senhorita? Estou ansioso para saber como vai ser agora que o sono foi rompido. E os filhos também. Eu os amo muito — acho.”

“Por que diz que acha?”

“Sim, eu acho. Teremos que ver. Sabe, somos uma família esquisita em matéria de arranjar companhia. Meu filho Edward tinha um chimpanzé que se vestia com roupa de caubói. Uma vez na Califórnia ele e eu quase trouxemos uma pequena foca para dentro de nossas vidas. E a minha filha trouxe um bebê para casa. Claro que tivemos que tirá-lo dela. Espero que ela considere este leão um substituto. Tenho esperança de convencê-la.”

“Tem um menininho no avião”, disse a aeromoça. “Acho que ele adoraria o filhote de leão. Parece estar bem triste.”

Perguntei: “Quem é ele?”

“Bem, seus pais eram americanos. Tem um bilhete pendurado no seu pescoço contando a história. O menino não fala nada de inglês. Só persa.”

“Conte mais”, falei.

“O pai trabalhava para o pessoal do petróleo na Pérsia. O menino foi criado por serviçais persas. Agora está órfão e vai morar com os avós em Carson City, Nevada. Em Idlewild devo entregá-lo a alguém.”

“Coitado do bastardinho”, comentei. “Por que não o traz aqui e lhe mostramos o leão?”

Então ela foi buscar o garoto. Era muito branco e vestia calças curtas com suspensórios e um suéter verde-escuro. Era um garoto de cabelos pretos, como meu próprio filho. Aquele menino invadiu meu coração. Você sabe como é quando o coração da gente desmorona. Como uma maçã machucada pela queda numa manhã fria de outono. “Venha cá, garoto”, disse eu, e tomei a mão da criança. “Não é uma coisa boa”, falei à aeromoça, “embarcar uma criança sozinha para viajar pelo mundo.” Peguei o filhote Dahfu e entreguei a ele. “Acho que ele não sabe do que se trata — provavelmente imagina que seja um gatinho.”

“Mas gosta dele.”

A bem da verdade o animal atenuou a melancolia do garoto, por isso deixamos que os dois brincassem. E quando voltamos para os nossos assentos eu mantive o menino comigo e tentei lhe mostrar as fotos das revistas. Dei-lhe seu jantar e à noite ele adormeceu no meu colo e tive que pedir à moça que ficasse de olho no leão por mim — agora eu não podia me mexer. Ela disse que o bicho estava dormindo também.

E durante aquela parte do voo minha memória me fez um grande favor. Sim, fui presenteado com algumas recordações e elas fizeram uma diferença enorme para mim. E afinal de contas não é uma coisa de todo ruim ter tido uma vida longa. Alguma coisa de útil pode ser encontrada no passado. Primeiro, fiquei pensando: as batatas, por

exemplo. Elas de fato pertencem à família da beladona. Em seguida pensei: na verdade, os porcos não têm o monopólio dos grunhidos, tampouco.

Essa reflexão me fez lembrar que depois da morte do meu irmão Dick eu fui embora de casa, sendo já um garotão de dezesseis anos, de bigode, um calouro de faculdade. A razão da minha partida é que eu não aguentava ver o sofrimento do velho. Temos uma casa maravilhosa, uma verdadeira obra de arte. Os alicerces são de pedra e têm quase um metro de espessura; o pé direito tem mais de cinco metros. As janelas são doze e chegam até o chão, de modo que a luz invade tudo através daquele tipo antiquado de vidro deformado. Há naqueles velhos cômodos uma paz que nem mesmo eu fui capaz de destruir. Só uma coisa está errada: o lugar não é moderno. Não é nem um pouco como o resto da vida, e por isso é enganoso. E por mim Dick poderia ter ficado com a casa. Mas o velho, com a barba branca brotando da cara toda, fazia com que eu sentisse que a linhagem familiar tinha terminado junto com Dick nos Adirondacks, quando ele alvejou a caneta e atingiu a cafeteira do grego. Dick também era um homem de cabelos encaracolados e ombros largos, como todos nós. Ele se afogou nas montanhas selvagens, e agora meu pai olhava para mim em desespero.

Um velho, desapontado, enfraquecido, pode tentar se revigorar por meio da raiva. Agora compreendo isso. Mas não aos dezesseis anos, quando tivemos uma desavença. Eu estava trabalhando num desmanche de carros velhos, cortando-os com o maçarico para transformá-los em sucata. Eu era o mestre soberano do desmanche de carros, num lugar que ficava a uns cinco quilômetros de casa. Não me fazia nada bem trabalhar naquele ferro-velho. Naquele verão não fiz outra coisa senão desmanchar carros. Ficava todo coberto de graxa e ferrugem, além de queimado e ofuscado pelo maçarico, e fazia pilhas e pilhas de para-lamas, eixos e vísceras de carros. No dia do enterro de Dick também fui trabalhar. E ao anoitecer, quando eu me banhava no fundo da casa com a mangueira do jardim, arfando por causa da água gelada que caía sobre a minha cabeça, o velho saiu para a varanda dos fundos, em meio ao verde-escuro das trepadeiras. Ao lado havia um pomar

malcuidado que depois eu derrubei. A água jorrava sobre mim. Estava fria como o espaço sideral. O velho começou a berrar comigo com furor. A mangueira gelava minha cabeça, mas por dentro eu estava mais quente que o maçarico com que atacava todos aqueles velhos carros mortos da estrada. Meu pai, em sua dor, praguejava contra mim. Eu sabia que ele falava sério porque deixou de lado sua habitual elegância com as palavras. Xingava, imagino, porque eu não o consolei.

Então fui embora de casa. Viajei de carona até Niagara Falls. Cheguei lá e fiquei olhando, extasiado com a queda d'água. A água pode ser muito terapêutica. Embarquei no *Maid of the Mists*, o antigo, que depois disso pegou fogo, atravessei a Gruta dos Ventos e tudo mais. Em seguida subi para Ontário e arrumei trabalho num parque de diversões. Isso foi a maior parte do que relembrei no avião, com a cabeça do menino persa-americano no colo, o Atlântico Norte levando sua vida escura embaixo de nós enquanto as quatro hélices nos sopravam para casa.

Foi em Ontário então, embora eu não me lembre em que parte da província. O parque era também uma área para feiras e exposições, e Hanson, o gerente, me fazia dormir no estábulo. Ali os ratos viviam passando por cima das minhas pernas à noite e comiam aveia. Ao amanhecer os cavalos começavam a receber água fresca para beber, à luz azul que se verifica ao final da escuridão naquelas altas latitudes. Os negros vinham até os cavalos naquela hora azul da madrugada, quando a umidade era densa.

Trabalhei com Smolak. Tinha quase esquecido esse animal, Smolak, um velho urso pardo cujo adestrador (também Smolak) tinha caído fora com o resto da trupe e o deixara nas mãos de Hanson. Não havia necessidade de um adestrador. Smolak estava velho demais e seu dono o espancava. A velha e combalida criatura tinha ficado meio verde com o tempo e estava reduzida a seus últimos dentes, como caroços de tâmaras. Hanson tinha concebido uma utilidade para aquele animal esfarrapado. Ele tinha sido treinado para andar de bicicleta, mas agora estava velho demais para isso. Agora o que podia fazer era dividir comida num prato com um coelho; em seguida, de touca e babador, tomava mamadeira

apoiado só nas patas traseiras. Mas havia uma outra coisa, e era aí que eu entrava. Faltava ainda um mês para o fim da temporada, e a cada dia desse mês Smolak e eu viajávamos numa montanha-russa diante de grandes plateias. Aquela pobre criatura arruinada e eu, sozinhos, enfrentávamos o circuito mais radical, duas vezes por dia. E enquanto subíamos, mergulhávamos e guinávamos de um lado para outro e subíamos de novo, mais alto que a roda gigante, e voltávamos a cair, íamos abraçados um no outro. Por um laço de desespero comum nos abraçávamos, rosto com rosto, quando todo apoio parecia desaparecer debaixo de nós e despencávamos verticalmente. Eu me comprimia contra seu pelo sofrido, surrado, trágico e descolorido, enquanto ele grunhia e gritava para mim. Às vezes o animal se mijava. Mas aparentemente sabia que eu era seu amigo e não me machucava com suas garras. Eu levava comigo uma pistola de festim para o caso de um ataque, mas nunca foi preciso usá-la. Se bem me lembro, eu disse a Hanson: "Somos dois semelhantes. Smolak foi rejeitado e eu também sou um Ismael". Deitado no estábulo, eu pensava na morte de Dick e em meu pai. Mas na maior parte do tempo eu não convivia com cavalos, e sim com Smolak. Aquela criatura e eu éramos muito ligados. Portanto, antes dos porcos sequer surgirem no meu horizonte, recebi uma forte impressão de um urso. Assim, se as coisas corpóreas são uma imagem das espirituais e se os objetos visíveis são manifestações dos invisíveis, e se Smolak e eu éramos ambos proscritos, dois humoristas diante da multidão, mas irmãos de alma — eu "ursado" por ele e ele provavelmente humanizado por mim —, não cheguei aos porcos como uma página em branco. Isso salta à razão. Algo profundo já estava inscrito em mim. No final, eu me pergunto se Dahfu teria descoberto isso por conta própria.

Uma vez mais. Todos os bens que porventura obtive eu devo ao amor e a nada mais. E enquanto Smolak (musgoso como um olmo da floresta) e eu viajávamos juntos na montanha-russa, e ele gritava lá no alto, no início da descida abrupta e sem fim sobre aquelas precárias escoras amarelas, e de novo quando voltávamos a subir para o azul da eternidade (oh, as coisas que têm sido feitas dentro deste envelope colorido, deste pacote sutil de gases propiciadores

da vida!), enquanto os caipiras canadenses se divertiam lá embaixo com suas caras vermelhas, aqueles jecas de mãos calosas, nós nos abraçávamos, o urso e eu, com alguma coisa maior do que o terror, e voávamos naqueles carros dourados. Eu afundava os olhos em seu pelo ordinário, castigado pelo tempo. Ele me envolvia em seus braços e me confortava. E o melhor de tudo é que ele não me culpava. Tinha visto coisas demais da vida, e em algum lugar de sua enorme cabeça percebera que para as criaturas não há nada que siga para sempre intocado.

Lilly vai ter que ficar sentada comigo a noite toda, eu estava pensando, para eu lhe contar sobre tudo isso.

Quanto ao menino dormindo no meu colo, a caminho de Nevada sem nada que não fosse um vocabulário persa — ora, ele ainda estava cavalgando sua nuvem de glória. Deus sabe que arrastei a minha o quanto pude, até que ela ficou encardida, reduzida a farrapos de névoa cinza. No entanto, eu sempre soube do que se tratava.

“Ora, olhe só vocês dois”, disse a comissária, o que significava que o menino também estava acordado. Dois suaves olhos cinzentos se voltaram para mim, muito expandidos em suas partes brancas — inteiramente novos para a vida. Tinham um novo brilho. E com este uma força ancestral, também. Ninguém seria capaz de me convencer de que *aquilo acontecia pela primeira vez*.

“Vamos aterrissar por algum tempo”, disse a moça.

“Está brincando. Chegamos a Nova York tão cedo? Eu disse à minha mulher para me encontrar à tarde.”

“Não, é na Terra Nova, para abastecer”, disse ela. “Está amanhecendo. Dá para perceber, não é?”

“Oh, estou morrendo de vontade de respirar um pouco desse ar frio que a gente veio atravessando”, disse eu. “Depois de tantos meses na zona tórrida. Entende o que estou dizendo?”

“Acho que terá a oportunidade”, disse a moça.

“Bem, me consiga um cobertor para esta criança. Vou lhe dar também um pouco de ar fresco.”

Começamos a descida, e nesse momento, do lado em que estava o sol, surgiu um vermelho intenso nas nuvens perto da superfície do

mar. Foi só um lampejo e em seguida a luz cinzenta voltou, e penhascos com blindagem de gelo se encontravam com o movimento verde das águas, e adentramos uma faixa mais baixa de ar, que se estendia branca e seca sob o cinza do céu.

“Vou dar uma caminhada. Quer vir comigo?”, perguntei ao garoto. Ele me respondeu em persa. “Bem, tudo certo”, disse eu. Estendi o cobertor e ele ficou de pé sobre o assento. Embrulhei-o no cobertor e o peguei nos meus braços. A aeromoça estava levando café para o passageiro invisível da primeira classe.

“Tudo em ordem? Ora, onde está o seu casaco?”, ela me perguntou.

“Aquele leão é só o que eu tenho de bagagem”, disse eu. “Mas tudo bem. Fui criado no campo. Sou resistente.”

Então saímos, o garoto e eu, e desci do avião com ele nos braços e o carreguei pelo chão congelado de um inverno quase eterno, aspirando o ar tão profundamente que quase fiquei tonto de pura felicidade, enquanto o frio me castigava por todos os lados com grandes chicotadas através do veludo cotelê italiano, e os pelos da minha barba ficaram espinhentos por conta da umidade do meu hálito, que congelou instantaneamente. Escorregando, eu corria sobre o gelo com aquelas mesmas botas de camurça de andar no deserto. As meias estavam puídas e rasgadas, já que eu nunca me dera ao trabalho de trocá-las. Eu disse ao garoto: “Inspire. Seu rosto está muito branco por causa de seus problemas de órfão. Ponha este ar para dentro, garoto, e ganhe um pouco de cor”. Apertava-o contra o peito. Ele não parecia temer que eu caísse com ele. Enquanto para mim ele era como medicina aplicada, bem como o ar; e um remédio, também. Somavam-se à felicidade que eu esperava do encontro com Lily em Idlewild. E o leão? Fazia parte, também. Vezes sem conta galopei em volta do corpo brilhante e cheio de rebites do avião, por detrás dos caminhões de combustível. Rostos sombrios olhavam lá de dentro. As grandes e lindas hélices estavam paradas, todas as quatro. Acho que senti que agora era minha vez de me mover, e então continuei correndo, saltitando, saltitando, trotando, tiritando sobre o puro e branco revestimento do silêncio cinza do Ártico.

* *Patty-cake* (ou *pat-a-cake*): brincadeira em que uma criança bate palmas e, alternadamente, as palmas de suas mãos com as de outra criança, enquanto ambas cantam uma cantiga infantil. (N. T.)

Copyright © 1958, 1959, 1974, The Estate of Saul Bellow
Copyright renovado © 1986, 1987, The Estate of Saul Bellow
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Henderson, the Rain King

Capa

Elisa v. Randow

Foto de capa

© Tim Davis/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Márcia Moura

Daniela Medeiros

ISBN 978-85-438-0077-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[Créditos](#)